

Artigos Vários de Psicologia
Sérgio Resende



Antropologia psicanalítica: filogenia e ontogenia

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

29/3/07

Pretende-se relacionar desenvolvimento filogenético humano e desenvolvimento ontogenético humano.

Procura-se evidenciar a repetição de padrões da filogenia na ontogenia (e da ontogenia na filogenia), considerando as fases de desenvolvimento psicosexual, mas não só.

As considerações feitas neste artigo baseiam-se nas considerações de Bergeret (1997, 1998) sobre estas fases de desenvolvimento psicosexual.

É de comparar o desenvolvimento e complexificação embrionária, e o desenvolvimento do feto e do recém-nascido, e isto numa perspectiva fisiológica, com as características de seres unicelulares, e pluricelulares pouco complexos, em que há uma predominância da sensibilidade celular, como fenómenos de fotossensibilidade, e que terão sido predominantes nos primórdios da vida biológica na Terra. Mais ainda, o espermatozóide e o oócito, que dão origem ao zigoto, poderão ser comparados a coacervados, ao "caldo primitivo", do início da vida no planeta, que juntando-se darão, supostamente, origem a algo mais complexo, a um organismo coacerval mais complexo.

Compara-se, agora, a predominância anal e a vivência em grutas, relativamente ao que está fora e ao que está dentro (que será mais influente na analidade do que na oralidade), quanto ao que é conservado quanto ao que é expelido. Em relação ao que está na gruta, ao que é protegido, conservado, e àquilo que é feito no exterior da gruta, como o ir caçar e ir explorar o ambiente.

Em relação àquela exploração, e provavelmente ainda antes da vivência nas grutas, apesar de isso mesmo continuar, é de considerar a exploração do ambiente no bebé, o seu início e desenvolvimento, ainda antes, ou simultaneamente à predominância da analidade.

Pode ainda relacionar-se o desenvolvimento dessa capacidade exploratória do bebé, o desenvolvimento da autonomia, com a aquisição do gatinhar e locomoção, com o desenvolvimento das comunidades, no sentido da interrelação entre os membros das mesmas comunidades e de diferentes comunidades, no sentido de terem, para isso, explorado o ambiente, havendo, eventualmente, posteriormente, associação entre diferentes comunidades, criando unidades mais alargadas, tendo havido um desenvolvimento tal, no sentido, mais lato, de comunidades gregárias para comunidades sedentárias de que a vivência gruta será um exemplo.

É de comparar, também, a fase uretral com o que está relacionado com a demarcação territorial, o que pode ser verificado no comportamento de muitos animais, quando urinam para marcar ou demarcar o território. Este fenómeno poderá ser também verificado em relação à analidade, com a defecação a fazer essa marcação ou demarcação do território. Tendo em conta o considerado anteriormente acerca da relação entre analidade e vivência em grutas é de perspectivar a relação quanto à demarcação territorial implícita na vivência gruta, e no início desse tipo de vivência.

Ainda é de comparar a fase fálica, com aspectos relativos à ambição, à vaidade e ao exibicionismo, em particular, e as manifestações artísticas na vivência gruta, de celebração do sucesso das caçadas nas pinturas grutas, relativas predominantemente aos aspectos de vaidade e de exibicionismo, claro está, com a ambição de novos e melhores sucessos. Há ainda a consideração particular de muitas das figuras humanas representadas serem simples representações pictóricas que não manifestam evidenciadas diferenciações sexuais, o que denota a característica da relativa indeferência sexual do falismo.

É de considerar ainda os aspectos da ambição fálica no que se relaciona com a

agressividade fálica, e o desenvolvimento ou o início do desenvolvimento de utensílios de caça, em particular, lanças e setas. Para mais, e considerando os diversos aspectos da ambição, da vaidade e exibicionismo, é de relacionar os mesmos com as manifestações de celebração, tal com já referido, como com as manifestações de celebração artística e de expressão artística, em particular como as festividades de danças, vocalizações, cantares e expressão artística de vivências e crenças comuns.

Deve ainda estabelecer-se o paralelo relativamente a esta fase fálica quanto ao desenvolvimento hominídeo no sentido de comunidades paleolíticas para comunidades neolíticas, onde essas expressões artísticas são mais evidentes.

Quanto ao desenvolvimento posterior das comunidades humanas é de considerar, no mesmo, a progressiva complexificação e maturidade dos vínculos estabelecidos entre os seus membros, particularmente a nível intelectual e afectivo, como ao nível da expressão e apreciação estética, da interacção pessoal e grupal, no sentido de uma maior diferenciação, com características mais tipicamente genitais como, e para além dos desenvolvimentos corporais, a compreensão, o respeito pelo outro, a capacidade de dádiva, o ideal de união afectiva, a possibilidade de trocas, sem receio de perda nem necessidade de proveito, o sentimento amoroso (em que se alia no mesmo objecto o desejo sensual e a ternura afectiva), a diferenciação sexual, e a sua vivência, como ainda capacidade de estabilidade nas trocas relacionais e flexibilidade da transformação, caso o objecto seja desvantajoso demais, e isto para além da maior capacidade intelectual, apreciativa, atributiva e expressiva que ocorre, geralmente, com o desenvolvimento ontogenético.

É de relacionar ainda a diversificação dos interesses da criança, após o período de desenvolvimento genital, particularmente, aos níveis social, cultural, educativo-escolar, portanto, no desejo de aprender, etc., e possibilitada, particularmente, com as elaborações genitais, com desenvolvimentos posteriores das comunidades humanas como a invenção da escrita, que iniciou o período histórico da humanidade, diferenciando-a, portanto, relativamente ao período pré-histórico - que terá possibilitado uma melhor e mais diversificada transmissão de conhecimentos, e assim como outras invenções, descobertas e desenvolvimentos que ocorreram desde essa época.

Para terminar, e para além destas várias considerações, é de notar as características fisionómico-corporais dos diferentes tipos de hominídeo que se foram desenvolvendo com as características do desenvolvimento ontogenético, perspectivando importantemente a progressiva menor importância dos aspectos sensoriais e corporais e a progressiva maior importância dos aspectos mentais e psicológicos.

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica. Climepsi Editores

Depressividade e hiperactividade - perspectiva psicodinâmica

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

14/4/07

Este artigo baseia-se nas considerações de Bergeret (1997, 1998) sobre a depressividade e sobre a hiperactividade. Dir-se-à que nos indivíduos depressivos, poder-

se-à relacionar certas tendências comportamentais de hiperactividade (como manifestações de exuberância, gesticulação exagerada e euforia) com agressividade interiorizada, que, através de contra-investimentos (por contraposição aos investimentos efectuados anteriormente em relação a figuras objectais e situações, relativas a essa agressividade), será manifestada externamente através daquelas manifestações comportamentais de hiperactividade. Será, portanto, revelada em uma expressão relacional comportamental, ocorrendo, pois, que a mesma se torna observável.

As manifestações comportamentais referidas surgirão em situações, e em condições, em que as mesmas não são impedidas pela censura de se manifestarem, ocorrendo, nesse caso, uma descarga energética relativa àquela mesma agressividade. Essas manifestações passarão como que encobertas pela censura, e surgirão em condições relacionais em que a hiperactividade poderá surgir, claro está, relativamente a pessoas que não estão ligadas, precisamente, com aquelas figuras objectais e situações, como as referidas anteriormente, ou seja, que não foram investidas mas, sim, contra-investidas.

A hiperactividade permitirá ao indivíduo manifestar esses comportamentos relativamente àquelas tendências latentes. Tem-se que a carga afectiva será desligada da representação objectal e derivada e manifestada corporalmente. Neste desligamento, nesta clivagem, acontecerá que aquelas tendências hiperactivas surgirão, precisamente, em situações que não evoquem aquelas representações objectais, ocorrendo as manifestações comportamentais através do deslocamento da carga afectiva desligada, com sua descarga nas mesmas. Naquelas situações que evoquem, precisamente, aquelas representações objectais, essas tendências hiperactivas não surgirão, já que a carga afectiva das representações objectais foi desligada e deslocada, ocorrendo, porventura, outro tipo de manifestações depressivas.

Acontecerá, pois, que, nestes indivíduos, sucede que isto será feito de uma maneira tal em que aquelas mesmas pessoas e situações, em relação às quais ocorrem essas manifestações hiperactivas, façam parte desse mecanismo relacional, servindo de facilitadores à ocorrência dessas mesmas manifestações, e em que aquelas mesmas pessoas e situações em relação às quais não ocorrem essas manifestações hiperactivas, portanto, façam também parte desse mesmo mecanismo relacional. Tem-se, pois, que ocorre uma clivagem afecto/representação e uma manifestação ao nível da expressão relacional de tipo ambivalente. Nesta ambivalência relacional poder-se-à ainda hipotetizar dificuldades ao nível da escolha de objecto, com eventuais tendências homossexuais.

Pelo descrito, ter-se-à um carácter-limite, pelas tendências depressivas acentuadas, com uma organização predominante de tipo anal, caracterizada por uma ambivalência não resolvida.

Referências bibliográficas

Bergeret, J. (1997). (tradução portuguesa) A personalidade normal e patológica. Climepsi Editores

Acerca da obesidade - perspectiva psicodinâmica

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

15/4/07

Este artigo baseia-se nas considerações de Bergeret (1997) sobre a obesidade. Relacionando a obesidade com a vertente depressiva predominante que caracterizará essa patologia, considerar-se-à a relação entre o funcionamento mental do carácter

depressivo com a ambivalência que lhe estará subjacente, na qual ocorre um conflito entre tendências afectuosas e hostis.

Ora, de acordo com Abraham (1924) (citado por Bergeret, 1997), o fundamento desta ambivalência situar-se-à ao nível do erotismo oral, tendo o mesmo verificado uma correlação entre os elementos depressivos e as fixações orais.

Ter-se-à, relativamente à vertente depressiva, uma perturbação de nível oral, afectando provavelmente os processos de incorporação, e posteriormente de introjecção, interiorização, que levará ulteriormente a uma interiorização excessiva, em particular, da agressividade, que poderá fomentar o processo depressivo. Hipoteticamente, ter-se-à uma eventual gratificação excessiva do erotismo oral, o que levará aquela interiorização excessiva, em particular, da agressividade, no sentido de compensar aquela mesma gratificação excessiva, numa tentativa de equilíbrio do sistema ambivalente (isto considerando, claro está, erotismo oral/agressividade oral).

Considerando especificamente os processos erotico- e agressivo-orais, perspectivando-os no desenvolvimento do indivíduo, e mais em particular do bebé, ter-se-à que irão surgindo elementos transitivos que vão ser considerados, precisamente, como algo a sugar ou algo a morder. Neste desenvolvimento, o bebé vai desenvolvendo técnicas de relacionamento com o mundo exterior, em particular na diferenciação em relação ao mesmo, e no início do processo de diferenciação corporal.

Ora, especificamente na obesidade, haverá como que uma clivagem da realidade exterior, numa defesa tipicamente narcísica, em que a outra pessoa será considerada enquanto bom objecto, já que idealizado, ocorrendo também interiorização da agressividade e/ou da malignidade pelo próprio, e sentindo-se o sujeito, então, não desejado, não querido pelo outro, desenvolverá técnicas de relacionamento sadico-orais nas actividades que se relacionam com a ingestão de alimentos. Essas actividades constituirão, então, medidas de represália, vingança, em relação ao outro, no sentido em que redirá a sua agressividade sobre a comida.

A comida será considerada enquanto mau-objecto e será ingerida enquanto tal, e ocorrerá essa ingestão alimentar numa tentativa de compensação em relação ao erotismo oral, processo de compensação esse que poderá ser aqui entendido, ao nível do relacionamento, enquanto afecto dado e não correspondido, em uma intensidade semelhante. Dada a consideração aqui feita, poder-se-ia caracterizar estes indivíduos como excessivamente afectuosos. Ora, aquele processo de ingestão alimentar continuará precisamente no sentido de um aumento da massa adiposa corporal, num processo de engordamento, que poderá ser aqui perspectivado enquanto tentativa de diferenciação em relação ao outro, e isto ao nível corporal. Esta tentativa será resultado de uma fixação oral e constituirá uma defesa psicótica, com o desenvolvimento e estabelecimento de processos de relacionamento com o mundo exterior, neste caso, a um nível corporal.

Ademais, no engordamento, a pessoa tornar-se-à menos bonita do que eventualmente pode ser, tornando-se menos atractiva, podendo isto ser interpretado como uma manifestação por parte do indivíduo em comunicar ao outro para que se afaste, numa tentativa de contrabalanceamento do processo afectivo-depressivo. Pelo dito, ter-se-à a obesidade enquanto perturbação depressivo-narcísica, com fixações orais e com um sistema defensivo psicótico acentuado.

Referências bibliográficas

Bergeret, J. (1997) (tradução portuguesa). A personalidade normal e patológica. Climepsi Editores

Máscara (Persona) e Sombra de Jung: suas relações com o Capitalismo e o Comunismo

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

9/10/07

É preciso ter em conta, em primeiro lugar, que a Máscara e a Sombra são dois dos arquétipos - experiências antigas contidas no Inconsciente Colectivo que se manifestam por temas ou padrões recorrentes - contidos no Inconsciente Colectivo (Schultz, D. P. & Schultz, S. E., 2002).

O Inconsciente Colectivo é o nível mais profundo da psique, que contém o acumular de experiências herdadas de espécies humanas e pré-humanas. A herança do Inconsciente Colectivo é transmitida a cada nova geração.

No caso da escuridão do Espaço, do Universo à nossa volta, terá sido sentido com temor pelos humanos pré-históricos, havendo alguma relação com a Sombra, com os medos e sentimentos negativos da Humanidade.

No caso da Máscara (Persona), o conhecimento adquirido acerca da forma geológica do continente europeu, com as viagens marítimas, mapas subsequentes e sua divulgação, em que Itália surge como uma perna e Portugal como uma cara, ou neste sentido em que eu o coloco, como uma máscara, tendo havido uma identificação óbvia com a cara europeia, em Portugal, perspectivando-se o quê que a Europa poderia, gostaria ou quererá apresentar de si ao mundo, criando-se então uma verdadeira Máscara, à qual se seguiu o descobrimento do mundo pelos europeus. Ora, esta forma geológica e este papel europeu no mundo terá também começado a fazer parte do Inconsciente Colectivo, tendo esse conhecimento sido imbuído na psique colectiva da Humanidade, " sendo repetido na vida de várias gerações subsequentes " (Schultz, D P. & Schultz, S. E., p.97).

Quanto à díade Máscara-Sombra tem-se que o Capitalismo tenderá mais para a Máscara - o papel público que a pessoa apresenta para os outros, o que fazemos para interagir com os outros, com a Sociedade - tendendo mais para a importância exacerbada das aparências, do externo, numa vida, porventura, mais superficial. É mais histérico. Já o Comunismo tenderá para a Sombra, num sistema mais obsessivo, em que haverá mais juízos de condenação, no lidar com os problemas que surgem, e que será um mecanismo de defesa mais evoluído que o recalçamento predominante do histerismo (Laplanche, J. & Pontalis, J. B., 1990).

Se relacionarmos agora a díade Universo-Sombra, temos então aquilo de que temos medo. Confira-se as produções livrescas e cinéfilas, particularmente, a partir dos anos 50 do século XX, acerca dos extraterrestres como invasores, maus, representando os nossos receios, e que se passava no Ocidente, particularmente nos Estados Unidos da América. Da mesma maneira, se perspectivavam comunista e extraterrestres, enquanto maus objectos, a nível cultural, ao nível do conhecimento, sendo os mesmos projectados.

Na díade Sombra-Comunismo, há o trabalhar mais com o desconhecido, do que se tem medo, tendo-se que num sistema político tipicamente mais obsessivo, no lidar com medos e fantasias negativas haverá mais juízos de condenação, que serão mais evoluídos enquanto mecanismo de defesa, do que os recalçamentos (Laplanche, J. & Pontalis, J. B., 1990), que serão mais típicos no histerismo do capitalismo. Os avanços dos Soviéticos na Corrida Espacial, continuando a ser pioneiros, agora os russos, quanto ao Espaço, como por exemplo, o tempo de duração no Espaço, indicam uma maior relação entre Sombra e Comunismo.

Agora na díade Máscara-Universo, ter-se-ão relações ideais entre espécies terrestres e extraterrestres, em que há a relação com o outro idealizada com a desvalorização do próprio. Como referido acima, de Portugal enquanto cara, ou máscara, tem-se que é referido nos media constantemente, por especialistas, a baixa auto-estima que muitos portugueses têm.

Já quanto à Terra-Sombra, tem-se o Capitalismo global, como está hoje na sua relação com o que se tem medo (ex.: eventual criação de uma Nova Ordem Mundial), em que num exemplo actual, os governantes de certos países criam medo nos próprios cidadãos para criar a necessidade dos governantes e líderes para os proteger. No todo, e relacionando a díade, os receios maiores serão não serem amados pelos extraterrestres, algo relacionado com o desconhecido e o receoso, fazendo ataques preemptivos, porque precisam de justificar aos próprios uma permanência da integridade egóica.

Temos estas relações num sistema dinâmico que tenderá para o equilíbrio, a partir dos princípios Junguianos de oposição (conflito entre tendências ou processos opostos é necessário para gerar energia psíquica), equivalência (redistribuição contínua de energia dentro de uma personalidade) e entropia (uma tendência ao equilíbrio dentro da personalidade, em que o ideal é uma distribuição igual da energia psíquica por todas as estruturas da personalidade).

Assim, se se aumentar a Máscara no Comunismo, através de várias acções políticas, comerciais e de propaganda capitalista, diminui-se a Sombra, sendo os comunistas menos eficazes a lidar com o desconhecido, com aquilo de que têm medo e mais eficazes a lidar publicamente numa perspectiva de Capitalismo, com economia de mercado, enfim, nas relações públicas a nível global.

Se se aumentar a Sombra no Capitalismo, através de acções políticas, comerciais e de propaganda comunista, tenderão a ter mais sucesso pessoas menos superficiais e que lidem melhor com o desconhecido, com aquilo de que têm medo; ou seja, histéricos que recalcam aquilo que lhes é indesejável perdem muito o contacto com a realidade, avançando menos na procura da verdade, do conhecimento; ou então, a " belle indifférence " histórica (não ligarem aos sintomas histéricos tidos, característico na histeria) modifica-se e passam a funcionar melhor num ambiente comunista.

Referências bibliográficas:

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (Tradução Portuguesa) 7ª Edição. Lisboa. Editorial Presença

Schultz, D. P. & Schultz, S. E. (2006). Teorias da Personalidade (Tradução Portuguesa) São Paulo. Thomson Learning Edições

Complexo de Anti-Cristo - Perspectiva Psicodinâmica

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

28/10/07

A história de Jesus Cristo é bem conhecida. No final da sua vida "terrena", ele foi crucificado pelas autoridades Romanas, com a ajuda dos Hebreus, segundo reza a história. Para além da intervenção de Judas, que o terá traído - a pedido de Jesus ou não, isso é, actualmente, assunto de debate, particularmente, depois da descoberta dos pergaminhos no Mar Morto, apontando noutro sentido do que a história habitual relatada na Bíblia.

Ora, interessa-nos, sobremaneira, o facto de Jesus Cristo ter sido crucificado, para, segundo reza a tradição cristã, expiar os pecados da humanidade, e o facto de muita da população contemporânea a Jesus, naquele local, e segundo dita a história, ter tido o sentimento de o querer ver crucificado.

Aquilo que venho descrever aqui é, noutro sentido, o Complexo de Anti-Cristo. Considerando, sobretudo, as sociedades contemporâneas.

O Complexo de Anti-Cristo refere-se à necessidade, na mulher, particularmente e mais frequentemente, mas também no homem, para as suas interrelações quotidianas com outras mulheres, e também com homens, de um bode expiatório, particularmente, de um alegado esquizofrénico, onde elas possam projectar maciçamente os seus medos, a saber, um grande medo quanto à existência de patologia mental nela, e permanecerem naquilo a que elas pensam ser a sanidade mental, normal.

Há aqui uma relação esquizofrenizante, em uma relação tóxica com os outros, projectando toxicamente os seus maus objectos. Isto, com um comportamento feminino típico que é o comportamento-morcego, em que como o morcego lança vibrações para baterem nos objectos para poder captar o retorno das vibrações posteriormente, ela lança verbalizações precisas, suspiros, gritos, risos, depreciações, etc., para poder vir depois a captar a informação que lhe é devolvida. Isto é importante, pela sua intensidade, densidade e frequência de ocorrência.

Ora, este estilo de relação esquizofrenizante predomina, particularmente, num sistema capitalista e é de linha psicótica (Deleuze & Guattari, 2004). Mas, precisamente, segundo o tipo de funcionamento da maior parte das mulheres, em que recalcam o que lhes é indesejável, desagradável, num funcionamento tipo histérico, que é mais característico no sistema capitalista, e em que verbalizam agressivamente, a nível fálico (agressividade fálica) (Laplanche & Pontalis, 1990), o que sentem interiormente, mas em relação a alguém exterior: outra mulher, homem... Será histérico mas tem as características, referidas, de projecção maciça, que é algo mais psicótico. Neste sentido, aponta-se mais para um quadro borderline, com sentimentos neuróticos histéricos e sintomas psicóticos. Dada a caracterização feita anteriormente acerca da relação tóxica estabelecida, particularmente esquizofrenizante, é útil lembrar o que Bergeret (1997, 1998) refere quanto a cerca de 50% da população europeia, e digo eu, já que interessa neste caso, onde predomina o sistema capitalista, não poder ser considerada normal, devido a ter uma caracterização borderline, de se constituir enquanto estruturação, ou seja, de não ter uma verdadeira estrutura psicológica.

Especificamente no Complexo de Anti-Cristo, há uma necessidade de querer "crucificar" alguém nas relações externas, para expiar os sentimentos negativos tidos e não admitidos como seus, e isto a maior parte das vezes, já que poderá suceder os mesmos sentimentos serem conscientes, não podendo os mesmos serem mantidos internamente, ou seja, terem que ser "evacuados". Isto parece ser bastante comum, pelo menos num sistema capitalista, e, claro está, pelo que se me afigura.

Este Complexo está retratado, exemplarmente, numa canção dos anos 80 do século XX, que tinha como refrão: " I have to crucify somebody today " (infelizmente não me recordo do autor ou grupo musical).

Há, para mais, ou houve, pelo menos, um fenómeno curioso, que ocorreu na Televisão Portuguesa. Tratavam-se de anúncios esporádicos, com a chancela da Polícia Judiciária, acerca de um homem ter desaparecido, e, importantemente, como tendo problemas mentais. Isto levará, inconscientemente, particularmente com as características referidas anteriormente, quanto ao medo relativamente à existência de patologia mental na mulher (mais frequentemente), à identificação de que o pai (figura masculina) foi embora, com problemas mentais. Em termos de mecanismos mentais, transfere a culpabilidade sexualizada, quanto ao desaparecimento, para a doença mental. Este afecto permanece, assim, exteriorizado, o que permitirá ao indivíduo lidar melhor com ele.

Será o fenómeno do "louco" da aldeia. É curioso que se fale, actualmente, em "aldeia global".

Não nos esqueçamos, portanto, de que quando se está a falar em Anti-Cristo, deveremos estar a falar neste Complexo de Anti-Cristo, que inverte a cultura habitual e nos referencia um fenómeno muito vivo.

Referências bibliográficas:

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica (Tradução portuguesa). Climepsi Editores. Lisboa

Bergeret, J. (1998). Psicologia patológica - Teórica e clínica (Tradução portuguesa). Climepsi Editores. Lisboa

Deleuze, G. & Guattari, F. (2004). O Anti-Édipo - Capitalismo e Esquizofrenia (Tradução portuguesa). Assírio & Alvim. Lisboa

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (Tradução portuguesa). Editorial Presença. Lisboa

Anorexia - Perspectiva Psicodinâmica

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

9/8/08

A anorexia tem sido, particularmente, nas últimas décadas, um grave problema de saúde pública. Pública, devido à gravidade desta patologia que pode levar à morte. Pública, também devido à conhecida influência das figuras das modelos de moda nos processos identitários, principalmente, na adolescência e nas raparigas, e mulheres.

Com este artigo, pretendo dar um contributo teórico assim como terapêutico relativamente à anorexia.

Tem-se, em primeiro lugar, o facto que a anorexia é mais típica nas mulheres. Ademais, considere-se, antes de tudo, que o desenvolvimento obsessivo é mais característico no homem e que o desenvolvimento histérico é mais característico na mulher, como é verificado na prática clínica e nas observações quotidianas.

Tendo em conta, que na anorexia, ocorre uma formação reactiva relativamente à bulimia (Houzel, Emmanuelli & Moggio (Coord.), 2004), ou à vontade incontrolável de ingerir alimento (esta sim, mais consentânea com as considerações psicanalíticas quanto à voracidade oral), dir-se-à que há um funcionamento mais tipicamente obsessivo na anorexia, considerando que a formação reactiva é um mecanismo de defesa tipicamente obsessivo. Há um funcionamento psíquico mais tipicamente masculino.

Assim, as considerações das anorécticas relativamente a sentirem-se sempre gordas, apesar das evidências em contrário, no espelho, opiniões de terceiros, etc., dirá respeito a sentimentos, tidos relativamente à própria, relativos a uma corporalidade masculina, sentida desse modo, considerando a tendência de um corpo maior e mais musculado dos homens. Ocorre esta patologia com estas percepções inconscientes bastante influenciatórias, com a importância da desejabilidade social, da aceitação social, particularmente numa sociedade dominada a vários níveis pelos homens.

Terapeuticamente, deverá haver uma mudança no sentido da maior aceitação social das obesas, e obesos, tendo que haver para isso uma influência societal, através dos media, programas gerais de prevenção, nos seus vários níveis, e da clínica, diminuindo, ao mesmo tempo, a valoração dada à magreza das modelos de moda.

Referência

Houzel, D., Emmanuelli, M. & Moggio, F. (Coord.) (2004). Dicionário de Psicopatologia da Criança e do Adolescente (Tradução Portuguesa) (Original: Dictionnaire de psychopathologie de l'enfant et de l'adolescent, 2000). Climepsi Editores

Masturbação feminina no dia-a-dia: suas implicações psicológicas e comportamentais

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

12/11/08

Tratar-se-à, neste artigo, do hábito diário do comportamento masturbatório feminino e das suas implicações comportamentais e psicológicas.

É sabido e vivido no quotidiano o hábito da fêmea humana de se excitar e de se masturbar em qualquer local em que se encontre, através da sua musculatura vaginal e pélvica, até atingir o clímax, num movimento paroxístico.

Já Freud (1905), nos Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, nos falava da satisfação sexual sentida pela rapariguinha contraíndo os braços entre as pernas, como contraforça. Este autor por demais nos indicou a prevalência deste tipo de comportamentos.

Na observação quotidiana, associados a estes comportamentos masturbatórios, estão as eventuais ocorrências de um " engolir em seco ", aquando do clímax, e, muito importante, as ocorrências de comportamentos sonolentos, como o bocejar, aquando do clímax; a mulher ou a rapariga começar a ficar com sono. Estas associações são notórias pela proximidade entre o que surge enquanto clímax e os comportamentos sonolentos.

Ainda Freud (1905), fala-nos na satisfação sexual associada ao sono, como sendo uma regressão, em que a mulher regressa como que a um estado intra-uterino, em completa dependência de outrém.

O que é notável nestes comportamentos é que por mais satisfação sexual que se obtenha, a capacidade multi-orgásmica, bem conhecida na mulher, os comportamentos de " engolir em seco " e do comportamento sonolento não diminuem. Tudo indica que a plena satisfação sexual não é obtida, persistindo, contudo, os comportamentos masturbatórios. Isto leva a crer que diminui a capacidade de procura efectiva de satisfação sexual, na relação, importantemente. Isto leva-nos à noção, mais ou menos presente, pelo menos na cultura ocidental, da menor iniciativa sexual da mulher, em termos de comportamentos efectivos de procura de satisfação sexual.

Quanto a esta menor iniciativa, e quanto à dependência, referida anteriormente, é de notar que Jung (1968) indica que a mulher que não se identifica com o Eros materno perde a capacidade de iniciativa. É como se a mulher, nesse comportamento sexual típico de masturbação, se identificasse mais com a agressividade materna, com o Tanatos materno.

Do escrito, será de realçar que, preventivamente, se deveria facilitar culturalmente, politicamente (por exemplo, boas condições de acesso ao crédito à habitação), educativamente, etc., a tomada de iniciativa sexual por parte da mulher para que esta possa mais facilmente identificar-se com o Amor.

Bibliografia:

Freud, S. (1905). Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade (Tradução Portuguesa). Edição " Livros do Brasil " .

Jung, C. G. (1968). The Archetypes and the Collective Unconscious (2ª edição). Routledge & Kegan Paul Ltd.

Horda primitiva no feminino: o fim do Capitalismo?

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

17/11/08

Neste artigo, realça-se a relação da horda primitiva no masculino com a horda primitiva no feminino, nas suas relações com o Capitalismo global, passando por um fulcro teórico que é a culpabilidade sexual feminina.

A horda primitiva (Laplanche & Pontalis, 1990), considerada por Freud, ou seja, um primata macho dominante ser atacado e comido pelos machos aspirantes ao acesso e à cópula com as fêmeas, acto esse que terá sido o precursor do início do sentimento de culpabilidade, e terá levado a um maior, ou grande, desenvolvimento psíquico da espécie humana, terá sido mais importante relativamente aos homens, como se compreende. Isto, considerando o maior domínio, nas mais diversas sociedades, por parte dos homens.

Considera-se, importantemente, o desenvolvimento do Comunismo, como ideologia humana altamente progressista, particularmente com a sua elaboração do Homem-Novo, de futuro, em particular. Para mais, essa ideologia é mais tipicamente obsessiva, obsessivismo esse que é mais tipicamente masculino.

Ora, tendo em conta as características matriarcais do capitalismo (predominância do histerismo, mais característico das mulheres , maior tendência das mulheres em fazer compras, com influência no consumo interno, utilização principalmente das características psicológicas femininas na publicidade, para fomentar o consumo, importante no capitalismo, etc.), e a sua globalização, considerando o já dito, acerca do maior domínio, nas mais diversas sociedades, por parte dos homens, um grande factor de desenvolvimento psíquico das mulheres, em particular, e da espécie humana, em geral, é a horda primitiva no feminino. Será o unir colectivo por parte das mulheres para acabar com o Capitalismo, sentindo-se, lá está, culpabilizadas por isso, ou, tendo em conta o tal desenvolvimento da espécie, um outro sentimento, porventura, mais agradável.

Noutra nota, e relativamente à culpabilidade sexual na mulher, é de realçar a dessomatização da culpabilidade sexual, anteriormente somatizada, num contexto histórico e feminino. Neste contexto histórico, é de notar que a conversão somática histórica é simbólica, tem significado simbólico, ocorrendo ainda que o deslocamento do afecto entre as representações processa-se mais facilmente do que, por exemplo, no obsessivo (Bergeret, 1997).

Isto é importante para o que é dito a seguir e para perceber melhor o contexto global do artigo. Tem-se, pois, anteriormente, a somatização, no soma, no corpo, da culpabilidade sexual sentida psiquicamente, e depois recalcada e convertida somaticamente. Isto na histeria. Quando há elicitadores externos de culpabilidade, esta será convertida do soma para a psique e sentida pela própria. Ou seja, é como se em vez de a energia advir da energia psíquica que é atraída para o complexo traumático que sofre a influência do sistema de culpabilidade, a energia advir da energia sexual somatizada. Tendo em conta a conversão de massa em energia (psíquica), isto leva a uma extrema culpabilidade, implicando isto que, em contextos sociais, a histórica (ou o histórico, mas menos, porventura) é mais, ou particularmente, ou especialmente, vulnerável à censura política, dos media, censura envolvida nas relações interpessoais, etc.... Por outras palavras, a histórica é mais facilmente manipulada psiquicamente.

Assim, e considerando particularmente esta última nota, embora seja mais fácil influenciar psiquicamente a mulher no sentido de fomentar o Capitalismo, o seu desenvolvimento, também será mais fácil influenciar, e no sentido do maior, e grande, desenvolvimento psíquico da mulher, em particular, e da espécie, em geral, no sentido do fim do Capitalismo.

Referências bibliográficas

Bergeret, J. (1997). A Personalidade normal e patológica (tradução portuguesa). Climepsi Editores.

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (tradução portuguesa) 7ª Edição. Editorial Presença. Lisboa.

Complexo de Édipo no rapaz revisitado

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

28/11/08

Pretende-se, neste artigo, visitar o Complexo de Édipo no rapaz, avançando-se com algumas consequências à resolução desse mesmo Complexo.

Idealmente, no Édipo do rapaz, tem-se amor à mãe e ódio ao pai. Idealmente, para resolver o Édipo, no seguimento, deve haver ódio à mãe e amor ao pai. Referi-me primeiro ao Édipo positivo e depois ao Édipo negativo. O ódio à mãe evita e responde à agressividade transmitida intergeracionalmente, pela mãe, que é fundadora da depressividade e da depressão, que é mais característica nas mulheres, portanto, na mãe, e, ainda portanto, nas características edipianas da mãe.

O amor ao pai responde à sexualidade transmitida intergeracionalmente, pelo pai, que é fundadora, digo eu, da ansiedade, que é mais característica nos homens, portanto, no pai, e, ainda portanto, nas características edipianas do pai. Pressupõe-se a depressividade, e a depressão, como mais presente nas mulheres, e enquanto originada por agressividade interiorizada na relação com a mãe. Pressupõe-se a ansiedade como mais presente nos homens, e enquanto originada por sexualidade interiorizada na relação com o pai, ou seja, no Édipo negativo. Tem-se, desde o início, o Édipo positivo, com agressividade em relação ao pai, e, depois, o Édipo negativo, com sexualidade em relação ao pai. Passa-se, então, a uma posição homossexual, que deverá ser resolvida, a ambivalência homossexual do rapaz em relação ao pai deverá ser resolvida, portanto, para que o Édipo seja total, integrado e íntegro. Freud (citado por Laplanche & Pontalis, 1990) indica que o Édipo positivo e o Édipo negativo encontram-se em graus diversos no mesmo rapaz.

Já em Vocabulário da Psicanálise, Laplanche & Pontalis (1990) referem que a resolução do complexo de Édipo, ou sua superação, é feita na adolescência, com maior ou menor êxito, num tipo especial de escolha de objecto. Tem-se, pois, como fulcral na resolução do Complexo de Édipo, e para que este seja integrado e íntegro, a escolha de objecto.

Nas sociedades mais ocidentais, pelo menos estas, essa tendência tende a ser a escolha

de objecto sexual para o sexo oposto e a escolha de objecto de ódio tende a ser para o mesmo sexo. Sendo essa apenas uma das fases do Complexo de Édipo, a positiva, deveremos desenvolvermo-nos para que a fase negativa seja estabelecida, mais abrangentemente, ou seja, com amor do rapaz em relação ao pai e com ódio em relação à mãe.

Optimalmente, e para uma boa consecução na sociedade, o rapaz deverá resolver a ambivalência sexual em relação ao pai, e, resolvendo, sublimar suas conseqüências. Uma das conseqüências da resolução da ambivalência sexual do rapaz em relação ao pai é a eliminação da ansiedade na relação com o pai. Já que a ansiedade está relacionada com o porvir, com o que ainda vem, é de realçar o valor desta conseqüência.

Resolverá a ambivalência, com sentimentos ternos e amorosos em relação ao pai e com a sublimação das energias daí advindo, interiorizando anteriormente o sentimento de ser um ser sensual e amável. Outra das importantes conseqüências dessa resolução deverão ser a assertividade e a capacidade de liderar homens e mulheres. Por outro lado, o ódio em relação à mãe deve ser consciencializado, e sublimado, tornando a relação enquanto relacionamento não depressivo, não se entrando em depressão, pois.

A sublimação deverá dar origem a elaborações mentais do mais alto nível, tendo por fundamento a figura da mãe e suas substitutas, como também a figura do pai e seus substitutos. " São as musas e os musos "!

Bibliografia

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (tradução portuguesa) 7ª edição. Lisboa. Editorial Presença.

A agorafobia enquanto perturbação obsessiva

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

2/12/08

Pretende-se enquadrar a agorafobia na sintomatologia obsessiva e enquanto estrutura obsessiva de personalidade, também para isso utilizando o referencial teórico de Bergeret (1997).

A agorafobia refere-se ao medo, com ou sem ataque de pânico, de sair e de se deslocar em espaços abertos, como praças públicas (Houzel, Emmanuelli & Moggio (Coord.), 2004). A agorafobia, enquanto psicopatologia, enquanto descompensação psicopatológica, estará relacionada com a neurose obsessiva, devido a nessa situação haver falta de pormenores, de detalhes, de referência, caracterização essa que nos leva a pensar numa neurose obsessiva. Com essa falta, precisamente, o obsessivo entra em descompensação.

E, precisamente, o Dicionário de Psicopatologia da Criança e do Adolescente, coordenado por Houzel, Emmanuelli & Moggio, e publicado em 2004, na sua tradução portuguesa, embora inicialmente referindo o cariz fóbico da agorafobia, também desenvolve, ou

estabelece, a relação da agorafobia com a neurose obsessiva. Isto no sentido de ocorrerem frequentemente rituais obsessivos nesta psicopatologia. Deveremos interpretar estes rituais, com base no já dito, no sentido da tentativa do obsessivo tentar lidar com uma situação que lhe é mais desconhecida, com poucos, menos, ou nenhuns pontos de referência, em que se basear para se relacionar com o mundo exterior.

Quanto ao cariz fóbico já referido e enquadrando-o na neurose obsessiva, é necessário aqui fazer uma revisão teórica das estruturas de personalidade, tal como elas são consideradas por Jean Bergeret (1997). Este autor considera que existem as estruturas psicótica, histérica e obsessiva, situando-se o borderline enquanto a estruturação, portanto, como não tendo uma verdadeira estrutura. Quanto às estruturas referidas, todas elas têm desenvolvimentos normais, não patológicos, portanto, só havendo psicopatologia quando ocorre uma descompensação em qualquer das estruturas.

Por exemplo, se um neurótico obsessivo descompensar, só descompensará na linha obsessiva e seus correlatos, como traços de carácter. Ora, o cariz fóbico da agorafobia inscreve-se aqui, na sua relação com a neurose obsessiva, e tendo em conta o já dito acerca dos rituais obsessivos característicos na agorafobia, tendo esta, portanto, estratégias ou mecanismos de defesa tipicamente obsessivos (Houzel, Emmanuelli & Moggio) (Coord.), 2004). Os sintomas fóbicos estão correlacionados com a descompensação numa neurose obsessiva, tendo o fóbico, portanto, e o agorafóbico, em particular, uma estrutura neurótica obsessiva de base ou de fundo, que entrou em descompensação. Ou seja, a agorafobia está enquadrada numa das estruturas obsessivas de personalidade que é a estrutura fóbica.

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Houzel, D., Emmanuelli, M. & Moggio, F. (Coordenação) (2004). Dicionário de Psicopatologia da Criança e do Adolescente (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Semelhanças e diferenças do Complexo de Édipo entre rapaz e rapariga

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

5/12/08

Começarei, neste artigo, por apontar algumas diferenças do Complexo de Édipo entre o rapaz e a rapariga, para, no final, indicar que, apesar das diferenças, e para uma evolução para uma condição de personalidade mais evoluída, haverá uma situação semelhante ideal no que diz respeito ao Complexo de Édipo.

Temos que no rapaz, o Édipo positivo, o primeiro a desenvolver-se, caracteriza-se por amor à mãe e ódio ao pai.

Na rapariga, o Édipo positivo refere-se, ainda, por amor à mãe e ódio ao pai, já que precisamente, há a necessidade de mudança do amor pré-edipiano à mãe para o amor ao pai, e isso é um processo mais complicado de ser efectuado. O amor pré-edipiano à mãe permanece mais algum tempo na rapariga e no início do seu Édipo.

Na rapariga, tem que haver mudança de objecto de amor, ou seja, tem que haver desvinculação em relação ao amor pré-edipiano relativamente à mãe. No rapaz, o objecto de amor permanece o mesmo.

Ora, como é dito no meu artigo Complexo de Édipo no rapaz revisitado (Resende, 2008), tem-se que para resolver o Édipo, no rapaz, particularmente, terá que haver o seguimento para um ódio à mãe e amor ao pai. Terá que haver passagem do Édipo positivo para o Édipo negativo.

O ódio à mãe evita e responde à agressividade transmitida intergeracionalmente, pela mãe, que é fundadora da depressividade e da depressão, que é mais característica nas mulheres, portanto na mãe, e ainda, portanto, nas características edipianas da mãe. O amor ao pai responde à sexualidade transmitida intergeracionalmente, pelo pai, que é fundadora da ansiedade que é mais característica nos homens, portanto, no pai, e, ainda, portanto, nas características edipianas do pai. Isto refere-se a uma posição homossexual, cuja ambivalência deverá ser resolvida para que o Édipo seja total e integrado. O complexo de Édipo no rapaz será superado por um tipo especial de escolha de objecto (Laplanche & Pontalis, 1990).

Ora, na rapariga, que tem, precisamente, no início do Édipo o amor à mãe, numa posição homossexual, no Édipo positivo, deverá haver a passagem para o Édipo negativo, para que o complexo de Édipo seja total e integrado. Isto implica que deverá haver a passagem para o amor ao pai e ódio à mãe. O ódio à mãe promove e facilita a desvinculação do amor pré-edipiano da rapariga em relação à mãe. Por outro lado, a passagem para o Édipo negativo resolverá na rapariga a ambivalência homossexual sentida em relação à mãe, havendo também o aprofundamento do Complexo de Édipo, no seu aspecto negativo, com o amor ao pai, com, portanto, a verdadeira escolha de objecto.

Tem-se, pois, para os dois sexos, e para uma resolução do complexo de Édipo, sua integração e totalidade, o desenvolvimento de ódio em relação à mãe e de amor em relação ao pai.

Bibliografia

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (tradução portuguesa) 7ª edição. Lisboa. Editorial Presença

Resende, S. (2008). Complexo de Édipo no rapaz revisitado in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 28/11/2008

A claustrofobia enquanto perturbação histérica

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

12/12/08

Na sequência do meu trabalho em artigo intitulado A agorafobia enquanto perturbação obsessiva (Resende, 2008), publicado aqui na Rede Psi, desenvolvo agora, neste artigo, o conceito da claustrofobia enquanto perturbação histérica.

Na claustrofobia, todos os referenciais estão presentes, todos os pontos de referência estão presentes e sentidos como perto de mais. Ora, o obsessivo lida bem com isso. Já o histérico terá dificuldades em lidar com relações com o mundo exterior de tipo obsessivo, e nessas situações de excesso de referências, nessas situações claustrofóbicas, entra em descompensação histérica. Isto, considerando as delineações de Bergeret (1997) acerca das estruturas de personalidade histérica e obsessiva.

Por outro lado, a relação da histeria com a claustrofobia é mais profunda ainda. Hister no étimo significa útero, está relacionado com este último. Nesta relação, é mais fácil perceber a relação entre a histeria e a claustrofobia, pois é como se o útero fosse um claustro. É como se o bebé no útero desenvolvesse um protótipo de relações claustrofóbicas, o qual caracteriza-se por sentimentos de estar perto demais de algo, que posteriormente é de mais fácil lide pelo obsessivo do que pelo histérico, pelas razões apontadas.

Se por uma lado, temos o homem como mais tipicamente obsessivo e a mulher como mais tipicamente histérica, supõe-se aqui, que o desenvolvimento intra-uterino do rapaz será de melhor qualidade do que o desenvolvimento intra-uterino da rapariga.

Ainda por outro lado, o obsessivo tenderá a ser menos extrovertido, tenderá a procurar menos o contacto com os outros, explicando isso, então, por um sentimento mais prazeroso e de melhor qualidade na vida intra-uterina.

Esta, para o histérico, tenderá a ser de menor qualidade, com necessidade ou sentimento de se desenvolver para além do útero, devido aos sentimentos claustrofóbicos, e tenderá, posteriormente, a procurar mais os outros, a tentar procurar estar com os outros.

As características descritas são, como é de ver, coerentes com as características do histérico e do obsessivo.

Ou seja, num exemplo ilustrativo, se se quiser alguém para viajar nas naves espaciais, estadias de longa duração no espaço e futuras missões espaciais de longa duração, dever-se-à seleccionar astronautas de personalidade obsessiva, e se se quiser alguém para as caminhadas espaciais, dever-se-à seleccionar astronautas de personalidade histérica.

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Resende, S. (2008). A agorafobia enquanto perturbação obsessiva in www.redepsi.com.br em secção Artigos/ Teorias e Sistemas no Campo Psi em 02/12/2008

Psicoterapia Analítica de Carl Gustav Jung

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

15/12/08

A Psicoterapia Analítica (assim como a Psicologia Analítica) é uma abordagem criada e desenvolvida por Carl Gustav Jung (1875-1961), um proeminente psicólogo suíço. Este autor contribuiu com uma conceptualização marcante, quer no campo da psicoterapia, em particular, quer no campo da psicologia, em geral.

Para esclarecer a conceptualização de personalidade feita por Jung, importa referir que este autor é considerado um dos representantes do modelo conflitual da Personalidade e, em particular, do conflito intra-psíquico.

Como Kaufman (Corsini et al, 1979) indica: " ... Analytical psychotherapy is an attempt to create, by means of a symbolic approach, a dialectical relationship between consciousness and unconscious. ". Desta frase, para além da importância da abordagem simbólica e da relação dialéctica, deve ter-se em conta que para Jung, o inconsciente distingue-se em inconsciente pessoal - mais relacionado com o desenvolvimento ontogenético da psique - e o inconsciente colectivo, constituído por propensões psíquicas, designadas de arquétipos, que resultam de sedimentos de experiências colectivas antepassadas da Humanidade.

Relativamente ao seu modelo, Jung esclarece: " ... quanto a mim, prefiro a expressão ;o " psicologia analítica ", para a minha conceituação, procurando um modo genérico de englobar a "psicanálise", a " psicologia individual " e outras tendências da psicologia complexa. " (Jung, 1988). Exemplificando estas "outras tendências", Kaufman (Corsini et al, 1979) diz: " The Jungian point of view accords easily with other contributions to the understanding of the psyche, such as the Gestalt theory, interpersonal and Adlerian theories, and even some aspects of behaviour modifications. ". Ainda para esclarecer melhor esta referência a outras terapêuticas, é de indicar o que Jung diz quanto às neuroses mais difíceis: " ... dependendo do tipo de problema, a análise deve seguir de preferência, os princípios de Freud ou os de Adler. " (Jung, 1988).

O psicólogo suíço, diz ainda que, enquanto se estiver no campo da psicologia das neuroses propriamente ditas, são indispensáveis tanto os pontos de vista de Adler como os de Freud. Mas ao verificar-se a repetitividade e a monotonia das sessões, sugerindo a estagnação do processo ou, ao surgirem os conteúdos mitológicos, ou arquetípicos, dever-se-à abandonar o tratamento analítico-dedutivo (característico dos autores anteriores) e passar a " ... tratar os símbolos anagógicamente, ou sinteticamente, o que equivale ao método dialéctico e à individuação. " (Jung, 1988).

Para um melhor enquadramento da psicologia analítica, em termos psicoterapêuticos, é de referir que, na sua origem, ela foi considerada aplicável, principalmente àquela pessoa que se teria ajustado bem ao mundo exterior, às expectativas que a sociedade tinha dela, mas que ao entrar na segunda metade da vida, se encontrava insatisfeita consigo própria. A Psicoterapia Analítica, foi então dirigida, principalmente, ao homem e mulher de meia-idade, considerados " ajustados ". No entanto, Jung veio a considerar que eram requisitados diferentes modos de tratamento, consoante a " metade " da vida em que o indivíduo se encontrava.

A psicoterapia analítica diferencia-se de outros sistemas pelo ênfase no funcionamento prospectivo e pela colocação do ser humano numa constelação arquetípica específica (os arquétipos de Jung são a tradução psicológica dos imperativos filosóficos de Kant, no sentido em que esses imperativos são impostos ao processo perceptivo, determinando aquilo que se vê, aquilo que se percebe; os arquétipos são, pois, propensões psíquicas,

constituindo a essência do inconsciente colectivo). Aponta para um funcionamento tanto teleonómico como teleológico, já que acentua tanto causalidades históricas, filogenéticas, como causalidades finais - aspectos criativos, transformadores, da psique, culminando idealmente na experiência do Si-mesmo, através do processo de individuação, considerando que existe uma tendência autónoma da psique nesse sentido da individuação. O aspecto prospectivo parece estar em sintonia com a psicoterapia existencial e a logoterapia, no sentido de apontar para uma maior conotação filosófica destas terapias.

Considera-se, também, a psicologia analítica, como sendo empírica (Jung considerava-se um observador de dados psicológicos) e fenomenológica, pois é requisitado ao terapeuta para deixar de lado preconceitos sobre o comportamento humano e estar preparado para seguir as indicações da psique.

Esta psicoterapia critica outros sistemas dinâmicos (incluindo o de Freud) pelo seu exagerado ênfase no pensamento redutivo e causal.

Epistemologicamente, Jung considera que o objecto do conhecimento "... tem que passar por um complicado processo de transformações fisiológicas e psíquicas, antes de se tornar uma imagem psíquica. Só esta é que é o objecto do imediato conhecimento. A existência do mundo tem duas condições: uma é existir, a outra ser reconhecida. " (Jung, 1988). A importância da relação psique-conhecimento, para Jung, é realçada quando o autor afirma que: " A psique simplesmente é o espelho do SER, é o conhecimento dele e tudo se move nela. " (Jung, 1988).

Bibliografia

Corsini, R. J. et al (1979). Analytical Psychotherapy in Current Psychotherapies (2nd ed.). Itasca: F. E. Peacock

Jung, C. G. (1988). A prática da psicoterapia in Obras Completas de C. G. Jung, Vol. XVI (tradução portuguesa). Petrópolis: Editora Vozes. (Edição Original, 1971)

Desenvolvimento da personalidade histórica para uma verdadeira estrutura de personalidade

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

30/12/08

Neste artigo, pretende-se enunciar a personalidade histórica enquanto organização pseudo-genital, sem uma verdadeira estrutura, genital, portanto, com características pré-édipianas predominantes, como por exemplo marcadas fixações e regressões oro-fálicas, e enquanto desenvolvendo-se, a personalidade histórica, para uma estrutura genital, através da resolução da ambivalência homossexual e da resolução do Complexo de Édipo.

Segundo Bergeret (1997), a personalidade histórica é uma estrutura verdadeira de personalidade, com angústia de castração predominante, e com recalçamento predominante.

Mas, através da observação clínica, quotidiana, análises de conteúdo das observações de

históricos, em particular, e de sociedades históricas (como a capitalista), em geral, e comparando com, essa sim, uma verdadeira estrutura de personalidade genital, como a obsessiva, ficamos com a impressão de que aquela personalidade histórica é, outrossim, pseudo-genital.

Tem fixações e regressões oro-fálicas predominantes, o recalçamento, que é o mecanismo de defesa predominante, indica um menor desenvolvimento da personalidade, já que o indivíduo histórico tende a não lidar conscientemente com as problemáticas que lhe são mais conflituais - ao contrário do mais evoluído j
uízo de condenação do obsessivo (Laplanche & Pontalis, 1990), e muitas das características genitais que são apontadas, por exemplo, por Bergeret (1997), como reciprocidade, valoração do outro e constância objectal, não estarão presentes no histórico, se tivermos em consideração aquelas observações referidas.

Em termos de Édipo, isto significa que a histórica ainda está a lidar, no seu pseudo-Édipo positivo, com a ambivalência homossexual pré-edipiana, que desenvolveu-se na relação pré-edipiana com a mãe. Como indicado no meu artigo, publicado na Rede Psi, Semelhanças e Diferenças do Complexo de Édipo entre rapaz e rapariga (Resende, 2008), deverá haver o seguimento, a passagem, de amor à mãe e ódio ao pai para ódio à mãe e amor ao pai.

Ora, isto na prática, significa que a histórica deverá ter efectivamente uma fase de contactos e relações amorosas e sexuais de nível homossexual, portanto com amor à mãe e ódio ao pai, passando, porventura, por aqueles radicalismos feministas, em que evidenciam ódio aos homens. Isto para que a histórica lide efectivamente e resolva a ambivalência homossexual em relação à mãe.

Posteriormente, para resolver o Édipo, e como indicado no meu artigo acima referido, deverá haver a passagem para ódio à mãe e amor ao pai.

O ódio à mãe lidará com a agressividade, habitualmente interiorizada na relação com a mãe, e que origina e fomenta a depressividade, e porventura, a depressão, e que é mais característica na mulher, trabalhando a triangulação e rivalidades edipianas, enquanto que o amor ao pai permitir-lhe-à estabelecer relações mais maduras com o outro sexo, completando-se a triangulação e, por fim, a resolução edipiana.

Este, neste artigo, foi o caminho que o histórico deve seguir para resolver o complexo de Édipo, particularmente a histórica, já que é mais frequente o histerismo nas mulheres, e para que vivencie e viva em uma verdadeira estrutura de personalidade.

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (tradução portuguesa) 7^a edição. Lisboa. Editorial Presença

Resende, S. (2008). Semelhanças e Diferenças do Complexo de Édipo entre rapaz e rapariga inwww.redepsi.com.br em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 05/12/2008

Para além das posições de Melanie Klein

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

2/3/09

Neste artigo, argumentarei que as posições esquizo-paranóide e depressiva de Melanie Klein (Laplanche & Pontalis, 1990) são insuficientes para explicar as vivências psicológicas de muitos indivíduos adultos. Isto, particularmente, na sociedade capitalista, na qual predominam indivíduos histéricos.

É de começar por referir que o objecto total da posição depressiva é-o, mas enquanto objecto total depressivo, que é interiorizado pelo histórico enquanto objecto total depressivo materno, que é a característica que predominará na mãe do histórico, também, sendo depois, transmitido intergeracionalmente.

No histórico, o objecto paterno é parcial, com falta de constância objectal, sendo, pois, um objecto parcial esquizo-paranóide paterno, que se caracteriza pela predominância de sentimentos persecutórios e clivagem.

Considere-se o predomínio dos homens no poder e em lugares de decisão nas sociedades, em geral, o que deverá confirmar este sentimento persecutório nas mulheres, o que faz pensar que se confirma o medo do maior poder dos homens, derivado da inveja do pénis, como, por exemplo, Kernberg (1995) nos indica.

Importantemente, relacione-se o que já foi dito, com o facto de a histeria predominar nas mulheres, e de na mulher, ou melhor, na rapariga pequena, haver a necessidade de mudança de objecto de amor, da mãe para o pai.

É como se a evolução da internalização da relação com a mãe estivesse mais evoluída, na posição depressiva, portanto, enquanto que a evolução da internalização da relação com o pai estivesse mais dificultada, na posição esquizo-paranóide, portanto.

Para uma evolução saudável, deverá haver o acesso a lugares de poder e de decisão por parte das mulheres, para, nesta iniciativa, reduzir os sentimentos persecutórios, não obstante ter-se que trabalhar analiticamente na resolução da problemática da inveja do pénis, que é de suma importância neste capítulo. Assim, haverá uma evolução para uma posição depressiva, em que dadas as características não tão depressivas nos homens, deverá haver uma internalização de um objecto total paterno já não tão depressivo, mas a caminho de uma completa integração dos sentimentos persecutórios e depressivos. Repare-se que, como é sabido, Klein indicava que os indivíduos durante a sua vida oscilavam entre a posição esquizo-paranóide e depressiva.

O que aqui é sugerido é uma integração dessas fases pelo indivíduo.

O mesmo caminho deverá ser estabelecido analiticamente relativamente à imago materna.

Desta maneira, se caminhará para uma mais saudável integração e internalização das imagos paterna e materna, com verdadeira triangulação.

Poderíamos chamar a esta fase ou posição, posição integrativa.

Referências bibliográficas

Kernberg, O. F. (1995). Love relations - normality and pathology. Yale University Press. New Haven and London

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (tradução portuguesa) 7ª edição. Editorial Presença. Lisboa

O futuro psíquico da Humanidade e o fim do Capitalismo

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

28/5/09

Pretendo relacionar, neste artigo, os meus artigos publicados aqui, na Rede Psi, Antropologia Psicanalítica: filogenia e ontogenia (2007), Semelhanças e diferenças do Complexo de Édipo entre rapaz e rapariga (2008) e Horda Primitiva no feminino: o fim do Capitalismo? (2008).

Este relacionamento é feito no sentido de mostrar que, psiquicamente, a Humanidade evolui para um estado tal que levará ao fim do Capitalismo.

Em Antropologia Psicanalítica: filogenia e ontogenia (Resende, 2007) mostro que há paralelismos entre a evolução da Humanidade, a nível filogenético, e a evolução do ser humano, a nível ontogenético. Isto, considerando as fases psicosexuais de desenvolvimento, tal como delineadas por Bergeret (1997).

Exemplos desses paralelismos são, por exemplo, a agressividade fálica, a nível ontogenético, e o surgimento de setas e flechas, enquanto falos, e enquanto relacionadas com a agressividade, a nível filogenético, e ainda a analidade, nas suas características psicosexuais, e o surgimento da vivência da Humanidade em grutas, relacionado com o que está dentro e com o que está fora.

Estas relações são estabelecidas até a um nível genital, englobando a fase do Complexo de Édipo.

No artigo Semelhanças e diferenças do Complexo de Édipo entre rapaz e rapariga (Resende, 2008) estabeleço que a rapariga, pelo maior tempo, e dificuldade, a resolver a ambiguidade homossexual pré-edipiana, leva a que ela entre e permaneça no complexo de Édipo positivo com amor à mãe e ódio ao pai.

Mais tarde, no seguimento, haverá uma evolução para um ódio à mãe e amor ao pai, num Édipo negativo.

Esta evolução é importante já que estabelece uma posição psíquica mais avançada, evoluída, posterior, por parte da rapariga.

É de considerar, também, o artigo Horda primitiva no feminino: o fim do Capitalismo? (Resende, 2008), que fala da necessidade de haver uma união colectiva por parte das mulheres para acabar com o Capitalismo, para que haja uma evolução significativa na espécie humana.

Neste âmbito, é crucial a evolução por parte da rapariga de um Édipo positivo, com amor à mãe e ódio ao pai, para um Édipo negativo, com amor ao pai e ódio à mãe.

Estabelecendo paralelismos entre os diferentes artigos, ter-se-à que o futuro da Humanidade está psicologicamente indissociado do ódio à mãe, que reverte para a vertente do matriarcado capitalista, no sentido de ser destruído.

Coerentemente com todos os artigos e com o que é dito aqui, é de concluir que o futuro da Humanidade é o fim do Capitalismo.

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Resende, S. (2007). Antropologia Psicanalítica: filogenia e ontogenia in www.redepsi.com.br em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 29/03/2007

Resende, S. (2008). Horda primitiva no feminino: o fim do Capitalismo? in www.redepsi.com.br em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 17/11/2008

Resende, S. (2008). Semelhanças e diferenças do Complexo de Édipo entre rapaz e rapariga in www.redepsi.com.br em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 05/12/2008

Exopsicologia: uma nova área de estudo

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

27/7/09

Neste artigo, apresento os conceitos de Exopolítica e de Exopsicologia, na sua importância pela actualidade e pelo significado de futuro para a espécie humana. Descrevo e caracterizo diversos aspectos de ambos os conceitos.

Em 2000, surgiu o termo Exopolítica, cunhado por Alfred Webre, para designar o campo que estuda os actores, instituições e processos políticos humanos na sua relação com civilizações extraterrestres.

Alguns sites que podem ser consultados são www.exopolitics.com, www.exopoliticsradio.com e www.exopoliticsinstitute.org.

É uma área que tem lidado com muitos temas controversos, como a presença extraterrestre na Terra e como a presença de bases militares americanas na Lua e em Marte, e ainda como uma frota espacial secreta, também americana. Há documentos oficiais desclassificados, e obtidos por outras formas, a confirmarem isso mesmo. Como é sabido, a desclassificação de documentos,

realacionados com a ovniologia, considerados secretos, e anteriormente considerados, tem vindo a ser feita, até à data, em vários países como o Reino Unido, França ou o Brasil.

A Exopolítica é uma área de estudo em grande expansão e poderá levar-nos à obtenção de conhecimentos e tecnologias que agora estão na posse só de alguns.

Relacionada com a Exopolítica, surge a Exopsicologia que se definirá pelo estudo psicológico das relações e funcionamento psíquico, mental, entre os humanos e entidades e civilizações extraterrestres e/ou alienígenas.

Assim, tendo em conta a noção das intervenções alienígenas na Terra e nos humanos, como abduções e intervenções telepáticas (já vai passando a fase de se acreditar ou não), ter-se-à que pessoas que falam muito, particularmente, pela frequência, as mulheres, conhecidas pela sua maior fluência verbal, fazem-no para esvaziar a mente de conteúdo e para darem espaço a intervenções alienígenas, ou seja, receber instruções para funcionamento. Haverá uma verborreia, em que haverá maior ou menor necessidade de falar, consciente e/ou inconscientemente, em que essa necessidade será induzida pelos alienígenas. Isto, através de dispositivos psicotrónicos e/ou transmissões telepáticas, ou através das próprias entidades extraterrestres em si.

Continuando, pessoas que só ocasionalmente falam muito, aqui com maior frequência de homens do que na anterior, serão os marcadores, pela sua situação média, aqueles marcados pelos alienígenas para serem seguidos e para serem avaliados quanto à capacidade de observação e de funcionamento mental.

Pessoas que falam pouco serão os observadores-mor, que não receberão intervenção alienígena, no sentido de serem influenciados, acontecendo que serão apenas observados.

Isto leva-nos à psicopatologia, em que necessariamente tem de haver algum tipo de manifestação corporal e comportamental, mental, enquanto inferido por outros, para que uma intervenção alienígena tenha efeito e seja produtora.

Os que não falam nada, em melancolia ou depressão profunda (Bergeret, 1997), possivelmente estão a ser alvos de abduções, para experimentação, já que a sua "perturbação" será bastante influenciada pela passagem de tempo, mais ou menos prolongado no espaço, com os efeitos de micro-gravidade, ausência de gravidade, falta da normal luminosidade, e de grande vastidão de espaço, o que confere um grande vazio depressivo à depressão.

O vazio depressivo dos histéricos (Bergeret, 1997), permitirá com que haja a possibilidade de entidades alienígenas preencherem esse espaço e efectuarem a intervenção alienígena. Em relação ao falar muito, o que acontece com os histéricos, é para esvaziarem sempre cada vez mais o conteúdo mental e físico para que haja cada vez mais intervenção alienígena.

Um exemplo ilustrativo é aquele dado na Conferência-X Cimeira Europeia de Exopolítica 2009, que pode ser visto em arquivo em www.exopolitik.org. Assim, foi dito que já se efectuaram experiências em que, alterando a configuração atómica de dois gatos, foi conseguido juntá-los no mesmo espaço físico.

É nesse sentido, que é dito que o espaço vazio depressivo é aproveitado e/ou ocupado por entidades extraterrestres para fazerem intervenções alienígenas, como alteração comportamental e mental, particularmente por comunicações telepáticas, dentro ou fora do corpo da pessoa.

Referências Bibliográficas

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica (tradução portuguesa). Climepsi Editores

www.exopolitics.com

www.exopoliticsinstitute.org

www.exopolitik.org

www.exopoliticsradio.com

Exopsicologia e esquizofrenia

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

8/10/09

Neste artigo, proponho relacionar a Exopsicologia, enquanto área de estudo da Psicologia, e a esquizofrenia, nos seus sintomas e significado global.

Como indicado em um artigo meu anterior, Exopsicologia: uma nova área de estudo (2009), a Exopsicologia define-se pelo estudo psicológico das relações e funcionamento psíquico, mental, entre os humanos e entidades e civilizações extraterrestres e/ou alienígenas.

Ora, ponto fulcral deste artigo é entender que os humanos sofrem e sofreram ao longo de milhares e milhares de anos a intervenção por parte de civilizações extraterrestres.

Podem ser consultados, por exemplo, os livros Sequestro, de John E. Mack (1994), psiquiatra mundialmente famoso, que de início era céptico em relação ao tema OVNI, mas à medida que foi estando em contacto com pessoas abduzidas (raptadas por alienígenas), foi percebendo que era um fenómeno muito real, e ainda Chariots of the Gods?, de Erich von Daniken (1969), onde o autor avança com a hipótese, tentando ilustrá-la, de que as entidades que outrora, antigamente, foram considerados pelos humanos como sendo Deuses, seriam astronautas de civilizações extraterrestres.

Deve ser considerado, importantemente, que em relação às abduções alienígenas, a principal razão apontada para elas acontecerem é o intuito de as entidades extraterrestres pretenderem fazer estudos genéticos com a Humanidade, estando incluídas nesses estudos, e nas abduções, as gravidezes induzidas pelas entidades.

Ora, é menos referido o intuito das entidades alienígenas fazerem estudos psicológicos com os humanos. É aqui que entram em cena as patologias mentais. As mesmas parecem estar associadas com esses estudos.

Tendo já referido um exemplo de um psiquiatra a dedicar-se ao tema OVNI, John E. Mack, é de considerar que aparece amiúde na clínica Psi, a temática OVNI, com aquilo que lhe está relacionado.

Parece haver alguma associação entre abduções e contactos extraterrestres e as psicopatologias. Ora, precisamente, uma destas psicopatologias é a esquizofrenia.

É um dos seus sintomas principais é a despersonalização. Há a vivência, por parte do indivíduo, de uma personalidade como não sendo a sua. Relacionando com a Exopsicologia, e no âmbito dos estudos psicológicos já indicados, isto parece indicar a utilização do corpo do indivíduo humano, como veículo, para estabelecimento de intervenções telepáticas. Estas parecem ser no intuito de induzirem alguma reacção nos indivíduos à volta daquele que será considerado esquizofrénico, podendo, deste modo, ser avaliadas as reacções humanas a algo que aparenta ser estranho e fora do comum.

Noutro sentido, é de considerar o exemplo de um programa televisivo, um documentário, que retratava a vivência de doentes mentais num hospital psiquiátrico, em Espanha. Um desses doentes dizia-se como sendo esquizofrénico, e descrevendo o que sentia, dizia que as vozes que sentia, por vezes lhe contavam anedotas, às quais ele ria. Ora, considerando a orientação psicanalítica da existência da introjecção do mau objecto, com a vivência de um mau objecto interno, portanto, a descrição desse indivíduo, em relação às vozes contarem anedotas, não parece coerente com as interpretações clínicas de mau objecto no esquizofrénico. Parece ser possível indicar, que essas vozes seriam, outrossim, comunicações telepáticas por parte de entidades extraterrestres.

Consideremos, agora, dois dos tipos de esquizofrenia: a catatónica e a paranóide (Laplanche & Pontalis, 1990). Relacionemos com a Exopsicologia.

O movimento de andar para a frente e para trás típico no catatónico é muito semelhante, ou igual, ao movimento que é feito pelos Judeus, enquanto oram. Ora, podemos interpretar isto de uma forma anagógica, no seu sentido simbólico mais mítico e geral, numa tendência Junguiana, e considerarmos a influência histórica e religiosa dos Judeus, e tentarmos perceber exopsicologicamente, que o movimento catatónico será induzido por entidades extraterrestres para o relacionar com o movimento dos Judeus, no sentido de avaliar, no âmbito dos estudos psicológicos já referidos, as reacções das pessoas, dos clínicos, em particular, aos movimentos.

Já a esquizofrenia paranóide, também podemos considerar uma interpretação anagógica, e relacionar a paranóia com o facto "geopsicológico" de que, geologicamente, a Europa, tem a Itália que se parece com uma bota e Portugal, que tem a forma de uma cara. Isto, psicologicamente, é elicitador de paranóia, podendo nós considerar como é que essas formas surgiram, e mais, "quem" as terá feito, através de alguma tecnologia avançada. Assim, desta forma, e exopsicologicamente, a paranóia da esquizofrenia paranóide parece ter alguma razão de ser.

Realço, por fim, exopsicologicamente, que para além da aparente ocorrência de estudos genéticos por parte de entidades extraterrestres dos seres humanos, parece haver

evidências da ocorrência de estudos psicológicos da Humanidade por parte de entidades alienígenas.

Bibliografia

Daniken, Erich von (1969). Chariots of the Gods? Was God an Astronaut?. (Tradução inglesa) The Souvenir Press. Richard Clay (The Chaucer Press), Ltd., Bungay, Suffolk. Great Britain.

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (Tradução Portuguesa). Editorial Presença. (No original: Vocabulaire de la Psychanalyse, 1967, Presses Universitaires de France).

Mack, John E. (1994). Sequestro (tradução portuguesa). Lisboa: Temas da Actualidade, D. L..

Resende, S. (2009). Exopsicologia: uma nova área de estudo in www.redepsi.com.br em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/07/2009

Tratamento da obesidade:aceitação social dos obesos - perspectiva psicodinâmica

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

22/10/09

No seguimento de dois artigos meus, publicados na Rede Psi, a saber, Acerca da Obesidade - perspectiva psicodinâmica (2007) e Anorexia - perspectiva psicodinâmica (2008), venho, neste artigo, elaborar acerca das consequências da aceitação social dos obesos no tratamento da obesidade.

No artigo Anorexia - perspectiva psicodinâmica indico que uma das maneiras de prevenir, e tratar, numa perspectiva mais alargada, a anorexia, é promover a aceitação social dos obesos. Isto é indicado porque uma das formas de desenvolvimento da anorexia é a identificação por parte das anoréxicas, raparigas e mulheres, com o corpo, geralmente, maior e mais musculado, dos homens. Isto acontece porque, psicologicamente, a anoréxica tem um funcionamento mais tipicamente masculino. Há este funcionamento mais típico pela predominância da formação reactiva, relativamente à bulimia, formação esta tipicamente obsessiva, característica predominantemente masculina.

Há esta relação, portanto, entre anorexia e obesidade.

Ora, uma das consequências da aceitação social dos obesos é prevenir, e tratar, numa perspectiva mais alargada, a própria obesidade.

Recorro ao que é dito no artigo Acerca da obesidade - perspectiva psicodinâmica, onde é indicado que os obesos tendem, através do engordamento, através da massa adiposa corporal, a afastar os outros, mostrando-se menos atractivos desse modo.

Isto acontece porque tendem a sentir afecto dado não correspondido, em que a

agressividade anteriormente introjectada é dirigida sobre a comida, havendo, nos relacionamentos, um estilo de relação predominantemente afectuoso. Haverá, portanto, uma economia depressígena, com o sentimento de perda de amor do objecto, caracteristicamente depressivo. Ora, precisamente, para contrabalancear esta característica, na luta contra a depressão, é que ocorre o estilo de relação afectuoso. Mas repare-se que, num relacionamento predominantemente corporal, o obeso sente que tem que afastar os outros, utilizando para isso o facto de ser obeso, característica, esta, geralmente não aceite socialmente.

Ora, isto só funciona porque não tende a haver uma grande aceitação social da obesidade na nossa sociedade, pelo menos nas sociedades ocidentais.

Havendo, e promovendo-se, a aceitação social dos obesos, retira-se o mecanismo psicológico que é utilizado pelos obesos para afastar os outros, utilizando a gordura que é utilizada para contrabalancear o afecto dado não correspondido.

Desta forma, e psiquicamente, deixa de haver uma das grandes bases etiológicas da obesidade.

Repare-se que a aceitação social dos obesos permite, tanto a prevenção como o tratamento, de uma forma mais alargada, quer da anorexia, como se pode ler no início deste artigo, quer da obesidade.

Bibliografia

Resende, S. (2007). Acerca da obesidade - perspectiva psicodinâmica in www.redepsi.com.br em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/04/2007

Resende, S. (2008). Anorexia - perspectiva psicodinâmica in www.redepsi.com.br em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 09/08/2008

A religião enquanto fenómeno Borderline - perspectiva psicodinâmica

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

9/3/10

Freud (1990) dedicou-se às questões religiosas, considerando ele que a religião fornece um alicerce indispensável à compreensão dos percursos civilizacionais. Este autor está marcado pelas incursões teóricas de Karl Marx e de Frederic Nietzsche, em que o primeiro procura mostrar que a religião não é mais do que o " ópio do povo ", enquanto que o segundo, indo mais longe, proclama a morte de Deus.

Peguemos agora em Marx e na sua frase " A religião é o ópio do povo ".

Não entrando em debates politico-ideológicos, que poderiam emanar da frase de Marx, expressa acima, devemos tentar extrair algo de uma expressão que nos remete para um

raciocínio que faz considerar que a religião é algo que é negativo para as pessoas e que é aditivo, ou mesmo contagiante, propagando-se entre as massas.

Como veremos, exemplos disto são a identificação histórica, presente no fenómeno religioso borderline, e a questão da consideração da religião enquanto um fenómeno borderline, com ou sem descompensação, com ou sem patologia.

Consideremos as características que fazem justificar um quadro borderline, particularmente as características psicóticas e neuróticas, e aplicá-las à religião.

Tem-se a clivagem do self com o mundo exterior, que, neste caso, se fará através da instância superegógica. Haverá uma clivagem entre a imago superegógica materna e a imago superegógica paterna.

A imago materna caracterizar-se-á pela idealização positiva, que faz com que haja o contacto e a propagação da religião, através da conhecida característica contagiosa do histerismo, lá está, mais característico nas mulheres, contágio esse efectuado através da identificação histórica. A imago paterna caracterizar-se-á pela idealização negativa, em que há a identificação com um Deus (por exemplo, no Cristianismo) a quem é devido temor e servidão, assim como também com características vingativas, como no caso de não se acreditar na fé religiosa, cuja consequência é o Inferno.

Nas características descritas, teremos a linha neurótica, que se vê claramente no medo de retaliação por parte de Deus, condenando o indivíduo ao Inferno, o que nos remete para a angústia de castração, tão característica da neurose. Como já vimos, a linha neurótica também está presente no histerismo com a sua identificação histórica.

É neste sentido descrito que se fará o contacto do self com o mundo exterior.

Este self estará ele próprio clivado, o que nos remete para as características psicóticas do quadro borderline religioso.

Por um lado, parte do self caracteriza-se pela idealização positiva, com necessidades afectivas efectivas, buscando satisfazer as mesmas, o que far-se-á pelo contacto e permanência das ligações religiosas, sejam elas sociais, grupais ou institucionais. Por outro lado, a outra parte do self terá características de idealização negativa, com medo de retaliação e caracterizada por sentimentos masoquistas de necessidade de castigo.

Pelo descrito, vemos as relações entre as idealizações positivas da imago superegógica materna e parte do self, em que a necessidade de satisfazer as carências afectivas se relacionam com a ligação e propagação religiosa. Também são iniciadas as relações entre as idealizações negativas da imago superegógica paterna e a outra parte do self, com as necessidades masoquistas de castigo ligadas à angústia de castração.

Por último, podemos dizer que as carências afectivas, na idealização positiva, estão mais ligadas às tendências depressivas, enquanto que a necessidade de castigo e a angústia de castração estão mais ligadas à ansiedade.

Bibliografia

Freud, S. (1990). Moisés e o Monoteísmo (Tradução portuguesa). Relógio d'Água (Edição original: 1939)

Psemes: para além dos genes e dos memes

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

27/5/10

Argumenta-se, neste artigo, que os padrões comportamentais e mentais, psicológicos, transmitidos intergeracionalmente são designados de psemes, distinguindo-se, nessa perspectiva, dos genes ou transmissão genética no contexto evolutivo (Dawkins, 1983, 1989, 2001, 2006) e dos memes, ou padrões culturais, sociológicos, de costumes, etc., transmitidos intergeracionalmente (Dawkins, 1989).

Importantemente, nos psemes, considera-se a influência de um autor como Bowlby (1980), no seu estudo sobre padrões de vinculação com modelos de trabalho internos que o indivíduo vai construindo sobre si, sobre os outros e sobre os padrões de interacção desenvolvidos entre eles.

De grande importância, deve considerar-se que Bowlby quis demonstrar que as experiências da vida real teriam um efeito importante no desenvolvimento do indivíduo [(Karen, 1994) citada por Shaver & Clark, 1994].

Para a importância da transmissão intergeracional de padrões de vinculação comportamentais e mentais, psicológicos, têm relevância os trabalhos de Soares (1996), Main & Carmen (1996) e, por exemplo, Main, Kaplan & Cassidy (1985).

Realça-se que Bowlby (1998), abordando o tema da relação entre psicanálise e a teoria da Evolução, indica-nos que Freud era um e volucionista mas não necessariamente um Darwinista. A perspectiva freudiana era pré-Darwinista, mais propriamente na linha lamarckiana. Realçam-se, pois, as características lamarckianas da psique, havendo a influência, em particular, da característica da necessidade e da hereditariedade de caracteres adquiridos, na transmissão de características psíquicas intergeracionalmente.

Termino com uma citação que Bowlby (1998, p. 452) fez de Freud, numa carta que este último escreveu a Ferenczi e Abraham, no contexto de um projecto ambicioso de integrar a psicanálise com as teorias Lamarckianas da evolução: " A nossa intenção é basear as ideias de Lamarck completamente nas nossas próprias teorias e mostrar que o conceito de " necessidade ", que cria e modifica órgãos, não é mais do que o poder que as ideias inconscientes têm sobre o corpo... em suma, a " onipotência dos pensamentos " ".

Portanto, resumindo, os psemes baseiam-se nesta onipotência dos pensamentos inconscientes, ou seja, são estes pensamentos inconscientes transmitidos intergeracionalmente que constituem os psemes.

Bibliografia

Bowlby, J. (1998). (original de 1973) Attachment and Loss: Vol. 2. - Separation: Anger and anxiety. London: Pimlico

Bowlby, J. (1980). Attachment and Loss: Vol.3. - Loss: Sadness and Depression. London: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis

Dawkins, R. (1989). (original de 1976) O gene egoísta. Gradiva - Publicações Lda

Dawkins, R. (1983). (original de 1982) The Extended Phenotype: the long reach of the gene. Oxford University Press

Dawkins, R. (2006). (original de 1986). The Blind Watchmaker. London: Penguin Books Ltd

Dawkins, R. (2001). (original de 1995) River out of Eden. Phoenix, Orion Books, Ltd

Main, M. & Carmen, R. del (1996). Introduction to the special section on attachment and psychopathology: 2. Overview of the field of attachment. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64, Nº 2, 237-243

Main, M., Kaplan, N. & Cassidy, J. C. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development, 50 (1-2, Serial Nº 209), 66-104

Shaver, P. R. & Clark, C. L. (1994). The psychodynamics of adult romantic attachment. In Joseph M. Masling & Robert F. Borstein (Eds.), Empirical Perspectives on Object Relations Theory (p. 105-156). American Psychological Association. Baltimore, M. D.: United Book Press, Inc.

Soares, I. M. C. (1996). Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência - Estudo Intergeracional: mãe-filho(a). Dissertação da Tese de Doutoramento. Universidade do Porto

Psemes: Evolução por Selecção Psicológica

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

1/9/10

Continuando o meu artigo anterior, Psemes: para além dos genes e dos memes (Resende, 2010), venho propôr neste artigo que características psicológicas e processos psicológicos que ocorrem nos humanos vão ser alvo de pressões selectivas, que vão orientar a evolução psicológica dos psemes. Os processos referidos são a separação-individação, que ocorre na infância, e que nos foi descrito por Margaret Mahler, e o processo de individuação, descrito por Jung (Jung, 1988; Shultz & Shultz, 2006), que

ocorrerá, por volta dos 45-55 anos de idade, pela meia-idade. Este último processo poderá ocorrer, para o autor, com a ajuda psicoterapêutica e a uma idade mais precoce.

Os psemes, como indicado no artigo anterior, já referido, indicam-nos que há padrões psicológicos e de funcionamento psíquico que são transmitidos intergeracionalmente, com base nas relações de objecto internalizadas, de uma forma inconsciente.

Ora, um dos processos que interferem nestes padrões são a separação-indivuação, que ocorre na infância, que permitirá a alguns indivíduos serem mais diferenciados do que outros, já que é de experiência clínica e quotidiana, haver diferentes graus de diferenciação psicológica nos indivíduos, diferentes graus de indivuação. Há, pois, variabilidade psicológica, que poderá sofrer pressões selectivas, a nível psicológico, da mesma maneira que a variabilidade genética. A pressão selectiva para indivíduos diferenciados fará com que surjam, normalmente, na geração seguinte, também indivíduos mais diferenciados, já que, como indicado, estes padrões psicológicos e de funcionamento psíquico transmitem-se intergeracionalmente. Mas a questão é que os menos diferenciados também transmitirão as suas características, pela razão já aduzida.

Distinguem-se, pois, a transmissão genética da psicológica, no sentido de na genética haver pressão para que as características melhor adaptadas sobrevivam enquanto que na transmissão psicológica todas as características são transmitidas.

O mesmo raciocínio se pode estabelecer para a Indivuação, que Jung nos fala, do indivíduo ficar em Si-Mesmo. Traz variabilidade psicológica na qual actuam pressões selectivas que vão fazer com que indivíduos Indivuidos, ou mais Indivuidos, transmitam essas características aos seus descendentes, e menos Indivuidos transmitam essas mesmas características, de menor Indivuação, diferenciação psicológica, aos seus descendentes. Isto baseia-se no facto de que existem diferentes níveis de indivuação, de diferenciação psicológica, entre os indivíduos.

Como se depreende, a distinção entre transmissão psmética e transmissão genética, é que nesta última, a variabilidade genética pode levar a que os indivíduos menos adaptados acabem por morrer, por selecção natural, enquanto que na transmissão psmética, a variabilidade psmética (de diferenciação) permite que, precisamente, todas essas diferentes características sejam transmitidas, com progenitores mais indivuidos a criarem crianças mais indivuidas e menos indivuidos a criarem crianças menos indivuidas, e isto por selecção psicológica. Assim, tem-se que, na selecção natural, a variabilidade genética pode levar à morte, enquanto que na selecção psicológica, a variabilidade psmética não interfere directamente na sobrevivência física dos indivíduos nem na sua capacidade de atingir a idade de procriação e procriar. Haverão factores importantes a interferir na transmissão psmética como a morte de um ou dos dois progenitores e a separação, mais ou menos traumática, entre progenitor(es) e criança.

Bibliografia

- Jung, C. G. (1988). A prática da psicoterapia in Obras Completas de C. G. Jung, Vol. XVI (tradução portuguesa). Petrópolis: Editora Vozes. (Edição original: 1971)
Resende, S. (2010). Psemes: para além dos genes e dos memes in www.redepsi.com.br, em secção Artigos / Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/05/2010
Shultz, D. P. & Shultz, S. E. (2006). Teorias da Personalidade. (Tradução portuguesa) São paulo: Thomson Learning Edições. (Edição original: Theories of personality, 2002)

Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

29/9/10

Neste artigo pretende-se mostrar que a evolução psicológica humana é feita de modo Lamarckiano, ou seja, através da transmissão de características adquiridas durante a vida de um indivíduo.

No meu primeiro artigo sobre psemes, " Psemes: para além dos genes e dos memes " (Resende, 2010), introduzo a noção dos psemes, que se constituirão enquanto unidades psicológicas de transmissão intergeracional. Como referido nesse artigo, os psemes se constituirão enquanto pensamentos inconscientes que são transmitidos de geração em geração. Esta noção desta transmissão de pensamentos inconscientes é introduzida primeiramente por Freud, que é citado por Bowlby (1998), quando este relaciona a psicanálise com a teoria da evolução.

Ora, os pensamentos inconscientes de que Freud fala serão psemes e serão constituídos enquanto complexos, ou conjunto de complexos, complexos inconscientes, e complexos precisamente no sentido em que Jung os cunhou, enquanto conjunto de disposições psicológicas, psicológica e significativamente relacionadas. Como estes complexos inconscientes podem ser, e são, trabalhados, elaborados e influenciados, e tendo em conta a transmissão das características psicológicas, de tal maneira em que todas as características são transmitidas à descendência, tal como descrevi no meu segundo artigo sobre psemes e evolução psicológica, " Psemes: Evolução por Selecção Psicológica " (Resende, 2010), é nesse sentido de que há uma alteração lamarckiana na evolução psicológica humana.

Como os psemes, enquanto complexos ou conjunto de complexos inconscientes, podem ser influenciados durante a vida de um indivíduo antes da reprodução, ou mesmo durante a parentalidade, através de psicoterapia, auto-análise, conselhos pessoais, relacionamentos interpessoais, processos psicológicos (e seus interrelacionamentos, e interrelacionamentos com fenómenos que influenciam a psique, como os já referidos, e outros) como a Separação-Individuação e a Individuação, havendo depois a transmissão de características psicológicas de forma psemética, aproximam-se do conceito lamarckiano de características adquiridas que são transmitidas, na evolução psicológica.

Isto corrobora a ideia de Freud (citado por Bowlby, 1998) da transmissão adquirida de pensamentos inconscientes, o que caracterizaria a evolução psicológica, e não contradiz o facto de os psemes serem transmitidos na sua totalidade, como referi no meu segundo artigo sobre psemes : " Psemes: Evolução por Selecção Psicológica ".

Bibliografia

Bowlby, J. (1998). (original de 1973) Attachment and Loss: Vol. 2 - Separation: Anger and Anxiety. London: Pimlico

Resende, S. (2010). Psemes: para além dos genes e dos memes in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/ Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/05/2010

Resende, S. (2010). Psemes: Evolução por Selecção Psicológica in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/ Teorias e Sistemas no Campo Psi em 01/09/2010

Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

15/10/10

Destaca-se, neste artigo, a distinção entre Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque, surgindo estes na sequência de uma tentativa de preservação de relacionamentos interpessoais de modo borderline, com características históricas e psicóticas, e preservação de fenómenos de massas, como a histeria de massas.

Laplanche & Pontalis (1990), no seu Vocabulário da Psicanálise, referem-se ao mecanismo de defesa no sentido de este defender o ego. Trata-se, pois, de um mecanismo que é suposto defender o ego. Muito em Psicanálise e Psicologia Clínica se tem escrito e falado relativamente ao mecanismo de defesa.

Venho agora apresentar aquilo a que designo de mecanismo de ataque, e que estará presente predominantemente nos fenómenos históricos e psicóticos, particularmente num quadro borderline, e que está relacionado com o socius, com a sua preservação. Ao invés dos mecanismos de defesa, os mecanismos de ataque não se relacionam tanto com a defesa do ego, mas mais com a preservação de relacionamentos interpessoais e com a preservação de fenómenos de massas. Na verdade, apesar da superficialidade típica dos relacionamentos históricos, o histórico tende a manter diversos relacionamentos interpessoais. Mas, e como acontece nos fenómenos psicóticos, particularmente num quadro borderline, há uma predominância de fenómenos de ataque, digo eu, de mecanismos de ataque, e que caracterizam esses relacionamentos e são estabelecidos para mantê-los. É o exemplo do ataque preemptivo, que se caracteriza pela malignidade e é baseado na coerção, que, neste aspecto, se assemelha à raiva disfuncional de que Bowlby (1998) nos fala.

É de notar que sociedades históricas contemporâneas, ou seja, com a caracterização de massas ao nível do histerismo, tenham vindo a fazer ataques preemptivos em relação a outras nações, com exércitos de ocupação invadindo esses países. É curioso que os líderes das nações beligerantes têm justificado, nestes casos, que se deve atacar para não ser atacado. É de referir, neste caso, o título de uma canção do famoso músico Prince. A canção, simbolizando o choro das pombas da paz, é " When Doves Cry ". O status quo destes ataques é mantido, e estabelecido para controlo das massas, particularmente, através de manipulação, desinformação e indução de sentimentos através dos meios comunicacionais de massas. É, pois, assim que o histórico e, mais em geral, o borderline, parece funcionar.

Caracterizando os mecanismos de ataque, cito agora o meu artigo " Complexo de Anti-Cristo - Perspectiva Psicodinâmica " (2007), para referir a necessidade presente, mais frequentemente na mulher, de querer "crucificar" alguém nas relações externas, para expiar os sentimentos negativos tidos e não admitidos como seus. Isto é, a necessidade de um bode expiatório, em que há uma relação tóxica com os outros, projectando toxicamente os seus maus objectos.

Passa-se, particularmente, ao nível da saúde mental, em que há uma projecção maciça dos seus medos, a saber, um grande medo quanto à existência de patologia mental nela. Com esta toxicidade, há um estilo de relação esquizofrenizante, que predomina, particularmente, num sistema capitalista, e que é de linha psicótica (Deleuze & Guattari, 2004). Isto, segundo o tipo de funcionamento da maior parte das mulheres, em que há o recalçamento do que lhes é indesejável, desagradável, num funcionamento tipo histórico, e em que verbalizam agressivamente, a nível fálico (agressividade fálica) (Laplanche & Pontalis, 1990), o que sentem interiormente, mas em relação a alguém exterior. Será histórico, mas com as características referidas de projecção maciça, que é mais psicótico. Neste âmbito, estamos perante um quadro borderline, com sintomas

neuróticos histéricos e sintomas psicóticos. Lembro o que Bergeret (1997) refere quanto a cerca de 50 % da população europeia não poder ser considerada normal, devido a ter uma caracterização borderline, de se constituir enquanto estruturação, não sendo, pois, uma verdadeira estrutura psicológica. Nunca é demais realçar o carácter agressivo dos mecanismos de ataque.

Voltando aos mecanismos de ataque como meio de preservação de fenómenos de massas, é de referir a importância da "toda-poderosa" televisão, da Internet, de jornais, etc., como meios comunicacionais de massas. Na televisão, em particular, nas suas séries, novelas, notícias, publicidade, etc., há uma constante instigação e apelo para que precisamente se ataque o outro, num contexto em que se tenta preservar as massas como uma unidade, pois, está claro, desta maneira é mais fácil o seu controlo, a sua manipulação. Um dos casos mais gritantes são as eleições, mas temos também o exemplo da compra de determinados produtos, como ainda, por exemplo, através de novelas, o induzir de sentimentos em relação a assuntos de opinião pública, o que poderá também ser feito através das notícias. Como vemos, a televisão, e outros meios comunicacionais de massas, é, ela própria, utilizada enquanto mecanismo de ataque, em que se tenta preservar a unidade das massas. Termino, referindo novamente Prince, quando ele diz: " Don't let your children watch television before they can know how to read "!

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Bowlby, J. (1998). (original de 1973). Attachment and Loss: Vol. 2 - Separation: Anger and anxiety. London: Pimlico

Deleuze, G. & Guattari, F. (2004). O Anti-Édipo - Capitalismo e Esquizofrenia (tradução portuguesa). Assírio & Alvim. Lisboa

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (tradução portuguesa). Editorial Presença. Lisboa

Resende, S. (2007). Complexo de Anti-Cristo - Perspectiva Psicodinâmica in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/ Teorias e Sistemas no Campo Psi em 28/10/2007

A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

15/10/10

Relaciono, neste artigo, a inveja do pénis com a inveja do clitóris, com suas implicações ao nível da fundamentação de sistemas políticos como o capitalismo, e o seu extremo fascismo, com características imperialistas, e como o comunismo, com características internacionalistas.

A inveja do pénis está relacionada psicanaliticamente com a angústia de castração, e com a descoberta da diferença anatómica entre os sexos, por parte da rapariga (Laplanche &

Pontalis, 1990), e com o sentimento de sobrecompensação narcísica ao nível do falismo, derivada do sentimento de perda, inferioridade, narcísica, relacionada com a falta do pénis, com consequências ao nível do estabelecimento e desenvolvimento de raiva narcísica.

Ora, politicamente, a sobrecompensação fálica, levada ao extremo, leva-nos ao expansionismo característico do imperialismo capitalista, fundamentando aquela raiva narcísica as características agressivas do militarismo imperialista.

Já a inveja do clitóris que, na comparação pénis-clitóris, se caracteriza pelo sentimento de subcompensação narcísica, há uma necessidade de tentativa de diminuição narcísica, tem características contrárias ao falismo. Esta inveja é tipicamente masculina.

Há uma capacidade de sofrimento, com identificação ao mesmo no outro, que leva à compaixão, e de fazer cedências, que leva à diplomacia. Esta diplomacia é típica do obsessivo. Também típica do obsessivo, numa linha mais genital do que o histerismo, este mais característico das mulheres, a subcompensação narcísica com a capacidade diplomática de fazer cedências, leva à reciprocidade.

Estas características obsessivas estão mais presentes em um sistema político como o comunismo, em que, particularmente, a reciprocidade leva à consideração da igualdade entre os povos e ao internacionalismo, típico do comunismo.

Ademais, considerando a sobrecompensação fálica mais tipicamente feminina e a subcompensação narcísica mais tipicamente masculina, é relevante notar que enquanto que, a sobrecompensação fálica deriva, particularmente, no desejo de ter um filho, o que baseará a grande importância atribuída à Maternidade, a subcompensação narcísica levará, no seu extremo, ao desejo de morrer, que pode ser o suicídio ou o desejo de prolongar a vida, já que se acaba naturalmente por morrer, em que paradoxalmente, quanto mais se vive mais perto se está da morte natural. Poderá ainda ser o desejo de lidar com a morte ou o que se passa após o fim da vida, em suma, a imortalidade. Uma das formas de lidar com esta questão é através da imortalidade simbólica, em que o indivíduo, para realizar-se, tenta e faz por deixar obra feita, particularmente, influenciando outras gerações na ausência física do indivíduo.

Termino, relativamente ao tópico da imortalidade, e comparando os sistemas políticos do Capitalismo e do Comunismo, indicando que tipicamente o Capitalismo se caracteriza por um sistema religioso, considerando a vida eterna no Paraíso, após a morte do indivíduo, enquanto que o Comunismo se caracteriza por um sistema ateu, considerando o " Paraíso na Terra ", a ser alcançado pelos homens. Faz algum sentido os ditos comunistas Hasta la Victoria, ou seja, Até à Vitória, e um particularmente português, 25 de Abril Sempre, referindo-se à Revolução dos Cravos, anti-fascista, que ocorreu em Portugal, a 25 de Abril de 1974.

Bibliografia

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (tradução portuguesa). Editorial Presença. Lisboa

Exopsicologia e o Ser

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

16/10/10

Neste artigo, tenta-se enquadrar a exopsicologia e o desenvolvimento da psique e do Ser, particularmente numa perspectiva Junguiana.

Considere-se primeiro o meu artigo de 2009, Exopsicologia: uma nova área de estudo, em que se define a Exopsicologia como o estudo psicológico das relações e funcionamento psíquico, mental, entre os humanos e entidades e civilizações extraterrestres e/ou alienígenas.

No meu artigo seguinte, Exopsicologia e esquizofrenia (2009), considero anagógicamente, no seu sentido simbólico mais mítico e geral, numa tendência Junguiana, a esquizofrenia paranóide. Assim, relaciono a paranóia, da esquizofrenia paranóide, com o facto " geopsicológico " de que, geologicamente, a Europa, tem a Itália, que se parece com uma bota, e Portugal, que tem a forma de uma cara. Ora, psicologicamente, isto é elicitador de paranóia, podendo ser considerado como é que essas formas surgiram, e mais, "quem" as terá feito, através de alguma tecnologia avançada. Tenha-se em conta, a este respeito, os planos e a intenção de, em algum futuro, a exploração astronáutica humana realizar aquilo que é designado por " Terraformação ", que consiste em alterar por geoengenharia e geoclimatericamente um determinado planeta, para o tornar habitável. Continuando, e tendo em conta o dito, exopsicologicamente, a paranóia da esquizofrenia paranóide parece ter alguma razão de ser.

Por falar em ser, pode considerar-se, exopsicologicamente, que a cara, da forma de Portugal, relaciona-se com a Máscara, tal como Jung considera, enquanto arquétipo de adaptação externa (Jung, 1988). Mas adaptação externa em relação a quê ou ao quê? Tendo em conta o já dito, será adaptação externa dos humanos em relação a seres de outros planetas, além da Terra, ou seres alienígenas intra-terrenos (habitando o interior da Terra) ou de outras dimensões. Teríamos aqui a Terraformação do planeta Terra, como uma mensagem alienígena.

Com esta Máscara de adaptação externa, enquadre-se a perspectiva Junguiana da tendência autónoma da psique no sentido da individuação, chegando à experiência do Si-mesmo (Jung, 1988)

Para mais, realçando a importância da relação psique-conhecimento, Jung (1988) afirma que a psique simplesmente é o espelho do Ser, é o conhecimento dele e tudo se move nela. Ora, relacionando os fenómenos, e exopsicologicamente, é de ter a noção de que a Sombra está relacionada com o desconhecido, segundo Jung, e equiparar-se-ia, assim, a psique à Sombra e o Ser à Máscara, considerando a dialéctica Junguiana Máscara-Sombra. Nesta perspectiva, tratar-se-ia de uma evolução da Humanidade em que a psique conteria os aspectos passados, particularmente desconhecidos, da Humanidade, e o Ser passaria a ser o contacto humano, de relação externa, com outros seres do Cosmos. Quanto à relação da psique com os aspectos desconhecidos da Humanidade, realça-se o desconhecimento quanto às origens da Humanidade e a perspectiva da Teoria do Astronauta Antigo, que particularmente sugere que a Humanidade tem vindo a ser visitada por alienígenas ao longo da história humana, havendo a perspectiva importante quanto às origens alienígenas da Humanidade, através de Engenharia Genética, tal como sugere, por exemplo, Zecharia Sitchin (1990), no seu Genesis Revisited - Is Modern Science Catching Up With Ancient Knowledge?. Esta perspectiva é congruente com a proposta mensagem alienígena de Terraformação, referida neste artigo. Realça-se na relação da psique com a Sombra, e no aspecto evolutivo da Humanidade, a tendência exopsicológica da psique passar a ser desconhecida numa tendência constitutiva semelhante ao inconsciente colectivo que Jung (1988) refere, em que este inconsciente constitui os

vestígios das experiências passadas da Humanidade.

Quanto à questão importante do Ser estar equiparado à Máscara, e passar a ser o contacto humano, de relação externa, com outros seres do Cosmos, a mesma constituirá a mensagem alienígena, da Terraformação.

Assim, e respondendo à asserção de Shakespeare: Ser ou não Ser, eis a questão!, afirmo: Definitivamente, Ser!

Bibliografia

Jung, C. G. (1988). A prática da psicoterapia (tradução portuguesa) in Obras Completas de C. G. Jung, Vol. XVI. Petrópolis: Editora Vozes (Edição original, 1971)

Resende, S. (2009). Exopsicologia: uma nova área de estudo in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/07/2009

Resende, S. (2009). Exopsicologia e esquizofrenia in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 08/10/2009

Sitchin, Z. (1990). Genesis Revisited - Is Modern Science Catching Up With Ancient Knowledge?. Avon Books. New York

Anorexia e inveja do clitóris

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

28/10/10

Pretende-se, neste artigo, relacionar o fenómeno da anorexia, e aquilo que a caracteriza, com a inveja do clitóris e a subcompensação narcísica que a caracteriza.

Em Anorexia - Perspectiva Psicodinâmica (Resende, 2008), analiso o facto da anorexia decorrer de uma formação reactiva em relação à bulimia, considerando que a formação reactiva é um mecanismo de defesa tipicamente obsessivo. Para mais, sendo um mecanismo tipicamente obsessivo, considera-se que é também tipicamente masculino, já que os mecanismos obsessivos ocorrem mais frequentemente nos homens.

Ora, já que a anorexia ocorre tipicamente nas mulheres, ou particularmente, raparigas, decorre que nesta patologia as raparigas tenderão a ter um funcionamento tipicamente masculino. Isto, tendo em conta que, na perspectiva descrita, há a identificação por parte da anoréxica com os homens, por estes serem tipicamente mais musculados e volumosos. Assim, a anoréxica deriva sentimentos, que estão presentes na anorexia, de estar sempre gorda ou mais gorda do que deveria estar. Esta identificação com os homens estará baseada num contexto de um maior poder e predominância nas sociedades por parte dos homens, particularmente naquelas em que a anorexia é mais prevalente.

Ora, considerando a diminuição física que ocorre na anorexia, interessa enquadrar o meu artigo A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010).

Aí, descrevo a inveja do clitóris como sendo tipicamente masculina e como se

caracterizando pela subcompensação narcísica, ou seja, necessidade de tentativa de diminuição narcísica, que decorre da comparação pênis-clitóris, e baseada num sentimento de superioridade narcísica.

Relacionando os fenômenos, a anorexia caracteriza-se por esta subcompensação narcísica, em que precisamente, na anorexia, é utilizado o corpo como tentativa de diminuição narcísica. Desta maneira, a anoréxica sente o seu corpo verdadeiramente como um falo.

Assim, lembrando que a anorexia ocorre tipicamente nas mulheres, e considerando a inveja do pênis, como tipicamente feminina, derivada da descoberta da diferença anatômica entre os sexos pela rapariga e derivando em tentativas de sobrecompensação fálica, teríamos que, ao considerar o seu corpo verdadeiramente como um falo, a anoréxica está a fazer e faz a passagem entre a inveja do pênis e a inveja do clitóris.

Bibliografia

Resende, S. (2008). Anorexia - Perspectiva Psicodinâmica in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 09/08/2008

Resende, S. (2010). A inveja do pênis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Psicologia matemática relacionada com tendências capitalistas e tendências comunistas

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

5/11/10

Pretende-se, com o presente artigo, relacionar as características psicológicas das tendências capitalistas, incluindo seus extremos fascismo e nazismo, e das tendências comunistas, com a tendência matemática do funcionamento psicológico humano seguir uma curva normal de Gauss.

Antes de mais, tenha-se em conta que, em termos matemáticos representativos, a curva normal de Gauss é uma curva em forma de sino, com tendência central e com extremos inferiores e superiores. Ora, verificou-se em Psicologia, que certas características psicológicas seguem esta curvatura, em particular a inteligência. Relativamente a esta, tem-se no extremo inferior as deficiências mentais e nos extremos superiores os génios, com uma tendência central de a maior parte da população ter uma inteligência média.

Atente-se agora no que é dito no meu artigo A inveja do pênis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010), em que se considera que o Capitalismo, e suas tendências extremadas fascismo e nazismo, baseia-se e caracteriza-se pela sobrecompensação falo-narcísica, com raiva narcísica, pelo sentimento de inferiorização narcísica derivada da invej

a do pênis. Agora repare-se que o Capitalismo tende para a desigualdade socio-económica, com a criação de uma sociedade de ricos e pobres. Por exemplo, no início do século XXI, nos Estados Unidos da América, considerado o bastião do Capitalismo, 5% da população detinha 95% da riqueza nacional. Para mais, se nos referirmos ao extremo do Capitalismo, o Nazismo, com suas ideias de superioridade racial, é de indicar que, relacionando com a sobrecompensação fálica que a caracteriza, o mesmo basear-se-à num sentimento de inferioridade narcísica.

Pelo apontado, estas tendências parecem seguir uma curva normal invertida, com ausência de tendência central, com a maior parte da população e/ou suas manifestações colocadas nos extremos inferiores e superiores.

Ainda relativamente ao artigo referido, é de considerar a subcompensação narcísica característica do Comunismo, e ter em conta que a mesma está relacionada com o sentimento de inveja do clitóris. Na comparação pênis-clitóris, haverá um sentimento de superiorização narcísica, com a consequência de tentativa de diminuição narcísica. Perspective-se agora as características de união típicas do Comunismo, que são representadas pela famosa frase comunista " Proletários de todo o mundo, uni-vos! ".

Isto, e a perspectiva comunista de igualdade social e de igualdade dos povos, aponta, relativamente à curva normal de Gauss, para uma tendência central, com tendência para diminuir o extremo inferior, dos mais desfavorecidos, perspectivando a diminuição de acumulação de riqueza por alguns.

Realce-se, neste contexto, e coerentemente, a existência nos Partidos Comunistas de Comitês Centrais. Ainda tendo em conta as características progressistas do Comunismo, é de considerar a procura da diminuição do extremo inferior da curva, dos desfavorecidos, reconhecendo, essa ideologia, tendências humanas no sentido da acumulação de riqueza por alguns, numa tendência capitalista, como já referido neste artigo.

Estabeleça-se um paralelo deste progressismo comunista com um exemplo da observação da natureza. A lagarta locomove-se adiantando a extremidade anterior, a inferior, ficando depois esta parada, e adiantando a extremidade superior, da frente. Ora, a lagarta alimenta-se de folhas verdes, podendo nós relacionar isto com a côr verde enquanto símbolo humano de esperança, sendo esta característica do comunismo, já que as lagartas, posteriormente, se transformam em borboletas particularmente apreciadas pela sua beleza estética. Tem-se, pois, a borboleta enquanto símbolo de metamorfose, de transformação, que se pode relacionar com as tendências transformadoras tipicamente revolucionárias do comunismo. Como dizia Coimbra de Matos: " Não é fé, é esperança! " (Coimbra de Matos, 2003).

Para finalizar, considerando a curva normal invertida do Capitalismo, e seus extremos, e a curva normal do Comunismo, com tendência para progredir, psicologicamente, dir-se-à que há uma curva anormal no Capitalismo e uma curva normalizadora no Comunismo, o que aponta para o Capitalismo enquanto sistema ideológico doentio e para o Comunismo enquanto sistema ideológico saudável.

Para mais, em termos de tendências de futuro, e aplicando a noção matemática de limite, dir-se-à que, tendencialmente, o Capitalismo tenderá, no limite com a variável X a tender para mais ou menos infinito, para um universo desabitado exclusivo, com as populações a ficarem excluídas, enquanto que o Comunismo tenderá, no limite com a variável X a tender para zero, para um universo habitado inclusivo, com as populações a ficarem incluídas.

Bibliografia

Coimbra de Matos, A. (2003). Mais Amor - Menos Doença. A Psicossomática Revisitada. Climepsi Editores

Resende, S. (2010). A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

8/11/10

Venho propôr a modificação de características básicas das posições esquizo-paranóide e depressiva de Melanie Klein (Laplanche & Pontalis, 1990), e a introdução de mais uma posição, a castrativa, enquadrando as posições em organizações de personalidade.

Klein considera que a posição esquizo-paranóide se caracteriza predominantemente por conteúdos projectivos, em que o indivíduo por identificação projectiva coloca no outro características suas e se identifica com elas. Neste caso, e na relação mais precoce mãe-bebé, que subjaz as características esquizo-paranóides, podemos considerar as noções de Bion (citado por Symington & Symington, 1999) de continente e conteúdo, em que na projecção referida o bebé projectará os conteúdos e a mãe funcionará como continente, como receptora dos conteúdos.

Venho agora indicar, nesta fase mais precoce de desenvolvimento, o funcionamento do bebé enquanto continente e da mãe enquanto originadora de conteúdos. É que, nesta fase mais precoce, há a primazia da erogeneização da boca através do seio, enquanto fornecedor de alimentaç

ão e, portanto, de conteúdos a incorporar. É de notar, na observação clínica e quotidiana, a voracidade buco-visual, nesta fase precoce, do bebé. É de notar, aqui, um exemplo, que é o da toxicoddependência, particularmente o consumo de tabaco. As razões psicológicas para esta dependência terão natureza introjectiva, já que o acto de inalar o fumo tem características mais introjectivas do que projectivas. Isto, considerando que se costuma perspectivar clinicamente a dependência de tabaco, como baseado em fixações orais. Para mais, estaria coerente com este artigo, não dando a primazia à projecção como caracterizando o consumo de tabaco. Noutra perspectiva, enquadra-se a noção de que a paranóia persecutória presente na posição esquizo-paranóide tem características introjectivas que fariam descrever esta paranóia persecutória como uma introjecção persecutória. A base para isto estaria na consideração, nesta fase, do bebé enquanto continente e a mãe enquanto originadora de conteúdos. Assim, o bebé introjectaria persecutoriamente ansiedades e angústias projectadas pela mãe. Considero, pois, que, devido a esta importância referida, a posição esquizo-paranóide se caracteriza mais por conteúdos introjectivos do que projectivos. Em consequência, poder-se-à dizer que a estrutura psicótica, normal ou descompensada (Bergeret, 1997), se caracteriza sobremaneira pela introjecção, e não pela projecção. Perspectivando a saída desta posição esquizo-paranóide, tenha-se em conta a noção psicanalítica de não-seio, enquanto originador do pensamento.

Já a posição depressiva, que, segundo Klein, se caracteriza pela introjecção, pelo movimento introjectivo das características do objecto externo, que é integrado mais tarde

enquanto objecto total interno, terá, ao invés, outras características, considerando o que já foi dito quanto à posição esquizo-paranóide, de se caracterizar, ela sim, pela introjecção, e tendo em conta a sua relação com organizações de personalidade. Assim, estabelece-se um paralelo com a organização borderline, por esta ter por fundamentos quadros depressivos, em particular de abandono e de desamparo. O paralelo estabelece-se, sobremaneira, por, tal como o nome indica, haver relação entre a depressividade e a posição depressiva.

É que a economia depressígena básica, de afecto dado e não correspondido, tem, se se analisar com cuidado, características projectivas. O afecto é dado, é externalizado, sendo, portanto, mais projectivo do que introjectivo.

Poder-se-à, aqui, enquadrar o vazio depressivo do histérico, considerando, para mais, a minha noção de pseudoestrutura neurótica da histeria, tal como avançado em Desenvolvimento da personalidade histérica para uma verdadeira estrutura de personalidade (Resende, 2008). Perspective-se, para mais, a externalização verbal agressiva típica no histérico, pela agressividade fálica, enquadrado em características psicóticas, portanto num quadro borderline, como tido em conta no meu artigo Complexo de Anti-Cristo - Perspectiva Psicodinâmica (Resende, 2007) ou em outro artigo meu, Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque (Resende, 2010). Podemos basear-nos nos mecanismos de ataque, descritos neste último artigo referido, e característicos nos histéricos, e psicóticos, particularmente num quadro borderline, para compreendermos melhor a natureza projectiva da depressividade.

É de ter em conta a noção de que a externalização verbal agressiva fálica típica no histérico, enquadrado em características psicóticas, portanto num quadro borderline, deverá ser considerada enquanto meio transitivo na passagem das características psicóticas para as características mais históricas. Deve ainda ser tomada em linha de conta a ambivalência homossexual, típica no histérico, e o enquadramento borderline, no seu aspecto transitivo, tanto a primeira como o segundo no sentido da resolução da ambivalência, a primeira da ambivalência homossexual e o segundo na resolução da ambivalência entre as características psicóticas e as características históricas. Voltando àquela externalização referida, poder-se-ia dizer que a organização borderline se caracterizará pela projecção histérica de características psicóticas. Dir-se-à mesmo que os meios de relacionamentos são histéricos e as bases são psicóticas. Relacione-se, o agora dito, com a noção de que o histerismo é mais típico nas mulheres e de que a existência nestas da vagina, enquanto receptáculo, a ser penetrado, podendo nós ter a noção do nascimento do bebé enquanto penetração de dentro para fora, denota, dizia, dizia eu, a natureza introjectiva, tal como já dito no artigo, das bases psicóticas do histerismo, no enquadramento borderline.

Assim, pelo já considerado, a posição depressiva se caracteriza mais por conteúdos projectivos do que introjectivos.

Ademais, e perspectivando a posição integrativa considerada no meu artigo Para além das posições de Melanie Klein (Resende, 2009), numa noção de integração das características introjectivas e projectivas das posições esquizo-paranóide e depressiva, introduzo a posição castrativa, que, sendo ulterior, está relacionada com o complexo de castração, tipicamente genital, e está enquadrada na estrutura obsessiva. Importantemente, é de ter a noção de que relacionado com esta estrutura e caracterizando a posição castrativa, está o mecanismo de juízo, ou julgamento, de condenação. Este mecanismo está enunciado no Vocabulário da Psicanálise de Laplanche & Pontalis (1990), sendo aí caracterizado como uma " Operação ou atitude pela qual o indivíduo, ao tomar consciência de um desejo, a si mesmo proíbe a sua realização, principalmente por razões morais ou de oportunidade " (p. 225). Freud, como referido pelos autores acima mencionados, considera-o como um modo de defesa mais elaborado e adaptado do que o recalçamento. Daniel Lagache (citado por Laplanche & Pontalis, 1990) vê neste juízo, de um modo mais geral, consequências ao nível do tratamento analítico, como: " adiamento da satisfação,

modificação dos alvos e dos objectos, tomada em consideração das possibilidades oferecidas pela realidade ao indivíduo e dos diversos valores em jogo " e " compatibilidade com o conjunto das exigências do indivíduo " (p. 226).

Já as diferenças, relativamente às concepções originais Kleinianas e relativamente à perspectiva psicopatológica das personalidades, atrás enunciadas, principalmente quanto aos enquadramentos esquizo-paranóide e depressivo, trarão consequências significativas a nível psicoterapêutico.

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (tradução portuguesa) 7ª edição. Editorial Presença. Lisboa

Resende, S. (2007). Complexo de Anti-Cristo - Perspectiva Psicodinâmica in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 28/10/2007

Resende, S. (2008). Desenvolvimento da personalidade histérica para uma verdadeira estrutura de personalidade in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 30/12/2008

Resende, S. (2009). Para além das posições de Melanie Klein in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 02/03/2009

Resende, S. (2010). Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Symington, J. & Symington, N. (1999). O pensamento clínico de Wilfred Bion (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Serologia: a filha da Psicologia

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

10/11/10

No seguimento do meu artigo Exopsicologia e o Ser (Resende, 2010), desenvolve-se o presente artigo, que funda a Serologia, que é relativa ao Ser e é considerada aqui a sucessora da Psicologia.

Baseado naquele artigo, é de dizer que na perspectiva da Serologia considera-se a importância dos conceitos de Máscara e Sombra que Jung cunhou. A saber, na Serologia a psique humana é considerada como a Sombra do indivíduo serológico, no sentido em

que é tida como os aspectos desconhecidos da origem e desenvolvimento do psiquismo humano, que passarão a estar constituídos da mesma maneira que o inconsciente colectivo, que Jung nos fala, se constituiu, enquanto vestígios das experiências passadas da Humanidade. Ainda na Serologia, o Ser constituirá a Máscara do indivíduo serológico, no sentido em que passará a constituir o modo de adaptação externa, relativa a outros seres do Cosmos.

Estas enunciações vêm na sequência do descrito no artigo acima mencionado, em que se propõe que houve Terraformação por geoengenharia por parte de entidades alienígenas, formando, entre outros aspectos, os factos " geopsíquicos " da Europa com a cara de Portugal e a bota de Itália. Isto é, pois, entendido como uma mensagem alienígena de contacto com os humanos, e essa mensagem será, recorrendo a conceitos Junguianos, a constituição da psique humana enquanto Sombra do indivíduo e a constituição do Ser enquanto Máscara do indivíduo, no sentido de modo de adaptação externa relativamente a outros seres do Cosmos. Se para Shakespeare, ser ou não ser é a questão, para mim ser é a afirmação.

Assim, tendo em consideração o ponto de evolução contemporâneo da Humanidade, em que começou a explorar fisicamente para além-Terra, é de suma importância reconhecer e estabelecer modos de contacto com outros seres cósmicos. Isto, mesmo considerando que eles já estejam presentes na Terra desde a origem da Humanidade, surgindo mesmo a noção de a Humanidade ter sido criada por alienígenas através de Engenharia Genética, como nos diz Zecharia Sitchin (1990).

Voltando aos modos de contacto, devemos pensar que o objectivo das sociedades contemporâneas deverá ser o de desenvolver sistemas sociais anti-xenófobos, anti-fascistas, e em última instância, anti-capitalistas, já que o Capitalismo promove sobremaneira, e particularmente, graves desigualdades socio-económicas, que em certa medida promovem a aversão do outro baseado no seu estatuto socio-económico.

Assim, dever-se-ão promover sistemas ideológicos como o comunista, desenvolvendo modos de relacionamento baseados na amizade, igualdade, reciprocidade e no desenvolvimento e manutenção da cooperação mútua, já em contacto, e não a interdependência, como é apanágio dos sistemas capitalistas. Isto não vem descuar o desenvolvimento de sistemas de defesa, particularmente de auto-defesa.

Deste modo, a Serologia, que surge na passagem da psique para o Ser, se constituirá ideologicamente enquanto comunista. Direi, para finalizar: Começemos por ser ser, para passarmos a ser humanos!

Bibliografia

Resende, S. (2010). Exopsicologia e o Ser in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 16/10/2010

Sitchin, Z. (1990). Genesis Revisited - Is Modern Science Catching Up With Ancient Knowledge?. Avon Books. New York

Enunciação de Mecanismos de ataque

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

14/11/10

Enunciam-se, neste artigo, dois mecanismos de ataque básicos: o controlo histérico e a projecção histérica.

O presente artigo vem em sequência de outro artigo meu, a saber, Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque (Resende, 2010). Aí, caracterizam-se os Mecanismos de ataque como surgindo na sequência de uma tentativa de preservação de relacionamentos interpessoais, de modo borderline, com características históricas e psicóticas, e de preservação de fenómenos de massa, como a histeria de massas, particularmente pela preservação da unidade das massas. Assim, e ao invés dos mecanismos de defesa, não se relacionam tanto com a defesa do ego.

Algo de comum aos mecanismos de ataque é o ataque preemptivo, que se destaca pela agressividade, e se caracteriza pela malignidade baseando-se na coerção, que, neste aspecto, se assemelha à raiva disfuncional que nos é referida por Bowlby (1998).

Um exemplo do controlo histérico enquanto mecanismo de ataque são as guerras preemptivas, que contemporaneamente têm caracterizado sociedades históricas capitalistas, como a dos Estados Unidos. O status quo destes ataques é mantido, e estabelecido, para que, precisamente, o controlo das massas se estabeleça e se mantenha, e isto através de manipulação, desinformação e de indução de sentimentos através de meios comunicacionais de massas. Alguns chamam a este estado de coisas " economia de guerra ". Destaque-se a utilização dos media de massas enquanto meio de preservação de fenómenos de massas, através do controlo histérico.

Mas estes media também se caracterizam e funcionam através do outro mecanismo de ataque, que é a projecção histérica. Esta se caracteriza também para preservação de relacionamentos interpessoais e caracteriza-se por projecção de características que se constituirão enquanto malignas.

Atente-se ao meu artigo A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein (Resende, 2010), para perspectivar que, num enquadramento borderline, a projecção histérica, enquanto externalização verbal agressiva fálica, que é característica do histérico, se caracteriza por características psicóticas, em que os meios de relacionamento são históricos e as bases são psicóticas. Desse modo, e transitivamente, haverá tentativa de passagem de características psicóticas para características históricas. Neste contexto, considere-se o meu artigo Complexo de Anti-Cristo - Perspectiva Psicodinâmica (Resende, 2007), para perspectivar a necessidade, num sistema capitalista, com características históricas e psicóticas, do indivíduo em querer " crucificar " alguém nas relações externas, para expiar os sentimentos tidos e não admitidos como seus. Há aqui uma projecção tóxica de maus objectos num estilo de relação esquizofrenizante (Deleuze & Guattari, 2004). Enquadre-se isto num sistema borderline que, como Bergeret (1997) nos indica, caracteriza tendencialmente uma sociedade como a europeia, que, como se sabe, é tendencialmente capitalista.

Bibliografia

Bowlby, J. (1998). (Original de 1973) Attachment and Loss: Vol. 2 - Separation: Anger and anxiety. London: Pimlico

Deleuze, G. & Guattari, F. (2004). O Anti-Édipo - Capitalismo e Esquizofrenia (tradução portuguesa). Assírio & Alvim. Lisboa

Resende, S. (2007). Complexo de Anti-Cristo - Perspectiva Psicodinâmica in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 28/10/2007

Resende, S. (2010). Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 08/11/2010

Implicações da castração edipiana na sociedade capitalista

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

16/11/10

Tratar-se-à, neste artigo, sobretudo, da sobrecompensação visuo-narcísica como base etiológica do histerismo capitalista, com propostas etiológicas para a ejaculação precoce, para o desenvolvimento de tendências pornográficas, e para a própria histeria. Tratar-se-à, em geral, das implicações da castração edipiana na sociedade capitalista.

Relativamente ao Complexo de Édipo, e decorrente do mito, a ameaça edipiana implícita em relação ao homem será a castração visual, a castração visuo-narcísica. Haverá uma tentativa de fazer regredir o homem psicicamente, narcisicamente. Isto, tendo em conta que o aspecto visual está associado à voracidade visual da fase que subjaz a posição esquizo-paranóide, caracterizando a estrutura psicótica, com características introjectivas, como faço referência em A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein (Resende, 2010).

Considere-se, para mais, quando Bergeret (1997) diz que cerca de 50% da população europeia não pode ser considerada normal, por ter caracterização borderline, com nações europeias a serem sociedades capitalistas. Assim, no Capitalismo global, particularmente Estados Unidos e Europa , teríamos, então, os homens como psicóticos, e as mulheres como histéricas, num enquadramento borderline, em que estas terão bases psicóticas, como se pode ver descrito no meu artigo acerca da posição castrativa, acima mencionado. Desta maneira, homens psicóticos borderline e mulheres histéricas borderline seriam caracterizados pela inferiorização narcísica, com tentativa de sobrecompensação visuo-narcísica. Em consequência, o homem capitalista, no enquadramento borderline, como já dito, poderá não sentir-se castrado corporalmente no pénis, não havendo compensação a este nível, mas tentará sobrecompensar-se narcisicamente na promiscuidade sexual característica nas sociedades capitalistas, na procura e obtenção da visualização do orgasmo feminino. Tenha-se em conta as características matriarcais do capitalismo. Assim, este tipo de homem pretende restaurar-se narcisicamente pelo orgasmo feminino. Poderíamos considerar, aqui, nesta sobrecompensação, as bases etiológicas da ejaculação precoce no homem, podendo nós também aqui enquadrar o desenvolvimento da pornografia.

Na mulher, tendo em conta a primazia da sexualidade na histeria e o facto de esta ser mais característica na mulher, enquadrada nas características fisionómicas da mesma, ter-se-à que ocorrerá uma castração visuo-narcísica, com respectiva sobrecompensação narcísica, que estará subjacente às capacidades multi-orgásmicas da mulher, com dificuldade em obter verdadeira satisfação orgástica. Enquadre-se isto nos relacionamentos sociais tipicamente histéricos, particularmente, entre mulheres, e com os homens, em consequência. Perspective-se as bases psicóticas do histerismo, num enquadramento borderline, particularmente numa sociedade capitalista, para ter em conta a importância visual. Consulte-se o meu artigo A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein (Resende, 2010). Ter-se-à que a tendência multi-orgásmica decorrerá da sobrecompensação visual associada à castração visuo-narcísica, vista socialmente, em espelho, ou imaginada na própria. Considerando que a promiscuidade sexual também é característica das mulheres, nas sociedades capitalistas, ter-se-à, como já dito em relação aos homens, a tendência de procura e obtenção da visualização do orgasmo feminino. Assim, a mulher pretenderá restaurar-se narcisicamente pelo orgasmo, próprio e das outras mulheres. Teremos aqui uma base etiológica dos relacionamentos histéricos femininos, que se fundamenta na frustração narciso-sexual. Deste modo, a histeria é baseada na inferiorização narcísica da mulher, com tentativas de sobrecompensação.

Quanto às características descritas, tanto para homens como para mulheres, particularmente a promiscuidade sexual e a tendência de procura e obtenção da visualização do orgasmo feminino, enquadra-se aqui o ensaio de Albert Camus, O Mito de Sísifo. O mito diz respeito ao trabalho desenvolvido pelo indivíduo de transportar uma grande rocha, pedra, montanha acima, em que chegando esta ao topo, ela rola montanha abaixo até ao sopé, e novamente o indivíduo tem que fazer a mesma coisa. Ora, parte essencial do mito é que o trabalho é contínuo e parece ao indivíduo, ou é, em vão. Assim, características descritas no ensaio de Camus parecem ser coerentemente enquadradas neste artigo. Essas características são a homossexualidade e o D. Juanismo, este referente a D. Juan e à sua conhecida tendência de promiscuidade sexual. Desta maneira, far-se-à uma caracterização sisífica das sociedades capitalistas.

Para mais, considere-se as sociedades históricas, particularmente capitalistas, na sua tendência histórica para controlo das massas, no sentido da preservação da unidade das massas, para melhor controlo, como se pode aprofundar em Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque (Resende, 2010), complementando-se a perspectiva da base psicótica do histerismo, num enquadramento borderline, portanto, como enquadrado em A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein (Resende, 2010). É esta perspectiva controlativa que castrará visuo-narcisicamente, tanto homens como mulheres.

Como indicado em Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque (Resende, 2010), o controlo poderá ser feito pelos meios comunicacionais de massas, como a televisão, o cinema, jornais, através da publicidade, notícias, novelas, séries, programas televisivos em geral, podendo mesmo utilizar-se, como se dá o exemplo no artigo referido, guerras para controlar as massas.

Quanto à tendência controladora, com castração visuo-narcísica associada, tem-se que, nos meios de controlo das massas, como a televisão, surgem nos programas de grandes audiências ou canais de grandes audiências, de massas, por assim dizer, situações de excitação sexual com subsequente frustração da excitação. Por exemplo, aparecer um rabo de mulher e a imagem mudar abruptamente, um par de seios e a imagem mudar abruptamente, e, em geral, situações de excitação sexual com mudanças abruptas e/ou indutoras de frustração sexual. Em última instância, haverão sequências no sentido de induzir e manter a sacralização da sexualidade feminina, como o ser inalcançável. Mais à frente, volto ao carácter religioso das sociedades capitalistas. Continuando, dir-se-à que as situações de frustração levarão à insatisfação orgástica das massas, de que Wilhelm

Reich nos fala, no seu livro *Psicologia de Massas do Fascismo* (Reich, 1976). Tem-se, pois, que a insatisfação orgástica das massas leva à psicologia de massas do fascismo, não havendo, nos meios de controlo das massas, uma apresentação saudável e de objecto total da sexualidade, particularmente a feminina.

Voltando ao controlo, através dos media de massas, temos ainda o exemplo da rádio, telediscos, CD's e concertos musicais, o que faz complementar a frustração psicótica derivada do controlo societal das massas, num enquadramento borderline, em que para além da castração visuo-narcísica, e esta frustração auditiva, ter-se-à a frustração oral que levará à obesidade, pela respectiva sobrecompensação, tão contemporaneamente característica das sociedades borderline, com características históricas. Ademais, na castração oral, sobrevirá uma sobrecompensação narcísica oro-fálica, com a língua enquanto falo, o que levará à tendência para a verborreia, ou seja as características típicas do histérico de falar muito. Isto, considerando as bases orais, visuais e auditivas que subjazem as características esquizo-paranóides, nas primeiras fases do desenvolvimento do bebé humano, que caracterizam os desenvolvimentos psicóticos.

Ter-se-à, ainda, o olfacto, através do nariz, em que tendo em conta as características matriarcais das sociedades históricas, num contexto borderline, numa perspectiva feminina, teremos que as sociedades capitalistas terão então em conta o carácter religioso que geralmente caracterizam estas sociedades. Teremos, neste contexto, o odor sexual feminino, como relacionado com o olfacto, e enquanto perspectivado enquanto Espírito Santo, considerando que na trilogia, Trindade, particularmente cristã, teremos os aspectos masculinos do Pai e do Filho e os aspectos femininos do Espírito Santo. Relacione-se o líquido vaginal, com o seu odor, que decorre, em particular, da excitação sexual da mulher, com a Água Benta, ou Água Sagrada, que é benzida, e que constitui a sua epitetomização sacralizada. Considere-se, ainda, as características sexuais femininas, que baseiam o histerismo capitalista, matriarcal, referidas neste artigo, particularmente os fundamentos relacionais e sociais. Assim, pelo já dito, acerca do controlo das massas, a sexualidade feminina, particularmente pelo seu odor sexual, sustentaria as culpabilidades religiosas, derivadas, deslocadas, sobre instituições, pessoas, locais e situações, que caracterizam as sociedades históricas, num quadro borderline. Tem-se, pois, castração olfactiva que, se considerarmos a constância da presença do odor sexual feminino da própria mulher, perspectivar-se-à a facilidade com que a mulher pode ser controlada em sociedade, mas isto tem repercussões, pelo já apontado neste artigo, ao nível do controlo, em menor grau, é certo, que pode ser exercido sobre o homem que vive na sociedade capitalista, particularmente aquele com tendências religiosas.

Voltando especificamente à castração visuo-narcísica, que ocorre nas sociedades capitalistas, teríamos o homem à procura de hiperestimulação visual, em sobrecompensação narcísica. Veja-se o exemplo das tão procuradas festas e discotecas, pelos jovens, particularmente, com luzes estroboscópicas e bolas de espelhos. Estas bolas de espelhos representam simbolicamente a Lua, que, historicamente, tem conotações femininas, com tendências matriarcais. Estas estão presentes no Capitalismo, tendo-se em conta, para mais, a conquista da Lua pelos Americanos, ou, mais precisamente, Estado-Unidenses, estes enquanto bastião do Capitalismo. Mais exemplos, desta procura de hiperestimulação, são o sucesso de Holywood, e dos programas de televisão, por cabo, particularmente, em excessiva oferta de produtos televisivos e de publicidade, em que relativamente a esta última, sempre se caracterizou por ser frenética, pelo frenesim. Outro exemplo desta hiperestimulação visual são o sucesso dos mega-centros comerciais, com suas míriades de lojas, e suas montras. Para além disso, como se complementa adiante, a hiperestimulação visual é estabelecida, desenvolvida e mantida para controlar.

Relembre-se, aqui, o exemplo do famoso filme de ficção- científica " 2001 - Odisseia no Espaço ". Na parte final do filme, o astronauta protagonista chega perto do planeta Júpiter - repare-se o aspecto da sobrecompensação, narcísica, por Júpiter ser o maior planeta do Sistema Solar - e é bombardeado com uma sobrecarga de estímulos visuais, de côres e

formas, com a correspondência contextual visuo-narcísica. Posteriormente, o astronauta chega a uma casa, onde vê um homem idoso a tomar uma refeição. Tenha-se em conta a voracidade oral, com a já referida voracidade visual, característica das primeiras fases do desenvolvimento humano do bebé. Isto, relacionado com o facto de esta fase basear as características esquizo-paranóides do psicótico, quer na sua estrutura de personalidade, quer enquadrado numa perspectiva borderline. Como se considera mais à frente, contextualize-se a psicotização dos homens num contexto capitalista e num enquadramento borderline. Veja-se o meu artigo Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque (Resende, 2010). Considere-se, neste enquadramento, que os homens terão tendência psicótica e as mulheres terão bases psicóticas num relacionamento histórico, como se pode aprofundar no meu artigo A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein (Resende, 2010). Relativamente ao controlo referido, repare-se o final do filme mencionado, em que associado à morte do idoso referido, aparece de seguida um bebé gigante a observar o planeta Terra.

Pelo já referido, e na contemporaneidade, dir-se-à, como a banda musical portuguesa GNR: " Gajos castrados, gajas na tropa, Americanos bebem na Europa ", em que a referência aos Americanos é relativa à presença de bases militares americanas na Europa. Quanto a isto, particularmente das " gajas na tropa ", mas associado aos " gajos castrados ", é de reparar a tendência mais recente da tentativa de propiciação de oportunidades societais nas sociedades capitalistas, tendo em conta o Capitalismo global, para o homem negro e mulher branca, numa tentativa de sobrecompensação histórica, no sentido de maior poder e oportunidade de desenvolver e aplicar potencial criativo. Dir-se-à que os homens negros foram castrados narcisicamente enquanto que as mulheres brancas não saíram do mesmo, já que a sobrecompensação fálica do histerismo, com expansionismo capitalista, e seu militarismo, está presente em " Americanos bebem na Europa ", e o que lhe está subjacente. Quanto a este expansionismo, ver o meu artigo A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010). Considere-se, ademais, que a ameaça de castração nas mulheres é tida por estas como já tendo sido concretizada, a nível fálico, que só vem ser confirmado pela menstruação, características passadas estas que subjazem a depressividade histórica, pelas suas características regressivas.

Assim, globalmente, e considerando os meus artigos Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque (Resende, 2010), em que perspectivado o controlo das massas, na histeria de massas, pelo ataque histórico, e A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein (Resende, 2010), em que perspectivado as bases psicóticas do histerismo, num enquadramento borderline, tem-se que o Capitalismo global contemporâneo caracteriza-se por psicotizar os homens e manter o histerismo nas mulheres, com suas bases psicóticas.

Bibliografia

- Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica (tradução portuguesa). Climepsi Editores
- Reich, W. (1976). Psicologia de Massas do Fascismo (tradução portuguesa) (original de 1933). Publicações Dom Quixote
- Resende, S. (2010). A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 08/11/2010

Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

17/11/10

Perspectiva-se, neste artigo, a inveja do clitóris, e a subcompensação narcísica que a caracteriza, como estando na base da tendência histórica do maior poder criativo do homem, em oposição à mulher, na criação de obras significativas, considerando-se, também, a subcompensação narcísica do homem como estando na base e origem da psique humana.

Comece-se por ter em conta o meu artigo A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010), onde se perspectiva que a inveja do clitóris é mais típica no homem, e se caracteriza por uma subcompensação narcísica, por uma tentativa de diminuição narcísica, derivada do sentimento de superioridade narcísica advindo da comparação pénis-clitóris. A tentativa de diminuição narcísica, mais típica no homem, terá uma crucial importância evolutiva no sentido do estabelecimento e manutenção de relações amorosas e sexuais, em particular, entre homens e mulheres. Estas, como perspectivado no artigo acima referido, caracterizar-se-ão, sobretudo, pela inveja do pénis, com tentativas de sobrecompensação falo-narcísicas correspondentes, baseadas em raiva narcísica, que surgirá ; do sentimento de perda falo-narcísica do pénis, que é reforçado pela menstruação, que introduz aspectos depressivos de perda já concretizada, não estando, portanto, apenas ao nível da ameaça.

Já quanto à tendência histórica do maior poder criativo do homem, em oposição à mulher, e em particular com o surgimento de génios, considere-se um exemplo de uma biografia cinéfila do artista Miguel Ângelo. Ora, nessa biografia, e relativamente à escultura, Miguel Ângelo é tido como considerando que a obra já está feita à partida, sendo tarefa do artista, escultor, tirar o que está a mais. Isto, imaginando-se um grande bloco de mármore, no qual a obra de escultura já lá está feita, tendo o artista que tirar o que está a mais. Este exemplo é paradigmático das características subcompensatórias do maior poder criativo do homem. Poder-se-à generalizar esta base subcompensatória para as várias áreas do conhecimento.

Relativamente à subcompensação narcísica do homem como base e origem da psique humana, considere-se a expressão bíblica " No princípio era o Verbo ". Como se sabe, e desde Freud, psicanaliticamente considera-se que Deus não é mais do que um pai exacerbado. Ou seja, a ideia religiosa de Deus é uma criação humana baseada na exacerbação das características paternas. Agora, perspective-se a noção psicanalítica de que são as ideias de parentalidade e parentais da mãe e do pai, relativamente ao filho, que estão na base da concepção do filho. Em particular, desejo genuinamente parental de ter

um filho. Em relação a este desejo genuíno entra a tomada de iniciativa, efectiva, realço, na aproximação amorosa e sexual entre mulher e homem. Ora, tradicionalmente e tendencialmente esta tomada de iniciativa efectiva é feita pelo homem e não pela mulher. Enquadre-se esta iniciativa masculina no meu artigo Masturbação feminina no dia-a-dia: suas implicações psicológicas e comportamentais (Resende, 2008), onde se conclui que as características masturbatórias femininas do dia-a-dia têm como consequência a diminuição da tomada de iniciativa efectiva na aproximação amorosa e sexual, particularmente esta última. Tem-se, então, que para surgir o filho terá que haver primeiro esta aproximação sexual entre homem e mulher e tenderá a ser o homem a ter a iniciativa. Assim, a expressão bíblica " No princípio era o Verbo " dirá respeito, sobretudo, à tomada de iniciativa verbal por parte do homem em relação à mulher, para uma aproximação sexual, em que posteriormente surgirá o filho.

Quanto às características tendenciais e evolutivas desta tomada de iniciativa, atente-se aos meus artigos Psemes: para além dos genes e dos memes (Resende, 2010), Psemes: Evolução por Selecção Psicológica (Resende, 2010) e Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana (Resende, 2010). Resumidamente, os psemes são unidades psicológicas de transmissão intergeracional, que se constituem enquanto complexos inconscientes, e que evoluirão de geração para geração de forma Lamarckiana, ou seja, as suas características poderão ser alteradas durante a vida de um indivíduo, acontecendo que essas alterações adquiridas também poderão ser transmitidas às gerações seguintes. Tenha-se a noção, então, de que a tendência evolutiva daquela tomada de iniciativa verbal referida é como que sintetizada no pai e na mãe, do filho em consideração. Perspective-se, ainda, neste contexto, a influência verbal do pai para a criança, ainda no útero da mãe, em que bíblicamente se resumiu " No princípio era o Verbo ". Entra, aqui, em consideração, a noção das características introjectivas do início e primeiras fases do desenvolvimento psíquico humano, em que o bebé no útero introjecta, tendo em conta a transmissão psemética, as tendências evolutivas de maior poder criador e criativo do homem, pelas tendências históricas desse poder, que baseará as características subcompensatórias do homem, na comparação com a falta de poder histórica da mulher. Resumidamente, reconheça-se nestas características introjectivas as propriedades subcompensatórias, que basearão posteriormente, e narcisicamente, as tendências psíquicas para a inveja do clitóris.

Como acabado de desenvolver, tem-se uma caracterização introjectiva do início e primeiras fases do desenvolvimento psíquico humano. Ora, isso corrobora as modificações que introduzi às posições esquizo-paranóide e depressiva de Melanie Klein, em A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein (Resende, 2010). Aí, ao invés de considerar, como Klein, características projectivas na posição esquizo-paranóide e características introjectivas na posição depressiva, introduzo a noção da caracterização introjectiva da posição esquizo-paranóide e da caracterização projectiva da posição depressiva.

Assim, tem-se, desde a vida intra-uterina até à posição esquizo-paranóide uma caracterização predominantemente introjectiva, só surgindo, depois, as propriedades projectivas da posição depressiva.

Finalizando, atente-se à conhecida expressão: " Deus quer, o homem sonha, a obra nasce! ". Com base neste artigo, faz-se a tradução: o homem toma a iniciativa verbal, cria subcompensatoriamente, e a obra nasce!

Bibliografia

Resende, S. (2008). Masturbação feminina no dia-a-dia: suas implicações psicológicas e

comportamentais in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 12/11/2008

Resende, S. (2010). Psemes: para além dos genes e dos memes in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/05/2010

Resende, S. (2010). Psemes: Evolução por Selecção Psicológica in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 01/09/2010

Resende, S. (2010). Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 29/09/2010

Resende, S. (2010). A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 08/11/2010

Caracterização psicológica dos objectivos e tendências da sociedade capitalista e da sociedade comunista

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

17/11/10

Neste artigo, caracteriza-se psicologicamente a sociedade capitalista e a sociedade comunista, com propostas quanto aos objectivos e tendências evolutivas dessas sociedades.

Baseando-me no meu artigo A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010), é de considerar que o sistema patriarcal comunista e o sistema matriarcal capitalista, têm caracterizações e tendências, respectivamente, obsessivas e histéricas. Isto, tendo em conta que as tendências obsessivas são mais características no homem e as tendências histéricas mais características na mulher. Ora, nesse artigo, indico que devido à subcompensação narcísica característica do obsessivo, o comunismo terá a tendência para lidar com a morte, e com a imortalidade, particularmente através da imortalidade simbólica, enquadrado num sistema ateu, considerando aqui que o capitalismo terá essa tendência, mas num quadro religioso, em que se sobrevaloriza o valor da vida atribuído à Maternidade, pela sobrecompensação fálica característica nas sociedades capitalistas falocêntricas, que enquadram a imortalidade numa perspectiva religiosa.

Em A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein (Resende, 2010), surge a questão do histerismo como mais característico na mulher e o facto de esta ter vagina, enquanto receptáculo, relacionado com o ser penetrada de fora para dentro e de dentro para fora, no nascimento, associado a características introjectivas, que, propõe-se, caracterizam as bases psicóticas do histerismo no enquadramento borderline. Ter-se-à, para mais, a sobrecompensação fálica, com raiva narcísica, como

característica das sociedades históricas capitalistas, fundamentalmente falocêntricas.

Assim, considerar-se-à que, pela identificação com o falo, do homem, e considerando o sistema matriarcal e características já ditas, ter-se-à que o objectivo do histórico é auto-fecundar-se, ou seja, perpetuar-se, enquanto indivíduo, já que ter-se-à em conta a identificação referida, com a penetração da vagina, e a tendência da ejaculação e dos espermatozóides chegarem ao óvulo.

Pelo dito, considera-se a clonagem, de que muito se fala actualmente, enquanto meio de atingir a imortalidade, mas do indivíduo. Isto é coerente com a perspectiva do individualismo do Capitalismo. Comparativamente, ter-se-ia a tendência das sociedades comunistas em clonarem-se, mas ao nível das massas, na tendência para a imortalidade, o que é coerente com o internacionalismo comunista.

Perspective-se, ademais, o artigo Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque (Resende, 2010), considerando a histeria de massas que surgirá nas sociedades capitalistas, para ter em conta que o capitalismo se caracterizará mais pelos mecanismos de ataque, com base em raiva narcísica, e que o comunismo caracterizar-se-à mais pelos mecanismos de defesa. Ou seja, o capitalismo caracterizar-se-à pela preservação da unidade das massas, através do controlo, a nível inconsciente, e preservação do ideal individualista a nível consciente, enquanto que o comunismo caracterizar-se-à pela preservação da unidade das massas a nível consciente e será pela preservação do individualismo a nível inconsciente. Estará aqui em contexto um verso do famoso músico Prince, que relativamente a uma contextualização capitalista, indica: " Only the children born of me will remain! ", e a máxima Marxista: " O livre desenvolvimento de cada um promoverá o livre desenvolvimento de todos! ".

Em termos de sobrevivência, tenderá a haver um indivíduo capitalista controlado pela sociedade e uma sociedade comunista controlada por um único indivíduo. Em termos evolutivos, decorre que, se na sociedade capitalista tender a haver controlo, ou maior controlo, do indivíduo em relação à sociedade, a sociedade capitalista tenderá a extinguir-se, e, por outro lado, se na sociedade comunista tender a haver controlo, ou maior controlo, da sociedade em relação ao indivíduo, a sociedade comunista tenderá, ela própria, a extinguir-se.

Bibliografia

Resende, S. (2010). Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 08/11/2010

Caracterização psicológica das personagens Batman, Tarzan e King-Kong

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

22/11/10

Neste artigo, caracteriza-se psicologicamente as tendências sintetizadoras de características femininas nas personagens do Batman, Tarzan e King-Kong.

Algo de comum às três personagens é constituírem-se enquanto síntese generalizadora, fazendo aqui o realce da generalização enquanto derivando de, precisamente, género, sexual, claro está, em que cada personagem masculina sintetiza características tipicamente femininas.

Quanto a Batman, o destaque vai para as características eco-localizadoras, que são típicas nos morcegos. Estes, na sua eco-localização, lançam um guincho sub-sónico para detectar presas e obstáculos, através do embate do guincho nos mesmos com o seu retorno até ao próprio morcego. Funciona, pois, como radar. Ora, é tipicamente feminino lançar vocalizações, gritos, verbalizações e execução de gestos, mais ou menos abruptos, no sentido de evocar uma resposta por parte do interlocutor, tentando, pois, indagar, socialmente, o que fazer a seguir.

Como também veremos de seguida, esta afigura-se uma forma de a mulher lidar com a sua maior dependência de campo, maior dependência de estímulos, para interagir social e societalmente. Estas características estarão baseadas nas tendências históricas tipicamente femininas (Bergeret, 1997) e na sua Máscara acentuada (Jung, 1988), em que sendo esta relativa à adaptação externa, é bastante notória no realce da aparência, na exuberância de comportamentos e exibicionismo, como excesso de relevância dada a roupas, acessórios e pintura cosmética, tipicamente femininos.

Esta caracterização se estende à síntese na personagem Tarzan. Quanto ao que nos interessa, Tarzan desloca-se pela selva utilizando, particularmente, as lianas, espécie de cordas vegetais dependuradas em árvores. Ora, a síntese que é feita é que, nos relacionamentos tipicamente femininos, particularmente históricos, ocorre aquilo que pode ser chamado de grooming sexual, ou comportamento de catar sexualmente, com importantes características sociais. Esta ideia do catar socialmente advém da observação do comportamento de primatas, que, com importantes bases sociais, catam-se uns aos outros, particularmente ao nível da limpeza, tendo este comportamento características hierárquicas. Perspectiva-se que se pode registar este comportamento de catar, mas ao nível sexual, através dos comportamentos tipicamente sexualizados, particularmente entre mulheres. Ilustre-se, este catar sexual, num verso da banda musical Portishead, cuja vocalista é uma mulher, e que diz: " I'm so tired of playing with this bow and arrow, for the other girls to play! ". Ora, este catar sexual parece ser um meio de deslocação social e societal para as mulheres, sendo, pois, sintetizado, deste modo, na personagem Tarzan. Uma especificidade que se pode caracterizar é a de meios como a televisão e o cinema constituírem " lianas " sociais para as mulheres, tendo isso particular importância para a hierarquização social sentida pelas mulheres e para a constatação da influência que esses meios terão nas mesmas.

O aspecto da hierarquização tem particular realce na personagem King-Kong, mas tratar-se-á de hierarquia entre homem e mulher. Proponho, aqui, que o que estará na base da personagem King-Kong é o sentimento tido por parte das mulheres de não terem evoluído tanto como os homens. Isto, ao nível filo-histórico, já que em toda a história humana e tendencialmente, em todas as culturas, houve sempre um domínio dos homens relativamente às mulheres. O contexto para esta personagem, e aqui se realça, serão as teorias evolucionistas, e as tendências do ser humano ter evoluído, mais, complexamente,

do que os seus parentes primatas. Tendo em conta a época em que King-Kong surgiu, creio que o original é dos anos 20, altura em que ainda haviam acesos debates entre os evolucionistas e a Igreja, particularmente católica, é de comparar a rapariga, que é sacrificada no filme, e que depois é amada por King-Kong, com a figura de Jesus Cristo, que é sacrificado, e depois amado. Desta maneira, a síntese generalizadora, referida no início do artigo, é, aqui, sacralizada, particularmente, no contexto do matriarcado capitalista.

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Jung, C. G. (1988). A prática da psicoterapia in Obras Completas de C. G. Jung, Vol. XVI (tradução portuguesa). Petrópolis: Editora Vozes. (Edição original, 1971)

Psitrões enquanto base dos psemes e suas relações com a histeria e a obsessão

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

24/11/10

Considere-se os meus artigos acerca da evolução psicológica, dos psemes, Psemes: para além dos genes e dos memes (Resende, 2010), Psemes: Evolução por Selecção Psicológica (Resende, 2010) e Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana (Resende, 2010), para se perspectivar as bases particulares, ou seja, as partículas psicológicas que subjazem os psemes, os psitrões.

Ter-se-à que os psemes terão por base os psitrões, que se constituirão enquanto partículas psíquicas, da mesma maneira que o inconsciente, ego e consciente se constituirão enquanto instâncias psíquicas.

Atente-se às características básicas da histeria, enquanto organização básica de personalidade tipicamente feminina, e da obsessão, enquanto organização básica de personalidade tipicamente masculina.

Assim, a tendência para a satisfação imediata, gratificação imediata, característica da histeria, como se denota nas sociedades históricas capitalistas, derivada das tentativas de sobrecompensação narcísica, ao nível fálico [ver por exemplo Implicações da castração edipiana na sociedade capitalista (Resende, 2010)], teria por base psitrões que estariam associados & agrave; memória curta, daí o recalçamento histórico, e à inibição dos receptores psitrónicos associados à memória a longo prazo. Quanto ao aspecto da gratificação imediata referida, considere-se a tendência multi-orgásmica característica da mulher, enquadrada em características fisionómicas próprias, que decorrerá da sobrecompensação visual associada à castração visuo-narcísica, vista socialmente, em espelho ou imaginada na própria. Ter-se-à que haverá tendência de procura e obtenção da visualização do orgasmo feminino, em que a mulher pretenderá restaurar-se narcisicamente pelo orgasmo, próprio e das outras mulheres. Haverá aqui uma base

etiológica dos relacionamentos histéricos femininos, que se fundamenta na frustração narciso-sexual e que é baseada na inferiorização narcísica da mulher, com tentativas de sobrecompensação. Estas considerações são descritas no meu artigo Implicações da castração edipiana na sociedade capitalista (Resende, 2010). Assim, a tendência para a gratificação imediata, associada à memória curta, e ao recalçamento, particularmente histérico, basear-se-à num sentimento de inferioridade narcísica.

De outra feita, a tendência para o adiamento da satisfação, gratificação, característico da obsessão, relacionada com o juízo, ou julgamento, de condenação (Laplanche & Pontalis, 1990), teria por base psitrões que estariam associados à memória a longo prazo, daí o juízo de condenação, e à inibição dos receptores psitrônicos associados à memória a curto prazo. Tenha-se em conta as características de subcompensação narcísica característica da obsessão, com esta a ser mais típica no homem, derivada do sentimento de superioridade narcísica que se origina da comparação pénis-clitóris. Ver a este respeito o meu artigo A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010).

Quanto aos psitrões, resumidamente, e cunhando os termos, dir-se-à que a histeria é caracterizada por psitrões curtos e que a obsessão é caracterizada por psitrões longos. A título de inspiração, repare-se na presença "obsessiva" de estrelas no céu, quando vistas da Terra, e no longo alcance que isso deriva nas mentes humanas.

Bibliografia

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (tradução portuguesa) 7ª edição. Editorial Presença. Lisboa

Resende, S. (2010). Psemes: para além dos genes e dos memes in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/05/2010

Resende, S. (2010). Psemes: Evolução por Selecção Psicológica in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 01/09/2010

Resende, S. (2010). Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 29/09/2010

Resende, S. (2010). A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). Implicações da castração edipiana na sociedade capitalista in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 16/11/2010

Influência da inveja do clitóris na sistematização política por gênero

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

25/11/10

Perspectiva-se a influência da inveja do clitóris, e a subcompensação narcísica que a caracteriza, na sistematização política e nos tipos de personalidade, com os seus estilos de relacionamento típicos, por gênero.

Antes de mais, considere-se o meu artigo A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010), para se ter a noção de que a inveja do clitóris é mais tipicamente masculina, e caracteriza-se pela subcompensação narcísica, com tentativas de diminuição narcísica, derivada do sentimento de superioridade narcísica advindo da comparação pénis-clitóris.

Em Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris (Resende, 2010), faço, talvez, erroneamente, implicar que a influência do pai, ao nível da inveja do clitóris é igual tanto para o filho como para a filha. Mas tal não será correcto se considerarmos as diferenciações psicológicas existentes nas sociedades, particularmente capitalistas.

É que se, para o filho, a influência do pai, ao nível da inveja do clitóris, faz-se mais facilmente pela identificação de gênero, é de considerar que, a filha, para além de se caracterizar pela inveja do pénis, como Freud considerava e como se perspectiva em A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010), considerando o sistema patriarcal capitalista, ela também se irá caracterizar pela inveja do clitóris. Isto, pela influência do pai, como analisado no artigo Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris (Resende, 2010), como por esta inveja também caracterizar os sistemas de relacionamento típicos do histerismo, considerando a histeria mais típica da mulher. É que baseando o sistema histórico de relacionamento está a inveja que cada mulher sentirá da excitação sexual que o clitóris, de outra mulher, proporciona a essa mulher, nos relacionamentos sociais, particularmente com outras mulheres. Pelo dito, e em última instância, cada mulher irá caracterizar-se tanto pela inveja do pénis como pela inveja do clitóris. O facto de a mulher se caracterizar por estas duas invejas, terá importante sentido evolutivo, sendo que cada uma das invejas, se constituirá como facilitadora psíquica da maternidade, da mulher ter cada bebé dentro de si. Para além disso, considerando o poder criador e criativo advindo da inveja do clitóris, como considerado em Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris (Resende, 2010), é de ter em conta, importantemente, de que este poder diminui na mulher quanto mais se dilui esta inveja nos relacionamentos históricos típicos na mulher, particularmente sexualizados.

Já em relação ao homem capitalista, particularmente, aquele com poder, pressupõe-se que a inveja do clitóris, que o deverá caracterizar, como perspectivado em Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris (Resende, 2010), está equacionada ao lado da inveja do pénis, numa tendência histórica. Ou seja, para o homem capitalista com poder, contextualizando o capitalismo global contemporâneo, a insatisfação fálica faz derivar-lhe o poder, com a ambição caracteristicamente associada, derivada da sobrecompensação fálica. Relacionadamente, o homem comunista, numa tendência obsessiva, também se caracterizará pela inveja do clitóris, como analisado em A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010) e em Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris (Resende, 2010), procurando obter o poder através das massas. Ora, coerentemente, deriva-se que o poder criador e criativo do homem comunista é diluído pela diluição da inveja do clitóris nas massas, na comunidade.

Assim, resumidamente, para o homem capitalista ter realmente poder, deverá sentir-se castrado falicamente verdadeiramente, e para o homem comunista ter realmente poder,

deverá arrogar-se de se sentir verdadeiramente invejoso do clitóris. Isto é, o homem capitalista deverá sentir-se verdadeiramente diminuído falo-narcisicamente e o homem comunista deverá verdadeiramente vivenciar o seu sentimento de superioridade narcísica, advindo da comparação pênis-clitóris.

Finalizo, dizendo que, para que a mulher sinta verdadeiro poder criador e criativo, deverá dessexualizar os relacionamentos, invertendo a histeria relacional, através da concentração da inveja do clitóris.

Bibliografia

Resende, S. (2010). A inveja do pênis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 17/11/2010

Tendências psicológicas e medos futuros das sociedades capitalistas

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

26/11/10

Perspectiva-se o Capitalismo, e o Capitalismo global contemporâneo, enquanto sistema baseado na religião, enquanto símbolo de união entre as pessoas, e suas relações psicológicas com o dinheiro, e o que isso significa em termos de futuro da Humanidade.

Antes de mais, considere-se a referência de Bergeret (1997) de que cerca de 50% da população europeia não poderá ser considerada normal, dado ter uma caracterização borderline, em que esta não poderá ser considerada uma verdadeira estrutura psicológica. Ora, as populações europeias, assim como a estado-unidense, e muitas outras, estão enquadradas num sistema ideológico capitalista, como se sabe.

De seguida, tenha-se em conta o meu artigo A religião enquanto fenómeno borderline - perspectiva psicodinâmica (Resende, 2010), para se ter a noção da religião, particularmente a cristã, enquanto fenómeno borderline, no sentido das tendências religiosas tenderem a se caracterizar por esta organização de personalidade. Assim, decorre que o Capitalismo segue tendências borderline, particularmente históricas e psicóticas, com o homem com tendências psicóticas, enquadrado num sistema capitalista histórico matriarcal, e em que as mulheres terão bases psicóticas mas modos de relacionamento históricos. Ver a este respeito A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein (Resende, 2010) e Implicações da castração edipiana na sociedade capitalista (Resende, 2010).

Tendo em conta o já dito da religião no Capitalismo, e enquadrando o meu artigo Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque (Resende, 2010), considere-se que há uma tendência para o controlo das massas, para a preservação da sua unidade, através do ataque histórico, e isto particularmente na histeria de massas.

Para mais, um factor importante no Capitalismo é a primazia do dinheiro, em que este é considerado, psicologicamente, a nível anal, enquanto meio transitivo de relação externa entre o que está dentro e o que está fora. No artigo Antropologia psicanalítica: filogenia e ontogenia (Resende, 2007), estabeleço um paralelo entre a fase anal do indivíduo, a nível ontogenético, e a fase da espécie, a nível filogenético, de vivência nas grutas, por esta relação de vivência entre o que está dentro e o que está fora. Atente-se, aqui, para a Alegoria da Caverna de Platão, que aponta para a existência da Humanidade numa gruta.

Refiro aqui a importância do fogo para o homem das cavernas, em que o mesmo era colocado à entrada da caverna, para proteger os indivíduos de perigos externos e para aquecimento interno. Faço esta referência para introduzir a importância da tradição judaico-cristã nas sociedades modernas, particularmente capitalistas, tendo-se noção, por exemplo, do apoio incondicional contemporâneo dos Estados Unidos da América, estes, enquanto bastião do Capitalismo, e da influência de Israel, dos Judeus, nos Estados Unidos. O aspecto importante a que quero fazer referência é a história da existência da coluna de fogo que guiou as tribos hebraicas pelo deserto. Assim, teríamos como coluna de fogo moderna a religião, enquanto modo de unir as pessoas, baseada na divinização do dinheiro, que por sua vez baseia-se na divinização do sistema matriarcal, enquadrado no Capitalismo. Este sistema, contemporaneamente, estará baseado na sexualidade feminina, considerando-se a importância desta para aquele sistema referido. A este respeito, ver o artigo Implicações da castração edipiana na sociedade capitalista (Resende, 2010), em que aprofundo a noção da utilização da sexualidade feminina para controlo do indivíduo e das massas, e em que, neste contexto, teríamos o deslocamento das culpabilidades associadas ao controlo para o fogo eterno do Inferno, na religião cristã, mantendo-se, deste modo, o controlo individual e societal.

Teríamos, pelo já dito, uma paranóia anal, em relação à qual se pode enquadrar aquele conhecido dito " Quem tem cú, tem medo! ". Neste contexto, um dos medos, ou, o principal medo capitalista é a desmistificação das tradições judaico-cristãs e da sexualidade feminina. Relativamente à paranóia anal, e tendo em mente o já dito, acerca da importância do fogo para o homem das cavernas e da coluna de fogo moderna, tenha-se em conta os meus artigos Exopsicologia e esquizofrenia (Resende, 2009) e Exopsicologia e o Ser (Resende, 2010). No primeiro artigo referido, é indicado que a paranóia do esquizofrénico paranóide tem alguma razão de ser, se considerarmos o facto " geopsíquico " da existência da Europa com a Itália com a forma de bota, e com Portugal com a forma de cara. Haverá um questionamento anagógico, no seu sentido simbólico, mais mítico e mais geral, de " quem " ou o " quê " terá feito essas formas. Em Exopsicologia e o Ser, indico que essas formas terão origem alienígena, e feitas através de terraformação, e constituirão uma mensagem por parte dos alienígenas, indicando eu, no final do artigo, que essa mensagem será, baseando-me nos conceitos Junguianos de Máscara e Sombra, a passagem da psique humana para se constituir enquanto Sombra e a constituição do Ser, enquanto Máscara, enquanto modo de adaptação externa no contacto com outros seres do Cosmos.

Perspectivando o já considerado, tendo em conta o medo capitalista de o " fogo " se extinguir, isso significará o medo do frio do espaço ou o medo de uma invasão alienígena. Deste modo, as tendências capitalistas de exploração espacial estarão fadadas ao insucesso e as mesmas tendências terão sempre presente o medo de uma invasão da Terra.

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Resende, S. (2007). Antropologia psicanalítica: filogenia e ontogenia in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 29/03/2007

Resende, S. (2009). Exopsicologia e esquizofrenia in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 08/10/2009

Resende, S. (2010). A religião enquanto fenómeno borderline - perspectiva psicodinâmica in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 09/03/2010

Resende, S. (2010). Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). Exopsicologia e o Ser in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 16/10/2010

Resende, S. (2010). A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 08/11/2010

Resende, S. (2010). Implicações da castração edipiana na sociedade capitalista in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 16/11/2010

Exploração cósmica e viagens no tempo e suas relações com a histeria e a obsessão

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

26/11/10

Neste artigo, relaciono a histeria e a obsessão, particularmente a agorafobia no obsessivo e a claustrofobia no histérico, para enquadrá-las na exploração espacial e planetária, relacionando, também, aqueles tipos de personalidade com as viagens no tempo.

Em A agorafobia enquanto perturbação obsessiva (Resende, 2008), refiro que a agorafobia refere-se ao medo, com ou sem ataque de pânico, de sair e de se deslocar em espaços abertos, como praças públicas, tal como considerado por Houzel, Emmanuelli & Moggio (Coord.) (2004). Estes autores referem que ocorrem frequentes rituais obsessivos nesta psicopatologia. Agora, é de considerar que a agorafobia, enquanto descompensação psicopatológica, estará relacionada com o facto de nessa situação haver falta de pormenores, de detalhes, de pontos de referência, e será com esta falta que o obsessivo entra em descompensação, já que o obsessivo funciona na base destes pormenores e pontos de referência. Assim, o agorafóbico utilizará estratégias ou mecanismos de defesa tipicamente obsessivos, tendo em conta, para mais, os rituais obsessivos, tendo-se então, no agorafóbico, uma estrutura neurótica obsessiva de base ou de fundo, que entrou em descompensação.

Já em A claustrofobia enquanto perturbação histérica (Resende, 2008), considera-se que na claustrofobia, todos os referenciais estão presentes, todos os pontos de referência estão presentes e sentidos como perto de mais. Isto é de mais fácil lidar pelo obsessivo, mas já o histérico terá dificuldades em lidar com relações com o mundo exterior de tipo obsessivo, e nessas situações de excesso de referências, nessas situações claustrofóbicas, entra em descompensação histérica. O étimo de histeria é hister, que significa útero, relação com a qual é mais fácil perceber a relação entre a histeria e a claustrofobia, pois é como se o útero fosse um claustro. É como se o bebé no útero desenvolvesse um protótipo de relações claustrofóbicas, o qual caracteriza-se por sentimentos de estar perto demais de algo, que posteriormente é de mais fácil lidar pelo obsessivo do que pelo histérico, pelas razões apontadas.

Neste último artigo referido, considera-se, ainda, o homem como mais tipicamente obsessivo e a mulher como mais tipicamente histérica, supondo-se, neste contexto, que o desenvolvimento intra-uterino do rapaz será de melhor qualidade do que o desenvolvimento intra-uterino da rapariga.

Ter-se-à, então, que por um sentimento mais prazeroso e de melhor qualidade na vida intra-uterina, o obsessivo tenderá a ser menos extrovertido, tenderá a procurar menos o contacto com os outros, do que o histérico, o que acontece. Para o histérico, a vida intra-uterina tenderá a ser de menor qualidade, com necessidade ou sentimento de se desenvolver para além do útero, devido aos sentimentos claustrofóbicos, e tenderá, posteriormente, a procurar mais os outros, a tentar procurar estar com os outros, o que é coerente com as suas características típicas.

Ora, relativamente às viagens espaciais, se se quiser alguém para viajar nas naves espaciais, estadias de longa duração e futuras missões espaciais de longa duração, onde se pode incluir as eventuais futuras hibernações, dever-se-ão seleccionar cosmonautas de personalidade obsessiva, e se se quiser alguém para as caminhadas espaciais, como arranjos técnicos e reparações, dever-se-ão seleccionar cosmonautas de personalidade histérica. Acrescente-se, aqui, que na exploração planetária, e no contacto com o planeta descoberto ou a explorar, deverão ser enviados para missões de avaliação, e reconhecimento, cosmonautas históricos, em que estes transmitirão posteriormente as informações, os pontos de referência, aos cosmonautas obsessivos, que permaneceram na nave, para uma posterior exploração mútua do planeta, lua ou outro objecto espacial.

Já em relação às viagens no tempo, dever-se-à considerar o meu artigo Psitrões enquanto base dos psemes e suas relações com a histeria e a obsessão (Resende, 2010).

De base, deve ter-se a noção dos psemes enquanto unidades de evolução psicológica, enquanto unidades psicológicas de transmissão intergeracional. Basicamente, os psemes serão pensamentos inconscientes que são constituídos enquanto complexos, ou conjunto de complexos, inconscientes, sendo estes complexos tidos no sentido Junguiano, enquanto conjunto de disposições psicológicas, psicológica e significativamente relacionadas. Para aprofundar acerca dos psemes, consultar Psemes: para além dos genes e dos memes (Resende, 2010), Psemes: Evolução por Selecção Psicológica (Resende, 2010) e Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana (Resende, 2010), em que neste último considero as características Lamarckianas da psique, no sentido dos complexos inconscientes, referidos, poderem ser modificados durante a vida do indivíduo, com essas modificações a serem transmitidas às gerações seguintes. Agora, os psitrões, referidos no título do artigo acima mencionado, perspectivam-se enquanto bases particulares, partículas psicológicas que subjazem os psemes. Os psemes terão por base os psitrões, que se constituirão enquanto partículas psíquicas, da mesma maneira que o inconsciente, ego e consciente se constituirão enquanto instâncias psíquicas.

Basicamente, dir-se-à que a histeria é caracterizada por psitrões curtos e que a obsessão é caracterizada por psitrões longos Isto, considerando o descrito no artigo referido sobre

os psitrões, acerca de características básicas da histeria e da obsessão, e o que isso implicará em termos psitrônicos. Assim, a tendência para a satisfação imediata, o " aqui e agora " histórico, teria por base psitrões que estariam associados à memória curta, daí o recalçamento histórico, e à inibição dos receptores psitrônicos associados à memória a longo prazo. Já a tendência para o adiamento da satisfação, gratificação, característico da obsessão, relacionada com o juízo, ou julgamento, de condenação (Laplanche & Pontalis, 1990), teria por base psitrões que estariam associados à memória a médio e a longo prazo, e à inibição dos receptores psitrônicos associados à memória a curto prazo. Ter-se-ia, pois, como já referido, a histeria com psitrões curtos e a obsessão com psitrões longos.

Desta maneira, e perspectivando as características psicológicas e saúde mental, com prevenção de eventuais efeitos secundários, os viajantes no tempo históricos deverão fazer apenas viagens temporais de curto alcance, quer para o passado quer para o futuro, enquanto que os viajantes no tempo obsessivos poderão fazer viagens de longo alcance, não sendo, talvez, aconselhável fazê-las de curto alcance.

Bibliografia

Houzel, D., Emmanuelli, M. & Moggio, F. (Coord.) (2004). Dicionário de psicopatologia da criança e do adolescente (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (tradução portuguesa). Editorial Presença

Resende, S. (2008). A agorafobia enquanto perturbação obsessiva in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 02/12/2008

Resende, S. (2008). A claustrofobia enquanto perturbação histórica in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 12/12/2008

Resende, S. (2010). Psemes: para além dos genes e dos memes in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/05/2010

Resende, S. (2010). Psemes: Evolução por Selecção Psicológica in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 01/09/2010

Resende, S. (2010). Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 29/09/2010

Resende, S. (2010). Psitrões enquanto base dos psemes e suas relações com a histeria e a obsessão in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 24/11/2010

Influência da transmissão psemética por género e por tipo de personalidade

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

26/11/10

No presente artigo, perspectiva-se a transmissão dos psemes, enquanto unidades psicológicas de transmissão intergeracional, e baseados nos psitrões, partículas psíquicas que subjazem os psemes, de acordo com o género do progenitor e com o tipo de organização de personalidade, particularmente histérica ou obsessiva.

Antes de mais, considere-se os meus artigos acerca da evolução psicológica, dos psemes, Psemes: para além dos genes e dos memes (Resende, 2010), Psemes: Evolução por Selecção Psicológica (Resende, 2010), Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana (Resende, 2010) e, ainda, Psitrões enquanto base dos psemes e suas relações com a histeria e a obsessão (Resende, 2010).

Resumidamente, os psemes são unidades psicológicas de transmissão intergeracional, que se constituem enquanto complexos inconscientes, e que evoluirão de geração para geração de forma Lamarckiana, ou seja, as suas características poderão ser alteradas durante a vida de um indivíduo, acontecendo que essas alterações adquiridas também poderão ser transmitidas às gerações seguintes.

Tem-se ainda que subjazendo

os psemes, estarão os psitrões, que se constituirão enquanto partículas psíquicas, da mesma maneira que o inconsciente, ego e consciente se constituirão enquanto instâncias psíquicas. Considera-se, para mais, as características básicas da histeria, enquanto organização básica de personalidade tipicamente feminina, e da obsessão, enquanto organização básica de personalidade tipicamente masculina. Em termos de psitrões, a histeria terá por base psitrões curtos, associados à memória curta, daí o recalçamento histórico, e à inibição dos receptores psitrónicos associados à memória a longo prazo, enquanto que a obsessão terá por base psitrões longos, associados à memória a longo prazo, daí o juízo de condenação, com adiamento da satisfação, característico do obsessivo, e à inibição dos receptores psitrónicos associados à memória a curto prazo.

Relativamente à influência da transmissão psemética, ter-se-à que, com pai e mãe históricos, o filho tenderá a se caracterizar por psitrões curtos, enquanto que com mãe e pai obsessivos, o filho tenderá a se caracterizar por psitrões longos. Haverá, portanto, respectivamente, dominância de psitrões curtos e de psitrões longos.

Já com mãe histérica e pai obsessivo, o filho tenderá a se caracterizar por psitrões longos, havendo dominância psemética da obsessão sobre a histeria, considerando-se, neste sentido, a importância e influência da presença da figura paterna na continuidade psicológica do indivíduo, e a característica psitrónica de os psitrões longos se caracterizarem psemeticamente por um maior alcance, talvez por razões filogenéticas.

Quanto a uma mãe obsessiva e a um pai histórico, e considerando o interrelacionamento dos factores em jogo, ter-se-à uma co-dominância dos psitrões curtos e longos, tendo em conta, sobremaneira, as diferenças, para o desenvolvimento do filho, da presença da figura materna e da presença da figura paterna. Neste último enquadramento de histeria e obsessão, perspective-se que, embora a mãe se caracterize por psitrões longos, e portanto, com uma transmissão psemética de maior alcance, o facto de um pai, tendo em conta a importância psicológica da presença da figura paterna, se caracterizar por psitrões curtos, levará a que, psitronicamente, se entre em co-dominância.

Bibliografia

Resende, S. (2010). Psemes: para além dos genes e dos memes in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/05/2010

Resende, S. (2010). Psemes: Evolução por Selecção Psicológica in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 01/09/2010

Resende, S. (2010). Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 29/09/2010

Resende, S. (2010). Psitrões enquanto base dos psemes e suas relações com a histeria e a obsessão in www.redepsi.com.br, em secção Artigos / Teorias e Sistemas no Campo Psi em 24/11/2010

Exemplos específicos das características subcompensatórias do homem derivadas da inveja do clitóris

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

28/11/10

Especificam-se, aqui, breves exemplos das características subcompensatórias do homem, derivadas da inveja do clitóris.

O presente artigo vem muito em complemento ao artigo Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris (Resende, 2010). Após caracterizar que a inveja do clitóris é mais típica no homem, indica-se, aí, que a mesma se caracteriza por uma subcompensação narcísica, por uma tentativa de diminuição narcísica, derivada do sentimento de superioridade narcísica advindo da comparação pénis-clitóris.

Adianta-se, aqui, que a variação diferencial entre o pénis erecto e o pénis flácido é um factor importante na caracterização da inveja do clitóris, particularmente nas suas características subcompensatórias.

Continuando a referência ao artigo acima mencionado, indica-se um exemplo quanto à tendência histórica do maior poder criativo do homem, em oposição à mulher, e em particular com o surgimento de gênios, tendência essa que está enquadrada nas características subcompensatórias derivadas da inveja do clitóris. O exemplo é retirado de uma biografia cinéfila do artista Miguel Ângelo, em que, relativamente à escultura, Miguel Ângelo é tido como considerando que a obra já está feita à partida, sendo tarefa do artista, escultor, tirar o que está a mais. É um exemplo paradigmático das características subcompensatórias do maior poder criativo do homem.

Outro paradigma que se introduz neste artigo é relativo à guerra, e tem tanta relevância quanto a mesma tem tido crucial importância, desde tempos idos, na formação de nações, blocos estratégicos e ideologias, com sua maior ou menor prevalência. Os exemplos relativos à guerra são retirados do clássico dos clássicos sobre a guerra, A Arte da Guerra, de Sun Tzu (1963), autor chinês que terá escrito este manual há cerca de 2500 anos. Embora tenha sido escrito quanto à guerra militar, e influenciado militares ao longo das

épocas, o livro tem sido estudado por, e influenciado, um pouco por todo o mundo, empresários e empreendedores, realçando, pois, a sua influência em guerras para além das militares. É bastante relevante, quanto às características subcompensatórias da inveja do clitóris, o facto de, tradicionalmente, as guerras militares, e mesmo particularmente as guerras empresariais, e outras, serem protagonizadas por homens. Assim, exemplos paradigmáticos das características subcompensatórias são a indicação, por Sun Tzu, de que o clímax da capacidade em batalha é submeter o inimigo sem lutar, e, ainda, que se deve fingir incapacidade para iludir o inimigo. Caracterizando o perito na guerra, o autor reconhece que, por vezes, se deve sacrificar uma porção da sua força guerreira para obter um objectivo mais valioso. Há, aqui, um paralelo com o sacrifício de peças no xadrez. Outros dos exemplos n'A Arte da Guerra, de características subcompensatórias, são quando ele diz que onde o inimigo é forte, é de evitá-lo, e, ainda, importantemente, pretender inferioridade, encorajando a arrogância do inimigo. Dir-se-à, neste último exemplo, que se deve diminuir as características subcompensatórias do inimigo.

Termino o artigo com outro exemplo paradigmático das características subcompensatórias do homem, a saber, a máxima socrática, conhecida em todo o mundo: " Só sei que nada sei! " .

Bibliografia

Resende, S. (2010). Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 17/11/2010

Tzu, S. (1963). The Art of War (tradução inglesa). Oxford University Press. (Edição original, 500 A. C.)

Características sobrecompensatórias das fases psicosexuais da Máscara e Sombra da histeria capitalista

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

29/11/10

Relacione-se, neste artigo, as características de sobrecompensação das fases psicosexuais que subjazem e caracterizam a histeria, com influência no Capitalismo, com a Máscara e Sombra, numa perspectiva Junguiana, que caracterizam a histeria capitalista.

Antes de mais, há que ter a noção que caracterizações psicosexuais estão associadas à histeria, tendo por base, por exemplo, um autor como Bergeret (1997). Assim, ter-se-à que a histeria caracterizar-se-à, sobretudo, por uma organização à volta da fase oral e fase fálica, com um menor desenvolvimento organizativo da fase anal. Ora, dado que o capitalismo é um sistema patriarcal e que a histeria é mais típica nas mulheres, considere-se a presença das características orais e fálicas nas sociedades capitalistas.

Atente-se, por exemplo, ao meu artigo Implicações da castração edipiana na sociedade capitalista (Resende, 2010). Tendo por base a noção de sobrecompensação fálica associada à inveja do pénis, e que caracterizará sobretudo as mulheres, considera-se que na castração oral, sobrevirá uma sobrecompensação narcísica oro-fálica, com a língua enquanto falo, o que levará à tendência para a

verborreia, ou seja, as características típicas do histérico de falar muito. Isto será característico particularmente numa sociedade capitalista. Tendo em conta estas características de sobrecompensação associada à fase oral e fálica, dever-se-à ter em conta que as mesmas estão associadas à Máscara, sendo esta caracterizada de um ponto de vista Junguiano enquanto arquétipo de adaptação externa (Jung, 1988). Veja-se, por exemplo, as tendências para os relacionamentos sociais, embora tendencialmente superficiais, do histérico. Para mais, como se pode ver em Máscara (Persona) e Sombra de Jung: suas relações com o Capitalismo e o Comunismo (Resende, 2007), o Capitalismo caracteriza-se mais pela Máscara enquanto que o Comunismo se caracteriza mais pela Sombra. Caracterizando melhor esta Máscara capitalista, tenha-se em conta que o histérico capitalista caracteriza-se, em sobrecompensação, pelo exibicionismo, e pela agressividade, derivada da raiva narcísica associada à inveja do pénis, com sobrecompensação agressiva derivada da falta deste último, portanto. Ver a este respeito os meus artigos A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010) ou, por exemplo, Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque (Resende, 2010).

Pelo dito, ter-se-à que a Máscara histórica capitalista caracterizar-se-à pela sobrecompensação oral e fálica.

Já relativamente à Sombra do histérico capitalista, ela estará sobretudo associada à sobrecompensação da fase anal. Tenha-se em conta que o histérico caracteriza-se em menor grau pela organização à volta da analidade, considerando-se ainda, no histerismo capitalista, a importância do dinheiro na sociedade, enquanto objectivo último da mesma, perspectivando que o dinheiro tem caracterizações anais. Isto, porque o mesmo tem características transitivas, do que está fora e do que está dentro, e funcionará como meio de relação com o exterior.

Ora, atentando ao meu artigo Tendências psicológicas e medos futuros das sociedades capitalistas (Resende, 2010), compreende-se que as sociedades capitalistas baseiam a sua analidade num enquadramento religioso, com a divinização do dinheiro, particularmente com a sacralização da sexualidade feminina, o que levaria, em última instância, a uma paranóia anal. Esta paranóia anal está particularmente baseada na utilização da sexualidade feminina para controlo do indivíduo e das massas, em que haverá o deslocamento das culpabilidades associadas ao controlo para o fogo eterno do Inferno, na religião cristã, mantendo-se, deste modo, o controlo individual e societal. Estas últimas noções poderão ser mais aprofundadas em Implicações da castração edipiana na sociedade capitalista (Resende, 2010). Haverá, para mais, o medo da desmistificação das tradições judaico-cristãs e da sexualidade feminina, o que levará, em reacção, à mistificação desses dois elementos cruciais das sociedades capitalistas, particularmente cristãs. Haverá assim, no contexto, uma sobrecompensação anal.

Deste modo, tendo em conta que a Sombra está associada ao desconhecido e a medos associados ao desconhecido, dir-se-à que o histerismo capitalista, no seu enquadramento religioso e sacralizante, fará caracterizar uma Sombra histórica capitalista, pela sobrecompensação anal, já que o histérico, de base, tem um menor desenvolvimento organizativo anal.

Em resumo, ter-se-à, na histeria capitalista, uma Máscara com sobrecompensação oral e fálica e uma Sombra com sobrecompensação anal.

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Jung, C. G. (1988). A prática da psicoterapia in Obras Completas de C. G. Jung, Vol. XVI (tradução portuguesa). Petrópolis: Editora Vozes. (Edição original, 1971)

Resende, S. (2007). Máscara (Persona) e Sombra de Jung: suas relações com o Capitalismo e o Comunismo in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 09/10/2007

Resende, S. (2010). A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). Implicações da castração edipiana na sociedade capitalista in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 16/11/2010

Resende, S. (2010). Tendências psicológicas e medos futuros das sociedades capitalistas in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 26/11/2010

A cura da obesidade associada à anorexia

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

16/12/10

Propõe-se que a cura da obesidade passa por um processo de anorexização dessa mesma obesidade. Enquadra-se, particularmente, na acentuação, primeiro, da inveja do pénis, ocorrendo associadamente, e posteriormente, a subcompensação narcísica derivada da inveja do clitóris, e isto, importantemente, a nível corporal.

Em Acerca da obesidade - perspectiva psicodinâmica (Resende, 2007), indico que a obesidade deriva de anterior introjecção de agressividade, que, esta última, terá sido excessiva nas relações precoces. Essa agressividade é depois investida oralmente, para sobrecompensar a frustração oral precoce. Desta maneira, o obeso desloca a agressividade sobre a alimentação.

Ora, em Anorexia e inveja do clitóris (Resende, 2010), indico que a anorexia caracteriza-se pela subcompensação narcísica, associada à inveja do clitóris, em que, precisamente, é utilizado o corpo como tentativa de diminuição narcísica. Ter-se-ia, então, que a anoréxica sente o seu corpo verdadeiramente como um falo. Relembra-se que a anorexia ocorre tipicamente nas mulheres, considerando-se, também, a inveja do pénis tipicamente feminina, derivada da descoberta da diferença anatômica entre os sexos pela rapariga, com tentativas de sobrecompensação fálica. Assim, ao considerar o

seu corpo verdadeiramente como um falo, a anoréxica faz a passagem entre a inveja do pénis e a inveja do clitóris.

Relacionando os fenómenos da obesidade e da anorexia, tem-se que se deve acentuar, primeiro, a inveja do pénis no obeso, com a correspondente sobrecompensação fálica. Desta maneira, devem acentuar-se características fálicas como o exibicionismo associado à aparência externa. Deve ser promovido e reforçado o gosto por roupas, sapatos, acessórios, como brincos, pulseiras, colares e anéis, ainda, a utilização de cosméticos, como batom e gel no cabelo, etc.. Esta promoção da aparência externa, podendo reforçar o sentimento de união social, reforçando os laços sociais, portanto, é coerente com a indicação que faço, em Tratamento da obesidade: aceitação social dos obesos - perspectiva psicodinâmica (Resende, 2009), de que uma contribuição importante para o tratamento da obesidade é a aceitação social dos obesos, já que isso elimina um mecanismo utilizado pelos mesmos para justificar e perpetuar a sua condição corporal, que é a rejeição social.

Continuando, compreenda-se que ao acentuar características fálicas, o obeso sentirá cada vez mais o seu corpo como um falo. Daí a semelhança com o anoréxico.

Prosseguindo, e numa segunda fase, com o investimento nas características fálicas de realce da aparência, com mais laços sociais, não justificando a rejeição social, aquela agressividade, referida anteriormente como investida oralmente sobre a alimentação, é contrainvestida a nível corporal. Com este contrainvestimento da agressividade, ocorrerá a subcompensação narcísica a nível corporal, enquadrando-se deste modo a inveja do clitóris. Desta maneira, o corpo tenderá a diminuir, tal como acontece no anoréxico.

Assim, resumidamente, o processo todo ir-se-à caracterizar por anorexizar o obeso. Complemente-se que, igualmente crucial, é, clinicamente, ter que se indagar, quanto às relações precoces, a origem da agressividade introjectada, e depois trabalhar, terapeuticamente, a retoma da relação.

Bibliografia

Resende, S. (2007). Acerca da obesidade - perspectiva psicodinâmica in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/04/2007

Resende, S. (2009). Tratamento da obesidade: aceitação social dos obesos - perspectiva psicodinâmica in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 22/10/2009

Resende, S. (2010). Anorexia e inveja do clitóris in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 28/10/2010

Exopsicologia e a " Cara " de Marte

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

26/12/10

Pretende-se relacionar as influências psicológicas da existência geopsíquica das formas

da cara, de Portugal, assim como da bota, de Itália, com a existência da "cara" descoberta em Marte, em 1976, e isto no âmbito da exopsicologia.

Embora se deva estar também atento aos meus artigos Exopsicologia: uma nova área de estudo (Resende, 2009) e Exopsicologia e esquizofrenia (Resende, 2009), atente-se que, particularmente, na sequência dos meus artigos Exopsicologia e o Ser (Resende, 2010) e Serologia: a filha da Psicologia (Resende, 2010), é de considerar que a cara, da forma de Portugal, relaciona-se com a Máscara, tal como Jung considera, enquanto arquétipo de adaptação externa (Jung, 1988).

Ora, nesses meus dois últimos artigos referidos, considera-se, exopsicologicamente, que essa Máscara constituirá adaptação externa dos humanos em relação a seres de outros planetas, além da Terra, ou seres alienígenas intra-terrenos(habitando o interior da Terra) ou de outras dimensões.

Considerando aquelas formas referidas, ter-se-à a Terraformação do planeta Terra, como uma mensagem alienígena, em que Terraformação consiste em alterar, por geoengenharia e geoclimatericamente, um determinado planeta, para o tornar habitável. Esta terraformação, e estas noções, estão enquadradas na consideração de que a Humanidade tem vindo a ser visitada por alienígenas ao longo da história humana, havendo a perspectiva importante quanto às origens alienígenas da Humanidade, através de Engenharia Genética, tal como sugere, por exemplo, Zecharia Sitchin (1990), em Genesis Revisited - Is Modern Science Catching Up With Ancient Knowledge?, e isto baseado na tradução de plaquetas sumérias.

Esta perspectiva é congruente com a proposta mensagem alienígena de terraformação, em que baseado em considerações Junguianas, equiparar-se-ia, exopsicologicamente, a psique humana à Sombra e o Ser à Máscara, em que o Ser passaria a ser o contacto humano, de relação externa, com outros seres do Cosmos.

Estejamos atentos, agora, à cara esculpida na superfície de Marte, e que foi descoberta e fotografada pela sonda Viking I, em 1976.

Tal como proposto por Sitchin (1990), sugere-se que essa cara terá sido esculpida por Terraformação por entidades alienígenas.

Sitchin (1990) refere, importantemente, que uma equipa, na qual se incluía Richard C. Hoagland, concluiu que a cara terá sido construída há cerca de meio milhão de anos, em alinhamento com o nascer do Sol no solstício em Marte. Isto é importante porque o próprio Sitchin realça que os Anunnaki/Nefilim, entidades alienígenas que terão estado na origem da Humanidade, como já referido, terão aterrado na Terra, pela primeira vez, há cerca de 450 000 anos. Ora, o que isto indica é que os mesmos seres que fizeram a Terraformação na Terra terão estado envolvidos na feitura da cara de Marte, assim como pirâmides, e outras estruturas nesse planeta, estruturas que são descritas por Sitchin.

Exopsicologicamente, e tentando perspectivizar a mensagem alienígena subjacente, é de ter em conta que os humanos dão, ao planeta em questão, o nome de Marte, o deus romano da guerra. Este facto acarretará consequências psicológicas para os humanos.

Isto poderá significar que a mensagem enviada aos humanos é de que há um conflito entre as entidades que criaram a humanidade e a própria humanidade.

É de ter em conta que o capítulo em que Sitchin (1990) discorre sobre a cara de Marte, tem o título de Uma Base Espacial em Marte, apontando evidências fotográficas de que aparenta haverem pistas de aterragem em Marte, que poderão, muito bem, ter fins militares. Estes fins seriam coerentes com o que alguns denunciantes relatam, indicando

que os Estados Unidos têm bases militares em Marte, e que têm uma frota militar espacial.

Em relação ao conflito referido, perspective-se que Sitchin (2007) tem um livro com o título *The Wars of Gods and Men*, em que todo ele descreve conflitos entre os homens e aqueles que antigamente eram considerados deuses. Esta noção de que aqueles que eram antigamente considerados deuses, terem sido entidades alienígenas, o que é chamada a Teoria do Astronauta Antigo, é partilhada por Erich von Daniken, particularmente em *Chariots of the Gods?* (1969).

Resumidamente, ter-se-à, então, que, exopsicologicamente, haverá um conflito, porventura bélico, entre a Humanidade e entidades alienígenas. Tenha-se em atenção que, particularmente, devido à Sombra e, talvez, principalmente, à Máscara, terem caracterizações psicológicas, aquele conflito passará, também, predominantemente, por ataques mentais, telepáticos, no sentido de alterar mentalmente e/ou corporalmente os humanos. Diga-se que as intervenções telepáticas já tinham sido referidas nos meus dois primeiros artigos no âmbito da exopsicologia, a saber, *Exopsicologia: uma nova área de estudo* (Resende, 2009) e *Exopsicologia e esquizofrenia* (Resende, 2009).

Bibliografia

Daniken, E. von (1969). *Chariots of the Gods? Was God an Astronaut?*. (Tradução inglesa) The Souvenir Press. Richard Clay (The Chaucer Press), Ltd., Bungay, Suffolk. Great Britain

Jung, C. G. (1988). *A prática da psicoterapia* (tradução portuguesa) in *Obras Completas de C. G. Jung*, Vol. XVI. Petrópolis: Editora Vozes. (Edição original, 1971)

Resende, S. (2009). *Exopsicologia: uma nova área de estudo* in www.redepsi.com.br, em secção *Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi* em 27/07/2009

Resende, S. (2009). *Exopsicologia e esquizofrenia* in www.redepsi.com.br, em secção *Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi* em 08/10/2009

Resende, S. (2010). *Exopsicologia e o Ser* in www.redepsi.com.br, em secção *Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi* em 16/10/2010

Resende, S. (2010). *Serologia: a filha da Psicologia* in www.redepsi.com.br, em secção *Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi* em 09/11/2010

Sitchin, Z. (1990). *Genesis Revisited - Is Modern Science Catching Up With Ancient Knowledge?*. Avon Books. New York

Sitchin, Z. (2007). *The Wars of Gods and Men*. Harper. New York. (Edição original: 1985)

Complemento a Exopsicologia e a " Cara " de Marte

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

28/12/10

Este artigo vem, sobretudo, como o título indica, fazer um complemento de aspectos importantes de um artigo anterior meu, Exopsicologia e a " Cara " de Marte (Resende, 2010), particularmente, as características exopsicológicas da " cara " descoberta em Marte, em 1976.

O que venho aqui realçar é que, da mesma maneira que, a cara, da forma de Portugal, constitui-se exopsicologicamente como uma Máscara, no sentido Junguiano, de adaptação externa dos humanos em relação a seres de outros planetas, em que mais especificamente é o Ser que constitui essa Máscara, como se pode ver, por exemplo, em Exopsicologia e o Ser (Resende, 2010), também a cara de Marte constituirá a Máscara exopsicológica de relação externa de entidades alienígenas em relação aos humanos.

Como se pode ver em Exopsicologia e a " Cara " de Marte (Resende, 2010), a cara marciana terá sido construída por entidades alienígenas por volta da mesma altura em que a cara de Portugal, a bota de Itália, etc., terá sido elaborada por Terraformação por entidades alienígenas, já que estes terão chegado à Terra, pela primeira vez, na mesma altura em que a cara marciana foi construída. Para mais, tendo-se em conta que, exopsicologicamente, a cara marciana constituirá uma mensagem alienígena enviada aos humanos de que há um conflito, entre as entidades que criaram a Humanidade e a própria Humanidade, pela influência psicológica de que Marte tem o nome do deus romano da guerra, é necessário especificar melhor esse conflito. Realça-se que a cara de Marte será a Máscara de relação externa de entidades alienígenas em relação aos humanos.

No artigo que está aqui a ser complementado, é dito que o conflito será porventura bélico e, de outra maneira, caracterizar-se-à por ataques telepáticos, no sentido de alterar mentalmente e/ou corporalmente os humanos. Mas isto não aponta a linha de raciocínio subjazendo a mensagem de conflito. Ora, com base em relatos de denunciante e contactados, no campo da Ovnilogia e Exopolítica, por exemplo, há a indicação de que há civilizações alienígenas que consideram os humanos relativamente primitivos, agressivos e belicistas. Outros relatos provindo de denunciante militares, indicam que tem ocorrido a anulação do funcionamento de silos nucleares, quer, particularmente, nos Estados Unidos, quer na Rússia, por parte de OVNI's. Estes últimos relatos parecem indicar claramente que uma ou mais civilizações alienígenas não vão permitir que haja escalada militar no planeta Terra.

Pelo dito, a mensagem alienígena da cara marciana é a de que serão os alienígenas que verão os humanos como agressivos e belicistas e, tendo em conta as intervenções alienígenas telepáticas na Terra, como as intervenções dos OVNI's, como já referido, interferirão no sentido de controlar a agressividade humana.

Assim, considerando que a cara marciana é a Máscara exopsicológica de relação externa dos alienígenas em relação aos humanos, pressupõe-se que os alienígenas antecipam, ou anteciparam, uma relação de identificação clivada dos humanos em relação aos alienígenas, em que a cara marciana invocará uma relação inicial em espelho, e as intervenções alienígenas na Terra apontam para uma suposta identificação dos humanos com aspectos antitéticos, ou contrários, à relação inicial em espelho.

Tendo em conta que a cara marciana foi descoberta em 1976 e que as intervenções, em relação às armas nucleares, e avisos a contactados, e intervenções telepáticas, foram posteriores, isso é coerente com a interpretação da evolução da relação psicológica entre humanos e alienígenas, feita no parágrafo anterior.

Realça-se que a relação inicial em espelho, referida anteriormente, compara-se, coerentemente, com a referência bíblica de que " Deus " fez o Homem à sua imagem, enquadrando isto com a perspectiva, referida em Exopsicologia e a " Cara " de Marte (Resende, 2010), da Teoria do Astronauta Antigo, ou seja, com a perspectiva de que aqueles que foram antigamente considerados deuses eram seres alienígenas, que foram tomados por deuses, tal como é indicado, por exemplo, por Sitchin (1990) e Daniken (1969).

Assim, tratar-se-à de uma nova relação, um reinício de relações, entre a Humanidade e uma civilização ou civilizações alienígenas avançadas.

Bibliografia

Daniken, E. von (1969). Chariots of the Gods? Was God an Astronaut?. (tradução inglesa) The Souvenir Press. Richard Clay (The Chaucer Press), Ltd., Bungay, Suffolk. Great Britain

Resende, S. (2010). Exopsicologia e o Ser in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 16/10/2010

Resende, S. (2010) Exopsicologia e a " Cara " de Marte in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (ainda não publicado; proposto em 26/12/2010)

Sitchin, Z. (1990). Genesis Revisited - Is Modern Science Catching Up With Ancient Knowledge?. Avon Books. New York

Relação psicológica entre as personagens Batman e Tarzan

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

29/12/10

Neste artigo, relaciono as características psicológicas das personagens Batman e Tarzan, tal como caracterizadas no meu artigo Caracterização psicológica das personagens Batman, Tarzan e King-Kong (Resende, 2010).

Ora, aí indico que algo de comum a Batman e Tarzan, é essas personagens constituírem-se enquanto síntese generalizadora, em que cada personagem masculina sintetiza características tipicamente femininas.

Em relação a Batman, ou Homem-Morcego, realçam-se as características eco-localizadoras, que são típicas nos morcegos. Estes deslocam-se por eco-localização, lançando um guincho sub-sónico para detectar presas e obstáculos, através do embater do guincho nos mesmos com o seu retorno até ao próprio morcego, funcionando assim como radar.

Ora, é este tipo de radar que surge como tipicamente feminino, pelo lançamento de vocalizações, gritos, verbalizações e execução de gestos mais ou menos abruptos, no sentido de evocar uma resposta por parte do interlocutor, tentando, pois, indagar,

socialmente, o que fazer a seguir.

Já Tarzan, desloca-se pela selva utilizando as lianas, espécie de cordas vegetais dependuradas em árvores.

A síntese que é feita é que nos relacionamentos tipicamente femininos, amiúde históricos, ocorre aquilo que pode ser chamado de catar sexual, com importantes características sociais. Como acontece, mas mais estritamente ao nível da limpeza, de importância social, nos outros primatas, este catar sexual terá importantes conotações hierárquicas entre as mulheres.

Importa-nos aqui realçar que este catar sexual parece ser um meio de deslocação social e societal para as mulheres, particularmente no contexto histórico, daí a relação com as lianas utilizadas por Tarzan.

Ora, crucial neste artigo é considerar e relacionar os factos da menstruação das raparigas e mulheres, a característica do que Batman representa, enquanto Homem-Morcego, representando os morcegos, portanto, e as suas características vampirescas, sugadoras de sangue, e ainda o catar sexual.

Assim, afigura-se que, social e societalmente, ocorre uma deslocação sexo-vampiresca por parte das mulheres. Haverá o sentimento por parte das mulheres de estar a sugar sexualmente o sangue de outra mulher. O facto de não haver a certeza se outra mulher está menstruada levará a diferenciações hierárquicas nos relacionamentos, considerando o já dito acerca das conotações hierárquicas do catar sexual.

A título cultural, poder-se-à dizer que as caracterizações aqui feitas poderão, em parte, explicar o mega-sucesso cinéfilo da saga Crepúsculo (Twilight), entre os adolescentes, particularmente as adolescentes. Na saga, o vampiro protagonista, na sua relação com a adolescente humana, apaixonada por ele, representará o fascínio da união entre as mulheres, através das características apontadas neste artigo.

Dir-se-à que é um fascínio matriarcal, que faz todo o sentido no contexto do matriarcado capitalista, contexto no qual surgiram as produções cinéfilas de grandes massas de Batman, Tarzan e Crepúsculo, nas quais a síntese masculina das mulheres é idolatrada.

Bibliografia

Resende, S. (2010). Caracterização psicológica das personagens Batman, Tarzan e King-Kong in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 22/11/2010

Variação diferencial do tamanho do pênis e sua importância no poder criativo

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

2/1/11

Argumenta-se, aqui, que a variação diferencial entre o pênis erecto e o pênis flácido é um factor importante no poder criativo, derivado da inveja do clitóris, particularmente nas suas características subcompensatórias.

Esta importância da variação diferencial é referida em Exemplos específicos das características subcompensatórias do homem derivadas da inveja do clitóris (Resende, 2010), artigo no qual se dá exemplos específicos, na cultura humana, do poder criativo do homem, derivado das características subcompensatórias da inveja do clitóris. Quanto a este poder e características, consulte-se também Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris (Resende, 2010).

Quanto à variação diferencial do pênis, em si, é de ter em conta a primazia da genialidade, e das produções intelectuais e artísticas, do homem relativamente à mulher, no decurso civilizacional humano. Caracterize-se, então, que, a diferença entre o pênis erecto e o pênis flácido é tal, que o homem terá uma tendência para se identificar com outros homens

como com as mulheres. Poderá ter em sua mente a percepção da realidade tanto de um homem como de uma mulher. Especificando, na aproximação do pênis, da flacidez, haverá uma tendência, uma aproximação, e realce-se, aproximação, relativamente ao clitóris. Com esta tendência sentida pelo homem, haverá um sentimento vivencial do mundo, tal como vivido pelas mulheres. Desta maneira, com esta identificação, o homem tem a possibilidade de perceber a realidade tanto enquanto homem como do ponto de vista da mulher, podendo ter uma perspectiva mais abrangente e diferenciada da realidade, precisamente, no sentido de ter quer o ponto de vista do homem quer o ponto de vista da mulher. Isto permite-lhe maior produção genial e criativa. Naquele último caso, surgirá o contexto das musas inspiradoras.

Com o reconhecimento do homem do poder inspirador que lhe surge através da identificação com as mulheres, já referida, surgirá, importante, a inveja do clitóris, com suas características subcompensatórias, que caracteriza grandemente as produções intelectuais do homem, como se pode ver em Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris (Resende, 2010) e Exemplos específicos das características subcompensatórias do homem derivadas da inveja do clitóris (Resende, 2010). Pelo dito, não será verdadeiro que, historicamente, o mundo tenha vindo a ser perspectivado apenas do ponto de vista do homem.

Ora, o reconhecimento referido e a inveja do clitóris, em si, com suas características subcompensatórias, terão tido, e vindo a ter, crucial importância evolutiva, comparável à inveja do pênis, e suas características sobrecompensatórias, sentida pela mulher. Isto, no sentido de estabelecimento e manutenção de relações amorosas e sexuais, entre homens e mulheres. Como apontado em Sentido comparativo das estratégias evolutivas associadas à inveja do pênis e à inveja do clitóris (Resende, 2010), poder-se-à pensar num sistema evolutivo de equilíbrio entre as subcompensações masculinas e as sobrecompensações femininas. Ainda aquele reconhecimento, do poder inspirador surgido da identificação com as mulheres, através da aproximação diferencial do pênis relativamente ao clitóris, constituirá uma vantagem evolutiva do homem, relativamente à mulher. Esta não tem a possibilidade de vivenciar uma aproximação diferencial do clitóris relativamente ao pênis erecto, pelo menos, num sentido mais realista. Terá mais dificuldade, portanto, de perspectivar o mundo do ponto de vista do homem.

Neste sentido, e em termos identificatórios e evolutivos, a mulher deverá identificar-se com o homem, na sua tendência mais proximal do pênis relativamente ao clitóris, na variação diferencial entre pênis erecto e pênis flácido, ou seja, mais próximo da sua realidade. Pelo já aduzido, a mulher deverá identificar-se, para um maior poder criativo, com o homem inspirado e inspirador.

Noutro sentido, se a tendência do homem for distal, ou seja, não proximal, do pênis relativamente ao clitóris, isto é, tendendo para a erecção do pênis, isso afastar-se-à da realidade pessoal da mulher, e, neste caso, será desinspirador quanto ao poder criativo da mulher.

Relativamente ao homem, e considerando o já dito, quanto às características subcompensatórias da inveja do clitóris, que subjazem grandemente as produções criativas do homem, ter-se-à que a tendência para a erecção diminuirá o poder criativo do mesmo. Isso está bem patente na canção Fantasia do artista português Pedro Abrunhosa, quando ele diz: " ... Quando te pões toda nua... Ah! Se chego ao pé de ti, deixo logo de pensar... ".

Ademais, aprofunde-se aqui um aspecto crucial da inveja do clitóris no homem, tal como referido em A inveja do pênis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010), em Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris (Resende, 2010) ou, por exemplo, em Influência da inveja do clitóris na sistematização política por género (Resende, 2010), ou, ainda, em Exemplo específicos das características subcompensatórias do homem derivadas da inveja do clitóris (Resende, 2010). Esse aspecto diz respeito ao facto de que a subcompensação narcísica presente na inveja do clitóris no homem, caracteriza-se por uma tentativa de diminuição narcísica, derivada do sentimento de superioridade narcísica advindo da comparação pênis-clitóris. É que ter-se-à que o sentimento de superioridade narcísica referido estará relacionado com o sentimento de masculinidade. Ora, tem-se que a tentativa de diminuição narcísica surgirá no sentido de diminuição do sentimento de masculinidade. Contextualmente, refiro-me aqui, novamente, a Pedro Abrunhosa, e à sua canção Socorro, quando ele diz: " O que eu gosto mais contigo, Se queres saber o que eu acho, É que consigo ser homem, Sem dar uma de macho ". Novamente em contexto, refira-se que esta diminuição do sentimento de masculinidade terá importância evolutiva nas relações entre homens e mulheres. Isto pelas suas características subcompensatórias de encontrar um equilíbrio com as características sobrecompensatórias da mulher, derivadas da inveja do pênis. Referencio novamente o artigo Sentido comparativo das estratégias evolutivas associadas à inveja do pênis e à inveja do clitóris (Resende, 2010), onde se realça um sistema evolutivo de equilíbrio entre as subcompensações masculinas e as sobrecompensações femininas.

Tendo em conta que há um sentimento de masculinidade inicial, derivado da comparação pênis-clitóris, dir-se-à que as características subcompensatórias que caracterizam a inveja do clitóris estarão mais relacionadas com o sentimento de feminilidade inconsciente no homem, ou seja, com o arquétipo anima, de que Jung fala (Jung, 1988; Schultz & Schultz, 2006).

Assim, pelo dito, na produção criativa do homem haverá uma diminuição do sentimento de masculinidade e uma acentuação do sentimento de feminilidade inconsciente.

Hipotetiza-se, assim, que para um maior poder criativo da mulher, ela deverá diminuir o sentimento de feminilidade, sexualmente sobrecompensatório, e acentuar o sentimento de masculinidade inconsciente, ou seja, o arquétipo animus, de que Jung nos fala (Jung, 1988; Schultz & Schultz, 2006).

Repare-se que isto não quer dizer que, para o primeiro caso, deva haver uma efeminização do homem, e que, no segundo caso, deva haver uma masculinização da mulher. Deverá haver, sim, uma introjecção saudável e equilibrada de características do sexo oposto.

Bibliografia

Jung, C. G. (1988). A prática da psicoterapia (tradução portuguesa) in Obras Completas de C. G. Jung, Vol. XVI. Petrópolis: Editora Vozes. (Edição original, 1971)

Resende, S. (2010). A inveja do pênis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 17/11/2010

Resende, S. (2010). Influência da inveja do clitóris na sistematização política por género in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 25/11/2010

Resende, S. (2010). Exemplos específicos das características subcompensatórias do homem derivadas da inveja do clitóris in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 28/11/2010

Resende, S. (2010). Sentido comparativo das estratégias evolutivas associadas à inveja do pênis e à inveja do clitóris in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (artigo ainda não publicado; proposto em 03/12/2010)

Schultz, D. P. & Schultz, S. E. (2006). Teorias da personalidade (tradução portuguesa). São Paulo: Thomson Learning Edições. (Edição original: Theories of personality, 2002)

Sentido comparativo das estratégias evolutivas associadas à inveja do pênis e à inveja do clitóris

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

4/1/11

Neste artigo, comparam-se as estratégias evolutivas de homem e mulher, quanto às suas caracterizações relativamente à inveja do pênis e à inveja do clitóris, no sentido do estabelecimento evolutivo de relacionamentos amorosos e sexuais entre homem e mulher.

Tenha-se, antes de tudo, presente, que, fundamentalmente, a mulher caracteriza-se mais pela inveja do pênis, com sobrecompensação narcísica associada, derivada do sentimento de perda do pênis, e o homem caracteriza-se mais pela inveja do clitóris, com subcompensação narcísica associada, derivada do sentimento de superioridade narcísica, advinda da comparação pênis-clitóris, como se pode ver descrito em A inveja do pênis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010).

Mas especifique-se a complexidade destas noções. Por exemplo, em Influência da inveja do clitóris na sistematização política por género (Resende, 2010), esclarece-se que a mulher se caracteriza tanto pela inveja do pênis como pela inveja do clitóris. Esta última baseará o sistema histórico de relacionamento tipicamente feminino, em que cada mulher sentirá inveja da excitação sexual que o clitóris, de outra mulher, proporciona a essa mulher, nos relacionamentos sociais, particularmente com outras mulheres. Estas duas invejas na mulher terão importante sentido evolutivo, em que cada uma delas se

constituirá como facilitadora psíquica da maternidade, no sentido de ter um filho ou uma filha. Em Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris (Resende, 2010), indica-se, porventura de uma maneira não devidamente realçada, que as características subcompensatórias do homem, com tentativa de diminuição narcísica, e as características sobrecompensatórias da mulher, com tentativas de inflação narcísica, terão uma crucial importância evolutiva no sentido do estabelecimento e manutenção de relações amorosas e sexuais, entre homens e mulheres.

Realça-se, aqui, que isto aponta para um sistema evolutivo de equilíbrio entre as subcompensações masculinas e as sobrecompensações femininas.

Em termos evolutivos, caracterize-se mais as tendências contemporâneas, relativamente ao histerismo do Capitalismo e à obsessão do Comunismo, naquilo que diz respeito às invejas do pénis e do clitóris. Assim, em Influência da inveja do clitóris na sistematização política por género (Resende, 2010), caracteriza-se, particularmente, o homem capitalista e o homem comunista.

Desta maneira, o homem capitalista caracteriza-se tanto pela inveja do clitóris, enquanto homem, como pela inveja do pénis, numa tendência histórica. Ou seja, quanto a esta última inveja, para o homem capitalista com poder, contextualizando o capitalismo global contemporâneo, a insatisfação fálica lhe faz derivar o poder, com a ambição caracteristicamente associada, derivada da sobrecompensação fálica. Evolutivamente, e quanto ao sistema de equilíbrio referido anteriormente, o homem capitalista, ao acentuar a sua inveja do pénis, com insatisfação fálica e respectiva sobrecompensação, promoverá, por sua vez, o aumento da inveja do clitóris por parte da mulher, que como já vimos se caracteriza tanto pela inveja do pénis como pela inveja do clitóris. Como já vimos, esta inveja do clitóris é uma das bases do sistema histórico de relacionamento tipicamente feminino, que por sua vez constitui uma das grandes bases e um dos grandes promotores do sistema capitalista. Tem-se, deste modo, a estratégia evolutiva contemporânea capitalista.

Relativamente ao homem comunista, numa tendência obsessiva, o mesmo se caracterizará também pela inveja do clitóris, enquanto homem, e não tanto pela inveja do pénis, e procurará obter o poder através das massas. Repare-se que o poder aqui referido se referirá mais ao poder criador e criativo, advindo da inveja do clitóris, como considerado em Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris (Resende, 2010). Ora, deriva-se que o poder criador e criativo do homem comunista é diluído pela diluição da inveja do clitóris nas massas. Evolutivamente, no que diz respeito ao já mencionado sistema de equilíbrio, o homem comunista ao diminuir a sua inveja do clitóris, com diminuição do sentimento de superioridade narcísica, advinda da comparação pénis-clitóris, promoverá, por sua vez, o aumento da inveja do pénis por parte da mulher, cujas características sobrecompensatórias basearão também, em grande parte, o sistema capitalista. Assim temos a estratégia evolutiva contemporânea comunista.

Comparativamente, e quanto à relação homem-mulher, se a estratégia evolutiva capitalista parece estar a resultar, quer perspectivando a estratégia capitalista ou a estratégia comunista, se o homem capitalista quiser acentuar a sua estratégia, deverá realçar a sua própria diminuição falo-narcísica, enquanto que se o homem comunista quiser verdadeiramente acentuar a estratégia do ponto de vista comunista, deverá sentir-se verdadeiramente invejoso do clitóris, vivenciando o seu sentimento de superioridade narcísica, que equivale a elaborar mais ao nível do auto-narcisismo e não tanto ao nível do narcisismo relacional.

Bibliografia

Resende, S. (2010). A inveja do pênis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). Aspectos criativos e evolutivos da inveja do clitóris in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 17/11/2010

Resende, S. (2010). Influência da inveja do clitóris na sistematização política por género in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 25/11/2010

Exemplo relativo à caracterização psicológica de King-Kong

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

5/1/11

Baseando-me no meu artigo Caracterização psicológica das personagens Batman, Tarzan e King-Kong (Resende, 2010), dou um exemplo cultural paradigmático para consubstanciar a caracterização psicológica da personagem King-Kong, feita no artigo referido.

Assim, deve ter-se a noção de que King-Kong constitui-se enquanto síntese generalizadora, em que essa personagem masculina sintetiza características tipicamente femininas.

Ora, já vindo da caracterização de Tarzan, que é outra síntese do género de King-Kong, realça-se o aspecto da hierarquização. Em Tarzan, que se desloca em lianas pela selva, retirando-se daqui o deslocar social e societal das mulheres através do catar sexual, a hierarquização é, particularmente, entre mulheres, e depreende-se da comparação com o catar, de limpeza e de características sociais, que se observa entre os outros primatas, para além do ser humano, que tem notórias características hierárquicas.

Continuando, em King-Kong, realça-se o aspecto da hierarquização, mas, desta feita, será entre homem e mulher. No artigo referido, é proposto que o que estará na base da personagem King-Kong é o sentimento tido por parte das mulheres de não terem evoluído tanto como os homens. Isto, ao nível filo-histórico, já que em toda a história humana e, tendencialmente, em todas as culturas, houve sempre um domínio dos homens relativamente às mulheres.

Tem-se, para mais, que o contexto para esta personagem serão as teorias evolucionistas, e as tendências do ser humano ter evoluído, mais, complexamente, do que os seus parentes primatas. Caracterize-se que a personagem de King-Kong terá surgido nos anos 20 do séc.XX, uma altura em que haviam acesos debates entre os evolucionistas e a Igreja, particularmente Católica. Neste contexto, compara-se a rapariga, que é sacrificada no filme, e que depois é amada por King-Kong, com a figura de Jesus Cristo, que é sacrificado e depois amado. Desta maneira, a síntese generalizadora, já referida, é, aqui, sacralizada, particularmente no contexto do matriarcado capitalista. Ter-se-à, na comparação acima feita, que os homens, que sacrificaram a rapariga, terão papel de Deus, e King-Kong representa a sociedade humana, particularmente no contexto

matriarcal capitalista. É preciso ter a noção de que neste tipo de sociedade, há uma prevalência de fenômenos religiosos, com a sacralização da sexualidade feminina, relacionada com o histerismo, característico das sociedades matriarcais capitalistas.

É no contexto deste tipo de sociedades, que surgiram os remakes (nova feitura do filme) mais contemporâneos, e realça-se isso, quer de King-Kong quer do Planeta dos Macacos. Realça-se por a contemporaneidade se caracterizar pelo capitalismo global, com suas características matriarcais religiosas.

Ora, o exemplo cultural paradigmático para consubstanciar a caracterização psicológica de King-Kong é, precisamente, o filme Planeta dos Macacos. Durante o filme, há a perspectiva de uma sociedade em que os macacos dominam os humanos. Já mais para o final do filme, e após uma viagem no tempo e no espaço, o humano, que fez a viagem, depara-se com uma Terra, dominada pelos macacos, e onde há uma perspectiva particular em que o humano fica espantado ao ver, ao invés da conhecida estátua de Abraham Lincoln, a mesma postura na estátua, mas desta feita representando um macaco.

É esta ascensão dos macacos relativamente aos humanos, perspectivado no filme, considerando o remake contemporâneo, no contexto da ascensão mais contemporânea do capitalismo global, com suas características matriarcais, que consubstancia a caracterização psicológica feita relativamente à personagem King-Kong.

Bibliografia

Resende, S. (2010). Caracterização psicológica das personagens Batman, Tarzan e King-Kong in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 22/11/2010

Exemplo paradigmático relativo às tendências psicológicas e medos futuros das sociedades capitalistas

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

5/1/11

Neste artigo, dá-se um exemplo paradigmático relativo às tendências psicológicas e medos futuros das sociedades capitalistas, e o mesmo vem em sequência do meu artigo Tendências psicológicas e medos futuros das sociedades capitalistas (Resende, 2010). O exemplo diz respeito ao Vai-Vém espacial Estado-Unidense e às características fóbicas da sua utilização.

Mas faça-se um resumo do artigo referido.

Assim, ter-se-à o capitalismo, e o capitalismo global contemporâneo, enquanto sistema baseado na religião, que constitui um símbolo de união entre as pessoas, nas suas relações psicológicas com o dinheiro, perspectivando-se estas características em termos de futuro da Humanidade. Mais especificamente, tem-se a caracterização borderline de sociedades capitalistas, como a estado-unidense, considerando-se a mesma tendência borderline do fenómeno religioso, particularmente enquadrado em sistemas capitalistas.

Para mais, tem-se a primazia do dinheiro no capitalismo, considerando-se

psicologicamente, esse mesmo dinheiro, a nível anal, enquanto meio transitivo de relação externa entre o que está dentro e o que está fora. Estabelece-se, depois, o paralelo entre a fase anal do indivíduo, a nível ontogenético, e a fase da espécie, a nível filogenético, de vivência nas grutas, pela relação de vivência entre o que está dentro e o que está fora. Quanto à vivência nas grutas, realça-se a importância do fogo para o homem das cavernas, em que o mesmo era colocado à entrada da caverna, para proteger os indivíduos de perigos externos e para aquecimento interno.

Posteriormente, relaciona-se este fogo com a coluna de fogo que guiou as tribos hebraicas pelo deserto, perspectivando a importância da tradição judaico-cristã nas sociedades modernas, particularmente capitalistas.

Teríamos, então, como coluna de fogo moderna, a religião, enquanto modo de unir as pessoas, baseada na divinização do dinheiro, que, por sua vez, baseia-se na divinização do sistema patriarcal, enquadrado no Capitalismo. Este sistema estará, contemporaneamente, baseado na sexualidade feminina, pela importância da mesma para aquele sistema.

Considera-se a noção da utilização da sexualidade feminina para controlo do indivíduo e das massas, que, considerando os vários contextos, reverteria para uma paranóia anal.

Assim, um dos medos capitalistas será a desmistificação das tradições judaico-cristãs e da sexualidade feminina.

Teremos, então, em termos de futuro, e no contexto da exploração espacial, o medo capitalista de o " fogo " se extinguir, o que significará o medo do frio do espaço ou o medo de uma invasão alienígena.

Chegamos, pois, ao exemplo paradigmático, que é a utilização do Vai-Vém espacial, utilizado pelos Estados-Unidos, uma sociedade capitalista, com caracterizações fóbicas.

De facto, afigura-se o mecanismo relacional, na exploração espacial, de aproximação/evitamento, pelo ir e vir do Vai-Vém, perspectivando-se estratégias defensivas fóbicas de fuga para a frente e de evitamento, estratégias estas como consideradas por Houzel, Emmanuelli & Moggio (Coord.) (2004).

Perspectiva-se, ainda, que no Vocabulário da Psicanálise, Laplanche & Pontalis (1990) aproximam, mas não totalmente, a neurose fóbica da histeria de angústia. Isto seria coerente com as características históricas da sociedade Estado-Unidense.

Bibliografia

Houzel, D., Emmanuelli, M. & Moggio, F. (Coord.) (2004). Dicionário de Psicopatologia da Criança e do Adolescente (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (tradução portuguesa). Editorial Presença

Resende, S. (2010). Tendências psicológicas e medos futuros das sociedades capitalistas in www.redepsi.com.br, em secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 26/11/2010

Caracterização específica da Serologia e do Ser

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

1/2/11

Este artigo vem em sequência do meu artigo Serologia: a filha da Psicologia (Resende, 2010), no qual se caracteriza, geralmente, a Serologia, na passagem da psique para o Ser.

Assim, baseados em Jung, devemos considerar que na Serologia, a psique humana é considerada como a Sombra do indivíduo serológico, no sentido em que é tida como os aspectos desconhecidos da origem e desenvolvimento do psiquismo humano, que passarão a estar constituídos da mesma maneira que o inconsciente colectivo se constituiu, enquanto vestígios das experiências passadas da Humanidade. Ainda na Serologia, o Ser constituirá a Máscara do indivíduo serológico, no sentido em que passará a constituir o modo de adaptação externa, relativa a outros seres do Cosmos.

Ademais, avanço que a Serologia constituir-se-à enquanto sistema ideológico, com desenvolvimento de modos de relacionamento baseados na amizade, igualdade, reciprocidade e desenvolvimento e manutenção da cooperação mútua.

Mas como caracterizar mais especificamente a Serologia e o Ser?

Em primeiro, ao invés da Máscara da psique, o Ser, enquanto Máscara, terá a primazia do essencial ao invés do acessório, o que levará, em última instância, a uma melhor capacidade sintética do ego, o que apontará para um sistema mental mais evoluído.

Ademais, proponho que o Ser basear-se-à na primazia do verdadeiro self, ao invés do falso self, na linha Winnicottiana, em que, deste modo, o verdadeiro self do Ser se caracterizará por maior espontaneidade e criatividade. Este verdadeiro self levar-nos-à à busca da verdade, que era cara a Wilfred Bion (Symington & Symington, 1999), e aproximar-nos-à da realidade última, que este autor considerava, contudo, incognoscível. Para Bion, a realidade última era a verdade, considerando que o papel do indivíduo é o de ser o veículo da verdade.

Assim, considerando estas noções do Ser, dir-se-à que a Serologia busca a realidade última, procura a verdade.

Podemos estabelecer um paralelo com a Física, que tendo como objectivo último de pesquisa a Teoria do Tudo (Everything Theory), remete-nos para uma Serologia com o objectivo último de pesquisa a Teoria do Tudo, a nível mental. Isto é, remete-nos para todos os processos e características que verdadeiramente ocorrem no ser humano a nível mental.

Como a Teoria do Tudo em Física procura as forças fundamentais que governam o Universo, a Teoria do Tudo na Serologia procurará as forças e processos fundamentais que governam a mente, particularmente na relação entre a mente e a matéria. É caso para dizer: o poder da mente sobre a matéria.

Isto leva-nos para o estudo e desenvolvimento de processos como a telepatia e a telecinésia, como por exemplo o teletransporte ou teleportação, ou ainda atravessar objectos físicos como paredes, como descrito, por exemplo, em Sequestro, de John E. Mack (1994), no contexto das capacidades dos alienígenas que abduzem, raptam, pessoas. Os outros processos referidos são também comumente descritos por contactados por extraterrestres, denunciadores, por exemplo, do governo, serviços secretos e/ou forças militares, e ainda investigadores das áreas da Ovnilogia, Exopolítica, etc.,

como sendo característicos de diferentes entidades alienígenas. Particularmente ao nível dos contactados, e abduzidos, ler por exemplo *The Custodians: Beyond Abduction*, de Dolores Cannon (1999), livro esclarecedor quanto às intervenções telepáticas de seres alienígenas em humanos, como quanto às comunicações telepáticas entre si.

Resumindo, serologicamente, o ser humano verdadeiro caminhará para o domínio da mente sobre a matéria enquanto que a Serologia tentará aproximar-se da Teoria do Tudo.

O descrito é coerente com o Ser enquanto Máscara, enquanto modo de adaptação externa relativa a outros seres do Cosmos.

Bibliografia

Cannon, D. (1999). *The Custodians: Beyond Abduction*. Ozark Mountain Publishers

Mack, J. E. (1994). *Sequestro* (tradução portuguesa). Lisboa: Temas da Actualidade, D. L.

Resende, S. (2010). *Serologia: a filha da Psicologia* in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 09/11/2010

Symington, J. & Symington, N. (1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion* (tradução portuguesa). Climepsi Editores

A telepatia e suas relações com os psitrões enquanto base dos psemes

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

6/2/11

Baseando-me no meu artigo *Caracterização específica da Serologia e do Ser* (Resende, 2011), venho desenvolver a caracterização da telepatia, no contexto da Serologia, e enquadrá-la nas suas relações com os psitrões, estes enquanto base dos psemes. Este último enquadramento terá em conta organizações de personalidade como a histórica e a obsessiva.

Considere-se, antes de tudo, que a Serologia será o estudo e desenvolvimento do Ser, enquanto Máscara, enquanto modo de adaptação externa relativamente a outros seres do Cosmos.

Ter-se-à, para mais, em conta, que a Serologia procurará a verdade, buscará a realidade última, remetendo-nos isto para um objectivo último de pesquisa todos os processos e características que verdadeiramente ocorrem no ser humano a nível mental. A Serologia procurará, então, as forças e processos fundamentais que governam a mente, particularmente na relação entre a mente e a matéria. Isto levar-nos-à para o estudo e desenvolvimento de processos como a telepatia.

Continuando, considere-se a noção dos psemes e dos psitrões, tal como perspectivado em *Psemes: para além dos genes e dos memes* (Resende, 2010), *Psemes: Evolução por Selecção Psicológica* (Resende, 2010), *Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana*

(Resende, 2010) e Psitrões enquanto base dos psemes e suas relações com a histeria e a obsessão (Resende, 2010).

Assim, de base, deve ter-se a noção dos psemes enquanto unidades de evolução psicológica, enquanto unidades psicológicas de transmissão intergeracional. Os psemes serão pensamentos inconscientes que são constituídos enquanto complexos, ou conjunto de complexos, inconscientes, complexos estes enquanto conjunto de disposições psicológicas psicológica e significativamente relacionadas. Os psemes terão características Lamarckianas, no sentido dos complexos inconscientes poderem ser modificados durante a vida do indivíduo, com as modificações a serem transmitidas às gerações seguintes. Já os psitrões perspectivam-se enquanto partículas psicológicas que subjazem os psemes, da mesma maneira que o inconsciente, ego e consciente se constituirão enquanto instâncias psíquicas.

Relacionando os psitrões com a histeria e a obsessão, dir-se-à que a histeria é caracterizada por psitrões curtos e que a obsessão é caracterizada por psitrões longos.

Isto porque a tendência para a satisfação imediata do histórico teria por base psitrões que estariam associados à memória curta, daí o recalçamento histórico, e à inibição dos receptores psitrônicos associados à memória a longo prazo, enquanto que a tendência para o adiamento da satisfação, característica da obsessão, e relacionada com o juízo de condenação, teria por base psitrões que estariam associados à memória a médio e a longo prazo, e à inibição dos receptores psitrônicos associados à memória a curto prazo. Tem-se, pois, a histeria com psitrões curtos e a obsessão com psitrões longos.

Como perspectivado em Influência da transmissão psemética por género e por tipo de personalidade (Resende, 2010), é ainda de considerar a dominância psemética da obsessão sobre a histeria e a característica psitrônica de os psitrões longos se caracterizarem psemeticamente por um maior alcance, talvez por razões filogenéticas.

Voltando à telepatia, dir-se-à que o telepata obsessivo se caracterizará por características telepáticas de maior alcance, o que se enquadrará por uma maior distância e provavelmente maior intensidade, do que o telepata histórico, que terá características telepáticas de menor alcance, portanto de menor distância e intensidade.

Isto, considerando que no telepata obsessivo predominarão psitrões longos e que no telepata histórico predominarão psitrões curtos.

Enquadrando novamente o artigo Caracterização específica da Serologia e do Ser (Resende, 2011), em que se tem em conta que, na Serologia, o Ser constituirá a Máscara do indivíduo serológico, no sentido em que passará a constituir o modo de adaptação externa, relativa a outros seres do Cosmos, é de considerar aqui a literatura ovnilógica.

Como referenciado, por exemplo, em Sequestro, de John Mack (1994) e em The Custodians: Beyond Abduction, de Dolores Cannon (1999), é comum a descrição nas abduções alienígenas, os indivíduos, quer nos eu quarto, com bastante proximidade física aos seres, quer depois dentro de naves, indicarem que estão, por exemplo, paralisados em virtude de pequenos seres controlarem-nos telepaticamente, havendo posterior intervenção telepática, e esta mais só na nave, de um ser, ou mais, alienígena maior que os primeiros. Este ser maior é frequentemente descrito como sendo hierarquicamente superior aos mais pequenos, e com intervenções telepáticas mais profundas e intensas.

Neste contexto, dir-se-à que os seres mais pequenos terão características históricas, com menor alcance, distância e intensidade, relativamente ao objecto de intervenção, e que os seres maiores terão características obsessivas, com maior alcance, distância e intensidade, relativamente ao objecto de intervenção.

Considerando agora meios como televisão, cinema, rádio, videoconferência ou, por exemplo, videochamada num programa de mensagem instantânea na Internet, podemos caracterizá-los como aproximando, tornando mais curtas as distâncias, mas com a característica presente de representar algo a uma maior distância do que evidencia.

Assim, na utilização de telepatia através destes meios, o telepata obsessivo vê encurtado o seu alcance enquanto que o telepata histérico vê esse alcance ser aumentado.

Dir-se-à que o obsessivo é atrofiado com estes meios enquanto que o histérico é potenciado.

Deste modo, o telepata histérico funcionará melhor através destes meios do que o telepata obsessivo.

Resumidamente, tem-se que com materiais de contacto, de aproximação, mas com maior distância relativa implícita, o telepata histérico, com seus psitrões curtos, funciona melhor, e que sem esses materiais, estritamente, de ser para ser, será o telepata obsessivo, com seus psitrões longos, a funcionar melhor.

Bibliografia

Cannon, D. (1999). The Custodians: Beyond Abduction. Ozark Mountain Publishers

Mack, J. E. (1994). Sequestro (tradução portuguesa). Lisboa: Temas da Actualidade, D. L.

Resende, S. (2010). Psemes: para além dos genes e dos memes in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/05/2010

Resende, S. (2010). Psemes: Evolução por Selecção Psicológica in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 01/09/2010

Resende, S. (2010). Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 29/09/2010

Resende, S. (2010). Psitrões enquanto base dos psemes e suas relações com a histeria e a obsessão in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 24/11/2010

Resende, S. (2010). Influência da transmissão psemética por género e por tipo de personalidade in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 26/11/2010

Resende, S. (2011). Caracterização específica da Serologia e do Ser in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 01/02/2011

Características psitrônicas dos inconscientes colectivo e pessoal: a autotelepatia

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

14/2/11

Desenvolvem-se as noções das características psitrônicas dos inconscientes colectivo e pessoal, que se constituem também enquanto autotelepatia. Esta última caracteriza-se pelos psitrões longos, que estão na base dos psemes que são transmitidos na espécie, no inconsciente colectivo, e no indivíduo, no inconsciente pessoal.

Antes de mais, é de considerar que, nos dois artigos que levam a este, a saber, Caracterização específica da Serologia e do Ser (Resende, 2011) e A telepatia e suas relações com os psitrões enquanto base dos psemes (Resende, 2011), é referido que o estudo e desenvolvimento da telepatia surgirá no contexto da Serologia. Como aí referido, a Serologia procurará a verdade, buscará a realidade última, sendo esta associada à realidade última, a nível mental, que Bion nos fala, sendo também aí indicado que se estabelecerá um paralelo com a Teoria do Tudo em Física. Ora, esta realidade última, a nível mental, poderá ser equiparada ao estado holotrópico, tal como considerado por Stanislav Grof, por exemplo, em A Psicologia do futuro (Grof, 2007). O estado holotrópico é considerado um estado alterado de consciência que se caracteriza por ir na direcção da totalidade. Desta maneira, o estudo e desenvolvimento da telepatia, no contexto da Serologia, aproximar-se-á do estudo e desenvolvimento do estado holotrópico, da Psicologia Transpessoal, tal como concebido particularmente por Stanislav Grof.

Já mais especificamente para este artigo, como se pode ver em A telepatia e suas relações com os psitrões enquanto base dos psemes (Resende, 2011), os psemes são unidades de evolução psicológica, unidades psicológicas de transmissão intergeracional. Acrescente-se aqui que, quer no caso do inconsciente pessoal quer no caso do inconsciente colectivo, serão também unidades de transmissão intraindividual. Os psitrões serão as partículas psicológicas que subjazem os psemes. Como indicado nesse artigo, a histeria é caracterizada por psitrões curtos, dada a tendência para a satisfação imediata, associados portanto à memória curta, daí o recalamento histórico, enquanto que a obsessão é caracterizada por psitrões longos, com tendência para o adiamento da satisfação, estando associados, portanto, ao juízo de condenação e à memória a médio e a longo prazo.

Ainda nesse artigo, e baseado num outro, a saber, Influência da transmissão psemética por género e por tipo de personalidade (Resende, 2010), se pode ver que haverá dominância psemética da obsessão sobre a histeria e que os psitrões longos se caracterizam psemeticamente por um maior alcance, sendo indicado que será talvez por razões filogenéticas, considerando a obsessão tipicamente masculina e a dominância filo-histórica dos homens em praticamente todas as culturas.

Este aspecto filogenético é importante para o resto do artigo.

Continuando, e no âmbito da telepatia, considera-se que o telepata obsessivo se caracterizará por características telepáticas de maior alcance, com maior distância e maior intensidade, do que o telepata histórico, precisamente pelos característicos psitrões longos no primeiro e psitrões curtos no segundo. Ainda relativamente ao primeiro artigo referido, é concluído que o telepata histórico funciona melhor, do que o telepata obsessivo, com materiais de contacto, de aproximação, mas maior distância relativa implícita, como televisão, cinema ou rádio. O telepata obsessivo funcionará melhor, do que o histórico, sem esses materiais, mais estritamente de ser para ser. Nesta medida, podemos caracterizar a telepatia histórica mais materialista e a telepatia obsessiva mais idealista.

No caso dos históricos, tenha-se em conta a típica superficialidade dos relacionamentos e

como isso se conjuga com os característicos psitrões, precisamente, curtos, enquanto que nos obsessivos a maior intensidade típica das vinculações conjuga-se bem com as características telepáticas já indicadas de maior intensidade.

Pelo dito, e voltando às questões filogenéticas e ao maior alcance psemético dos psitrões longos no obsessivo, tipicamente masculino, dir-se-à que o inconsciente colectivo, que se constituirá enquanto vestígios de experiências passadas da humanidade, particularmente pelas questões associadas à memória a longo prazo, caracterizar-se-à por uma espécie de autotelepatia, em que cada indivíduo contribuirá para a memória colectiva através destes movimentos autotelepáticos. Ao nível desta memória longa, teríamos questões como a reflexão sobre o passado e o planeamento do futuro, que se caracterizariam por movimentos psíquicos, ou mais precisamente, psitrónicos autotelepáticos, para o passado e para o futuro.

Estes movimentos autotelepáticos, para o passado e para o futuro, explicarão, em boa medida, os fenómenos das premonições e dos déjà vu. Assim, teremos que no caso das premonições, os movimentos autotelepáticos irão do futuro para o passado, do momento X1 para o momento X0, ou presente, enquanto que nos déjà vu, os movimentos autotelepáticos irão para o passado e para o futuro, do momento X2 para o momento X0 relativamente ao momento X1, de forma a que quando se passa por X1, sente-se que já aconteceu.

Em termos de arquétipos, esta autotelepatia também poderá explicar porque é que os arquétipos, por exemplo, de Herói ou de Mãe, sejam mais fortes nuns indivíduos do que em outros. Assim, considerando, como Jung (1988), que os arquétipos são propensões psíquicas, tendências probabilísticas, os movimentos autotelepáticos funcionarão como actualizadores das tendências, em que, por exemplo, uma determinada propensão é mais privilegiada do que outra.

Da mesma maneira, mas mais ao nível de uma memória média, se pode caracterizar o inconsciente pessoal, considerando importantemente que os psemes, constituídos pelos psitrões, se transmitem também, sobremaneira, intergeracionalmente, como se pode averiguar nos meus artigos Psemes: para além dos genes e dos memes (Resende, 2010), Psemes: Evolução por Selecção Psicológica (Resende, 2010) e Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana (Resende, 2010).

Ter-se-à que, em termos temporais, os inconscientes colectivo e pessoal se caracterizam por uma relatividade temporal.

Temos, então, a partir dos psitrões longos, a transmissão autotelepática intergeracional e intraindividual do inconsciente colectivo e a transimssão autotelepática intraindividual do inconsciente pessoal, considerando, contudo, também a transmissão interindividual dos psemes, que constituindo-se enquanto complexos inconscientes, também se transmitem de outras maneiras para além da telepática, como comportamentos e verbalizações.

Esta autotelepatia se diferenciará da telepatia de ser para ser, ou seja, da heterotelepatia.

Para finalizar, e quanto à questão autotelepática, este artigo dá mais sentido a quando se diz que um feito, um facto, etc., ecoa pelos tempos.

Bibliografia

Grof, S. (2007). A Psicologia do futuro (tradução portuguesa). Via Óptima. (Edição original: Psychology of the future, 2000)

Jung, C. G. (1988). A prática da psicoterapia (tradução portuguesa) In Obras Completas de C. G. Jung, Vol. XVI. Petrópolis: Editora Vozes

Resende, S. (2010). Psemes: para além dos genes e dos memes in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/05/2010

Resende, S. (2010). Psemes: Evolução por Selecção Psicológica in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 01/09/2010

Resende, S. (2010). Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 29/09/2010

Resende, S. (2010). Influência da transmissão psemética por género e por tipo de personalidade in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 26/11/2010

Resende, S. (2011). Caracterização específica da Serologia e do Ser in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 01/02/2011

Resende, S. (2011). A telepatia e suas relações com os psitrões enquanto base dos psemes in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 06/02/2011

Exemplos relativos a medos contemporâneos da sociedade capitalista

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

23/2/11

Dão-se exemplos contemporâneos, contextualizados, relativamente a medos presentes na sociedade capitalista, particularmente, a Estado-Unidense, considerada o bastião do Capitalismo.

Começamos por relembrar dois artigos meus, a saber, Tendências psicológicas e medos futuros das sociedades capitalistas (Resende, 2010) e Exemplo paradigmático relativo às tendências psicológicas e medos futuros das sociedades capitalistas (Resende, 2011). Nos mesmos, concluo que existe uma paranóia anal, decorrente da primazia do dinheiro na sociedade capitalista e do mesmo dinheiro ter características anais, por se constituir enquanto meio transitivo de relação com o exterior. A paranóia surge da divinização do dinheiro e da sexualidade feminina, divinização essa característica da sociedade capitalista, e da utilização da sexualidade, em particular, para estabelecer controlo sobre o indivíduo e sobre as massas. Como se denota mais à frente, desenvolvo o estabelecimento deste controlo em dois artigos, que se intitulam Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque (Resende, 2010) e Enunciação de Mecanismos de ataque (Resende, 2010). Relativamente ao segundo artigo referido anteriormente, dou o exemplo de um medo presente numa sociedade capitalista, a Estado-Unidense, que é a utilização fóbica do Vai-Vém espacial, pelo seu ir e vir, com características de fuga para a frente e de evitamento. Indico aí, também, que se pode, em certa medida, aproximar esta caracterização fóbica da histeria de angústia, o que é coerente com as características históricas da sociedade Estado-Unidense.

Avanço agora para outros exemplos de medos contemporâneos da sociedade capitalista Estado-Unidense.

Por exemplo, os arranha-céus das cidades Estado-Unidenses, com suas luzes à noite, tão presentes em filmes e séries televisivas, indicarão um medo presente de adormecer. Isto considerando que a luz, ligada à noite, é um meio transitivo para se conseguir adormecer. Repare-se que Nova-Iorque, com seus arranha-céus, e luzes ligadas à noite, é considerada " a cidade que nunca dorme ", apontando para uma representação de uma cidade transitiva para se conseguir adormecer, a nível mais global. Fará aqui sentido quando alguns indicam a cidade de Nova-Iorque, com, por exemplo, a Estátua da Liberdade, como um farol para o mundo. Mas realça-se essa propaganda nos media, dos arranha-céus e suas luzes, fazendo associar inevitavelmente o medo de adormecer à sociedade e sistema capitalista Estado-Unidense. O medo de adormecer aqui enunciado poderá ser exemplificado com um verso de uma canção do famoso cantor George Michael, quando ele diz: " Fear is the light in your window ".

Outro exemplo que poderá ser aqui desenvolvido é a utilização de sacos de compras castanhos, que são utilizados caracteristicamente nos Estados-Unidos. Considera-se que o castanho é uma mescla de branco e preto; contextualizando, será uma mescla de branco e negro, ou caucasóide e negróide. Realça-se o exemplo do saco de compras no contexto do consumismo capitalista Estado-Unidense. Ora, parece haver, para fomentar este consumismo, a propagandeação do estabelecimento de um tabu de relacionamentos, particularmente amorosos e sexuais, entre brancos e negros, ou seja, inter-racialmente, em que a culpabilidade associada a esse medo é utilizada e/ou dirigida sobre o acto de fazer compras. Quanto à questão do medo propagandeado no sentido de não estabelecimento de relacionamentos entre brancos e negros, veja-se a propaganda maciça, nesse sentido, em filmes e séries televisivas, como ainda, particularmente, em vídeos musicais, em que parece estar presente a estrita união entre indivíduos da mesma raça. É nesse sentido que os indivíduos desenvolverão um medo, mais ou menos inconsciente, de se unirem a indivíduos de outra raça, em que o antevisto poderá ser, por exemplo, a rejeição social. Exemplifica-se este tabu com o que Salazar, ditador fascista português do século XX, dizia, quando falava numa " coexistência " entre brancos e negros, mantendo, contudo, as colónias opressoras em África. Ora, este contexto fascista parece estar presente naquele tabu fomentado nos Estados-Unidos, em que parecem ser utilizados mecanismos de ataque, particularmente o controlo histórico, no controlo individual e das massas. Esta tendência fascista é reforçada contemporaneamente pelo estabelecimento, nesse país, do Patriot Act, instituído por George W. Bush e extendido por Barack Obama, que permite às forças de segurança meios de vigilância e controlo populacional, sem a necessidade de autorização de um juiz.

Considerando que também há uma propaganda das luzes dos arranha-céus, ligadas ao medo de adormecer, e o outro tabu do saco das compras, realça-se a utilização de mecanismos de ataque, particularmente, a projecção histórica da agressividade fálica, e o controlo histórico, de controlo populacional, no estabelecimento destes tabus, medos, capitalistas, no seu extremo fascista.

Finalizo, com uma citação de alguém, que poderá ter sido alvo destes mecanismos de ataque, a saber, o Presidente Estado-Unidense John Fitzgerald Kennedy, que foi assassinado nos anos 60 do século XX: " Não há nada de que ter medo, a não ser do próprio medo! ".

Bibliografia

Resende, S. (2010). Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque
in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em

15/10/2010

Resende, S. (2010). Enunciação de Mecanismos de ataque in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 14/11/2010

Resende, S. (2010). Tendências psicológicas e medos futuros das sociedades capitalistas in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 26/11/2010

Resende, S. (2011). Exemplo paradigmático relativo às tendências psicológicas e medos futuros das sociedades capitalistas in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 05/01/2011

Exopsicologia e o autismo

Sérgio Miguel Ramos Duarte Fortes Resende [Serput]

26/2/11

Neste artigo, perspectiva-se a visão exopsicológica da consideração de Deus enquanto entidade autista, enquadrando isto nas intervenções alienígenas nos indivíduos autistas, no âmbito de estudos psicológicos por si perpetrados.

Antes de tudo, deve ter-se em conta dois artigos meus sobre a exopsicologia, a saber, Exopsicologia: uma nova área de estudo (Resende, 2009) e Exopsicologia e esquizofrenia (Resende, 2009).

Um dos pontos cruciais destes artigos é a proposta considerativa da existência de estudos e intervenções psicológicas perpetrados por entidades alienígenas em humanos, para além dos estudos genéticos.

Assim, enquadrando as abduções e as intervenções telepáticas, perspectiva-se que o rácio de fluência verbal, no seu extremo a verborreia e o mutismo, está relacionado com o esvaziamento mental de maneira a que as intervenções telepáticas se possam efectuar. Dá-se o exemplo da maior fluência verbal das mulheres em relação aos homens, em que a necessidade de falar será induzida pelos alienígenas, através de dispositivos psicotrónicos e/ou transmiss&

otilde;es telepáticas, ou através das próprias entidades extraterrestres em si. De seguida, considera-se que a ocasional verborreia é indicativo de que esses indivíduos serão os marcadores, psicológicos, pela sua situação média, sendo marcados pelos alienígenas para serem seguidos e para serem avaliados quanto à capacidade de observação e de funcionamento mental. Pessoas que falam pouco serão observadores-mor, sendo eles próprios, apenas observados. Consideram-se ainda aspectos psicopatológicos, em que, por exemplo, o vazio depressivo do melancólico, deprimido ou do histérico é indicativo de esvaziamento mental que permitirá a possibilidade de entidades alienígenas preencherem esse espaço e efectuarem a intervenção alienígena. No geral, o espaço mental será aproveitado para intervenções alienígenas como alteração comportamental e mental.

Enquadram-se, posteriormente, do ponto de vista exopsicológico, estas intervenções alienígenas com a esquizofrenia. Assim, num dos sintomas da esquizofrenia, a despersonalização, haverá a vivência, por parte do indivíduo, de uma personalidade como não sendo a sua. Exopsicologicamente, isto indicará a utilização do corpo do indivíduo humano, como veículo, para estabelecimento de intervenções telepáticas.

Como no exemplo a seguir dado, estas intervenções parecem ser no intuito de induzirem alguma reacção nos indivíduos à volta daquele considerado esquizofrénico, podendo, deste modo, ser avaliadas as reacções humanas a algo que aparenta ser estranho e fora do comum.

O exemplo agora dado é relativo à esquizofrenia catatónica e ao seu característico movimento de andar para a frente e para trás. É que este movimento é muito semelhante ao movimento que é feito pelos Judeus, enquanto oram. Podemos interpretar isto de uma forma anagógica, no seu sentido simbólico mais mítico e geral, numa tendência Junguiana, e considerarmos a grande influência histórica e religiosa dos Judeus. Assim, tentando perceber exopsicologicamente, o movimento catatónico será induzido por entidades extraterrestres para o relacionar com o movimento dos Judeus, no sentido de avaliar, no âmbito dos estudos psicológicos já referidos, as reacções das pessoas, dos clínicos, em particular, aos movimentos.

Adentrando, mais especificamente, no autismo, realça-se a crucial importância da consideração de o autista viver num mundo muito próprio e de, caracteristicamente, evitar o contacto do olhar. Considerando teologicamente a existência de um único Deus criador, considerar-se-à, exopsicologicamente, que Deus terá características autistas, por a existência de Deus, e do Universo, se caracterizar por ser o mundo próprio, muito próprio, em última instância, da entidade Deus. Se considerarmos humanamente, em termos de observação do autista e da sua vivência própria, consideraremos, em última instância, a caracterização autista de Deus.

Teremos, então, como ponto comum, o sentimento omnipresente de onnipotência dos pensamentos.

Exopsicologicamente, e considerando o evitamento do contacto do olhar, e o já aduzido da vivência muito própria, ter-se-à que haverão intervenções alienígenas nos autistas, no âmbito de estudos psicológicos, para avaliar a consideração das pessoas em relação ao autista, e em relação a características que o autista tem, e que partilha com a consideração humana sobre Deus. O evitamento do olhar, no âmbito destes estudos, relacionar-se-à com o facto de se considerar que Deus observa tudo e todos. Assim, procurar-se-à qual a perspectiva dos humanos em relação a aspectos que os mesmos consideram negativos no autista mas que idealizam sobremaneira na entidade Deus, como a questão da existência de um mundo muito próprio e de só o seu mundo existir.

Em última instância, se pudermos intuir uma mensagem dos alienígenas, nestes estudos, será: " O vosso Deus é um autista! ", deixando, eventualmente, a tarefa aos humanos de divinizar o autista ou desmistificar Deus.

A propósito desta desmistificação, considere-se a existência do Movimento Raeliano (ver www.rael.org), em que Rael (anteriormente Claude Vorilhon) terá sido contactado por um extraterrestre que lhe terá dito que os humanos antigos confundiram, na presença extraterrestre na Terra, ou tomaram, os extraterrestres por Deuses. Esta desmistificação terá sido um dos motivos porque Rael foi contactado.

Em modo de conclusão, e exopsicologicamente, não divinizando o autista, aponto para a desmistificação da entidade Deus, pelas suas características psicopatológicas.

Bibliografia

Resende, S. (2009). Exopsicologia: uma nova área de estudo in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/07/2009

Resende, S. (2009). Exopsicologia e esquizofrenia in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 08/10/2009

www.rael.org

Distinção entre heterotelepatia e autotelepatia

15/03/2011

Distinguem-se, neste artigo, a heterotelepatia, ou telepatia de ser para ser, e a autotelepatia, ou telepatia intraindividual, utilizando particularmente a noção de campos alargados, da Psicologia Transpessoal.

Como referido em Caracterização específica da Serologia e do Ser (Resende, 2011) e A telepatia e suas relações com os psitrões enquanto base dos psemes (Resende, 2011), é de considerar que o estudo e o desenvolvimento da telepatia surgirá no contexto da Serologia. Como aí indicado, a Serologia procurará a verdade, buscará a realidade última, sendo esta associada à realidade última, a nível mental, que Bion nos fala, sendo também aí indicado que se estabelecerá um paralelo com a Teoria do Tudo em Física.

Antes de avançar, devemos lembrar a noção dos psemes e dos psitrões. Assim, os psemes são unidades de evolução psicológica, unidades psicológicas de transmissão intergeracional. Os psemes serão pensamentos inconscientes que são consituídos enquanto complexos, ou conjunto de complexos, inconscientes, e terão características Lamarckianas. Os psitrões perspectivam-se enquanto partículas psicológicas que subjazem os psemes. Para mais, dir-se-à que a histeria é caracterizada por psitrões curtos e que a obsessão é caracterizada por psitrões longos. Isto devido à tendência para a satisfação imediata do histórico, que teria por base psitrões que estariam associados à memória curta, e daí o recalamento histórico, e devido à

tendência para o adiamento da satisfação, característico da obsessão, e relacionada com o juízo de condenação, que teria por base psitrões que estariam associados à memória a médio e a longo prazo.

Ainda, no segundo dos artigos referidos anteriormente, são consideradas a dominância psemética da obsessão sobre a histeria e a característica psitrónica de os psitrões longos se caracterizarem psemeticamente por um maior alcance, talvez por razões filogenéticas.

No âmbito da telepatia, que será neste caso a heterotelepatia, dir-se-à que o telepata obsessivo se caracterizará por características telepáticas de maior alcance, com maior distância e intensidade, do que o telepata histérico.

Isto considerando que no telepata obsessivo predominarão psitrões longos e que no telepata histérico predominarão psitrões curtos.

Ter-se-à em conta, ainda, que na utilização de telepatia através de meios como televisão, rádio, cinema, etc., o telepata histérico funcionará melhor do que o telepata obsessivo.

Assim, tem-se que, com materiais de contacto, de aproximação, mas com maior distância relativa implícita, o telepata histérico, com seus psitrões curtos, funciona melhor, e que sem esses materiais, estritamente de ser para ser, será o telepata obsessivo, com seus psitrões longos, a funcionar melhor.

Falámos, agora, mais ao nível da heterotelepatia.

Noutro plano, e voltando às questões filogenéticas e ao maior alcance psemético dos psitrões longos no obsessivo, tipicamente masculino, dir-se-à que o inconsciente colectivo, que se constituirá enquanto vestígios de experiências passadas da humanidade, particularmente pelas questões associadas à memória a longo prazo, caracterizar-se-à por uma espécie de autotelepatia, em que cada indivíduo contribuirá para a memória colectiva através destes movimentos autotelepáticos. Ao nível desta memória longa, teríamos questões como a reflexão sobre o passado e o planeamento do futuro, que se caracterizariam por movimentos psíquicos, ou mais precisamente, psitrónicos autotelepáticos, para o passado e para o futuro.

Ainda continuando a referenciar o meu artigo Características psitrónicas dos inconscientes colectivo e pessoal: a autotelepatia (Resende, 2011), dir-se-à que estes movimentos autotelepáticos, para o passado e para o futuro, explicarão, em boa medida, os fenómenos das premonições e dos déjà vu.

Assim, teremos que no caso das premonições, os movimentos autotelepáticos irão do futuro para o passado, do momento X1 para o momento X0, ou presente, enquanto que nos déjà vu, os movimentos autotelepáticos irão para o passado e para o futuro, do momento X2 para o momento X0 relativamente ao momento X1, de forma a que quando se passa por X1, sente-se que já aconteceu.

Em termos de arquétipos, esta autotelepatia também poderá explicar porque é que os arquétipos, por exemplo, de Herói ou de Mãe, sejam mais fortes nuns indivíduos do que em outros. Assim, considerando, como Jung (1988), que os arquétipos são propensões psíquicas, tendências probabilísticas, os movimentos autotelepáticos funcionarão como actualizadores das tendências, em que, por exemplo, uma determinada propensão é mais privilegiada do que outra. Estas descrições autotelepáticas são reminiscentes de quando se fala de experiências de vidas passadas, que se consegue alcançar, por exemplo, através de hipnose regressiva, estando nós aqui a falar, portanto, do fenómeno de reencarnação.

Como para o inconsciente colectivo, da mesma maneira, mas mais ao nível de uma memória média, se pode caracterizar o inconsciente pessoal, ao nível dos movimentos autotelepáticos.

Considerando que, em termos temporais, os inconscientes colectivo e pessoal se caracterizam por uma relatividade temporal, temos, então, a partir dos psitrões longos, a transmissão autotelepática intergeracional e intraindividual do inconsciente colectivo e a transmissão autotelepática intraindividual do inconsciente pessoal, considerando, também, a transmissão interindividual dos psemes, que se constituem enquanto complexos inconscientes, mas que se transmitem também, por exemplo, por comportamentos e verbalizações.

Voltando à questão da caracterização geral da telepatia, em que, como já indicado no início do artigo, esta surge associada à realidade última, a nível mental, podemos equiparar esta telepatia ao estado holotrópico, tal como considerado por Stanislav Grof, por exemplo, em *A Psicologia do futuro* (Grof, 2007). Este estado holotrópico é considerado um estado alterado de consciência que se caracteriza por ir na direcção da totalidade.

Como esta noção surge no âmbito da Psicologia Transpessoal, outra noção desta área poderá ajudar-nos a caracterizar melhor a telepatia. Assim, esta seria caracterizada pelos campos alargados de consciência.

Esta última telepatia que temos vindo a falar será a heterotelepatia, ou telepatia de ser para ser, que se caracterizará, então, por estes campos alargados de consciência, podendo nós introduzir aqui a noção da autotelepatia como se caracterizando por campos alargados de inconsciência.

Temos, então, a heterotelepatia enquanto relacionada com a consciência e a autotelepatia enquanto relacionada com a inconsciência.

Faz-se, agora, uma distinção importante quanto aos psemes em si.

Eles constituem-se enquanto complexos inconscientes, que transmitem-se interindividualmente, quer pela sua apreensão inconsciente como também, por exemplo, por comportamentos e verbalizações.

No contexto deste artigo, os psemes fundeiam o inconsciente, particularmente, o inconsciente colectivo e o inconsciente pessoal, e influenciam o consciente, particularmente pela consciencialização dos fenómenos inconscientes, que irá permitir, por exemplo, os campos alargados de consciência, onde se pode incluir a telepatia, particularmente a heterotelepatia.

No sentido descrito, os psemes terão características quer heterotelepáticas como autotelepáticas.

Bibliografia

Grof, S. (2007). A Psicologia do futuro (tradução portuguesa). Via Óptima. (Edição original: Psychology of the future, 2000)

Jung, C. G. (1988). A prática da psicoterapia (tradução portuguesa) in Obras Completas de C. G. Jung, Vol. XVI. Petrópolis: Editora Vozes

Resende, S. (2011). Caracterização específica da Serologia e do Ser in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 01/02/2011

Resende, S. (2011). A telepatia e suas relações com os psitrões enquanto base dos psemes in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 06/02/2011

Resende, S. (2011). Características psitrónicas dos inconscientes colectivo e pessoal: a autotelepatia in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 14/02/2011

Variação diferencial do alargamento dos lábios vaginais e sua importância no poder criativo: a musa

18/03/2011

Neste artigo, venho descrever a importância que a variação diferencial do alargamento dos lábios vaginais, particularmente na excitação sexual, tem no poder criativo, quer em homens quer em mulheres.

Em Variação diferencial do tamanho do pénis e sua importância no poder criativo (Resende, 2011), indico que o diferencial do tamanho do pénis, ou seja, entre o estado flácido e o estado erecto, permite ao homem identificar-se quer com homens quer com mulheres, já que em relação a estas, a aproximação do estado de flacidez permite a identificação com o clitóris da mulher.

Sendo assim, o homem tem uma perspectiva mais diferenciada do mundo que o rodeia através destas duas

identificações. Será esta perspectiva que permitirá o maior poder criativo do homem, algo que se denota ao longo da história humana.

Tendo em conta que aquela identificação com as mulheres será um dos factores do efeito musa, que aquelas têm nos homens, adentremos mais na caracterização da musa.

Sendo conhecida ao longo da história a existência de musas inspiradoras, lembremos o exemplo do busto feminino na proa dos barcos de exploração marítima ou aquelas mulheres destinatárias de serenatas.

Proponho aqui que a variação diferencial do alargamento dos lábios vaginais da mulher, na excitação sexual e na ausência dela, será um dos factores etiológicos do efeito musa na criatividade.

Será como, e tendo em conta a identificação relacional, ao alargar os lábios vaginais, na excitação sexual, ocorrer uma " mitose " de ideias, em que, da mulher, tenderão a surgir ideias separadas.

Importantemente, será como uma base somática da fantasia imaginativa.

Na mulher, e tendo em conta as relações particularmente sexualizadas, portanto homossexualizadas, entre mulheres, haverá uma dificuldade na resolução da ambivalência homossexual, e em consequência, no contexto, dificuldade na escolha das ideias surgidas a partir daquela " mitose ". Assim, o efeito criativo da excitação sexual da mulher é diminuído na mulher típica.

Ora, a melhor resolução da ambivalência homossexual, mais típica no homem, e tendo em conta a relação homem-mulher, permitirá ao homem identificar as ideias e equacioná-las nas elaborações criativas.

Temos aqui um forte efeito de musa, em que o aumento e diminuição da excitação sexual da mulher, pelas suas características sexualizadas constantes, com aumento e diminuição do alargamento dos lábios vaginais, permitirão uma fonte importante de inspiração.

Nos homens homossexuais, este efeito de musa não será tão forte, já que a relação amorosa e sexual de eleição é com homens e não com mulheres.

Já em relação às lésbicas, e considerando a resolução da ambivalência homossexual que mais lhes caracteriza, a fonte de inspiração criativa está particularmente presente, o que é bom prognóstico para aqueles movimentos feministas, particularmente, os mais radicais, que preconizam o inevitável lesbianismo das mulheres.

Pelo dito, e considerando as relações particularmente sexualizadas das mulheres e que as histéricas se caracterizam sobremaneira pelas relações sexualizadas, será sintomático que as origens da Psicanálise estejam associadas ao estudo da histeria.

Bibliografia

Resende, S. (2011). Variação diferencial do tamanho do pénis e sua importância no poder criativo in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 02/01/2011

Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia

25/03/2011

Considera-se, neste artigo, a relação entre a Teoria do Tudo em Física e uma Teoria do Tudo em psicologia, ou mais precisamente, numa sua derivação, a Serologia.

Antes de mais, considere-se o meu artigo Serologia: a filha da Psicologia (Resende, 2010), em que estabeleço a passagem da psique para o Ser, recorrendo a conceitos Junguianos como Sombra e Máscara.

Em Caracterização específica da Serologia e do Ser (Resende, 2011), caracterizo mais especificamente a Serologia e o Ser, considerando aí que, na Serologia, haverá

uma busca da verdade, da realidade última, que Wilfred Bion falava. Isto particularmente a nível mental.

Também aí se estabelece um paralelo com a Física, que tendo como objectivo último a Teoria do Tudo, remete-nos para uma Serologia com o objectivo último de pesquisa a Teoria do Tudo, a nível mental. Isto é, remete-nos para todos os processos e características que verdadeiramente ocorrem no ser humano a nível mental.

Como a Teoria do Tudo em Física procura as forças fundamentais que governam o Universo, a Teoria do Tudo em Serologia procurará as forças e processos fundamentais que governam a mente, particularmente na relação entre a mente e a matéria.

Continuando, como o título sugere, pretendo dar uma aproximação à Teoria do Tudo, muito falada em Física, mas na área da Psicologia, ou mais precisamente da Serologia, porque, efectivamente, somos nós, humanos, que pensamos as teorias.

Devemos ter isto em conta, ao pensar na influência que o Universo exerce sobre o pensamento humano, como sobre as emoções, relacionamentos, etc..

Considere-se, então, que quando há um amor não correspondido, amor dado não correspondido, ou pouco correspondido, temos uma situação em que um dos elementos em questão atrai mais do que o outro.

Transpondo para a Física, na Teoria do Tudo, teríamos um paralelo, em que há uma estrela, por exemplo, que exerce maior atracção sobre um planeta do que o planeta exerce sobre a estrela.

Correlacionando, teremos, pois, que o elemento depressígeno do amor não correspondido como que caracteriza a relação entre estrelas e planetas.

Sendo assim, os sistemas solares, em que cada vez mais se descobrem exoplanetas, ou seja, planetas orbitando outras estrelas que não o Sol, caracterizam-se pela depressividade, em que, pelos movimentos de translacção, teremos uma depressividade cíclica. Teremos, então, uma entrada e saída da depressão, correspondendo isso, pois, a movimentos relacionais maníaco-depressivos.

Ainda, tendo em conta que a patologia maníaco-depressiva constitui-se enquanto psicose, teríamos que os sistemas

solares exercem uma influência psicotizante sobre o ser humano!

Ademais, e sequenciadamente, no desenvolvimento humano, teremos que o afastamento e aproximação das galáxias umas das outras, como se verifica experimentalmente, remete-nos para uma angústia borderline, particularmente, a angústia de separação, que lhe mais caracteriza.

Ainda, a expansão do Universo, com o afastamento dos seus limites, como se tem em conta hoje em dia, acentua esta angústia borderline, pela angústia e ansiedade de separação presentes.

Assim, no estudo da Psicologia e da Física, e na pesquisa cada vez mais longe da Terra, ou mais aprofundada, teremos a passagem da psicose para o estado borderline.

De seguida, e entrando já na organização neurótica, considere-se o dito por Abdus Salam (citado por Kaku, 1994) acerca da busca da unificação das forças fundamentais em Física [acerca desta busca, poderá ainda consultar-se Em busca da unificação (Salam, Dirac & Heisenberg, 1991)]. Assim, Salam, Prémio Nobel da Física, na citação referida, diz que a supersimetria é a proposta final para uma completa unificação de todas as partículas.

Kaku, ele próprio, em Beyond Einstein (Kaku & Thompson, 1995) refere-se à simetria como sendo o elo perdido da Física.

Também em Sonhos de uma teoria final (1996), de Steven Weinberg, também ele Prémio Nobel da Física, é indicado que, tendo a matéria perdido a posição central que ocupava na nossa visão do universo, serão as simetrias da natureza que estão no centro do nosso conhecimento.

Assim, tendo em conta estas considerações sobre a simetria, perspetive-se as caracterizações de Bergeret (1997) sobre as fases de desenvolvimento psicosssexual, particularmente a fase genital, portanto neurótica, sendo, pois, mais evoluída. Em relação a ela, ele estabelece características tipicamente genitais como o respeito pelo outro e a capacidade de dádiva e como a capacidade de união afectiva, podendo nós aqui referirmo-nos ao sentimento de reciprocidade e à cooperação, ao invés da interdependência.

Há pois este paralelo entre características de natureza física e características psicológicas.

Tendo em conta a busca da realidade última, a nível mental, já referida, e esta busca da teoria final, de unificação de todas as partículas, dir-se-à que a realidade última, física e psicológica, tem características neuróticas.

Estas últimas, e reportando à terminologia da Física, caracterizar-se-ão, então, pela Não-Localidade psicológica.

Repare-se, no desenvolvimento do artigo, a passagem da assimetria inicial relativa à psicose para a simetria final relativa à neurose.

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Kaku, M. (1994). Hyperspace - A scientific odyssey through parallel universes, time warps, and the tenth dimension. Oxford University Press

Kaku, M. & Thompson, J. (1995) Beyond Einstein – The Cosmic Quest for the Theory of the Universe. Anchor Books

Resende, S. (2010). Serologia: a filha da Psicologia in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 09/11/2010

Resende, S. (2011). Caracterização específica da Serologia e do Ser in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 01/02/2011

Salam, A., Dirac, P. & Heisenberg, W. (1991). Em busca da unificação. Gradiva

Weinberg, S. (1996). Sonhos de uma teoria final. Gradiva

Exemplos específicos relativos à musa inspiradora como variação diferencial do alargamento dos lábios vaginais

10/05/2011

Venho, neste artigo, especificar melhor os exemplos dados num outro artigo meu, a saber, Variação diferencial do alargamento dos lábios vaginais e sua importância no poder criativo: a musa (Resende, 2011).

Revedo este último artigo, tem-se a proposta que a variação diferencial do alargamento dos lábios vaginais da mulher, na excitação sexual, e na ausência dela, será um dos factores etiológicos do efeito musa na criatividade.

Acrescento, aqui, que as características multi-orgásmicas da mulher fornecerão uma fonte importante e constante a esse efeito musa.

Indica-se ainda, naquele artigo, que em relação a este alargamento, ocorrerá uma “ mitose “ de ideias, em que, da mulher, tenderão a surgir ideias separadas, havendo como que uma base somática da fantasia imaginativa.

Distinguindo, agora, a influência deste alargamento, em homens e mulheres, tem-se, por exemplo, que na mulher, com suas relações particularmente sexualizadas e homossexualizadas entre mulheres, haverá uma dificuldade na resolução da ambivalência homossexual, e em consequência, dificuldade na escolha das ideias surgidas a partir daquela “ mitose “. Deste modo, o efeito criativo da excitação sexual da mulher é diminuído na mulher típica.

A melhor resolução da ambivalência homossexual no homem, com conseqüente menor dificuldade na escolha das ideias, permitirá ao mesmo identificar as ideias e equacioná-las nas elaborações criativas.

Nos homens homossexuais, o efeito de musa não será tão forte, já que a relação amorosa e sexual de eleição é com homens e não com mulheres.

Em relação às lésbicas, e considerando a resolução da ambivalência homossexual que mais lhes caracteriza, a fonte de inspiração criativa está particularmente presente.

Especificando, agora, os exemplos dados naquele artigo referido, temos, no contexto da musa inspiradora, o exemplo do busto feminino na proa dos barcos de exploração marítima e temos as serenatas, tendo mulheres como destinatárias. No contexto deste artigo, e em relação ao busto feminino na proa do barco, tem-se de um lado do barco estibordo e do outro bombordo, portanto esquerda ou direita, em que, na exploração marítima, a escolha da direcção tomada estará relacionada com aquele alargamento dos lábios vaginais e com aquela “ mitose “ de ideias, sendo que, com a inspiração constante, haverá a escolha de uma ideia ou outra, bombordo ou estibordo. Estes relacionam-se, claro está, com um e outro dos lados dos lábios vaginais.

Já em relação às serenatas, e para além de serem mulheres as destinatárias típicas das mesmas, temos, no contexto do artigo, a própria guitarra. Considere-se, como habitualmente se faz, a forma da guitarra clássica como tipicamente feminina, com o corpo da guitarra a fazer lembrar o peito e as ancas de uma mulher. Para mais, as cordas da guitarra relacionam-se simbolicamente com os pêlos púbicos da mulher. Temos ainda, importantemente, os afinadores das cordas, distribuídos tipicamente três na extremidade de um lado do braço da guitarra e três do outro. Esta distribuição, de um lado e do outro, é que está mais relacionada com o alargamento dos lábios vaginais, ou mais precisamente, com a sua variação diferencial, em que a variação está presente no afinar das cordas da guitarra, em que, para isso, tem que se deslocar os afinadores para cima e para baixo. Dir-se-à que, de uma boa musa inspiradora, surgirá uma guitarra bem afinada.

Ainda relativamente ao alargamento dos lábios vaginais no contexto musical, refira-se a letra de uma canção de Archie Shepp, artista de Jazz, em que ele diz: “ Your vagina split to the East, split to the West... “.

Uma derivação que ainda se poderá fazer quanto à influência do alargamento dos lábios vaginais, e daquela “ mitose “ de ideias, será o de, por haver um lado esquerdo e um lado direito dos lábios vaginais, isso influenciar a utilização dos braços, das mãos e das pernas, com os seus lados esquerdo e direito. Assim, nas pernas, influencia a acção locomotora, e a direcção tomada em determinada acção, e nos braços e mãos, para além da força motora por eles exercida, temos actividades como tocar música e escrever ou desenhar, que poderá ser no sentido de um ou outro braço, e mão, para o escrever ou desenhar, mas poderá ser para ambos os braços e mãos, no escrever no computador, o que é cada vez mais comum.

Esta derivação de esquerda e direita, como se depreende, é muito ampla e significativa.

Assim, teremos como consequência influências inspiradoras nas produções desportivas, em particular, realçando-se as proezas desportivas. Destacam-se, ainda, o virtuosismo musical, e artes como o desenho, a pintura e as concepções derivadas da arquitectura. Ainda, em particular, a musa inspiradora terá os seus efeitos na escrita, manual como em computador, podendo ter influências na produção literária e académica.

Finalizo, realçando reiteradamente a importância das características multi-orgásmicas da mulher no fornecimento de uma fonte constante ao efeito musa.

Bibliografia

Resende, S. (2011). Variação diferencial do alargamento dos lábios vaginais e sua importância no poder criativo: a musa in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (no prelo)

Exopsicologia, sincronicidade e telepatia

23/05/2011

Neste artigo, relaciono exopsicologia, sincronicidade e telepatia, em que, particularmente, numa base exopsicológica, considero o aspecto sincronístico da telepatia.

Começamos por considerar o princípio de sincronicidade de Jung. Em relação a este, Maddi (1980) diz: “ With the addition of the principle of synchronicity, Jung has evolved the notion of collective unconscious into something very close to a universal force not even dependent upon the existence of individual psyches for expression. “. Tendo em conta que Jung tentou relacionar a sincronicidade com fenómenos tão polémicos como a telepatia e a clarividência, repare-se, aqui, que, na citação feita, Jung relaciona a sincronicidade com a noção do inconsciente colectivo. Faço aqui esta referência para constatar o quanto é coerente com o que eu próprio já escrevi, relacionando telepatia com o inconsciente colectivo, assim como com o inconsciente pessoal, particularmente em Características psitrónicas dos inconscientes colectivo e pessoal: a autotelepatia (Resende, 2011) e Distinção entre heterotelepatia e autotelepatia (Resende, 2011).

Continuando, o princípio de sincronicidade tentaria explicar a ocorrência contígua ou simultânea de acontecimentos não relacionados causalmente e indicaria alguma comunalidade no inconsciente colectivo.

Hutin (?) refere, quanto ao conceito de sincronicidade de Jung, que, com ele, o autor tentava explicar “ ... os curiosos “ encontros “ significativos e susceptíveis de se produzirem, no tempo e no espaço, entre dois acontecimentos que não se encontravam ligados um ao outro por uma necessidade material. De onde a possibilidade das chamadas “ coincidências “ astrológicas... “. Este aspecto da astrologia tem a sua importância nas conceptualizações filosóficas que Jung faz do ser humano, particularmente pelo esforço por parte de Jung em introduzir a possibilidade de determinismo astrológico na sua filosofia geral das relações entre a psique do homem e o seu universo. Jung (1954) (citado por Hutin, ?), numa entrevista dada acerca da astrologia, diz: “ Tem havido muitos casos de espantosas analogias entre o

horóscopo e a disposição caracterológica. Há mesmo a possibilidade de uma certa predição (...). O horóscopo parece corresponder a um certo momento do conluio mútuo dos “ deuses “, quer dizer, dos arquétipos psíquicos. “.

Faz-se aqui significar, importantemente, que, tendo o dito, e na sincronicidade, este conluio dos deuses ou dos arquétipos psíquicos relaciona-se, em termos exopsicológicos, com entidades alienígenas, cujas actividades de intervenção com dispositivos psicotrónicos e/ou intervenção telepática e/ou outro meio ou dispositivo de alteração comportamental e/ou mental, na vida humana, podem ser referenciados em vários artigos meus. A saber, Exopsicologia: uma nova área de estudo (Resende, 2009), Exopsicologia e esquizofrenia (Resende, 2009), Exopsicologia e o Ser (Resende, 2010), Exopsicologia e a “ Cara “ de Marte (Resende, 2010), Complemento a Exopsicologia e a “ Cara “ de Marte (Resende, 2010) ou ainda em Exopsicologia e o autismo (Resende, 2011). Isto, em particular, no contexto de estudos psicológicos perpetrados pelas entidades alienígenas na vida humana como no contexto de propostas mensagens alienígenas para os humanos.

Tendo presente este aspecto da exopsicologia, atente-se à relação, já referida, entre sincronicidade e telepatia e clarividência, estabelecida por Jung, tal como nos indica Maddi (1980). Assim, considere-se os meus artigos Serologia: a filha da Psicologia (Resende, 2010), Caracterização específica da Serologia e do Ser (Resende, 2011), A telepatia e suas relações com os psitrões enquanto base dos psemes (Resende, 2011), Características psitrónicas dos inconscientes colectivo e pessoal: a autotelepatia (Resende, 2011) e Distinção entre heterotelepatia e autotelepatia (Resende, 2011), tendo a noção de que os artigos de exopsicologia, em particular, Exopsicologia: uma nova área de estudo, Exopsicologia e esquizofrenia e Exopsicologia e o Ser, já referidos, deram origem, precisamente aos artigos sequenciados, referidos anteriormente, de Serologia e telepatia.

Estabelece-se, então, aqui, um paralelo exopsicológico entre sincronicidade e telepatia.

Assim, relacionando os vários aspectos, aponta-se na mesma direcção de Jung, no estabelecimento de relação entre sincronicidade e telepatia.

Depreende-se, do aduzido, que o fenómeno telepático nos humanos, enquanto, ele próprio, fenómeno sincronístico, está relacionado com actividades e intervenções alienígenas.

Proponho, aqui, que estes contactos e intervenções alienígenas, ao nível da telepatia, serão no sentido de os seres humanos aprenderem a lidar com a comunicação telepática, porventura um passo mais evoluído na comunicação entre seres.

Bibliografia

Hutin, S. (19??). História da astrologia (tradução portuguesa). Edições 70 (Edição francesa original, 1970)

Maddi, S. R. (1980). Personality Theories: a comparative analysis (4ª edição). Homewood, Illinois: The Dorsey Press

Resende, S. (2009). Exopsicologia: uma nova área de estudo in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/07/2009

Resende, S. (2009). Exopsicologia e esquizofrenia in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 08/10/2009

Resende, S. (2010). Exopsicologia e o Ser in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 16/10/2010

Resende, S. (2010). Serologia: a filha da Psicologia in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 09/11/2010

Resende, S. (2010). Exopsicologia e a “ Cara “ de Marte in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 26/12/2010

Resende, S. (2010). Complemento a Exopsicologia e a “ Cara “ de Marte in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 28/12/2010

Resende, S. (2011). Caracterização específica da Serologia e do Ser in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 01/02/2011

Resende, S. (2011). A telepatia e suas relações com os psitrões enquanto base dos psemes in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 06/02/2011

Resende, S. (2011). Características psitrónicas dos inconscientes colectivo e pessoal: a autotelepatia in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 14/02/2011

Resende, S. (2011). Exopsicologia e o autismo in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 26/02/2011

Resende, S. (2011). Distinção entre heterotelepatia e autotelepatia in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (no prelo)

Análise da Máscara e Sombra Junguianas na sociedade chinesa contemporânea

12/06/2011

Pretende-se, neste artigo, relacionar o evoluir mais recente da sociedade chinesa no que diz respeito à Máscara e Sombra.

Tenha-se em conta, baseando-nos, por exemplo, no meu artigo Máscara (Persona) e Sombra de Jung: suas relações com o Capitalismo e o Comunismo (Resende, 2007), que o Comunismo estará mais associado à Sombra enquanto que o Capitalismo estará mais associado à Máscara. Deste modo, se pode associar o comunismo presente na União Soviética com a predominância da Sombra podendo-se relacionar o capitalismo presente nos Estados Unidos da América com a predominância da Máscara.

Tendo isto dito, como se pode caracterizar a sociedade chinesa contemporânea, ao nível dos arquétipos Máscara e Sombra, em que havendo uma governação comunista, de modo relativamente permanente, tem um sistema capitalista instaurado, com as suas Zonas Económicas Especiais, com a respectiva economia de mercado? De facto, é costume dizer-se em relação à China: “ Um país, dois sistemas! “.

É de reparar que naquele artigo, já citado, indico consequências quando se aumenta a Sombra no Capitalismo e a Máscara no Comunismo. Este último aumento, da Máscara no Comunismo, que adveio das reformas económicas iniciadas na China em 1979, traria então uma menor eficácia a lidar com o desconhecido, com aquilo de que se tem medo e uma maior eficácia na lide pública, nas relações públicas a nível global. De facto, parece ser isso que sucede, com, por exemplo, a entrada da China na Organização Mundial do Comércio, e o aumento notório da influência chinesa no mundo enquanto jogador global. Em relação a essa influência, vários analistas consideram a chegada da China ao estatuto de superpotência, ultrapassando, nesse aspecto, os Estados Unidos da América, que tem sido contemporaneamente a única superpotência existente.

Quanto a este embate de superpotências, e caracterizando mais especificamente a Máscara e a Sombra da China, dir-se-à que a China caracteriza-se pela Sombra a nível interno e pela Máscara a nível externo enquanto que os Estados Unidos da América caracterizam-se mais pela Máscara a nível interno e pela Sombra a nível externo.

Apoiando estas ideias, e para além das razões já aduzidas da Máscara a nível externo da China, estão os factos: da grande influência global, no Capitalismo global actual, dos

Estados Unidos, porquanto vários analistas indicam que na suposta economia de mercado Estado-Unidense, o mercado é manipulado para atingir valores fixos pré-determinados, o que aproxima este sistema da economia planificada do comunismo soviético, que, como já vimos, está mais relacionado com a Sombra; da consideração do desconhecido e do medo do desconhecido na Sombra e o facto de os Estado-Unidenses terem tido como inimigos externos predominantes os comunistas, e, posteriormente, o terrorismo global; e finalmente, quanto à Sombra interna chinesa, o grande avanço recente da cosmonáutica chinesa, tendo os mesmos indicado que querem ser os primeiros a chegar a Marte, e o quanto isso relaciona a República Popular da China com a Sombra a nível interno, pelos motivos já indicados no artigo acima referenciado, do avanço dos Soviéticos na Corrida Espacial relacionar mais a Sombra e o Comunismo, considerando a escuridão do Espaço, do Universo à nossa volta, como tendo sido sentido com temor pelos humanos pré-históricos, havendo, pois, medos e sentimentos negativos na Humanidade.

Reiterando, temos, então, especificamente em relação à China: uma predominância da Sombra a nível interno e uma predominância da Máscara a nível externo.

Bibliografia

Resende, S. (2007). Máscara (Persona) e Sombra de Jung: suas relações com o Capitalismo e o Comunismo in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 09/10/2007

Complemento a Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia

12/08/2011

Resume-se, inicialmente, a proposta de uma Teoria do Tudo em Psicologia, na sua relação com a Física, e a Teoria do Tudo nesta, para depois se complementar com um resultado experimental relacionando a influência astrológica no funcionamento psicológico humano, fazendo a ligação à Astrologia, e para depois se terminar com a proposta da Astropsicologia, também baseada na ideia da Astrogenética, que relaciona influência solar com desenvolvimento genético humano.

Assim, baseando-nos no meu artigo Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia (Resende, 2011), e relacionando a procura das forças fundamentais que governam o Universo, da Teoria do Tudo em Física, com a procura das forças e processos fundamentais que governam a mente, esta relacionada com a Teoria do Tudo em

Psicologia, considera-se que somos nós, humanos, que pensamos as ideias e as teorias. Deve-se ter isto em conta, ao pensar na influência que o Universo exerce sobre o pensamento humano, como sobre as emoções, relacionamentos, etc..

Partimos, então, da ideia da maior atracção que uma estrela exerce sobre um planeta do que o planeta exerce sobre ela, relacionando isto com o amor não correspondido, amor dado não correspondido, ou pouco correspondido, em que um dos elementos em questão atrai mais do que o outro. Teremos, então, que o elemento depressígeno do amor não correspondido como que caracteriza a relação entre estrelas e planetas. Sendo assim, os sistemas solares caracterizam-se pela depressividade, em que, pelos movimentos de translacção, teremos uma depressividade cíclica. Teremos, então, uma entrada e saída da depressão, correspondendo isso, pois, a movimentos relacionais maníaco-depressivos. Assim, tendo em conta que a patologia maníaco-depressiva constitui-se enquanto psicose, teríamos que os sistemas solares exercem uma influência psicotizante sobre o ser humano.

Sequenciadamente, no desenvolvimento humano, teremos que o afastamento e aproximação das galáxias umas das outras, remete-nos para uma angústia borderline, particularmente a angústia de separação que mais lhe caracteriza. Ainda, a expansão do Universo, com o afastamento dos seus limites, como se tem em conta hoje em dia, acentua esta angústia borderline, pela angústia e ansiedade de separação presentes. Assim, no estudo da Psicologia e da Física, teremos a passagem da psicose para o estado borderline.

De seguida, e entrando já na organização neurótica, considera-se o dito por Abdus Salam, Prémio Nobel da Física, dizendo ele que a supersimetria é a proposta final para uma completa unificação de todas as partículas. Já Michio Kaku refere-se à simetria como sendo o elo perdido da Física. Weinberg, também Prémio Nobel da Física, indica que são as simetrias da natureza que estão no centro do nosso conhecimento.

Assim, tendo em conta estas considerações sobre a simetria, perspectivam-se as caracterizações de Jean Bergeret sobre as fases de desenvolvimento psicosexual, particularmente a fase genital, portanto neurótica, sendo, pois, mais evoluída. Em relação a ela, ele estabelece características tipicamente genitais como o respeito pelo outro e a capacidade de dádiva e como a capacidade de união afectiva, acrescentando-se ainda o sentimento de reciprocidade e a cooperação.

Reparando-se coerentemente na passagem da assimetria inicial relativa à psicose para a simetria final relativa à neurose, ter-se-à um paralelo entre características de natureza física e características psicológicas.

Uma das ilacções que se poderá tirar será uma ligação teórica à Astrologia, fundamentando a sua operacionalidade.

Também fundamentando cientificamente a astrologia estão dois estudos cientificamente controlados, feitos pelo astrólogo Jeff Mayo e o conhecido psicólogo Hans Eysenck, em que ambos mostraram haver uma correlação entre signo astrológico de nascença e tendências extrovertidas/introvertidas. Estas indicações são dadas em *The Mayan Prophecies*, de Adrian Gilbert e Maurice Cotterell (1995) e levou posteriormente a que um dos autores referidos, Cotterell, concluísse que a raiz da astrologia está na influência solar e nas variações do ano solar. Maurice Cotterell também concluiu que as diferenças astrológicas entre as pessoas serão causadas pelas variações no vento solar afectando o campo magnético da Terra, que por sua vez influencia o futuro desenvolvimento de um feto na concepção. Ou seja, um ovo humano recentemente fertilizado seria impresso na concepção com o padrão da atmosfera magnética prevalente, e isto determinava o seu tipo astrológico à nascença. Estas ideias de Cotterell levaram a que ele concebesse aquilo a que ele chamou de Astrogenética, tendo escrito um livro com esse título.

Finalizando, e considerando o presente artigo, teremos, pelas indicações dadas, a proposta de uma Astropsicologia, com relações entre os corpos celestes, e o Universo em geral, e o funcionamento psicológico humano.

Bibliografia

Gilbert, A. G. & Cotterell, M. M. (1995). *The Mayan Prophecies – Unlocking the secrets of a lost civilization*. Element Books Limited

Resende, S. (2011). Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia in www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em (a aguardar aprovação)

O cavalheirismo como manifestação das características subcompensatórias do homem derivadas da inveja do clitóris

28/12/2011

Resume-se, neste artigo, a caracterização e exemplos da subcompensação narcísica do homem derivadas da inveja do clitóris, para depois terminar com o exemplo paradigmático do cavalheirismo.

Como se pode ver particularmente em Exemplos específicos das características subcompensatórias do homem derivadas da inveja do clitóris (Resende, 2010) e em Sentido comparativo das estratégias evolutivas associadas à inveja do pénis e à inveja do clitóris (Resende, 2011), tem-se que, caracterizando mais especificamente o homem, há a ocorrência da inveja do clitóris, em que advindo da comparação pénis-clitóris, há uma subcompensação narcísica associada, derivada do sentimento de superioridade narcísica sentido.

Referindo novamente o primeiro artigo citado, temos como exemplos um paradigma relativo à guerra e uma citação filosófica.

Essa citação é a conhecida máxima socrática: “ Só sei que nada sei! “.

Os aspectos relativos à guerra têm tanta relevância quanto a mesma guerra tem tido crucial importância na formação de nações, blocos estratégicos e ideologias. Ora, os exemplos são retirados do clássico dos clássicos sobre a guerra A Arte da Guerra, de Sun Tzu (1963), autor chinês que terá escrito este manual há cerca de 2500 anos. Embora escrito quanto à guerra militar, o livro tem sido estudado e influenciado, um pouco por todo o mundo, empresários e empreendedores, realçando, pois, a sua influência para além das guerras militares.

É bastante relevante, quanto às características subcompensatórias da inveja do clitóris, o facto de, tradicionalmente, as guerras militares, e mesmo particularmente as guerras empresariais, e outras, serem protagonizadas por homens.

Assim, exemplos paradigmáticos das características subcompensatórias são a indicação, por Sun Tzu, de que o clímax da capacidade em batalha é submeter o inimigo sem lutar, e ainda que se deve fingir incapacidade para iludir o inimigo. Caracterizando o perito na guerra, o autor reconhece que por vezes se deve sacrificar uma porção da sua força guerreira para obter um objectivo mais valioso. Outros exemplos são quando ele diz que onde o inimigo é forte é de evitá-lo e ainda pretender inferioridade encorajando a arrogância do inimigo, podendo nós dizer que ocorrerá assim a diminuição das características subcompensatórias do inimigo.

À parte estes exemplos, e referindo-nos novamente à caracterização subcompensatória, é de referir o artigo Sentido comparativo das estratégias evolutivas associadas à inveja do pénis e à inveja do clitóris (Resende, 2011). Isto, para realçar que as características subcompensatórias do homem, com tentativa de diminuição narcísica, e as características sobrecompensatórias da mulher, ao nível do falo-narcisismo, e derivadas da inveja do pénis, havendo tentativas de inflacção narcísica, dizia eu, esses dois tipos de características como que se contrabalançam e terão tido uma crucial importância evolutiva no sentido do estabelecimento e manutenção de relações amorosas e sexuais, entre homens e mulheres.

Por outras palavras, a tentativa de diminuição narcísica decorrente do sentimento de superioridade narcísica, no homem, terá surgido evolutivamente, e para contrabalançar equilibradamente, o sentimento de inferioridade narcísica, advindo do sentimento de perda do pénis, o que só é confirmado em fantasia pela menstruação, sentimento de inferioridade esse que leva à sobrecompensação falo-narcísica.

Neste campo do estabelecimento e manutenção de relações amorosas e sexuais entre homens e mulheres, refiro-me, para finalizar, ao exemplo paradigmático do cavalheirismo.

Assim é, pois, quando um homem deixa passar a mulher à frente, numa qualquer passagem, estará a perder prioridade de passagem em relação a ela. Quando, por exemplo, o homem arrasta a cadeira, numa mesa, da mulher, está a fazer de servente, diminuindo-se.

Outra diminuição subcompensatória, ao nível do narcisismo, bastante paradigmática, é quando o homem se ajoelha para pedir a mulher em casamento, como ocorre frequentemente. O homem diminui-se perante a mulher, portanto. E assim, como se pode ver, na proposta de casamento típica, em que o homem se ajoelha perante a mulher, o homem estará a contrabalançar a sobrecompensação falo-narcísica típica da mulher, sendo a mesma advinda do sentimento de inferioridade narcísica.

Bibliografia

Resende, S. (2010). Exemplos específicos das características subcompensatórias do homem derivadas da inveja do clitóris em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 28/11/2010

Resende, S. (2011). Sentido comparativo das estratégias evolutivas associadas à inveja do pénis e à inveja do clitóris em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 04/01/2011

Tzu, S. (1963). The Art of War (tradução inglesa). Oxford University Press. (Edição original, 500 A. C.)

Exopsicologia e o HAARP

28/12/2011

Neste artigo, pretende-se fundamentar a plausibilidade da existência de meios para intervenções alienígenas em humanos, nos seus estudos psicológicos, através de tecnologias já existentes na Humanidade, particularmente o HAARP, ou High-frequency Active Auroral Research Program (Smith, 1998).

Escrevo estas linhas em sequência de alguma controvérsia em blogues e fóruns na internet relativamente aos meus artigos de exopsicologia, particularmente, Exopsicologia: uma nova área de estudo (Resende, 2009) e Exopsicologia e o autismo (Resende, 2011), em que, debruçando-me sobre temas exopsicológicos, referencio as intervenções alienígenas em humanos, ao nível das alterações comportamentais, emocionais e mentais, feitas à distância.

Como iremos ver mais à frente, estas capacidades já estão na posse da Humanidade, ou, pelo menos, parte dela.

Precisamente, indo já referir-me ao HAARP, começo por descrever o Sinal de Moscovo e o Sinal Pica-Pau (Smith, 1998). Estes dois sinais foram de origem soviética utilizando radiofrequências e electromagnetismo. O Sinal de Moscovo foi começado nos anos de 1950 e foi dirigido à Embaixada dos Estados- Unidos em Moscovo, em particular, dirigido ao Embaixador. Este sinal utilizava micro-ondas e foi utilizado durante quatro décadas, para estudos nesta área de intervenção à distância por parte dos soviéticos. Já na década de 1970, surgiu o Sinal Pica-Pau, dirigido a partir da União Soviética para a costa ocidental dos Estados Unidos e tinha como efeitos, desejados e conseguidos, a irritabilidade e a depressão das pessoas atingidas. Só mais tarde, este sinal foi descoberto.

Realce-se aqui, quanto à plausibilidade das intervenções alienígenas, a capacidade à distância de alterações emocionais nos humanos.

Talvez em resposta a estes avanços soviéticos de guerra electromagnética, surge mais tarde, com entrada em funcionamento a partir da década de 1990, o HAARP (Smith, 1998). Embora oficialmente, este sistema é dirigido para o estudo da atmosfera terrestre, estudiosos da área consideram que este sistema Estado-Unidense é capaz de, e é dirigido a, guerra geoatmosférica, com alterações dramáticas do clima e capacidade de provocar terremotos, como ainda será capaz de guerra psicológica, com controlo mental, através de induções mentais e emocionais em grupos ou multidões, como em pessoas isoladas.

Realça-se a efectiva possibilidade de controlo mental feito a partir de aparelhos à distância.

Quanto a estas capacidades, é de realçar importantemente, o anúncio por parte dos Serviços Secretos Russos, acusando os Estados- Unidos de, com o seu HAARP, ter provocado o terremoto recente no Haiti, como há indicações de ter provocado o

terramoto na Nova-Zelândia como no Japão. Ainda importante, é o pedido de esclarecimento feito pelo Parlamento Europeu, na década de 1990, reclamando aos Estados-Unidos da utilização do HAARP.

Relativamente aos meus artigos de Exopsicologia, em que referencio a intervenção alienígena nos humanos, podendo mesmo induzir psicopatologia (relembre-se o Sinal Pica-Pau), realça-se, nos estudos psicológicos, para além dos genéticos, a plausibilidade da utilização deste tipo de meios, como, de resto, de outros, como as intervenções telepáticas. O destaque vai para as induções mentais e alterações comportamentais feitas à distância.

Bibliografia

Resende, S. (2009). Exopsicologia: uma nova área de estudo em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/07/2009

Resende, S. (2011). Exopsicologia e o autismo em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 26/02/2011

Smith, J. E. (1998). HAARP – The ultimate weapon of the conspiracy. Adventures Unlimited Press

Etologia e filopsiquismo

05/01/2012

Relaciono, neste artigo, o conceito etológico de padrões inatos de acção com conceitos psicológicos, baseando isso um filopsiquismo, ou uma psique com uma evolução psicológica ao longo das gerações humanas.

É de notar que, nas influências e relações estabelecidas entre Etologia e Psicologia, há abordagens da Psicologia que dão particular importância à filogénese, como o Comportamentalismo e a perspectiva Junguiana, com o seu conceito de inconsciente colectivo.

Começo este artigo, referindo-me ao conceito fundamental em etologia de padrões inatos de acção. Estes padrões, presentes nos animais, indicam comportamentos inatos, baseados na genética, na lide do animal com o meio ambiente à sua volta.

Ora, um aspecto a realçar aqui é, na Psicologia, a existência de padrões de funcionamento psicológico, tal como determinados por testes psicológicos, que seguem uma tendência padronizada, passe-se o pleonasma, particularmente uma tendência matemática gaussiana.

Dados ambos os aspectos serem fundamentais, básicos, pressupõe-se aqui uma relação entre os padrões inatos de acção e os padrões psicológicos gaussianos. É como se os padrões psicológicos tivessem derivado, na evolução humana, dos padrões inatos de acção. Ora, dado este inatismo, isto remete-nos para o conceito de inconsciente colectivo (Jung, 1988), que diz respeito a vestígios de experiências passadas da Humanidade.

Outro pressuposto, neste artigo, é que quanto mais a psique fôr de tendência central, mais norma, mais essa psique está relacionada com os tais padrões inatos de acção e mais estará dependente deles, estando, em sequência, mais próxima do inconsciente colectivo. Isto, porque a frequência mais normativa da psique estará mais próxima dos aspectos mais padronizados, já referidos, dos animais, particularmente a nível evolutivo.

Dou dois exemplos explanatórios para o já indicado. Esses exemplos são as tendências comunistas e as tendências hedonistas capitalistas.

Quanto às tendências comunistas, remeto para o meu artigo Psicologia matemática relacionada com tendências capitalistas e tendências comunistas (Resende, 2010), em que elaborando as tendências psicológicas gaussianas comunistas, indico a tendência central comunista, ou seja, a tendência para as massas funcionarem medianamente. Relacionado com o referido neste artigo, tem-se que os comunistas consideram que a história da humanidade é a história da luta de classes, em que se tem coerentemente uma relação entre os ideais comunistas, mais a nível ontogenético, e a análise da evolução histórica humana, mais a nível filogenético. Ora, em conjunto isto remete-nos para um filopsiquismo comunista.

Já em relação às tendências hedonistas capitalistas, é de notar que as massas, mais normativo, portanto, nas sociedades capitalistas, particularmente no Capitalismo global, tendem a ter como ideal extremo o hedonismo. Isto, numa análise psicológica, remete-nos para a tendência para a brincadeira hedonista, após a infância, estar relacionada com as brincadeiras infantis, particularmente com a sobrecompensação das mesmas. Dir-se-à, numa primeira análise, que parece que as massas hedonistas capitalistas não brincaram em criança, ou pelo menos não brincaram o suficiente.

Em termos históricos da evolução humana, e relacionado com este artigo, remeto para a noção especulativa de Zecharia Sitchin (1990), no seu Genesis revisited - Is modern science catching up with ancient knowledge?. A noção, baseada na tradução de tábuas cuneiformes sumérias milenares, indica-nos que a Humanidade terá sido criada por engenharia genética, juntando geneticamente um primata, já existente na Terra, e extraterrestres. Ademais, assim a noção traduzida avança, o ser humano terá sido criado para ser uma espécie escrava, dedicando-se à mineração de ouro, que os extraterrestres necessitavam para proteger a atmosfera do seu planeta.

Temos esta noção do ser humano ter sido criado escravo, o que, filopsiquicamente, indica-nos que o ser humano, no seu início, não se terá dedicado ao lazer, não terá brincado, por assim dizer. Assim, parece que, filopsiquicamente, as massas hedonistas das sociedades capitalistas estão a sobrecompensar o que não brincaram no início da sua evolução, o que é também coerente com o não terem brincado o suficiente enquanto crianças. Dada a natureza deste artigo, a noção especulativa de Sitchin ganha plausibilidade.

A reforçar as ideias deste artigo, é de considerar um artigo meu, a saber, Antropologia psicanalítica: filogenia e ontogenia (2007). Nesse artigo, procuro evidenciar a repetição de padrões da filogenia na ontogenia, como a base ontogenética da filogenia, recorrendo, para isso, às fases de desenvolvimento psicosssexual. Considerando a sequência destas fases, é de referir dois exemplos relativos à fase anal e à fase fálica. Assim, compara-se a predominância da fase anal e a vivência em grutas, relativamente ao que está fora e ao que está dentro, quanto ao que é conservado quanto ao que é expelido. Em relação ao que está na gruta, ao que é protegido, conservado, e àquilo que é feito no exterior da gruta, como o ir caçar e ir explorar o ambiente. Para mais, é de comparar a fase fálica, com aspectos relativos à ambição, à vaidade e ao exibicionismo, em particular, e as manifestações artísticas na

vivência grupal, de celebração do sucesso das caçadas nas pinturas grutais, relativas predominantemente aos aspectos da vaidade e de exibicionismo, com a ambição de novos e melhores sucessos. É de considerar ainda os aspectos da ambição fálica no que se relaciona com a agressividade fálica, e o desenvolvimento ou o início do desenvolvimento de utensílios de caça, em particular, lanças e setas.

Para finalizar o artigo, dir-se-à que se tem, pois, coerentemente, filopsiquismos comunistas e capitalistas, importantes nas sociedades humanas, derivados de noções etológicas.

Bibliografia

Jung, C. G. (1988). A prática da psicoterapia (trad. port.). In Obras Completas de C. G. Jung, Vol. XVI. Petrópolis: Editora Vozes (edição original, 1971)

Resende, S. (2007). Antropologia psicanalítica: filogenia e ontogenia em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 29/03/2007

Resende, S. (2010). Psicologia matemática relacionada com tendências capitalistas e tendências comunistas em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 05/11/2010

Sitchin, Z. (1990). Genesis revisited - Is modern science catching up with ancient knowledge?. Avon Books

Psicologia de massas do fascismo: uma actualização

13/01/2012

Resumindo as bases da psicologia de massas do fascismo, baseadas em Wilhelm Reich, levarei a uma análise mais contemporânea desse fenómeno.

Wilhelm Reich, em seu Psicologia de Massas do Fascismo (1976), fala-nos de que a psicologia de massas do fascismo é caracterizada pela impotência orgástica das massas, em que as frustrações orgásticas alimentam o fascismo na psique colectiva. Esta alimentação deriva para as camadas mais profundas da psique do indivíduo das massas. Reich analisou sobretudo o nazismo, seu contemporâneo.

Numa análise mais contemporânea, teremos que a repressão societal dos ideais fascistas, levem a que o material fascista recalcado fique mais ao nível do inconsciente e do subconsciente, e não será tão agido, portanto. Isso leva a que, mais tarde, os indivíduos passem a funcionar a estes níveis mais recônditos da psique, e, em termos de psicologia de massas, leve a que o indivíduo seja mais controlado inconscientemente pelas ideias e ideais fascistas, e mesmo nazis.

Ou seja, com a repressão societal destas ideias e ideais, numa primeira fase, levará a que, numa ulterior fase, as mesmas sejam propagadas pela psique colectiva, pelas massas, portanto. Ou seja, aumento repressor dos ideais fascistas e nazis, levam a que haja um aumento inconsciente desses mesmos ideais. Posteriormente, os indivíduos das massas serão controlados inconscientemente por esses ideais.

Num aparte, este fenómeno estará na base do desejo do fruto proibido.

Contextualizadamente, o desejo pelo fruto proibido estará implícito na designação atribuída a Nova Iorque de Big Apple, ou a Grande Maçã. Esta designação remete-nos para o pecado original da religião cristã e para o facto de o mesmo ser reprimido nas sociedades cristãs, particularmente capitalistas.

Teremos, então, pelo contexto do artigo, uma evangelização a nível inconsciente das massas, e uma atracção pelo regime ideológico capitalista, de que os Estados Unidos serão o grande bastião.

Assim, esta evangelização será uma das bases da hegemonia dos Estados Unidos, a nível cultural e ideológico, um pouco por todo o mundo.

Voltando mais especificamente ao artigo, contemporaneamente, e considerando o ódio dos nazis aos judeus e os acontecimentos da segunda guerra mundial, dir-se-à que o apoio incondicional a Israel, ou pelo menos às governações sionistas, por parte dos Estados Unidos, enquanto grande superpotência mundial, considerando ainda a influência extrema judaica nos Estados Unidos, no quadro do Capitalismo global, parecendo libertário, pela associação à derrota do nazismo na segunda guerra mundial, é opressor e fascista. Isto, pelas suas consequências.

Dir-se-à, ainda, que o apoio incondicional dos Estados Unidos a Israel será a grande base da opressão e disseminação fascista na geopolítica contemporânea pelo reprimir em grande escala dos ideais fascistas, na associação com Israel. Em grande escala, devido à hegemonia dos Estados Unidos na geopolítica internacional, no âmbito do Capitalismo global.

Em termos exemplificativos da disseminação fascista temos o sistema fascista sionista actual, com sistema de apartheid em relação aos palestinianos e com ocupação imperialista do território palestiniano. Temos ainda o exemplo da tendência cada vez mais fascista existente nos Estados Unidos, com a aprovação de leis como a Patriot Act, e sua prorrogação e extensão, permitindo a vigilância e a detenção por tempo indeterminado de qualquer cidadão americano, e da SOPA, ou Stop On-line Piracy Act, que aponta para a limitação das liberdades de expressão, e não só, na Internet, em que várias mega-empresas de Internet decidiram fechar em reacção a esta lei. Ainda em relação

aos Estados Unidos, temos o extremo draconiano de vigilância nos aeroportos e a caracterização militarista e imperialista das intervenções dos Estados Unidos um pouco por todo o mundo. Temos ainda o recrudescimento do neo-nazismo na Europa, em países como a Alemanha ou, por exemplo, em países do leste europeu, considerando importantemente a relação próxima destes países europeus com os Estados Unidos e de estes liderarem ideologicamente os europeus.

Finalizando, tem-se que, para diminuir a disseminação e influência fascista e nazi na geopolítica contemporânea, deverá acontecer que os Estados Unidos da América deixem de apoiar incondicionalmente Israel, a nível militar, financeiro, político, ao nível da geoestratégia, etc..

Bibliografia

Reich, W. (1976). Psicologia de Massas do Fascismo (tradução portuguesa) (original de 1933). Publicações Dom Quixote

Teoria do Tudo em Psicologia: a caminho dos mundos paralelos em Física

13/01/2012

Resume-se inicialmente relações estabelecidas entre características psicológicas e físicas, no enquadramento de uma Teoria do Tudo em Psicologia, relacionando esta com a Teoria do Tudo em Física. Posteriormente, estabelecem-se essas mesmas relações no contexto dos mundos paralelos postulados pela Física.

Assim, baseando-me nos meus artigos Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia (Resende, 2012) e Complemento a Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia (Resende, 2012), teremos inicialmente que os sistemas solares exercem uma influência psicotizante sobre o ser humano, enquadrando isto na patologia maníaco-depressiva, psicótica, portanto, pelo elemento depressígeno cíclico que a relação entre planetas e a respectiva estrela ou estrelas estabelece.

De seguida, o afastamento e aproximação das galáxias umas das outras e a própria expansão do Universo remetem-nos para uma angústia borderline de separação.

Já em relação à organização neurótica, relaciona-se a mesma com a simetria postulada pela Física para uma completa unificação de todas as forças, pela caracterização simétrica de características tipicamente

genitais como o respeito pelo outro, a capacidade de dádiva, capacidade de união afectiva e ainda o sentimento de reciprocidade e cooperação.

Já no segundo artigo referido, tira-se a ilacção de que estas ideias fazem uma ligação teórica à Astrologia, fundamentando a sua operacionalidade. Também fundamentando a astrologia estão dois estudos controlados. Num, houve a indicação de haver uma correlação entre signo astrológico e tendências extrovertidas/introvertidas. No outro estudo, conclui-se que a raiz da astrologia está na influência solar e nas variações do ano solar. Neste mesmo estudo conclui-se que as diferenças astrológicas entre as pessoas serão causadas pelas variações no vento solar afectando o campo magnético da Terra, que influencia por sua vez o futuro desenvolvimento de um feto na concepção. Isto levou o autor deste estudo a cunhar estes desenvolvimentos de Astrogenética. Refiro ainda que os desenvolvimentos e relações desenvolvidas particularmente no primeiro dos artigos, já indicados, cunhariam o que se pode chamar de Astropsicologia.

Também relacionando características psicológicas com características físicas, de partículas, tem-se a questão dos mundos paralelos.

Pressupõem-se determinadas capacidades psicológicas para viajar entre mundos paralelos, daí haver necessidade de desenvolvimento mental para o fazer.

Nesse sentido, faço referência ao não-seio (Symington & Symington, 1999), que no contexto da teoria do pensar de Bion, nos indica que é potenciador de pensamento. Ora, o não-seio leva-nos a pensar em ausência, e no facto desta estar implícita naquela capacidade de viajar referida anteriormente.

Noutra perspectiva, o não, que constituir-se-à enquanto importante organizador psíquico, que importará para essa mesma capacidade de viajar, leva-nos a pensar em rejeição.

Teremos, então, que para viajar entre mundos paralelos, teremos que trabalhar a ausência e a rejeição psicológicas no viajante.

Transpondo da Psicologia para a Física, para as partículas, teremos que a ausência e a rejeição remetem-nos para o conceito de anti-matéria. A ausência faz-nos lembrar da ausência da antimatéria no mundo material universal, e a rejeição faz-nos lembrar a natureza repulsiva da matéria em relação à anti-matéria, em que ambas se juntando se aniquilam mutuamente.

Nesse sentido, uma máquina para transportar o viajante entre mundos paralelos teria que ter em conta a anti-matéria e a matéria. Assim, dado que um positrão, ou anti-electrão, é um electrão carregado positivamente, e que um anti-protão é um protão

carregado negativamente, teremos em conta o núcleo atômico, com seus prótons e nêutrons, e os electrões orbitando o núcleo. Naquela máquina referida, é como se houvesse uma implosão atômica, estando-se ao nível da fissão nuclear, portanto, em que os electrões ganhassem carga positiva, trocando com os prótons, e os prótons ganhassem carga negativa, trocando com os electrões. Os nêutrons interagiriam com os nêutrons de outros átomos ou do próprio núcleo, em que se geraria uma espécie de energia neutra. Dada aquela troca de cargas, teríamos a passagem da matéria para a anti-matéria, em que possivelmente a energia neutra permitiria uma viagem mais saudável entre mundos paralelos.

Ora, com referência a esta implosão, é de notar coerentemente que, Michio Kaku, físico teórico, no seu *Mundos Paralelos* (2010), refere-se, no capítulo sobre fugir do Universo, para um Universo paralelo, à necessidade de que um dos passos para conseguir isso será através da criação de mecanismos de implosão.

Sumariamente, teremos, então, que para viajar entre mundos paralelos, teremos a necessidade de lidar com a ausência e a rejeição no viajante, para uma viagem mais saudável psicologicamente, como ainda a necessidade de, numa eventual máquina, haver a existência de um mecanismo atômico implosivo, transformando a matéria em anti-matéria.

Finalizando, dir-se-à que, psicologicamente, e para uma tendência mais saudável, na questão relacionada com a ausência, o viajante, entre mundos paralelos, dever-se-à caracterizar por bastante constância objectal, enquanto que no que diz respeito à rejeição o indivíduo não deverá padecer de angústia de separação, ou seja, não dever-se-à constituir enquanto borderline.

Bibliografia

Kaku, M. (2010). *Mundos paralelos*. Editorial Bizâncio

Resende, S. (2012). Uma aproximação à Teoria de Tudo em Psicologia em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (em apreciação)

Resende, S. (2012). Complemento a Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (em apreciação)

Symington, J. & Symington, N. (1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Climepsi Editores

Teoria do Tudo em Psicologia: a caminho do Todo

16/01/2012

Depois de relacionar características psicológicas e características físicas, no âmbito da Teoria do Tudo em Psicologia, a qual se relaciona com a Teoria do Tudo em Física, estabelecem-se associações mais macro no sentido do Todo.

Estas associações macro estarão próximas do estado holotrópico, tal como definido por Stanislav Grof, no seu A Psicologia do futuro (2007), e da realidade última, a nível mental, tal como definida por Bion (Symington & Symington, 1999). O estado holotrópico definir-se-à como o estado da consciência a caminho da totalidade.

Como verificado em Teoria do Tudo em Psicologia: a caminho dos mundos paralelos em Física (Resende, 2012), baseando-me em Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia (Resende, 2012) e em Complemento a Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia (Resende, 2012), podem ser estabelecidas relações entre características psicológicas e características físicas.

Assim, teremos inicialmente que os sistemas solares exercem uma influência psicotizante sobre o ser humano, enquadrando isto na patologia psicótica maníaco-depressiva, pelo elemento depressígeno cíclico que a relação entre planetas e a respectiva estrela ou estrelas estabelece.

Sequenciadamente, o afastamento e aproximação das galáxias umas das outras e a própria expansão do Universo remetem-nos para uma angústia borderline de separação.

De seguida, quanto ao neurótico, relaciona-se a organização neurótica com a simetria postulada pela Física para uma completa unificação de todas as forças, pela caracterização simétrica de características tipicamente genitais como o respeito pelo outro, a capacidade de dádiva, capacidade de união afectiva e ainda o sentimento de reciprocidade e a cooperação.

Agora, continuando o estabelecimento de relações entre características psicológicas e físicas, há um paralelo entre o que caracteriza a depressão, com introjecções maciças, e o buraco negro, com a sua absorção maciça da matéria.

Tendo em conta que, segundo a Física, pelo menos, a maior parte das galáxias têm um buraco negro no centro, poderemos estabelecer um sentido a caminho do Todo.

Assim, o buraco negro, no centro das galáxias, se reportaria à depressão original, que se relacionaria com o útero materno.

De seguida, estabelecer-se-ão em relação às galáxias o mesmo processo que já foi descrito em relação aos sistemas solares, ou seja, que têm um efeito psicotizante.

Ainda a caminho do Todo, tem-se a consideração clínica do borderline enquanto personalidade em mosaico, estabelecendo nós aqui um paralelo com o multiverso, ou vários universos, postulado pela Física moderna.

Seguidamente, numa evolução prograssiva, relaciona-se o multiverso com características neuróticas. No caso, neurose obsessiva, já que considero que a histeria não é uma verdadeira estrutura de personalidade [ver a este respeito Desenvolvimento da personalidade histérica para uma verdadeira de estrutura de personalidade (Resende, 2008)]. Quanto à neurose obsessiva, realçam-se mecanismos de defesa tipicamente obsessivos, no caso, o isolamento do afecto e a formação reactiva, sendo esta a manifestação de sentimentos contrários àquilo que o indivíduo realmente sente. Assim, o isolamento diria respeito ao isolamento de cada universo em relação a outros, no multiverso, enquanto que a formação reactiva é reminescente da relação entre matéria e anti-matéria. Isto implicaria, psicofisicamente, que cada universo de matéria é cercado contiguamente por universos de anti-matéria.

Ora, isto é coerente com o que eu escrevi em Teoria do Tudo em Psicologia: a caminho dos mundos paralelos em Física (Resende, 2012).

Indica-se aí que, para viajar entre mundos paralelos, universos paralelos, portanto, ter-se-à que ter em conta tanto a matéria como a anti-matéria, trabalhando as características psicológicas correlacionadas de ausência e rejeição.

A ausência lembrar-nos-à da ausência da anti-matéria no mundo material universal enquanto que a rejeição lembrar-nos-à da natureza repulsiva da matéria em relação à anti-matéria, em que ambas se juntando se aniquilam mutuamente. Mais tarde, caracterizando o viajante entre mundos paralelos, considero que relativamente à ausência dever-se-à caracterizar por bastante constância objectal, enquanto que em relação à rejeição não se deverá padecer de angústia de separação, ou seja, não se constituir enquanto borderline.

Nesse mesmo artigo, ainda considero que, na viagem paralela, se deverá implodir atómicamente a matéria em anti-matéria, o que é coerente com o indicado por Michio Kaku, em seu Mundos paralelos (2010), de que para sair de um universo paralelo para outro, um dos passos é criar mecanismos de implosão.

Assim, no geral, estabelecem-se relações entre características psicológicas e características físicas, desde os buracos negros do centro das galáxias até às relações entre diferentes universos no multiverso, ou seja, em direcção ao Todo.

Bibliografia

Grof, S. (2007). A psicologia do futuro. Via Óptima

Kaku, M. (2010). Mundos paralelos. Editorial Bizâncio

Resende, S. (2008). Desenvolvimento da personalidade histórica para uma verdadeira estrutura de personalidade em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 30/12/2008

Resende, S. (2012). Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (em apreciação)

Resende, S. (2012). Complemento a Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (em apreciação)

Resende, S. (2012). Teoria do Tudo em Psicologia: a caminho dos mundos paralelos em Física em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (em apreciação)

Symington, J. & Symington, N. (1999). O pensamento clínico de Wilfred Bion. Climepsi Editores

Caracterização edipiana do homem fascista

17/01/2012

Após um resumo das bases da psicologia de massas do fascismo, analisa-se mais contemporaneamente os efeitos da repressão societal dos ideais fascistas, estabelecendo-se, neste contexto, a base do desejo do fruto proibido. É neste âmbito que depois se elabora sobre a caracterização edipiana do homem fascista.

Como se pode verificar em Psicologia de massas do fascismo: uma actualização (Resende, 2012), é com base em Wilhelm Reich e seu Psicologia de massas do fascismo (1976), que se considera que a psicologia de massas do fascismo é caracterizada pela impotência orgástica das massas, em que as frustrações orgásticas alimentam o fascismo na psique colectiva. Estar-se-à a falar das camadas mais profundas da psique do indivíduo das massas.

Mais contemporaneamente, tem-se que a repressão societal dos ideais fascistas levem a que o material fascista recalcado fique mais

ao nível do inconsciente e do subconsciente, não sendo tão agido. Isso leva a que, mais tarde, os indivíduos passem a funcionar a estes níveis mais profundos da psique, e em termos de psicologia de massas, leve a que o indivíduo seja mais controlado inconscientemente pelas ideias e ideais fascistas, e mesmo nazis. Ou seja, numa primeira fase, a repressão societal destas ideias e ideais, leva a que, numa fase posterior, as mesmas sejam propagadas pela psique colectiva, pelas massas. Por outras palavras, o aumento repressor dos ideais fascistas e nazis, leva a que haja um aumento inconsciente desses mesmos ideais, em que, posteriormente, os indivíduos das massas serão controlados inconscientemente por esses mesmos ideais.

Um dos fenómenos que terão estas bases é o desejo do fruto proibido.

Contextualizadamente, o desejo pelo fruto proibido estará implícito na designação atribuída a Nova Iorque de Big Apple ou a Grande Maçã. Esta designação remete-nos para o pecado original da religião cristã e para o facto de o mesmo ser reprimido nas sociedades cristãs, particularmente capitalistas. Teremos, no contexto do artigo, uma evangelização a nível inconsciente das massas e uma atracção pelo regime ideológico capitalista, de que os Estados Unidos serão o grande bastião. Acontecendo, para mais, que esta evangelização será uma das bases da hegemonia dos Estados Unidos a nível cultural e ideológico, um pouco por todo o mundo.

Realçando o desejo do fruto proibido, no contexto deste artigo, passemos, então, à caracterização edipiana do homem fascista.

Edipianamente, o facto de a mãe do homem fascista ser proibida para o mesmo, particularmente por ditames religiosos, moralistas e culturais, levará a que o homem ainda a deseje mais, nunca admitindo que nunca a poderá ter, passando a uma resolução saudável do Complexo de Édipo, com deslocamento de sentimentos amorosos e sexuais para objectos de eleição que não a mãe. Há aqui uma identificação maciça com a mãe, que no contexto fascista, trata-se de uma identificação com a mãe castrada. Havendo essa identificação maciça, o homem fascista passará a funcionar muito ao nível da inveja do pénis, com suas sobrecompensações. Aqui, é de referir o meu artigo A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010). Assim, devido ao sentimento de castração caracterizando a inveja do pénis, haverá uma sobrecompensação fálica que, no extremo, levará ao expansionismo característico do imperialismo capitalista, enquanto que a raiva narcísica, derivada do sentimento de perda do pénis, sentimento que é reforçado pela menstruação, o que só confirma as fantasias de perda, a raiva narcísica, dizia, fundamenta o militarismo capitalista e fascista.

O expansionismo e a agressividade militarista também caracterizarão o mundo empresarial capitalista e fascista, com mega-empresas expandindo-se além-fronteiras, no contexto do que é chamado de capitalismo selvagem.

Exemplificando o nepotismo económico, dir-se-à que o pai alimenta as fantasias inconscientes do filho de que este poderá ter a mãe, sendo isto conseguido particularmente por proibições religiosas e moralistas, típicas do ambiente conservador do mundo empresarial.

Resumidamente, o expansionismo e militarismo do homem fascista, advindo, na identificação maciça com a mãe castrada, da sobrecompensação fálica derivada da inveja do pénis, enquadram-se nas sociedades matriarcais capitalistas e fascistas, em que proibições sociais relativamente aos aspectos matriarcais fazem com que o homem fascista perdue na sua demanda ideológica.

Bibliografia

Reich, W. (1976). Psicologia de massas do fascismo (tradução portuguesa) (original de 1933). Publicações Dom Quixote

Resende, S. (2010) A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2012). Psicologia de massas do fascismo: uma actualização em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (em apreciação)

Complemento a Psicologia matemática relacionada com tendências capitalistas e tendências comunistas

08/02/2012

Relacionam-se, neste artigo, as tendências capitalistas e tendências comunistas com as noções matemáticas de curva normal de Gauss e limites, relacionando ainda com a Máscara e Sombra Junguianas.

Baseando-me em Psicologia matemática relacionada com tendências capitalistas e tendências comunistas (Resende, 2010), considero as tendências capitalistas, numa curva normal de Gauss, como tendendo para uma curva invertida, enquanto que as tendências comunistas terão uma curva normal. Para mais, utilizando a noção

matemática de limite, ter-se-à que em termos de futuro, o Capitalismo tenderá no limite, com a variável x a tender para mais ou menos infinito, para um universo desabitado exclusivo, com as populações a ficarem excluídas, enquanto que o Comunismo tenderá, no limite com a variável x a tender para zero, para um universo habitado inclusivo, com as populações a ficarem incluídas.

Considere-se agora a Sombra, como indo no espectro de menos infinito a 0, e a Máscara, como indo no espectro de 0 a mais infinito.

Teríamos no Comunismo, com o limite com x a tender para 0, a integração entre Sombra e Máscara, o que Junguianamente aponta para uma sociedade psicologicamente bem integrada. Teríamos que na dialéctica Junguiana de oposição entre arquétipos, a boa integração equilibrada entre arquétipos opostos, como Máscara e Sombra e Animus e Anima. Junguianamente, isso aponta para a Individuação, para personalidades mais individuadas. Assim, e como indiciado no artigo referido anteriormente, e corroborando o mesmo, teríamos no Comunismo uma sociedade saudável.

Considere-se agora o Capitalismo, com o limite com x a tender para menos infinito e mais infinito, e seus extremos, fascismo e nazismo. Teríamos a vivência de uma parte da população apenas na Sombra e de outra parte da população apenas na Máscara, considerando que o Capitalismo indica psicomatematicamente que, na tendência das populações para menos infinito e mais infinito, há uma desagregação entre as populações. Tem-se a população com vivência apenas na Sombra, a viver o desconhecido e os seus medos, mas também com acesso às potencialidades criativas que o desconhecido oferece. A outra parte da população, vivendo apenas na Máscara, teria uma vivência com ambições e exibicionismos patológicos, característico na Máscara capitalista, considerando estas características psicológicas associadas ao falismo, cuja sobrecompensação se relaciona mais com a Máscara [ver Características sobrecompensatórias das fases psicosexuais da Máscara e Sombra da histeria capitalista (Resende, 2010)]. Exemplos destes dois tipos de população são o Nazismo, com ambições imperialistas evidentes, e as vítimas do Holocausto Nazi, vivendo vários horrores humanos, como as perseguições (ideológicas, religiosas, raciais, intelectuais, etc.) e deportações até às vivências nos campos de concentração, vivências estas mais relacionadas com os medos da Sombra. Isto aponta para uma vivência não saudável, como de resto se indicia no artigo Psicologia matemática relacionada com tendências capitalistas e tendências comunistas (Resende, 2010).

Psicomatematicamente, estas enunciações apontam para o maior equilíbrio da sociedade comunista relativamente à sociedade capitalista, com seus extremos, fascismo e nazismo.

Bibliografia

Resende, S. (2010). Psicologia matemática relacionada com tendências capitalistas e tendências comunistas em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 05/11/2010

Resende, S. (2010). Características sobrecompensatórias das fases psicosexuais da Máscara e Sombra da histeria Capitalista em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 29/11/2010

Psemes: fundamentos perinatais e transpessoais

26/03/2012

Neste artigo, caracterizam-se os psemes, baseando-me em artigos anteriores meus sobre o tema, para depois se identificarem fundamentos perinatais e transpessoais desses mesmos psemes.

Assim, como se denota dos meus artigos Psemes: para além dos genes e dos memes (Resende, 2010), Psemes: Evolução por Selecção Psicológica (Resende, 2010) e Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana (Resende, 2010), deve ter-se a noção dos psemes enquanto unidades de evolução psicológica, enquanto unidades psicológicas de transmissão intergeracional. Para mais, os psemes serão pensamentos inconscientes que são constituídos enquanto complexos, ou conjunto de complexos, inconscientes, complexos estes enquanto conjunto de disposições psicológicas, psicológica e significativamente relacionadas, numa linha Junguiana. Os psemes terão características Lamarckianas, no sentido dos complexos inconscientes poderem ser modificados durante a vida do indivíduo, com as modificações a serem transmitidas às gerações seguintes. Mas apesar disso, os psemes caracterizam-se por serem transmitidos na sua totalidade.

Quanto aos fundamentos perinatais e transpessoais, é crucial notar a associação de similitude que Stanislav Grof, um dos fundadores da Psicologia Transpessoal, faz, em seu A Psicologia do Futuro (2007), entre os seus COEX, ou sistemas de experiência condensada, e as ideias de Jung quanto aos complexos psicológicos. Para Grof, os sistemas COEX são encarados como princípios organizadores gerais da psique humana.

Os COEX estão associados, para além dos dados biográficos pós-natais, a experiências perinatais (trauma do nascimento) e transpessoais, particularmente, memórias colectivas do inconsciente colectivo, ao nível filogenético.

Para Grof, o domínio perinatal da psique humana representa uma entrada importante para o inconsciente colectivo no sentido Junguiano. É que a identificação com a criança

que enfrenta a provação de passagem pelo canal de parto parece dar acesso a experiências que envolvem pessoas de outras épocas e culturas. Para mais, este autor refere, ainda, as interligações íntimas entre acontecimentos da nossa história biológica e os arquétipos Junguianos.

Já as experiências transpessoais relacionam-se com experiências de vidas passadas, arquétipos Junguianos, identificação consciente com vários animais e outros e, mais em geral, com memórias ancestrais, raciais, colectivas e filogenéticas, experiências cármicas e com a dinâmica arquetípica.

Denota-se, então, que os sistemas perinatais e transpessoais de Stanislav Grof relacionam-se com os psemes, e, coerentemente, fundamentam a ideia de transmissão dos psemes de geração em geração, ao longo das gerações, como também quanto ao facto de os psemes constituírem-se enquanto objecto de evolução psicológica humana.

Bibliografia

Grof, S. (2007). A Psicologia do futuro. Via Ótima

Resende, S. (2010). Psemes: para além dos genes e dos memes em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/05/2010

Resende, S. (2010). Psemes: Evolução por Selecção Psicológica em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 01/09/2010

Resende, S. (2010). Evolução por Selecção Psicológica Lamarckiana em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 29/09/2010

Similitude e diferença entre psemes e genes ao nível da auto-replicância

28/03/2012

Parte-se da relação estabelecida entre os psemes e os seus fundamentos perinatais e transpessoais, como se pode ver em Psemes: fundamentos perinatais e transpessoais (Resende, 2012), para depois se fazer a associação entre psemes e genes ao nível da auto-replicância.

Como se pode verificar no artigo já referido, os psemes constituem-se enquanto unidades de evolução psicológica, como unidades psicológicas de transmissão intergeracional. Os mesmos psemes serão pensamentos inconscientes constituídos enquanto complexos, ou conjunto de complexos, inconscientes, complexos estes enquanto conjunto de disposições psicológicas, psicológica e significativamente relacionadas, numa linha Junguiana. Como se verá mais à frente, será ao nível de cada complexo que se estabelecerá a diferença com o conjunto de genes no ADN, ao nível da auto-replicância, já que é o ADN que se estabelecerá enquanto unidade biológica auto-replicante, e não cada gene(Dawkins, 1983, 1989, 2001, 2006). Continuando sobre os psemes, sendo estes objecto de evolução psicológica humana, os mesmos terão características Lamarckianas, no sentido dos complexos inconscientes poderem ser modificados durante a vida do indivíduo, com as modificações a serem transmitidas às gerações seguintes. Repare-se que estas modificações farão o papel de mutações psicológicas, similares às mutações biológicas. Além disso, os psemes caracterizam-se por serem transmitidos na sua totalidade. É de notar que os psemes se transmitirão por apreensões inconscientes, comportamentos, verbalizações, silêncios, etc.. Isto, postulando a maior ou menor relação destes fenómenos com pensamentos inconscientes subjacentes.

Ainda baseado naquele artigo referido, considere-se agora a relação de similitude entre os sistemas COEX, ou sistemas de experiência condensada, e as ideias de Jung quanto aos complexos psicológicos, estabelecida por Stanislav Grof, um dos fundadores da Psicologia Transpessoal, em seu A Psicologia do futuro (2007). Os COEX, cunhados por Grof, são encarados, por esse autor, como princípios organizadores gerais da psique humana. Os mesmos estão associados, para além dos dados biográficos pós-natais, a experiências perinatais (trauma do nascimento) e transpessoais. As experiências perinatais representarão uma entrada importante para o inconsciente colectivo, no sentido Junguiano, sucedendo que, segundo o autor, haverá interligações íntimas entre acontecimentos da nossa história biológica e os arquétipos Junguianos. Além disso, a identificação com a criança que passa a provação da passagem pelo canal de parto parece dar acesso a experiências que envolvem pessoas de outras épocas e culturas. Já as experiências transpessoais relacionam-se com experiências de vidas passadas, arquétipos Junguianos, e, em geral, com memórias ancestrais, raciais, colectivas e filogenéticas, experiências cármicas e com a dinâmica arquetípica. Concluindo este segmento, dir-se-à que os sistemas perinatais e transpessoais de Grof relacionam-se com os psemes, fundamentando a ideia de transmissão dos psemes ao longo das gerações.

Mas particularmente importante para este artigo, será a referência que Grof (2007) faz, quando ele diz que quando se estabelece um sistema COEX, ele tem uma propensão auto-replicante e pode levar o indivíduo a recriar inconscientemente

situações de um tipo semelhante, e assim adicionar novas camadas à constelação de memórias.

Estabeleceríamos, então, uma relação de diferença entre os genes biológicos e os psemes psicológicos (psemes, pela similitude entre complexos psicológicos e sistemas COEX), em que não é o gene mas, como já dito, o ADN, no seu todo, que se auto-replica, enquanto que será cada complexo, ou pseme, que será, então, a unidade psicológica auto-replicante.

Psicologicamente, o conceito de auto-replicação dos sistemas COEX, e, coerentemente, dos psemes, aproxima-se da noção de compulsão à repetição, tão utilizada na orientação psicanalítica. Embora esteja mais associado à psicopatologia, dir-se-à que os complexos psicológicos, ou psemes, repetir-se-ão ao nível da compulsão à repetição.

Vejamos a definição de compulsão à repetição, feita por Laplanche & Pontalis (1990, p. 88): “ A) Ao nível da psicopatologia concreta, processo incoercível e de origem inconsciente, pelo qual o indivíduo se coloca activamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo pelo contrário a impressão muito viva de que se trata de algo de plenamente motivado na actualidade; B) Na elaboração teórica que Freud lhe dá, a compulsão à repetição é considerada um factor autónomo, irreduzível em última análise a uma dinâmica conflitual onde não interviesse senão o funcionamento conjugado do princípio do prazer e do princípio da realidade. Ela é referida fundamentalmente ao carácter mais geral das pulsões: a sua característica conservadora. “.

Para o contexto deste artigo, realço da definição, e coerentemente, o ser incoercível, de origem inconsciente, o repetir de experiências antigas e a sua tendência conservadora. Quanto a esta tendência, é como se houvesse uma tradição psíquica ao nível da transmissão dos psemes.

Para além desta tradição psíquica, teríamos, também, como já dito, as tais mutações psicológicas, as modificações dos psemes, que também são transmitidas às gerações seguintes. Por último, e para resumir, propõe-se a semelhança de haver auto-replicância, quer biológica quer psicológica, mas com a diferença de que será ao nível do ADN, no seu todo, que esse processo se passa, e não ao nível de cada gene, enquanto que, psicologicamente, será ao nível de cada pseme que a auto-replicância se passa, sendo cada unidade dessas uma unidade psicológica auto-replicante.

Bibliografia

Dawkins, R. (1983). The Extended Phenotype: the long reach of the gene (original de 1982). Oxford University

Dawkins, R. (1989). O gene egoísta (original de 1976). Gradiva

Dawkins, R. (2001). River out of Eden (original de 1995). Phoenix, Orion Books, Ltd

Dawkins, R. (2006). The blind watchmaker (original de 1986). London: Penguin Books, Ltd

Grof, S. (2007). A Psicologia do future. Via Ótima

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise. Editorial Presença

Resende, S. (2012). Psems: fundamentos perinatais e transpessoais em www.psicologado.com (em apreciação)

Orgasmo feminino enquanto “ pequena morte “ (la petite mort)

09/05/2012

Resumo, neste artigo, um artigo anterior meu, a saber, Masturbação feminina no dia-a-dia: suas implicações psicológicas e comportamentais (Resende, 2008), para depois fazer a associação entre o orgasmo feminino e a conhecida expressão francesa do orgasmo feminino enquanto “ petite mort “.

Tem-se inicialmente o hábito quotidiano da fêmea humana de se excitar e de se masturbar, em qualquer local em que se encontre, através da sua musculatura vaginal e pélvica, até atingir o clímax. Ainda na observação quotidiana, tem-se a associação entre estes comportamentos masturbatórios e a ocorrência eventual de um “ engolir em seco “, aquando do clímax, e as ocorrências de comportamentos sonolentos, como o bocejar, aquando do clímax, realçando-se a proximidade destas associações. Já Freud (1905) fala-nos na satisfação sexual associada ao sono, como sendo uma regressão, em que a mulher regressa como que a um estado intra-uterino, em completa dependência de outrem.

Para além disso, nota-se que por mais satisfação sexual que se obtenha, na capacidade multi-orgásmica, bem conhecida da mulher, os comportamentos de “ engolir em seco “ e de comportamento sonolento não diminuem, com indicação de que a plena satisfação sexual não é obtida, persistindo os comportamentos masturbatórios. Isto leva a crer que diminui a capacidade de procura efectiva de satisfação sexual, na relação, importantemente. Isto leva-nos à noção da menor iniciativa sexual da mulher, em termos de comportamentos efectivos de procura de satisfação sexual.

Quanto a esta menor iniciativa, e quanto à dependência, referida anteriormente, é de notar que Jung (1968) indica que a mulher que não se identifica com o Eros materno perde a capacidade de iniciativa. É como se a mulher, nesse comportamento sexual típico de masturbação, se identificasse mais com a agressividade materna, e seus impulsos destrutivos, ou seja, com o Tanatos materno, ou pulsões de morte maternas.

Para além disso, considerando que a resolução é a fase de resposta sexual humana que se segue ao orgasmo, teríamos aqui que a irresolução crónica na mulher estará associada à morte.

Ora, é neste contexto que se enquadra a famosa expressão francesa do orgasmo feminino enquanto “ la petite mort “, a pequena morte.

Bibliografia

Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (tradução portuguesa). Edição “ Livros do Brasil “

Jung, C. G. (1968). The archetypes and the collective unconscious (2ª edição). Routledge & Kegan Paul Ltd

Resende, S. (2008). Masturbação feminina no dia-a-dia: suas implicações psicológicas e comportamentais em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 12/11/2008

Visão exopsicológica da Terra

09/05/2012

Trabalho, neste artigo, as considerações exopsicológicas sobre as formas dos continentes na Terra e a influência que isso tem no psiquismo humano.

Antes de mais, e como se pode ver em Exopsicologia: uma nova área de estudo (Resende, 2009), considere-se a exopsicologia como sendo o estudo psicológico das relações e funcionamento psíquico, mental, entre os humanos e entidades e civilizações extraterrestres e/ou alienígenas. Para além disso, considere-se o artigo Exopsicologia e esquizofrenia (Resende, 2009), para atentar, e relativamente à esquizofrenia paranoide, numa interpretação anagógica, ou seja, no seu sentido simbólico mais mítico e geral, numa tendência Junguiana, para atentar, dizia, na relação entre a paranoia e o facto “ geopsicológico “, ou seja, formas geológicas com

influência psíquica, de que, geologicamente, a Europa tem a Itália que se parece com uma bota e Portugal, que tem a forma de uma cara. Indica-se que, psicologicamente, isto é elicitador de paranoia, podendo nós considerar como é que essas formas surgiram, e mais, “ quem “ as terá feito através de alguma tecnologia avançada. Continua-se, dizendo-se que, exopsicologicamente, a paranóia da esquizofrenia paranoide parece ter alguma razão de ser.

Quanto àquela tecnologia avançada, necessariamente tratar-se-à de um processo de terraformação, processo este de que se tem falado muito ultimamente, relativamente à forma de tornar planetas como Marte habitáveis para o ser humano. A terraformação implicará geoengenharia e processos geoclimáticos. Mais se indica que a terraformação na Terra se terá passado há muito tempo e implica actuação de entidades alienígenas. Como se pode ver mais à frente, a terraformação terrestre implicará uma mensagem para a Humanidade.

Ora, quanto àqueles factos geopsicológicos, formas geológicas com influência psíquica, os exemplos referidos anteriormente da bota e da cara não serão os únicos no planeta Terra. Senão vejamos.

A bota de Itália e a cara de Portugal remete-nos para um geopsiquismo humaniforme. Como descrito em Exopsicologia e o Ser (Resende, 2010), e utilizando os conceitos de Máscara e Sombra Junguianos, dir-se-à que, exopsicologicamente, a mensagem alienígena é a equiparação da psique à Sombra e do Ser à Máscara. Nesta perspectiva, tratar-se-ia de uma evolução da humanidade em que a psique conteria os aspectos passados, particularmente desconhecidos, da Humanidade, e o Ser passaria a ser o contacto humano, de relação externa, com outros seres do Cosmos. É de notar, na relação da psique com a Sombra, e no aspecto evolutivo da Humanidade, a tendência exopsicológica da psique passar a ser desconhecida numa tendência constitutiva semelhante ao inconsciente colectivo que Jung refere, em que este inconsciente constitui os vestígios das experiências passadas da Humanidade. Realça-se também, na evolução humana, a importância do Ser estar equiparado à Máscara, na passagem do mesmo constituir-se enquanto contacto humano, de relação externa, com outros seres do Cosmos.

Mas como já se disse, existem outros exemplos geopsicológicos.

Assim, e partindo do aspecto humaniforme já referido, a Rússia, e particularmente pelo seu tamanho e localização, relacionar-se-à com o inconsciente, enquanto que a Espanha será a cabeça e o Reino Unido remeter-nos-à, pela sua localização, para a castração, neste caso, relativamente à cara e cabeça, mais a sul. Ademais, os Estados Unidos da América relacionam-se com uma mão, com o polegar na Flórida, e com o pormenor da zona correspondente ao mindinho ser pertença do México, o que nos remete para um aspecto castrativo. Mais considerando, ter-se-à a América do sul com

a costa Pacífica semelhante a uma coluna vertebral, particularmente com a Cordilheira dos Andes, e teremos o Brasil representando a gravidez. Repare-se no pormenor da América Central e a Amazónia na América do sul representarem a placenta, com o realce nutritivo da Amazónia constituir-se enquanto pulmão da Terra, representando bem a sua relação com o aspecto nutritivo da placenta. Teremos, pois, na zona mais a sul da América do Sul uma identificação com a vagina. Continuando estes relacionamentos, teremos África enquanto um pénis, com os testículos na África Ocidental, e com o pormenor de Madagáscar relacionar-se com a circuncisão, pois representará o prepúcio retirado do pénis.

Repare-se que até agora, nesta alegada mensagem alienígena, três exemplos remetem para a angústia de castração, na europa, na América e em África. Também na Ásia, o Japão, enquanto ilha a leste da Rússia, será o símbolo castrativo ao nível do inconsciente.

Continuando, teríamos, então, o pénis e a zona vaginal relacionando com a gravidez.

Numa análise mais política que pode ser feita, o facto de África ter sido colonizada por sociedades imperialistas e o facto de os Estados Unidos da América ser uma sociedade imperialista, dir-se-à que, geopsicologicamente e exopsicologicamente, haverá na história da Humanidade uma espécie de masturbação histórica, e não um coito entre o pénis de África e a vagina da zona sul da América do Sul. Isto pelos sucessivos impérios na história da Humanidade e a relação entre a mão dos Estados Unidos e o pénis de África. Relacionando estas indicações com o Brasil, tem havido uma gravidez histórica, o que se pode relacionar com as sociedades históricas capitalistas, particularmente no âmbito do capitalismo global.

Importa, sobremaneira, aqui referir, e comparar, as características histriónicas, particularmente na linguagem, dos Estados Unidos da América e do Brasil, relativamente às suas ex-potências colonizadoras, Inglaterra e Portugal, respectivamente.

Uma especulação exopsicológica que se pode fazer é a de, em sociedades particularmente históricas, haver algum índice de colonização, particularmente, por parte de entidades e civilizações extraterrestres, podendo nós intuir que quanto mais acentuado fôr o hysterismo maior índice de colonização haverá.

Já o factor opressivo de uma sociedade imperialista poderá ser relacionado com a mão dos Estados Unidos da América puxar a placenta, impedindo uma verdadeira gravidez, como que sufocando o processo.

Outro aspecto que tem particular importância é o facto de a Austrália assemelhar-se a um bomerangue e ser historicamente conhecida como uma prisão do império britânico. Isto remete-nos para uma ciclicidade de reclusão, o que historicamente remete-nos para os 400 anos de escravatura dos hebreus sob o jugo do império egípcio e para os quase 500 anos de colonização dos povos africanos e de parte desse tempo sob escravatura, por parte das potências coloniais. Um aspecto curioso e que integra os relacionamentos agora feitos é o facto, já referido, de Madagáscar se relacionar com a circuncisão, e localizar-se em África, e o facto de os judeus realizarem culturalmente a circuncisão masculina.

Terminando, o que se pode considerar desta alegada mensagem alienígena, dir-se-à que, de futuro, para haver um verdadeiro Coito na Humanidade, entre o pénis de África e a zona sul da América do Sul, com posterior verdadeira gravidez, deverá haver uma semelhança entre os judeus, que actualmente, particularmente no contexto sionista, têm grande influência na governação global (em particular com o seu domínio dos Estados Unidos, enquanto superpotência no âmbito do capitalismo global), e os indivíduos africanos, naquilo que diz respeito à influência em matérias globais e na sua governação.

Bibliografia

Resende, S. (2009). Exopsicologia: uma nova área de estudo em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/07/2009

Resende, S. (2009). Exopsicologia e esquizofrenia em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 08/10/2009

Resende, S. (2010). Exopsicologia e o Ser em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 16/10/2010

Catar sexual feminino enquanto fobia social

15/06/2012

Relacionando o catar sexual feminino enquanto meio de deslocamento social, equaciono o mesmo com a angústia de castração e a fobia social.

Em Caracterização psicológica das personagens Batman, Tarzan e King-Kong (Resende, 2010), utilizo o exemplo de Tarzan, que se desloca pela selva através de lianas (cordas vegetais dependuradas em árvores), para indicar que nos relacionamentos tipicamente femininos, particularmente históricos, ocorre o grooming sexual, ou comportamento de catar sexualmente, com importantes características sociais e hierárquicas. Estamos a falar, portanto, de comportamentos sociais tipicamente sexualizados, particularmente entre mulheres. Diz-se mais, que este catar sexual

parece ser um meio de deslocação social e societal para as mulheres. Particulariza-se, ainda, que meios como a televisão e o cinema constituem lianas sociais para as mulheres, tendo isso especial importância para a hierarquização social sentida pelas mulheres, em que se perceberá uma maior hierarquia para aquelas mulheres que surgem na televisão ou cinema.

Continuando, com a variação do surgimento da menstruação nas várias mulheres, ou seja, não saberem o quando a outra mulher está menstruada, e em que há o sentimento de estar a sugar sexualmente o sangue de outra mulher, o catar sexual surge como uma ameaça de castração, em que a menstruação fará lembrar o sinal depressivo de perda do pénis já efectuada. Para mais, o condicionamento hipnótico típico do catar sexual fará com que a ameaça de castração tenha uma significativa influência.

É de referir o caso de, estando eu presente no corredor de uma ala psiquiátrica hospitalar, surge uma paciente que começa a dizer que quando chegasse a doutora, ela iria ver, que iria fazer com que ela (doutora) ficasse toda molhada.

Ora, esta ameaça de castração remete-nos para algo fóbico, em que tentará evitar o contacto social, mas em que ocorrerá um deslocamento contra-fóbico, para a mesma ou outras mulheres, talvez principalmente outras mulheres, fundamentando isso relacionamentos sociais tipicamente histéricos. Ou seja, haverá uma fuga para a frente. Esta fuga para a frente é uma das estratégias defensivas utilizadas na fobia como nos dizem Houzel, Emmanuelli & Moggio (Coord.) (2004). Estas características indicam que haverá uma tentativa de controlar externamente a fobia social, já que assim será de mais fácil manejo.

Este evitamento e fobia social, com fuga para a frente, ajudará a explicar a sociabilidade típica dos histéricos assim como a superficialidade também típica dos relacionamentos histéricos, em que o movimento contra-fóbico dará conta da sociabilidade enquanto que o movimento fóbico dará conta da superficialidade. Isto, tendo-se a noção de que o histerismo é mais tipicamente feminino.

Para mais, é de notar o exemplo relativamente conhecido daquelas mulheres que têm várias dezenas de sapatos, ou mesmo apenas várias unidades, em que o senso comum dirá que será um exagero. No contexto, o ter vários sapatos apontará para uma dominação hierárquica sobre outras mulheres, já que indicará, aparentemente, que não necessita delas para funcionarem como objecto contra-fóbico. Mas dir-se-à que o afecto do objecto contra-fóbico nas outras mulheres é deslocado sobre os sapatos, em que estes continuam a funcionar como objectos contra-fóbicos. Ou seja, a ansiedade social permanece, em que o conteúdo manifesto indica uma dominação hierárquica sobre outras mulheres e o conteúdo latente indica fobia social, relacional, semelhante às restantes mulheres. Repare-se que, neste caso, da posse dos vários sapatos, é mais

notória a tentativa de controlar externamente algo que será de mais difícil lidar internamente.

Temos então o catar sexual como fonte de ansiedade e angústia de castração, com ansiedade e fobia social.

É ainda de evidenciar que as características sexualizadas do catar sexual, com características fóbicas, nos remetem para uma histeria de angústia, histeria esta que, precisamente, Laplanche & Pontalis (1990) aproximam, mas não totalmente, à neurose fóbica.

Bibliografia

Houzel, D., Emmanuelli, M. & Moggio, F. (Coord.) (2004). Dicionário de Psicopatologia da Criança e do Adolescente. Climepsi Editores

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da Psicanálise. Editorial Presença

Resende, S. (2010). Caracterização psicológica das personagens Batman, Tarzan e King-Kong em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 22/11/2010

Segundo complemento a Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia: correlatos político-económicos

10/08/2012

Baseio-me em dois artigos escritos por mim, a saber, Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia (Resende, 2011) e Complemento a Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia (Resende, 2011), para resumi-los, e para depois descrever alguns correlatos político-económicos.

Assim, relaciono a procura das forças fundamentais que governam o Universo, da Teoria do Tudo em Física, com a procura das forças e processos fundamentais que governam a mente, esta procura relacionada com a Teoria do Tudo em Psicologia. Considera-se que somos nós, humanos, que pensamos as ideias e teorias, devendo-se ter isso em conta ao pensar na influência que o Universo exerce sobre o pensamento humano, como sobre as emoções, relacionamentos, etc..

Parte-se, então, da ideia de maior atracção que uma estrela exerce sobre um planeta do que um planeta exerce sobre ela, relacionando isto com o amor dado não correspondido, ou pouco correspondido, em que um dos elementos da questão atrai mais do que o outro. Teremos, então, que o elemento depressígeno do amor não

correspondido como que caracteriza a relação entre estrelas e planetas. Deste modo, os sistemas solares caracterizam-se pela depressividade, em que, pelos movimentos de translação, teremos uma depressividade cíclica. Sendo assim, teremos uma entrada e saída da depressão, correspondendo isso, pois, a movimentos relacionais maníaco-depressivos. Assim, tendo em conta que a patologia maníaco-depressiva constitui-se enquanto psicose, teremos que os sistemas solares exercem uma influência psicotizante sobre o ser humano.

Faz-se agora um aparte, para resumir a sequência a estas ideias, tendo a noção de que os correlatos político-económicos, que serão descritos, estão mais relacionados com o agora descrito do que com estas sequências. A seguir à influência psicotizante da patologia maníaco-depressiva, teremos sequenciadamente, no desenvolvimento humano, o afastamento e aproximação das galáxias umas das outras, e a expansão do Universo, com o afastamento dos seus limites, como estando relacionados com a angústia de separação característica da patologia borderline. Relaciona-se, também, a simetria como proposta final para a completa unificação de todas as partículas, como defendido pela maioria dos físicos, com características neuróticas genitais como o respeito pelo outro, capacidade de dádiva e capacidade de união afectiva, como, ainda, com o sentimento de reciprocidade e a cooperação.

Voltando novamente à influência psicotizante, no quadro da patologia maníaco-depressiva, que os sistemas solares exercem sobre o ser humano, indicam-se agora correlatos político-económicos, que consubstanciam as ideias descritas neste artigo e nos outros dois referidos.

Considera-se, pois, no âmbito do Capitalismo global actual, e não só, características do capitalismo, que se têm verificado historicamente. Estou a referir-me à ciclicidade do desenvolvimento capitalista, em que surgem não só recessões, como, para além disso, depressões económicas, por um lado, e, por outro, euforias, mais relacionadas com as bolhas especulativas, como acontece frequentemente, relativamente ao ramo imobiliário, por exemplo. Temos o exemplo histórico da Grande Depressão, dos anos 30 do séc.XX, como temos a referência recente das bolhas económicas eufóricas, com as grandes recessões que lhes seguiram.

Resumidamente, parece haver, pois, consubstanciação da ideia da ciclicidade maníaco-depressiva, com a sua influência no ser humano, através da referida ciclicidade que historicamente parece verificar-se no Capitalismo, com as suas bolhas especulativas e euforias e recessões e depressões.

Bibliografia

Resende, S. (2011). Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (em apreciação) (proposto em 15/03/2011)

Resende, S. (2011). Complemento a Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (em apreciação) (proposto em 12/08/2011)

Pequeno complemento a A religião enquanto fenómeno Borderline – perspectiva psicodinâmica

17/08/2012

Neste artigo, faz-se um resumo a A religião enquanto fenómeno Borderline – perspectiva psicodinâmica (Resende, 2010), para depois complementá-lo com o aspecto importante relativo ao Segundo Advento, ou Segunda Vinda, particularmente de Jesus Cristo na religião cristã. É um aspecto que mais fundamenta o artigo já referido. Dá-se, depois, um exemplo ilustrativo do dia-a-dia, relativo ao jogador de futebol.

Assim, consideram-se as características que fazem justificar um quadro borderline, particularmente as características psicóticas e neuróticas, para aplicá-las à religião.

Tem-se, pois, a clivagem do self com o mundo exterior, que se fará através da instância superegóica, havendo uma clivagem entre a imago superegóica materna e a imago superegóica paterna. A imago materna caracterizar-se-à pela idealização positiva, que faz com que haja o contacto e a propagação da religião, através da conhecida característica contagiosa do histerismo, lá está, mais característico nas mulheres, contágio esse efectuado através da identificação histérica. A imago paterna caracterizar-se-à pela idealização negativa, em que há a identificação com um Deus (por exemplo, no Cristianismo), a quem é devido temor e servidão, havendo também identificação com características vingativas, como no caso de não se acreditar na fé religiosa, com a consequência da ida para o Inferno.

Teremos a linha neurótica, que se vê no medo de retaliação por parte de Deus, condenando o indivíduo ao Inferno, o que no remete para a angústia de castração, tão característica da neurose. A linha neurótica também está presente no histerismo com a sua identificação histérica.

É neste sentido que se fará o contacto do self com o mundo exterior.

O self estará ele próprio clivado, remetendo-nos para as características psicóticas do quadro borderline religioso. Parte do self caracteriza-se pela idealização positiva, com necessidades afectivas, buscando-se satisfazer as mesmas, o que far-se-à pelo contacto e permanência das ligações religiosas, sejam elas sociais, grupais ou institucionais. Por outro lado, a outra parte do self terá características de idealização negativa, com medo de retaliação e caracterizada por sentimentos masoquistas de necessidade de castigo.

Vemos, pois, as relações entre as idealizações positivas da imago superegógica materna e parte do self, em que a necessidade de satisfazer as carências afectivas se relacionam com a ligação e propagação religiosa. Veêm-se, também, as relações entre as idealizações negativas da imago superegógica paterna e a outra parte do self, com as necessidades masoquistas de castigo ligadas à angústia de castração.

Referindo-nos agora ao Segundo Advento, da religião cristã, com a vinda de Jesus realizando o Juízo Final, reparamos na vinda anterior do Salvador, implicando, esta diferença, no afastamento desta figura divina, e central na religião cristã, dos seus crentes cristãos.

Ora este afastamento temporário remete-nos para uma angústia de separação, que é característico, precisamente, de um quadro borderline. Temos, pois, que esta angústia, presente, particularmente na religião cristã, vem fundamentar o fenómeno religioso borderline, descrito no artigo já referido e neste.

Dá-se, agora, um exemplo ilustrativo do dia-a-dia, que é o jogador de futebol religioso enquanto borderline. Refira-se Desmond Morris, que, no seu *A tribo do futebol* (1981), nos indica que o estádio de futebol é um templo no qual os adeptos vão adorar os deuses, e que os deuses são os jogadores de futebol. Mas analisemos esses deuses. No golo, o jogador comemora, levantando os braços para o céu, louvando e agradecendo à divindade adorada, mas pensando infirmativamente, quando o mesmo jogador falha o golo, não há essa comemoração, ou há uma indicação, pensamos nós, que o jogador sentir-se-à culpabilizado por não ter tido a fé suficiente, o que revela um raciocínio circular, já que o jogador não está a admitir que, nesse momento, a divindade não esteve com ele. Teremos presente que a presença da divindade a ajudar ou a guiar o jogador não é constante, ou é intermitente, o que nos leva a pensar numa angústia de separação, característica, precisamente, da organização borderline. Assim, isto levar-nos-à a pensar que o jogador de futebol religioso constituirá um correlato desportivo corroboratório do artigo referido anteriormente, da religiosidade enquanto fenómeno borderline. Num acrescento final, o levantar aos céus dos braços, na comemoração do golo, faz lembrar a criança que olha para cima, para o pai, por exemplo, querendo colo, o que é coerente com a consideração psicanalítica de Deus enquanto figura paterna exacerbada. Neste contexto, faz sentido a procura, do jogador

de futebol religioso, da admiração da figura paterna, revelando-se carente e a necessitar de afecto.

Bibliografia

Morris, D. (1981). A tribo do futebol (tradução portuguesa). Publicações Europa-América, Lda.

Resende, S. (2010). A religião enquanto fenómeno Borderline – perspectiva psicodinâmica em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 09/03/2010

Claustrofobia histórica: por trás do trauma das abduções alienígenas

13/11/2012

No âmbito da exopsicologia, como se pode ver em Exopsicologia: uma nova área de estudo (Resende, 2009), ou seja, no âmbito do estudo psicológico das relações e funcionamento psíquico, mental, entre os humanos e entidades e civilizações extraterrestres e/ou alienígenas, considera-se, neste artigo, que as características claustrofóbicas associadas ao histerismo estão na base do trauma das abduções alienígenas. Indicam-se propostas psicoterapêuticas para esse trauma.

Como se pode verificar em Sequestro (1994), do famoso psiquiatra John E. Mack, como em muita da restante literatura ovnilógica, há um tema recorrente, relativamente aos extraterrestres, que é o tema das abduções alienígenas. Estas abduções são descritas, na sua maior parte, como estando o indivíduo a dormir, o mesmo acorda, notando a presença, em geral, de vários seres extraterrestres no seu quarto, supostamente teletransportados, ou nalgumas descrições, passando através das paredes, situação após a qual, o indivíduo, é, geralmente, levado a bordo de uma nave. Ora, a situação de seres extraterrestres surgirem, aparentemente do nada, no quarto do indivíduo, estará associada a um trauma.

E é esta mesma situação traumática que eu gostaria de associar com características claustrofóbicas que podemos associar ao histerismo.

Em A claustrofobia enquanto perturbação histórica (Resende, 2008), considero que na claustrofobia, todos os referenciais estão presentes, todos os pontos de referência estão presentes e sentidos como pertos de mais. Nesta situação de excesso de

referências, o indivíduo entra em descompensação histérica. Isto considerando as delineações de Bergeret (1997) acerca da estrutura de personalidade histérica.

Ora, nas abduções alienígenas, os seres extraterrestres no quarto serão sentidos como perto de mais, conferindo excesso de pontos de referência. Assim, o trauma que surgirá estará associado a esta situação claustrofóbica, trauma esse que baseia-se, deste modo, numa reacção histérica.

Em geral, para um indivíduo lidar melhor com este tipo de abduções alienígenas, deverá desenvolver uma reacção mais obsessiva. Esta reacção obsessiva estará mais na linha agorafóbica, como se pode verificar em A agorafobia enquanto perturbação obsessiva (Resende,2008), em que o indivíduo se confronta mais com a falta de pormenores, de detalhes, de referências. Por outro lado, o obsessivo lidará melhor com os fenómenos claustrofóbicos.

Dir-se-à, para finalizar, que uma medida psicoterapêutica relativa ao trauma de uma abdução alienígena, será instituir, no quarto, e eventualmente na casa toda, uma concepção minimalista de móveis e outras estruturas da casa, ou seja, manter ao mínimo o número e complexidade de estruturas no interior da casa. Ao mesmo tempo, se deverá fazer uma rememoração da situação traumática, em que se deslocará o afecto relativo aos seres extraterrestres para os móveis e estruturas da casa, criando, assim, memórias afectivas, para depois se fazer o já indicado, diminuindo o número e complexidade das estruturas e móveis do quarto e casa. Aquela rememoração da situação traumática dever-se-à fazer indagando no indivíduo que tipo de afectos sentiu na altura, como antes e depois, relativamente às estruturas da casa.

Do mesmo modo, se deverá indagar o afecto sentido em relação a outras pessoas da casa, e, no contexto do já descrito em relação à reacção obsessiva que se deverá ter, a indicação terapêutica, ao nível relacional, deverá caminhar para que o indivíduo progrida progressivamente para viver sozinho, ou seja, é como se relacionalmente se diminuísse progressivamente o afecto traumático. Eventualmente, mais correcto, estaremos a falar da capacidade do indivíduo ficar só, que, como Winnicott (1958) nos diz, faz a pressuposição de que é um dos sinais mais importantes do amadurecimento do desenvolvimento emocional. É de reparar que este contexto relacional, em que o indivíduo terá que modificar as suas relações, e progressivamente diminuí-las, é, precisamente, mais obsessivo, trabalhando-se no sentido de uma maior independência e autonomia, e não tanto histérico, onde há uma maior importância e dependência dos relacionamentos sociais. Ora, estas características afectariam negativamente a diminuição e eliminação do trauma.

Quanto à terapêutica minimalista e à necessidade de reduzir os relacionamentos associados ao trauma, no sentido de estar só, estarão associadas à maior facilidade no histérico da mobilidade do afecto entre representações. Esta facilidade levará a que o

afecto traumático da abdução passe mais facilmente para elementos presentes e associados ao cenário traumático, passagem essa que será externalizada, com a externalização a ser feita devido à significância emocional da situação traumática. Assim, reduzindo os elementos, reduzir-se-à progressivamente a generalização do afecto efectuada anteriormente.

Estas características descritas, a nível psicoterapêutico, têm particular importância no contexto daquilo que é descrito muitas vezes pelos sujeitos abduzidos, isto é, que as abduções são repetidas, e que perduram, muitas das vezes, desde a infância.

Ou seja, em particular, as medidas indicadas têm características preventivas.

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica. Climepsi Editores

Mack, John E. (1994). Sequestro (tradução portuguesa). Lisboa: Temas da Actualidade, D. L.

Resende, S. (2008). A agorafobia enquanto perturbação obsessiva em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 02/12/2008

Resende, S. (2008). A claustrofobia enquanto perturbação histérica em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 12/12/2008

Resende, S. (2009). Exopsicologia: uma nova área de estudo em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/07/2009

Winnicott, D. W. (1958). O ambiente e os processos de maturação – estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Artmed

Teoria do Tudo em Psicologia e as forças fundamentais do Universo

15/11/2012

Procuro, neste artigo, relacionar a Teoria do Tudo em Psicologia, que, como já indico num artigo meu, a saber, Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia (Resende, 2011), procura relacionar a Psicologia com a Teoria do Tudo em Física, ou seja, a procura e unificação das forças fundamentais do Universo, relacionar, dizia eu, com as

forças fundamentais do Universo, a saber, a gravidade, o electromagnetismo e as forças nucleares forte e fraca. Acerca destas forças e da procura da sua unificação, ver, por exemplo, a famosa obra de Stephen Hawking, *A Brief History of Time – From the Big Bang to Black Holes* (1995). Nestas relações, das duas Teorias do Tudo, tem particular importância a procura da verdade, da realidade última, a nível mental, que falava Wilfred Bion (Symington & Symington, 1999).

Procurando conceptualizar o átomo, com seu núcleo de prótons e neutrões, e com a nuvem electrónica, de electrões à volta do núcleo, introduzo aqui dois conceitos relacionados com a Psicologia.

Em *A agorafobia enquanto perturbação obsessiva* (Resende, 2008), considero que a obsessão relaciona-se, particularmente, com fenómenos agorafóbicos, em que o indivíduo obsessivo tem mais dificuldade em lidar com falta de referências, de detalhes. Deste modo, o obsessivo lida melhor com fenómenos claustrofóbicos, já que se dá bem com a presença de estímulos referenciais. Assim, podemos aproximar o fenómeno obsessivo da existência nuclear, com o núcleo, mais ou menos apertado, de prótons e neutrões, e associar, assim, a obsessão com as forças nucleares forte e fraca. Tem particular interesse a existência destas duas forças e a existência, precisamente, de dois tipos de partículas no núcleo.

Já em *A claustrofobia enquanto perturbação histérica* (Resende, 2008), considero que o histerismo está relacionado com fenómenos claustrofóbicos, em que o histérico tem dificuldade em lidar com a presença dos referenciais, os quais são sentidos como perto de mais. Assim, o histérico lida melhor com fenómenos agorafóbicos, já que se dá bem com a ausência de estímulos referenciais. Deste modo, podemos aproximar o fenómeno histérico da existência da nuvem electrónica, de electrões à volta do núcleo, e associar, assim, o histerismo ao electromagnetismo, fenómeno este que se coaduna bem com as características relacionais históricas de energéticas relações sociais.

Já a gravidade tem particular relação com o fenómeno depressivo e/ou depressão em si, em que psicologicamente e psicomotrizmente, o indivíduo se encontra abatido, sendo até verificável na própria postura, em que se pode entender que há um campo gravitacional particularmente grave, mais acentuado.

Quanto ao psicótico, podemos aproximar a denegação da realidade e projecção maciças ao fenómeno da Não-Localidade, postulado pela Física contemporânea, em que a denegação da realidade, acoplada com a desrealização e despersonalização, características no psicótico, remetem para a consideração da não existência estrita do real local, como se poderá ver em fenómenos sintomáticos como a fuga do pensamento e o roubo do pensamento, e que em conjunto com a projecção maciça, remetem para as características não-locais, que a Física considera como sendo a

presença em mais do que um local da mesma partícula, o que é algo contra-intuitivo, mas parece caracterizar geralmente as partículas e o Universo.

Finalizo, relacionando o fenómeno borderline, ou estado-limite, com uma partícula e campo particulares, o de Higgs. Efectivamente, a partícula de Higgs, ou o bóson de Higgs, tem sido conceptualizada como sendo unificadora das outras partículas elementares, cujas interacções com o campo de Higgs fornecerão a massa a essas mesmas partículas elementares. É de notar que, embora já hipotetizada desde os anos 60 do séc. XX, a partícula de Higgs só terá sido presumivelmente descoberta a 4 de Julho de 2012 [Ver referências: ATLAS (2012), CERN (2012), CMS (2012)]. Tendo em conta aquela importância das partículas interagindo com o campo de Higgs adquirirem a sua massa, é de considerar que o bóson de Higgs é a menor excitação possível do campo de Higgs.

Agora, há uma característica do bóson de Higgs, no enquadramento do Modelo Standard, que a permite relacionar com o fenómeno borderline, que é dessa partícula permitir múltiplas partículas existirem no mesmo local, no mesmo estado quântico. Ora, isto aproxima-se da característica do estado-limite de ter múltiplas organizações de personalidade como a caracterizando simultaneamente, particularmente, a neurótica e a psicótica. Outro paralelo que se pode estabelecer é o de a partícula ou bóson de Higgs ser muito instável e o facto de algo que caracteriza o borderline ser a sua instabilidade.

Numa nota final, tendo em conta que Bergeret (1997) considera que o fenómeno borderline caracterizará mais de 50% da população europeia, e que autores como Coimbra de Matos (2007) consideram que o fenómeno borderline, ou como ele o coloca, fenómeno borderland, não cessa de expandir nas sociedades modernas, seria interessante relacionar aquela aquisição de massa pelas partículas elementares, com a sua interacção com o campo de Higgs, e os fenómenos já relacionados, neste artigo, da gravidade associada ao fenómeno depressivo. Isto tem particular importância porque o fenómeno depressivo é transversal às várias estruturas e organizações de personalidade.

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica. Climepsi Editores

Coimbra de Matos, A. (2007). O Desespero: Aquém da Depressão (2ª edição). Climepsi Editores

Hawking, S. (1995). A Brief History of Time – From the Big Bang to Black Holes. Bantam Books

Resende, S. (2008). A agorafobia enquanto perturbação obsessiva em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 02/12/2008

Resende, S. (2008). A claustrofobia enquanto perturbação histérica em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 12/12/2008

Resende, S. (2011). Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (proposto em 25/03/2011)

Symington, J. & Symington, N. (1999). O pensamento clínico de Wilfred Bion. Climepsi Editores

Referências

ATLAS collaboration (2012). “ Observation of a New Particle in the Search for the Standard Model Higgs Boson with the ATLAS Detector at the LHC “. Physics Letters B 716 (1): 1-29

CERN press release (2012). “ CERN experiments observe particle consistent with long-sought Higgs Boson “. 4 July 2012

CMS collaboration (2012). “ Observation of a new boson at a mass of 125 GeV with the CMS experiment at the LHC “. Physics Letters B 716 (1): 30-61

Teoria dos Jogos, Teoria da Realidade e evolução psicológica da espécie humana

20/11/2012

Esclarecendo inicialmente características da Teoria dos Jogos, passo aos conceitos de Princípio da Certeza e Teoria da Realidade, apontando no sentido da evolução psicológica da espécie humana.

A Teoria dos Jogos realmente desenvolveu-se após a publicação de The Theory of Games and Economic Behavior, de Oskar Morgenstern e John von Neumann, em 1944 [ver referência da 2ª edição, Morgenstern & von Neumann (1947)]. Esse livro

considerava jogos cooperativos de diversos jogadores. Sendo inicialmente uma ferramenta para compreender o comportamento económico, a Teoria dos Jogos teve influências em estratégias nucleares, como em diversos campos académicos como ciências políticas, ciências militares, ética, filosofia, jornalismo, ciências da computação (inteligência artificial e cibernética) ou como em psicologia. Duas definições possíveis da Teoria dos Jogos são: estudo de modelos matemáticos de conflito e cooperação entre decisores inteligentes e racionais; e ramo da matemática aplicada que estuda situações estratégicas onde jogadores escolhem diferentes acções na tentativa de melhorar o seu retorno. Tomando como um exemplo o Dilema do Prisioneiro, pode dizer-se que, em geral, a Teoria dos Jogos estuda as escolhas de comportamentos óptimos quando o custo e o benefício da cada opção não é fixo, mas depende, sobretudo, da escolha dos outros indivíduos. A 2ª edição de 1947 do livro já referido avança com uma teoria axiomática de utilidade expectável, permitindo matemáticos estatísticos e economistas tratar a tomada de decisão sob incerteza.

Referira-mo-nos agora ao Princípio da Incerteza de Heisenberg, com a influência que isso tem a nível psicológico, em que o mesmo indica que não se pode determinar ao mesmo tempo a velocidade e a localização de uma partícula.

Desenvolvamos agora o chamado Princípio da Certeza, em que há a certeza de não se poder determinar ao mesmo tempo a velocidade e a localização de uma partícula. Ou seja, quanto mais forte for o Princípio da Incerteza mais forte é o Princípio da Certeza.

Isso leva-nos, por contraponto à Teoria dos Jogos, em que as escolhas de comportamentos óptimos quando o custo e benefício de cada opção não é fixo, mas dependem das escolhas dos outros indivíduos, à Teoria da Realidade, em que as escolhas de comportamentos óptimos dependem da certeza das escolhas dos outros indivíduos. Explicando melhor, em relação ao Princípio da Certeza, ter-se-à a certeza do valor de uma das opções e a certeza da ausência do valor da outra. Isto, psicologicamente, levar-nos-ia a uma estabilidade optativa, e quanto à certeza da ausência, levar-nos-ia a um melhor trabalhar da angústia de separação, que é, por exemplo, caracteristicamente associada ao fenómeno borderline. Este melhor trabalhar, por seu turno, levaria a nova estabilidade optativa, resultante da resolução da ambivalência.

O Princípio da Certeza, e principalmente a Teoria da Realidade, poderiam ser consideradas como evolução em relação àquilo que se pode dizer do que há de jogo na Teoria dos Jogos. Ou seja, psicologicamente, iríamos como do Princípio do Prazer para o Princípio da Realidade, eventualmente mais maduro emocionalmente. Iríamos, pois, do prazer na realidade para uma realidade com prazer.

Para mais, a Teoria da Realidade aponta para o alcance, ou para o aproximar, daquilo a que Bion (Symington & Symington, 1999) chamou realidade última, a nível mental, ou a coisa-em-si-mesma.

Em relação a esta realidade última, ter-se-à em consideração a Teoria da Realidade enquanto estratégia evolucionariamente estável, a nível psicológico, no mesmo sentido em que Maynard Smith [ver referência, Maynard Smith (1982)] cunhou a expressão a expressão no campo da biologia. Isto seria o seguimento da aplicação da Teoria dos Jogos à biologia, no sentido da compreensão e previsão do desfecho da evolução de certas espécies. Assim, estaremos a falar da previsão da evolução psicológica, em particular, da espécie humana.

Neste campo, gostava de referir-me à exopsicologia, que defino em Exopsicologia: uma nova área de estudo (Resende, 2009), como o estudo da relação e funcionamento psicológico, psíquico, entre seres humanos e entidades e/ou seres extraterrestres e/ou alienígenas. Isto para indicar algo que poderá muito bem ser o futuro psíquico da Humanidade, que é o de a mesma estar ligada telepaticamente. Este tipo de ligação telepática, no interior de uma espécie alienígena, ou intra-espécie, havendo também capacidade de comunicar desse modo com outras espécies como a humana, parece ser algo comum em várias espécies alienígenas, particularmente evoluídas, que terão tido contacto com seres humanos na Terra. Exemplos dessas ligações telepáticas, e desses contactos, poderão ser encontrados em Sequestro (Mack, 1994), The Custodians – Beyond Abduction (Cannon, 2001) ou em The Keepers – An Alien Message for the Human Race (Sparks, 2006).

Outro fenómeno a enquadrar nesta Teoria da Realidade será a capacidade de viajar no tempo, em que se pode conhecer antecipadamente as acções dos outros indivíduos. Há indícios que, por exemplo, os Estados-Unidos têm essa capacidade. Ver, por exemplo, em www.exopolitics.com o caso de Andrew Basiago, em que no passado terá tido acesso a um livro que iria escrever no futuro, havendo Departamentos estado-unidenses, portanto, que tiveram acesso a esse livro, que só iria ser escrito no futuro, tendo viajado para o passado, portanto, e que, no caso, apontava evidências da existência de vida em Marte. Há também relatos de que um Departamento estado-unidense terá avisado, no passado, pelo menos, dois futuros presidentes da nação, de que iriam tornar-se presidentes, no futuro, e que, no caso, tratava-se de Bill Clinton e de Barack Obama. Temos, pois, outro exemplo estratégico da certeza da escolha de outros indivíduos.

Teremos, então, que a Teoria da Realidade, em que as escolhas de comportamentos óptimos dependem da certeza das escolhas de outros indivíduos, o que estará relacionado evolutivamente com uma ligação telepática entre os indivíduos da espécie humana, com aquela certeza garantida, particularmente, por essa ligação, e com a

capacidade de viajar no tempo, levar-nos-ia, então, mais próximo da realidade última Bioniana.

Bibliografia

Cannon, D. (2001). The Custodians – Beyond Abduction. Ozark Mountain Publishers

Mack, J. E. (1994). Sequestro (tradução portuguesa). Lisboa: Temas da Actualidade, D. L.

Resende, S. (2009). Exopsicologia: uma nova área de estudo em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/07/2009

Sparks, J. (2006). The Keepers – An Alien Message for the Human Race. Wild Flower Press

Symington, J. & Symington, N. (1999). O pensamento clínico de Wilfred Bion. Climepsi Editores

Referências

Maynard Smith, J. (1982). Evolution and the Theory of Games. Cambridge University Press

Morgenstern, O. & von Neumann, J. (1947). The Theory of Games and Economic Behavior. Princeton University Press

www.exopolitics.com

Teoria do Tudo em Psicologia, as forças fundamentais do Universo e a relação exopsicológica com a presença alienígena na Terra

23/11/2012

Resumindo inicialmente o meu artigo Teoria do Tudo em Psicologia e as forças fundamentais do Universo (Resende, 2012), procuro depois relacionar exopsicologicamente esses constructos com a presença alienígena na Terra.

Assim, estabelece-se a relação entre Psicologia e Física, entre a Teoria do Tudo em Psicologia e a Teoria do Tudo em Física. Se por um lado, a Teoria do Tudo em

Psicologia [ver, por exemplo, Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia (Resende, 2011)] procura relacionar a Psicologia com a Teoria do Tudo em Física, esta última Teoria assenta na procura e unificação das forças fundamentais do Universo. Deste modo, mais especificamente, procura-se estabelecer a relação entre a Teoria do Tudo em Psicologia e as forças fundamentais do Universo, a saber, a gravidade, o electromagnetismo e as forças nucleares forte e fraca. Sobre estas forças fundamentais, e a procura da sua unificação, consultar, por exemplo, A Brief History of Time – From the Big Bang to Black Holes, de Stephen Hawking (1995). Na relação das duas Teorias do Tudo, torna-se importante a procura da verdade, da realidade última, a nível mental, que Bion fala (Symington & Symington, 1999).

Continuando, relaciona-se a conceptualização do átomo, com o seu núcleo de prótons e neutrões, e com a nuvem electrónica, de electrões à volta do núcleo, com dois conceitos da Psicologia, a agorafobia e a claustrofobia.

Em A agorafobia enquanto perturbação obsessiva (Resende, 2008), indico que o obsessivo tem particulares dificuldades com fenómenos agorafóbicos, pela dificuldade de lidar com falta de referências, de detalhes, e que lida melhor com fenómenos claustrofóbicos, pela melhor lide com a presença de estímulos referenciais. Assim, aproxima-se o fenómeno obsessivo da existência nuclear, com o núcleo, mais ou menos apertado, de prótons e neutrões, associando a obsessão com as forças nucleares forte e fraca. Acrescente-se, aqui, que uma das características da força nuclear forte é ter uma propriedade chamada de confinamento. O próprio Hawking (1995), já referido, chama a esta propriedade de curiosa. No contexto deste artigo, é efectivamente curioso relacionar as características de melhor lide claustrofóbica do obsessivo com esta propriedade de, precisamente, confinamento, da força nuclear forte. Resumidamente, no confinamento, a força nuclear forte junta sempre partículas em combinações que não têm côm, em que um quark não poderá esta singularmente porque terá côm, juntando-se sempre a outros quarks através de uma fila de gluões, não havendo côm, portanto. Estas combinações de quarks e gluões constituem o próton e o neutrão. Assim, trata-se de confinamento, pois as partículas têm de estar confinadas sempre juntas.

Noutro artigo, A claustrofobia enquanto perturbação histérica (Resende, 2008), indico que o histérico tem particulares dificuldades com fenómenos claustrofóbicos, pela pior lide com a presença de referenciais, que são sentidos como perto de mais, e que lida melhor com fenómenos agorafóbicos, já que se dá bem com a ausência de estímulos referenciais. Aproximamos, assim, o fenómeno histérico da existência da nuvem electrónica, de electrões à volta do núcleo, associando, deste modo, o histerismo ao electromagnetismo, fenómeno este que se coaduna bem com as características relacionais históricas de energéticas relações sociais.

Falando da gravidade, dir-se-à que a mesma relaciona-se com o fenómeno depressivo e/ou depressão em si, em que psicologicamente e psicomotrizmente, o indivíduo se encontra abatido, verificável na própria postura, em que se pode entender que há um campo gravitacional particularmente grave, mais acentuado.

Continuando este resumo, e relativamente ao psicótico, aproximamos a denegação da realidade, a desrealização, a despersonalização, e ainda fenómenos como a fuga do pensamento e o roubo do pensamento, da consideração da não existência estrita do real local, e que em conjunto com a projecção maciça, nos remetem para a Não-Localidade, características não-locais, que a Física considera como sendo a presença em mais do que um local da mesma partícula.

Particularmente importante, é relacionar o fenómeno borderline com o bosão e campo de Higgs. O bosão de Higgs tem sido conceptualizado como unificador das partículas elementares, cujas interações com o campo de Higgs fornecerão a massa a essas mesmas partículas elementares. Tendo em conta esta importância das partículas interagindo com o campo de Higgs adquirirem a sua massa, é de considerar que o bosão de Higgs é a menor excitação possível do campo de Higgs. A partícula de Higgs só terá sido presumivelmente descoberta a 4 de Julho de 2012. Uma característica do bosão de Higgs, no Modelo Standard, permite relacioná-lo com o fenómeno borderline, que é o de essa partícula permitir múltiplas partículas existirem no mesmo local, no mesmo estado quântico. Isto aproxima-se da característica do borderline de ter múltiplas organizações de personalidade como a caracterizando simultaneamente, particularmente a neurótica e a psicótica. Outro paralelo a estabelecer é o da alta instabilidade do bosão de Higgs e a instabilidade própria e característica do borderline.

Termino este resumo, indicando que Bergeret (1997) considera que o fenómeno borderline caracterizará mais de 50% da população europeia, e que Coimbra de Matos (2007) considera que o fenómeno borderline não cessa de expandir nas sociedades modernas. Seria, pois, interessante, relacionar aquela aquisição de massa pelas partículas elementares, com a sua interação com o campo de Higgs, e os fenómenos da gravidade associada ao fenómeno depressivo. Tem particular importância porque o fenómeno depressivo é transversal às várias estruturas e organizações de personalidade.

O presente artigo é, precisamente, uma contribuição exopsicológica para tentar perceber a relação borderline-depressividade, e a cada vez maior expansão quer do fenómeno borderline, como já se disse, quer do fenómeno depressivo, como se pode ver, mais especificamente, mais à frente.

É, agora, de referir que alguns investigadores, particularmente, no campo da ovniologia, analisam os fenómenos terrestres, de tal modo que indicam que as alterações climáticas e geoclimatéricas, como o buraco de ozono e o aquecimento global, que

parte da comunidade científica diz estarem ocorrendo, ou indicando a maior ou menor prevalência de terremotos, cheias, erupções vulcânicas e outros fenómenos, estarão precisamente a ocorrer de modo provocado, por engenharia geoclimatérica, por parte de entidades alienígenas ou conluíus humanos-E.T.s, para que o clima na terra seja mais propício a essas entidades extraterrestres, de modo a permanecerem mais adaptados na Terra.

Será neste sentido, e num contexto exopsicológico, definido em Exopsicologia: uma nova área de estudo (Resende, 2009) como sendo o estudo da relação e funcionamento mental, psíquico, entre humanos e seres extraterrestres e/ou alienígenas, que se estabelecerá a relação borderline (lembre-se, simultaneamente neurótico e psicótico)-depressivo e/ou deprimido, particularmente, por aquelas alterações referidas, de borderlines para depressivos e/ou deprimidos, através da manipulação bosónica, aumentando a gravidade nos deprimidos e/ou depressivos.

Muito possivelmente, e num contexto exopsicológico, isso far-se-à para ir controlando o tipo de gravidade que se sente na Terra, para poder acomodar extraterrestres que eventualmente provenham de planetas com maior ou menor gravidade do que a Terra. Assim, será, mais ou menos, induzida depressão ou fenómenos depressivos, para se efectuar esse controlo, controlando os indivíduos depressivos e/ou deprimidos, mas a partir de indivíduos borderline. Provavelmente, o controlo geral para este fenómeno será através da manipulação do bosão de Higgs. Isto, pelas relações psíquicas que haverão entre seres humanos e extraterrestres, uma espécie de consciente e inconsciente cósmico, com a referência particular dos contactos telepáticos entre E. T.s e humanos, e com o possível consciente colectivo e inconsciente colectivo entre eles. Ou seja, haverá manipulação bosónica (de Higgs) ao nível psíquico dos humanos, para que a nível, mais ou menos, psicológico dos E. T.s, haja a percepção psíquica de maior ou menor gravidade. Provavelmente, os diversos tipos de E. T., controlarão esse fenómeno mais ou menos conscientemente.

É curioso notar, relativamente aos E. T.s, que os Greys, ou Cinzentos, um tipo de E. T., estejam associados predominantemente aos fenómenos das abduções alienígenas [ver, por exemplo, Sequestro (1994), de John Mack], tendo em conta que têm uns olhos completamente pretos e relativamente grandes. Possivelmente, os Greys serão aqueles a serem utilizados para as abduções, precisamente para se estudar o efeito psicológico do fenómeno depressivo, podendo-se associar a depressividade à falta de luminosidade, ou escuridão, e, nesse sentido, à côr preta. É de notar que há descrições, na literatura ovnilógica variada, do interior de naves alienígenas, particularmente por contactados por alienígenas, ou por abduzidos, como sendo altamente iluminado, muito provavelmente para combater o efeito depressivo de viajar na escuridão do espaço sideral. Haverá, neste sentido, na relação entre luminosidade e depressividade, uma comunalidade psicológica entre humanos e

alienígenas. Continuando, o estudo do efeito psicológico, referido atrás, estará associado ao trauma da abdução. Relativamente a este trauma, ver o meu artigo Calustrofobia histórica: por trás do trauma das abduções alienígenas (Resende, 2012), no qual indico que o trauma da abdução alienígena será no âmbito da claustrofobia histórica, sendo, por isso, uma reacção histórica. Isto pela presença sentida como demasiado próxima dos alienígenas, geralmente, no quarto do sujeito.

Assim, a transferência de energia particular bosónica entre borderlines e depressivos e/ou deprimidos far-se-à, muito provavelmente, numa predominância histerico-psicótica, no sentido depressivo, e vice-versa, e não tanto numa linha obsessivo-psicótica, no sentido depressivo, e vice-versa.

Essa delineação fará o fenómeno enquadrar-se mais nas sociedades históricas capitalistas, num enquadramento borderline, que, como já indicado anteriormente do outro artigo (das forças fundamentais do Universo), é extenso nas sociedades modernas, particularmente no âmbito do Capitalismo global.

Neste contexto, e no contexto global do artigo, podemos referir dois estudos relativamente à depressão, realizados em sociedades capitalistas, a saber, os E. U. A. E a Índia [ver referências, respectivamente, C. D. C. (2006) e W. H. O. (2011)], onde se denota a alta prevalência da depressão nos dois países. Também se denota, aí, que a prevalência da depressão, a nível mundial, tender-se-à a agravar. Assim, o estudo nos Estados Unidos (Center for Disease Control and Prevention, 2006) indica que na década de 2000, há uma estimativa de 1 em cada 10 adultos Estado-Unidenses relatarem depressão, ou seja, 10%. Já o estudo da Organização Mundial de saúde, feito em 2011, revela que a Índia tem a mais alta taxa de Depressão Major no mundo, com cerca de 9%, e com cerca de 36% com Modo Depressivo Major. Nesta data, a O. M. S. classifica a depressão como a quarta principal causa de incapacidade, a nível mundial, e projecta que em 2020 será a segunda causa. Estes dados da O. M. S. foram publicados no BMC (BioMed Central) Medicine, uma revista científica médica.

Finalizo, dizendo que, exopsicologicamente, a prevalência da depressão, e a tendência para o seu agravamento, e a cada vez maior extensão do fenómeno borderline, como já referido, poderão indicar que há uma presença cada vez mais maciça de alienígenas na Terra. Assim, para se combater este fenómeno (depressivo-borderline), tão caracteristicamente humano, dever-se-à pensar terapeuticamente num tipo de extractor bosónico, indo trabalhando o nível gravítico nos humanos.

Bibliografia

- Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica. Climepsi Editores
- Coimbra de Matos, A. (2007). O Desepero: Aquém da Depressão (2ª edição). Climepsi Editores
- Hawking, S. (1995). A Birief History of Time – From the Big Bang to Black Holes. Bantam Books
- Mack, J. E. (1994). Sequestro (tradução portuguesa). Lisboa: Temas da Actualidade, D. L.
- Resende, S. (2008). A agorafobia enquanto perturbação obsessiva em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 02/12/2008
- Resende, S. (2008). A claustrofobia enquanto perturbação histérica em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 12/12/2008
- Resende, S. (2009). Exopsicologia: uma nova área de estudo em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 27/07/2009
- Resende, S. (2011). Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (proposto a 03/2011)
- Resende, S. (2012). Calustrofobia histérica: por trás do trauma das abduções alienígenas em www.psicologado.com (proposto a 11/2012)
- Resende, S. (2012). Teoria do Tudo em Psicologia e as forças fundamentais do Universo em www.psicologado.com (proposto a 11/2012)
- Symington, J. & Symington, N. (1999). O pensamento clínico de Wilfred Bion. Climepsi Editores

Referências

- C. D. C. (2006). www.cdc.gov/features/dsdepression/ - Site governamental do Centro de Controlo de Doenças e Prevenção (Center for Disease Control and Prevention) dos E. U. A.
- W. H. O. (2011). zeenews.india.com/news/world/indians-most-depressed-WHO-report_722442.html – Resultados publicados no BMC (BioMed Central) Medicine

Teoria do Tudo em Psicologia, as forças fundamentais do Universo e a comparação da coerência psicofísica dos sistemas politico-económicos da União Europeia e China

25/11/2012

Resumo primeiro o meu artigo Teoria do Tudo em Psicologia e as forças fundamentais do Universo (Resende, 2012), onde procuro relacionar a conceptualização do átomo, com seus prótons e neutrões no núcleo, e nuvem de electrões à volta do núcleo, com constructos da Psicologia como obsessão, histerismo, agorafobia e claustrofobia. Isto enquadrado na relação da Psicologia, da Teoria do Tudo em Psicologia, que está relacionada com a Teoria do Tudo em Física, com as forças fundamentais do Universo, a saber, a gravidade, o electromagnetismo e as forças nucleares forte e fraca. Após isto, e psicofisicamente, na relação entre a psique e as forças fundamentais do Universo, pretendo descrever a coerência relativa dos sistemas politico-económicos da União Europeia e China, considerando que será a partir da psique que esses sistemas são desenvolvidos.

Assim, procura-se, antes de mais, relacionar a Psicologia e a Física, a Teoria do Tudo em Psicologia [ver, por exemplo, Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia (Resende, 2011)] e a Teoria do Tudo em Física, esta última assentando na procura e unificação das forças fundamentais do Universo. Sobre esta procura e unificação, ver, por exemplo, a obra de Stephen Hawking (1995), A Brief History of Time – From the Big Bang to Black Holes. Assim, pretende-se ter uma Teoria do Tudo em Psicologia, em que se relacione a psique com os fenómenos físicos do Universo.

Deste modo, relacione-se a conceptualização do átomo, com o seu núcleo de prótons e neutrões, e com a nuvem electrónica, de electrões à volta do núcleo, com constructos da Psicologia, no caso, a obsessão, o histerismo, a agorafobia e a claustrofobia.

Num artigo, relacionando, em particular, a obsessão com a agorafobia, A agorafobia enquanto perturbação obsessiva (Resende, 2008), dou a indicação de que há particulares dificuldades no obsessivo em lidar com fenómenos agorafóbicos, pois há dificuldade de lidar com falta de referências e detalhes. Haverá mais facilidade na relação com fenómenos claustrofóbicos, por melhor lide com a presença de estímulos referenciais. Deste modo, aproxima-se a obsessão, o fenómeno obsessivo, da existência nuclear, com o núcleo, mais ou menos, apertado de prótons e neutrões, associando-se, assim, a obsessão às forças nucleares forte e fraca. Tem particular interesse, aqui, uma propriedade da força nuclear forte que é a do confinamento. Basicamente, no confinamento, as partículas, designadamente, os quarks, têm que estar confinadas sempre juntas (por uma fila de gluões), no sentido de formar o

protão e o neutrão. Com o confinamento, há a consubstanciação da ideia da existência de relação entre obsessão, claustrofobia e existência nuclear, particularmente, a força nuclear forte, mas também a fraca.

Já em A claustrofobia enquanto perturbação histérica (Resende, 2008), indico que o histérico tem particulares dificuldades com fenómenos claustrofóbicos, pois lida pior com a presença de referenciais, que são sentidos como pertos de mais, lidando melhor com fenómenos agorafóbicos, já que se dá bem com a ausência de estímulos referenciais. Desta maneira, aproxima-se o fenómeno histérico da existência da nuvem electrónica, de electrões à volta do núcleo, e mais afastado deste, portanto, associando-se o histerismo ao electromagnetismo, fenómeno que se coaduna bem com as características relacionais históricas de energéticas relações sociais.

Quanto ao resto deste resumo, basta dizer-se que associo a depressividade e/ou depressão à força da gravidade, relacionando o psicótico, com suas características particulares, com o fenómeno da não-localidade, ou seja, a postulação da Física contemporânea da existência das partículas em mais do que local simultaneamente. Relaciono ainda o fenómeno borderline com o bosão e campo de Higgs, bosão esse que será a menor excitação possível do campo já referido, em que as partículas elementares ganharão a sua massa pela interacção com o campo de Higgs. Finalizo, fazendo o paralelo entre o fenómeno borderline e o bosão de Higgs, relacionando-o com a gravidade do fenómeno depressivo e/ou depressão em si.

Voltando mais particularmente às conceptualizações atómicas do histerismo e obsessão, e sua relação com as forças fundamentais do Universo, é de notar que o obsessivo é mais relacionado com o Comunismo, e está enquadrado num funcionamento mais patriarcal, com características masculinas predominantemente exacerbadas, enquanto que o histerismo é mais relacionado com o Capitalismo, estando enquadrado num funcionamento mais matriarcal, com características femininas predominantemente exacerbadas. As relações entre obsessão e comunismo e histerismo e capitalismo poderão ser vistas, por exemplo, em A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010).

Assim, em termos atómicos, e na relação entre a psique e as forças fundamentais do Universo, no contexto deste artigo, é de notar a coerência de um governo central comunista, com actividade capitalista, particularmente a nível externo, mas também, como no caso da China, a nível interno, com as suas Z. E. E.s, ou Zonas Económicas Especiais, onde predomina actividade capitalista.

Noutro sentido, o Atomium de Bruxelas, na União Europeia, escultura representando o átomo, no centro de Bruxelas, capital da união Europeia, sendo supostamente um pretenso símbolo da coerência psicofísica da relação entre a psique e as forças fundamentais do Universo, representará o átomo, dizia, que será utilizado, no

contexto deste artigo, como símbolo coerente entre políticas mais socialistas, comunistas, a nível central, e políticas mais capitalistas, a nível mais externo. No caso da União Europeia, o centralismo será mais geográfico, com o Atomium belga na capital da União Europeia, no centro da União Europeia, o que se coaduna bem com as políticas expansionistas imperialistas da União Europeia, particularmente, no contexto da N. A. T. O., e não tanto ao nível psicológico, das relações politico-económicas da psique, relacionadas com o átomo. Ainda mais, o Atomium será indicativo, neste contexto, da chamada Europa Social, com coesão social e económica, o que a distinguiria, por exemplo, dos E. U. A., e das políticas particulares dos Quadros Comunitários de Apoio, com os seus planos económicos aprazados, à guisa da economia planificada soviética, portanto, comunistas, mas os mesmos são contraditos, na realidade, pelas políticas de imperialismo militar e económico. Efectivamente, na realidade, a política geral da União Europeia é mais imperialista com o domínio de algumas potências como a Alemanha, a França e a Grã-Bretanha, que efectuem, precisamente, sobre os próprios membros da União Europeia, com economias mais fracas, o já referido, e em particular, imperialismo económico. É de notar que estas economias mais fracas são precisamente países da periferia da União Europeia, havendo, pois, nova pretensão simbólica à coerência psicofísica da relação entre a psique e as forças fundamentais do Universo, e o átomo, em particular, em que os países periféricos simbolizariam a nuvem electrónica, de electrões.

Ou seja, é como se os excessos do extremo do Capitalismo, o imperialismo militar e/ou económico, invalidassem as acções da actuação mais socialista, já referida, não se coadunando com esse tipo de sistema. Não é, pois, coerente. É de considerar, sobremaneira, que o imperialismo económico, do extremo do capitalismo, portanto, efectuado, em conjunto com aquela economia planificada, por exemplo, mais socialista, mesmo comunista, faz lembrar, psicofisicamente, a relação entre a matéria e a anti-matéria, caminhando para a antítese, portanto, o que, paralelos feitos, não é bom prognóstico para o futuro da União Europeia, já que, como se sabe, matéria e anti-matéria, em contacto, se aniquilam mutuamente.

Portanto, em geral, o Atomium, presente em Bruxelas, tem mais sentido psicológico na China, em particular, e psicofísico, em geral, já que aí não ocorrem o tipo de excessos referidos, particularmente num contexto do chamado capitalismo selvagem.

Bibliografia

Hawking, S. (1995). A Brief History of Time – From the Big Bang to Black Holes.
Bantam Books

Resende, S. (2008). A agorafobia enquanto perturbação obsessiva em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 02/12/2008

Resende, S. (2008). A claustrofobia enquanto perturbação histérica em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 12/12/2008

Resende, S. (2010). A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2011). Uma aproximação à Teoria do Tudo em Psicologia em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi (proposto a 03/2011)

Resende, S. (2012). Teoria do Tudo em Psicologia e as forças fundamentais do Universo em www.psicologado.com (proposto a 11/2012)

Relações espaço-temporais dos psemes e psitrões no contexto exopsicológico e da Teoria do Tudo em Psicologia

04/12/2012

Resumindo-se aspectos relativamente aos psemes, enquanto unidades de evolução psicológica, e aos psitrões, partículas psicológicas suas constituintes, passa-se pela relação da Psicologia com a Física, no âmbito da Teoria do Tudo em Psicologia, para depois se estabelecer exopsicologicamente, que é indicativo do estudo da relação e do funcionamento mental, psíquico, entre seres humanos e seres e civilizações extraterrestres e/ou alienígenas, a relação, dizia, espacial e temporal dos psemes e psitrões.

Quanto aos psemes e psitrões, podem ver-se, por exemplo, os meus artigos Psitrões enquanto base dos psemes e suas relações com a histeria e a obsessão (Resende, 2010) e A telepatia e suas relações com os psitrões enquanto base dos psemes (Resende, 2011).

Resumidamente, tenha-se a noção dos psemes enquanto unidades de evolução psicológica, enquanto unidades psicológicas de transmissão intergeracional. Os psemes são pensamentos inconscientes, constituídos enquanto complexos, ou conjunto de complexos, inconscientes, complexos enquanto conjunto de disposições psicológicas, psicológica e significativamente relacionadas. Os psemes terão

características Lamarckianas, no sentido dos complexos inconscientes poderem ser modificados durante a vida do indivíduo, com as modificações a serem transmitidas às gerações seguintes. Por seu lado, os psitrões serão partículas psicológicas que subjazem os psemes, da mesma maneira que inconsciente, ego e consciente se constituirão enquanto instâncias psíquicas. Relacionando os psitrões com a histeria e a obsessão, temos a histeria caracterizada por psitrões curtos e a obsessão por psitrões longos. Isto porque a tendência para a satisfação imediata do histérico tem por base psitrões que estariam associados à memória curta, daí o recalçamento histérico, e à inibição dos receptores psitrónicos associados à memória a longo prazo, enquanto que a tendência para o adiamento da satisfação, característica da obsessão, e relacionada com o juízo de condenação, teria por base psitrões que estariam associados à memória a médio e a longo prazo, e à inibição dos receptores psitrónicos associados à memória a curto prazo. Tem-se, pois, histeria com psitrões curtos e obsessão com psitrões longos.

Tentemos compreender melhor, agora, a relação da Psicologia com a Física, da psique com as partículas e forças fundamentais do Universo. Como se pode ver, por exemplo, em Teoria do Tudo em Psicologia, as forças fundamentais do Universo e a relação exopsicológica com a presença alienígena na Terra (Resende, 2012), esta relação é estabelecida no âmbito da Teoria do Tudo em Psicologia, que faz um paralelo com a Teoria do Tudo em Física, que assenta na procura da unificação das forças fundamentais do Universo. Mais especificamente, procura-se estabelecer a relação entre a Teoria do Tudo em Psicologia e as forças fundamentais do Universo, a saber, a gravidade, o electromagnetismo e as forças nucleares forte e fraca.

Continuando, mais contextualizadamente para este artigo, resume-se, agora, este último artigo referido, incluindo a relação mais específica agora indicada.

Assim, conceptualiza-se e relaciona-se o átomo, com o seu núcleo de protões e neutrões, e com a nuvem electrónica, de electrões à volta do núcleo, com constructos da Psicologia, no caso, a agorafobia, a claustrofobia, a histeria e a obsessão.

É referido o meu artigo A agorafobia enquanto perturbação obsessiva, onde indico a maior dificuldade do obsessivo em lidar com fenómenos agorafóbicos, pela dificuldade de lidar com falta de referências, e a melhor lide com fenómenos claustrofóbicos, por funcionar melhor com a presença de estímulos referenciais. Aproxima-se, então, o fenómeno obsessivo da existência nuclear, com o núcleo, mais ou menos, apertado, de protões e neutrões, associando a obsessão com as forças nucleares forte e fraca. Refira-se a particularidade de uma propriedade da força nuclear forte, ser, precisamente, designada de confinamento.

Outro artigo referido é A claustrofobia enquanto perturbação histérica, onde é indicado a particular dificuldade do histérico em lidar com fenómenos claustrofóbicos,

pela pior lide com a presença de referenciais, que são sentidos como perto de mais, lidando melhor com fenómenos agorafóbicos, já que se dá bem com a ausência de estímulos referenciais. Temos a aproximação, assim, do fenómeno histórico da existência da nuvem electrónica, de electrões à volta do núcleo, associando, deste modo, o histerismo ao electromagnetismo, fenómeno este que se coaduna bem com as características relacionais históricas de energéticas relações sociais.

Quanto à gravidade, dir-se-à que a mesma se relaciona com o fenómeno depressivo e/ou depressão em si, em que psicologicamente e psicomotrizmente, o indivíduo se encontra abatido, verificável na própria postura, em que se pode entender que há um campo gravitacional particularmente grave, mais acentuado.

No psicótico, aproximamos a denegação da realidade, a desrealização, a despersonalização, e ainda fenómenos como a fuga do pensamento e o roubo do pensamento, da consideração da não existência estrita do real local, e que, em conjunto com a projecção maciça, nos remetem para a Não-Localidade, características não-locais, que a Física considera como sendo a presença em mais do que um local da mesma partícula, e que caracterizará o Universo em geral e suas partículas.

Particularmente importante, é relacionar o fenómeno borderline com o bosão e campo de Higgs. Uma característica desta partícula, do bosão de Higgs, no Modelo Standard, permite relacioná-lo com o fenómeno borderline, que é o dessa partícula permitir múltiplas partículas existirem no mesmo local, no mesmo estado quântico. Isto aproxima-se da característica do borderline de ter múltiplas organizações de personalidade como a caracterizando simultaneamente, particularmente a neurótica e a psicótica, estabelecendo-se, ainda, outro paralelo que é o da alta instabilidade do bosão de Higgs e a instabilidade própria e característica do borderline. É necessário ter em atenção que o bosão de Higgs tem sido conceptualizado como unificador de outras partículas elementares, cujas interacções com o campo de Higgs fornecerão a massa a essas mesmas partículas. Tendo em conta a importância das partículas elementares interagindo com o campo de Higgs adquirirem a sua massa, é de considerar que o bosão de Higgs é a menor excitação possível do campo de Higgs.

Continuando o resumo, é de ter em conta a elevada percentagem de indivíduos borderline na Europa, indicada por Bergeret (1997), e a crescente expansão deste fenómeno nas sociedades modernas, referida por Coimbra de Matos (2007). Faz-se, depois, a consideração de que seria interessante relacionar aquela aquisição de massa das partículas elementares, com a sua interacção com o campo de Higgs, e o fenómeno da gravidade associada ao fenómeno depressivo, com a sua particular importância pela transversalidade do fenómeno depressivo às várias estruturas e organizações de personalidade.

É neste quadro que se começa depois a estabelecer exopsicologicamente a relação borderline-depressividade.

Para isso considera-se a noção de alguns investigadores, no campo da ovnilogia, de que as alterações climáticas e geoclimáticas, referidas por alguns cientistas, como o buraco de ozono e o aquecimento global, estarão ocorrendo de modo provocado, por engenharia geoclimática, por parte de entidades alienígenas ou conluio E. T.s- humanos, para que o clima na Terra seja mais propício a essas entidades extraterrestres, de modo a permanecerem mais adaptados na Terra.

Será neste sentido, e num contexto exopsicológico, que se estabelecerá a relação borderline-depressivo e/ou deprimido, particularmente de borderlines para depressivos e/ou deprimidos, através da manipulação bosónica, aumentando a gravidade nos deprimidos e/ou depressivos. Muito provavelmente, isso far-se-à para ir controlando o tipo de gravidade que se sente na Terra, para poder acomodar extraterrestres que eventualmente provenham de planetas com maior ou menor gravidade do que a Terra. Mais indica-se, que possivelmente, haverá a manipulação bosónica (de Higgs) ao nível psíquico dos humanos, para que a nível, mais ou menos, psicológico dos E. T.s, haja a percepção psíquica de maior ou menor gravidade. Desse modo, provavelmente, os diversos tipos de E. T. controlarão esse fenómeno mais ou menos conscientemente.

Além disso, referindo-me ao fenómeno das abduções alienígenas, indico que as mesmas estarão associadas ao estudo psicológico da depressividade associada ao trauma histórico das abduções.

É neste sentido que se indica que a transferência bosónica entre borderlines e depressivos e/ou deprimidos far-se-à, muito provavelmente, numa predominância histórico-psicótica, no sentido depressivo, e vice-versa, e não tanto numa linha obsessivo-psicótica, no sentido depressivo, e vice-versa. Isso fará enquadrar mais o fenómeno nas sociedades históricas capitalistas, num enquadramento borderline, particularmente no âmbito do Capitalismo global. Neste contexto, são ainda referidos dois estudos, um de um organismo estatal estado-unidense, sobre os próprios Estados- Unidos, e o outro, da Organização Mundial de Saúde, sobre a Índia, dois países capitalistas, portanto, onde se indicam a alta prevalência da depressão. Aquela Organização referida, ainda indica que a depressão, a nível mundial, terá a tendência de grandemente se aprofundar.

Assim, terminando o resumo, é de dizer que, exopsicologicamente, a prevalência da depressão, e a tendência para o seu agravamento, e a cada vez maior extensão do fenómeno borderline, já referida, indicarão que há uma presença cada vez mais maciça de alienígenas na Terra. No sentido de se combater o fenómeno borderline-

depressivo, refere-se a necessidade terapêutica de um tipo de extractor bosónico, indo trabalhando o nível gravítico nos humanos.

Precisamente, da extracção bosónica, passemos, neste artigo, a falar da extracção, por alienígenas, de unidades espaço-mentais nos histéricos e maníacos e de unidades tempo-mentais nos obsessivos e deprimidos. Isto considerando a conceptualização dos psemes enquanto unidades espaço-temporais, constituídos por psitrões. Temos os psi enquanto unidade temporal e espacial do psemi e psitrão, em que o psitemp será a unidade psemética temporal e o psiesp a unidade psemética espacial. Haverá uma escala de utilização dos psitemps que vai do maníaco, histérico, obsessivo ao deprimido, em que cada vez menos unidades tempo-mentais são utilizadas, indo-se da aceleração temporal do maníaco à lentificação temporal do deprimido. Postula-se uma correlação invertida entre unidades tempo-mentais e unidades espaço-mentais, em que quanto mais psitemps menos psiesps, e vice-versa. Assim, dado um determinado trajecto de A a B, a maior utilização temporal do maníaco induz sentimentos de menor distância a percorrer enquanto que a menor utilização temporal do deprimido induz sentimentos de maior distância a percorrer.

Por exemplo, o histérico utiliza bastantes unidades tempo-mentais, daí o tempo passar rápido, e menos unidades espaço-mentais vai tendo. Daí a correlação do histerismo com o capitalismo, e com o seu extremo, o expansionismo imperialista, precisamente devido à necessidade de unidades espaço-mentais. Já o obsessivo utiliza bastantes unidades espaço-mentais, que se poderá relacionar com a presença obsessiva de estrelas no céu (como observado) e Espaço Sideral, e com a União Soviética e com a Revolução Russa, do ponto de vista exopsicológico [ver, por exemplo, Visão exopsicológica da Terra (Resende, 2012), como mensagem alienígena, de terraformação e de influência nas sociedades humanas, em que do ponto de vista referido, o tamanho da União Soviética e da Rússia, estará associado à vastidão do inconsciente], na comparação global, com a Rússia como sendo, de longe, o maior país do planeta Terra, e havendo menos unidades tempo-mentais, portanto. Haverá necessidade de unidades tempo-mentais, que se relacionará com a necessidade de imortalidade simbólica, e com o facto de o obsessivo ser tendencialmente masculino, e de, predominantemente, as obras científicas, literárias, filosóficas, de arte, etc., que foram sendo deixadas, serem, precisamente, de homens. Para ver relações entre a obsessão e o comunismo e o histerismo e o capitalismo, ver, por exemplo, Máscara (Persona) e Sombra de Jung: suas relações com o Capitalismo e o Comunismo (Resende, 2007) e A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010).

Exopsicologicamente, e em termos da Teoria do Tudo em Psicologia, dir-se-à que quanto mais psiesps forem extraídos, que muito provavelmente se tratará de electrões, daí o expansionismo, pela troca habitual de electrões entre os átomos, mais

se fomenta, continuando, o expansionismo imperialista nas sociedades humanas, e que quanto mais psitemps forem extraídos, em que muito provavelmente se tratará de extracção neutrónica e protónica, pressupondo-se, pois, relação mais estrita entre tempo e núcleo atómico, mais se fomenta, continuando, a necessidade de imortalidade simbólica. Refira-se, acrescentadamente, quanto à primeira das relações exopsicológicas agora mencionadas, a associação entre esse fenómeno e a radioactividade, pela expansão particular e energética entre átomos.

Finalizando, dir-se-à que as ideias e os exemplos dados consubstanciam a noção da correlação inversa entre os psemes e psitrões enquanto unidades espaço-mentais e os psemes e psitrões enquanto unidades tempo-mentais, ou seja, correlação inversa entre os psitemps e os psiesps.

Bibliografia

Resende, S. (2007). Máscara (Persona) e Sombra de Jung: suas relações com o Capitalismo e o Comunismo em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 08/10/2007

Resende, S. (2010). A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). Psitrões enquanto base dos psemes e suas relações com a histeria e a obsessão em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 24/11/2010

Resende, S. (2011). A telepatia e suas relações com os psitrões enquanto base dos psemes em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 06/02/2011

Resende, S. (2012). Visão exopsicológica da Terra em www.psicologado.com (proposto a 08/2012)

Resende, S. (2012). Teoria do Tudo em Psicologia, as forças fundamentais do Universo e a relação exopsicológica com a presença alienígena na Terra em www.psicologado.com (proposto a 11/2012)

Angústia depressiva como enquadramento borderline da personalidade histérica

Resumindo, inicialmente, o meu artigo Desenvolvimento da personalidade histérica para uma verdadeira estrutura de personalidade (Resende, 2008), onde indico as características pseudo-genitais do histerismo, complemento essa ideia com a noção da angústia depressiva, que marcará mais a personalidade histérica do que propriamente a angústia de castração. Avanço ainda com algumas características que mais enquadrarão a personalidade histérica no fenómeno borderline.

Assim, enuncia-se a personalidade histérica enquanto organização pseudo-genital, sem uma verdadeira estrutura genital, portanto, com características pré-edipianas predominantes, como marcadas fixações e regressões oro-fálicas. É de indicar que segundo Bergeret (1997), a personalidade histérica é uma estrutura verdadeira de personalidade, com angústia de castração predominante, como ainda com recalçamento predominante. Nesse artigo, inicialmente referido, considera-se a observação clínica e quotidiana de histéricos, onde se desenvolve a noção da personalidade histérica como pseudo-genital. Para além de fortes fixações e regressões oro-fálicas predominantes, o recalçamento, como mecanismo de defesa predominante, indica um menor desenvolvimento da personalidade, já que o indivíduo histérico tende a não lidar conscientemente com as problemáticas que lhe são mais conflituais, ao contrário do mais evoluído juízo de condenação do obsessivo. Para além disso, muitas das características genitais que são apontadas, por exemplo, por Bergeret (1997), como reciprocidade, valorização do outro e constância objectal, não estarão presentes no histérico, se tivermos em consideração aquelas observações referidas. Edipianamente, considera-se, sobretudo, o pseudo-Édipo positivo, com a ambivalência homossexual pré-edipiana predominante, na rapariga e na mulher, que desenvolveu-se na relação pré-edipiana com a mãe.

Já para o presente artigo, tenha-se a noção de que o histerismo é mais característico em mulheres. Considere-se, sobretudo, que ao invés da angústia de castração, estaremos a falar, isso sim, de uma angústia depressiva, de uma angústia de certeza de perda do pénis, o que só vem a ser confirmado em fantasia pela menstruação, o que nos remete para uma angústia de perda de amor do objecto, já que em fantasia, o objecto terá sido responsável pela perda do pénis. A angústia de perda do amor do objecto implicará uma diminuição significativa da auto-valorização narcísica. Esta diminuição levará, por seu turno, à já referida desvalorização do outro, pois, num sistema de equilíbrio narcísica, desvalorizando o outro, o próprio será autoperspectivado a um nível mais valorativo, por precisamente o auto-narcisismo ser diminuído. Podíamos ver aqui, também ao nível das massas, a génese de sistemas xenófobos. Continuando, essa angústia referida será, pois, depressiva e fará enquadrar

mais a personalidade histérica no fenómeno borderline, tendo em conta que este caracteriza-se, sobretudo, por desenvolvimentos depressivos. Esta angústia depressiva também caracterizará o homem histérico, em que falaremos mais em erecções fáticas sobrecompensatórias, já que haverá essa certeza de perda de amor do objecto, tal como sentido em fantasia, mentalmente, o que em conjunto com a histérica, que terá predominantemente orgasmos clitoridiano-fáticos sobrecompensatórios, e não tanto orgasmos vaginais, genitais, mais maduros, o que só aí nos indica o menor desenvolvimento do histerismo, nos remete, dizia, para o fenómeno da promiscuidade sexual característica nas sociedades históricas capitalistas. Estaremos a falar, pois, em sobrecompensações anti-depressivas. Em particular, o homem histérico ter-se-à sentido diminuído oro e falo-narcisicamente, ou seja, com frustrações orais e fáticas, em que podemos ver a língua como um falo, tendo nós a mesma como síntese da frustração oro-fática, o que nos fornece uma base interessante para os lapsos inconscientes de linguagem, com uma associação a uma maior ou menor intensidade verborraica, precisamente mais caracteristicamente histérica. Continuando, terá experienciado, portanto, situações a esse nível oro-fático, em que terá sentido a perda do amor do objecto. Temos, então, quer no caso da histérica, quer do histérico, características carências afectivas.

O enquadramento do histerismo no fenómeno borderline poderá ser, por exemplo, consultado em A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein (Resende, 2010). Aí, desenvolvo a noção, relacionando a posição depressiva de Klein com a depressividade, de que a depressividade se caracterizará mais pela projecção do que pela introjecção. Isto é baseado na noção de que a economia depressígena básica, de afecto dado e não correspondido, terá características projectivas, já que o afecto é dado, é externalizado. É feito, ainda, o enquadramento da depressividade nos quadros borderline. Assim, tendo-se em conta as características projectivas referidas, considere-se a externalização verbal agressiva fática, típica no histérico [ver, por exemplo, Complexo de Anti-Cristo – Perspectiva Psicodinâmica (Resende, 2007)], podendo nós falar aqui em projecção histérica, de modo mais ou menos maciço. Um exemplo paradigmático da externalização verbal agressiva, típica no histérico, é o fenómeno das chamadas “ mean girls “, ou “ raparigas más “, típico na adolescência, nas escolas secundárias, particularmente em regiões capitalistas, em que habitualmente são feitos comentários pejorativos, denegridores, desvalorativos, etc., do outro. Continuando, mais classicamente, teríamos, pois, projecção maciça de características históricas, ou dito de outra maneira, meios de relacionamento históricos com bases psicóticas, o que caracterizará a organização borderline.

Esta noção de projecção histérica é considerada por mim como um tipo de mecanismo de ataque, que em conjunto com o controlo histérico, são tidos como dois tipos base de mecanismos de ataque. Estes mecanismos de ataque contrapõem-se aos

mecanismos de defesa, no sentido em que ao invés de se destinarem à defesa do ego, como os de defesa, destinam-se sobretudo à preservação de relacionamentos interpessoais e à preservação de fenómenos de massas [ver Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque (Resende, 2010) e Enunciação de Mecanismos de ataque (Resende, 2010)]. Estas características enquadram-se bem com a sociabilidade típica do histérico. Já um tipo particular de projecção histérica será o ataque preemptivo, que podemos ver num exemplo relativamente a fenómenos de massas. Esse ataque preemptivo será feito, particularmente, por sociedades históricas capitalistas, com o seu extremo, militarismo expansionista, em que num exemplo recente, terá sido feito com fundamentos falsos, em que, posteriormente, através desses fundamentos falsos, terá sido indicado que essas sociedades históricas capitalistas estariam sob risco de ataque, o que levou, precisamente, como indicado a nível governamental, ao ataque externo para não ser atacado internamente. Em consequência, isso levou a um sentimento de insegurança a nível das massas, e a que as pessoas cedessem mais facilmente direitos cívicos a troco de segurança. Ora, isto remete-nos para outro mecanismo de ataque, que é o controlo histérico, pois, precisamente, terão sido utilizados fundamentos falsos para atingir o objectivo deste controlo das massas.

Quanto àquela externalização, projecção, verbal agressiva típica no histérico, é de considerar, no contexto da depressividade, a noção clínica da prévia introjecção de agressividade, particularmente em relacionamentos precoces, e a posterior agressividade voltada sobre o próprio. Assim, como já indicado exemplarmente em relação à promiscuidade sexual, teremos, aqui, a externalização agressiva como fenómeno anti-depressivo, na luta do indivíduo contra o afundamento na depressão.

Considerando a externalização verbal agressiva referida, característica do histérico, e num enquadramento borderline, é de referir, sobremaneira, a tendência para a sedução do histérico, que, relacionados os fenómenos, nos remete para o estilo de relacionamento clivado amor/ódio, típico dos relacionamentos borderline. Isto mais corrobora o enquadramento da personalidade histérica no fenómeno borderline.

É de realçar, pelo já dito, que as bases psicóticas, referidas, estarão relacionadas precisamente com a angústia depressiva, já que há uma angústia de certeza de perda do pénis, ou mais geralmente, de perda de amor do objecto, no passado mais ou menos precoce, o que em conjunto com o já dito sobre o histérico, nos remete para fortes fixações precoces e regressões a esse nível.

Deste modo, pelo explanado neste artigo, teremos, pois, a personalidade histérica bem enquadrada no fenómeno borderline, em que a mesma se caracterizará mais por uma angústia depressiva, com sentimento de perda do amor do objecto, consubstanciando o enquadramento referido, já que a linha depressiva, ou, os quadros depressivos são centrais no fenómeno borderline, havendo ainda as já indicadas fortes fixações e regressões a um nível precoce. Por isto, fundamenta-se a pseudo-

genitalidade e a pseudo-estruturação da personalidade histórica, considerando-se, claro está, a organização borderline enquanto estruturação.

Bibliografia

Bergeret, J. (1997). A personalidade normal e patológica. Climepsi Editores

Resende, S. (2007). Complexo de Anti-Cristo – Perspectiva Psicodinâmica em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 28/10/2007

Resende, S. (2008). Desenvolvimento da personalidade histórica para uma verdadeira estrutura de personalidade em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 30/12/2008

Resende, S. (2010). Mecanismos de defesa e Mecanismos de ataque em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2010). A posição castrativa como complemento das posições modificadas de Melanie Klein em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 08/11/2010

Resende, S. (2010). Enunciação de Mecanismos de ataque em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 14/11/2010

O palhaço de circo e a depressividade histórica

19/12/2012

Considerando, inicialmente, o circo, e a actividade dos palhaços, em particular, como representativo de aspectos humanos individuais e colectivos, faz-se, posteriormente, uma análise psicológica mais aprofundada dos palhaços, em que se identificam nos mesmos características femininas particulares, no contexto depressivo e histórico, realçando-se ainda a função social dos palhaços quanto à modulação da agressividade.

É de indicar, de início, a análise feita ao circo realizada por Yoram Carmeli, no seu artigo Circus play, Circus talk, and the Nostalgia for a Total Order (2001). O autor, que passou quinze anos em trabalho de campo, num circo britânico, refere que a antecipação dos espectadores, do desempenho circense, de auto-referências, leva a

antecipar uma exclusão particular, a exclusão de uma pessoa real fora das relações e fora do tempo real, mas, mais tarde, a percepção da actividade circense é de tal modo que engloba a sua totalidade, que inclui a totalidade das vidas fora do palco dos actuantes. Mais elaborando, Carmeli indica que o olhar fixo dos espectadores do circo conjura uma comunidade em que há uma ilusão de história e de biografia colectiva e pessoal, em que a história circense não desaparece depois do espectáculo. Ou seja, temos a actividade circense, e a dos palhaços, em particular, como representativo de aspectos humanos individuais e colectivos, ao nível da sociedade. Um exemplo desta última representatividade é a existência do palhaço rico e do palhaço pobre. Continuando, em particular, este autor refere-se à importância da actividade do circo no desenvolvimento da identidade humana e nas problemáticas que lhe estão relacionadas. Isto, quando diz (p. 158): “ When a human body is played and perceptually objectivated, the ontological bases of human identity are experientially problematized. “.

É de relacionar, agora, estes aspectos com a particularidade de o circo, incluindo os palhaços, ser dirigido a crianças, mas executado por adultos, que reflectirão problemáticas que ao longo da vida cada indivíduo irá eventualmente encontrar e enfrentar. No caso dos palhaços, temos a agressividade, no contexto depressivo-histórico, a sexualidade feminina, ou mais geralmente, a psicosexualidade, como ainda características particulares da mulher, como a menstruação.

Assim, temos o falismo sobrecompensatório, que se poderá ver nos sapatos grandes do palhaço. Neste contexto, são de referir duas notas. Primeiro são de notar os versos do famoso artista musical Prince, na célebre canção Kiss: “ Act your age, mama, not your shoe size “, indicando que a sobrecompensação fálica da mulher fá-la regredir ou estar fixada a um nível mais precoce, menos maduro. Para além disso, numa outra nota, refira-se o conto de fadas Gata Borralheira, tal como descrito por Bettelheim em Psicanálise dos Contos de Fadas (2006). Pode ver-se a associação entre o sapato e a sobrecompensação fálica, relacionada com o sentimento de perda do pénis (sentimento descrito a seguir, quanto à angústia depressiva), no exemplo, analisado pelo autor, de que não foi tanto o sapato que se ajustava ao pé que decidiu quem seria a noiva certa, mas antes o sangrar do pé no sapato que indicou quais eram as noivas erradas, o que se relaciona com a menstruação, associada em fantasia com o sentimento de perda do pénis, com o elemento sobrecompensatório no tamanho do sapato.

Para mais, continuando, temos a angústia depressiva, em que o nariz vermelho apontará para o cheirar particular do sangue menstrual, da própria, e das outras mulheres, angústia essa vivida, então, reflectindo a certeza da perda, no passado, mais ou menos precoce, do pénis, que indicará ao indivíduo uma perda de amor do objecto, já que este é considerado, pelo sujeito, responsável pela perda do pénis. Este aspecto

do sangue menstrual, confirmador em fantasia da perda do pénis, estará na base da raiva narcísica que despoletará a agressividade, que é referida mais à frente quanto aos mecanismos anti-depressivos.

Há ainda o caso particular, por exemplo, da água a ser esguichada da flôr da lapela, como que a agredir o outro, o que nos remete coerentemente para a problemática do líquido vaginal a sair da vagina, no enquadramento da excitação sexual e seus clímaxes, representando a flôr, o cheiro desse líquido vaginal, e em que mais especificamente a saída da água da flôr, nos apontará para aquilo a que Coimbra de Matos, psicanalista português, refere quanto à personalidade depressiva, que é o de se constituir enquanto identidade em perda.

Quanto à relação entre depressividade e personalidade histérica, considerando o histerismo mais característico na mulher, ver, por exemplo, Angústia depressiva como enquadramento borderline da personalidade histérica (Resende, 2012), em que indico, como já referido neste artigo, que particularmente o histérico caracterizar-se-à por uma angústia depressiva, pela certeza da perda do pénis, ou mais geralmente, da perda do amor do objecto, no passado, apontando-se, ainda, a batalha anti-depressiva relativamente sisífica, na luta precisamente contra a tal identidade em perda e contra o afundamento na depressão. Isto, particularmente, e sobrecompensatoriamente, pela promiscuidade sexual e verbalização externalizada agressiva, para que a agressividade introjectada anteriormente, que deu ao indivíduo o sentimento de perda do amor do objecto, não se vire mais contra o próprio.

É de relacionar esta externalização verbal agressiva e sobrecompensatória do histérico com as actuações habituais dos palhaços, em que, para além do esguichar agressivo da água da lapela, dão pontapés e chapadas nos outros palhaços, fazendo-os eventualmente cair, com o pormenor destas actuações corporais estarem relacionadas com a citação feita acima, onde se indica que a percepção objectivada do corpo humano promove a identificação humana nas suas problemáticas experienciais. Podemos referir, aqui, uma função social importante dos palhaços, que é a de, na infância, promover e satisfazer catarticamente a agressividade, através do riso, fenómeno facilmente identitário na infância, para que em posteriores fases da vida, a mesma esteja modulada, e possa ser utilizada, particularmente, a nível sublimatório, e não descompensadamente, como amiúde acontece.

No contexto, é de referir, num outro ponto de vista cultural, no caso, cinéfilo, o filme *It*, de Stanley Kubrick, que representa a relação dos humanos com o além-Terra, ou, mais precisamente, o imaginário humano quanto à relação do além-Terra com os humanos. No filme, surgem seres extraterrestres, com a sua nave, que têm a particularidade de serem palhaços. Ora, os mesmos perseguem e torturam os humanos, agressividade esta que extrapola representativamente a actividade circense dos palhaços, só que de um ponto de vista mais tenebroso e assustador. Representará,

precisamente, aquela descompensação agressiva referida anteriormente, já que o filme não é propriamente uma comédia, mas mais um filme de terror, com a agressividade representada pouco modulada.

Continuando a análise do palhaço circense, temos, para além disso, a vestimenta hiperbolizadamente garrida e excêntrica do palhaço, que reflectirá um exagero representativo da exuberância da indumentária pouco sóbria habitualmente existente no histérico e histérica.

Outra relação hiperbolizada, e representativa, entre o palhaço e a mulher, que se pode fazer, é a pintura exagerada do palhaço e a utilização de cosméticos faciais habitualmente associados à mulher. Isto, no contexto deste artigo, e intuitivamente, apontar-nos-à para uma agressividade inerente da pintura cosmética habitualmente associada à mulher. Para mais, a pintura cosmética da mulher apontará para algo que não é genuíno, e no contexto, indicará algo de acrescento, algo de mascarar, associando-se precisamente o sobrecompensatório ao mascarar cosmético, como por exemplo o pintar sobrecompensatório dos lábios de vermelho, sobrecompensatório por sentir-se diminuída sexualmente, pintura esta que Desmond Morris nos revela que indica excitação sexual, e que portanto, no contexto, e globalmente, nos elucida que essa mulher quer esconder a excitação sexual. O lip gloss, nos lábios, tão habitualmente utilizado entre raparigas e mulheres, e representando o transparente molhado da excitação sexual do líquido vaginal nos lábios vaginais, irá no mesmo caminho do sobrecompensatório mascarado, devido ao sentimento de diminuição sexual. Isto levar-nos-à a pensar nas características fisionómicas da mulher e da excitação sexual e capacidades multi-orgásmicas da mulher no dia-a-dia, revelando que a mulher, geralmente, quer, de algum modo, esconder a excitação sexual que será manifesto para quem esteja a observar. Este esconder mascarado estará associado à excitação sexual no dia-a-dia, característico de raparigas e mulheres, que é revelada particularmente pelo avermelhamento da face e pelos lábios tornarem-se mais vermelhos e carnudos, sendo claramente manifesto, portanto, e será essa falta de privacidade que as raparigas e mulheres quererão esconder.

Agora, num aparte, mas dentro deste contexto, repare-se como a pintura tipicamente egípcia, de o lápis no canto externo do olho subir, reflectindo, pois, uma sobrecompensação visual, está relacionada com a pirâmide (daí o elo egípcio, para além da longa duração do império egípcio), associada, por exemplo, a sociedades secretas, e que está desenhada nas notas de dólar, em que no topo da pirâmide, temos um olho aberto, que representará o olho que tudo vê. Este símbolo, patentemente sobrecompensatório, e que está associado por investigadores a um governo secreto, os Illuminati, composto por treze famílias, muito ricas e poderosas, que controlarão os destinos a nível global, da Terra, representa, precisamente, o símbolo, a influência subcompensatória a nível visual naqueles governados por este

governo secreto, em que haverá uma tendência psicológica para ver menos, observar menos, o que se passa, o que tornará mais fácil o controlo particular das massas. Realce-se que esse símbolo da pirâmide no dólar, está precisamente incluído numa sociedade histórica capitalista patriarcal, como é a dos E. U. A., com a particularidade de o dólar ser actualmente a divisa que é a reserva mundial nas transacções internacionais. Mas repare-se que, quanto àquele controlo subcompensatório, estar-se-à a falar a nível manifesto, porquanto, a nível latente, indicará um sentimento por parte dos próprios Illuminati de se sentirem observados. Senão note-se. Os Illuminati invocam que são descendentes directos de seres extraterrestres que, no passado, terão interferido na evolução da espécie humana, indicando que isso lhes dá legitimidade de controlo sobre os restantes humanos. Dada esta importância, indica-se, aqui, que haverá por parte dos Illuminati um sentimento particularmente importante de se sentirem observados e, eventualmente, controlados, por esses extraterrestres.

Finalizando, pelo explanado, indicar-se-à o palhaço, em geral, como uma síntese de problemáticas femininas, em particular, como a sexualidade feminina, o característico falismo sobrecompensatório, a menstruação e a agressividade envolvida na depressividade histórica, e humanas, em geral. Ademais, generalizadamente, considera-se a função social do palhaço, como catarticamente modular a agressividade.

Bibliografia

Bettelheim, B. (2006). Psicanálise dos Contos de Fadas (tradução portuguesa).

Bertrand Editora

Carmeli, Y. (2001). Circus play, Circus talk, and the Nostalgia for a Total Order in Journal of Popular Culture, Winter 2001, Vol. 35 Issue 3, p. 157, 8 p.

Resende, S. (2012). Angústia depressiva como enquadramento borderline da personalidade histórica em www.psicologado.com (proposto a 12/2012)

O sobrecompensatório na mulher

23/12/2012

Resume-se inicialmente o meu artigo O palhaço de circo e a depressividade histérica (Resende, 2012), no qual considera-se o palhaço enquanto representativo de características tipicamente femininas, e no qual se elaboram sobre diversos aspectos sobrecompensatórios da mulher, ou mais particularmente , da histérica, considerando o histerismo mais característico nas mulheres, no contexto da depressividade histérica. Faz-se depois um complemento elaborativo quanto às características sobrecompensatórias da mulher.

Acrecente-se, desde já, em relação ao artigo já referido, o realce do mascarar cosmético como aspecto sobrecompensatório, relativamente ao qual, poder-se-ão considerar, aqui, as ideias de D. Anzieu sobre o Ego-pele e envelopes psíquicos, como se pode ver no Dicionário de Psicopatologia da Criança e do Adolescente [Houzel, Emmanuelli & Moggio (coord.) (2004)]. Os mesmos, estando na base de funções como escudo pára-excitações e individuação, estabelecerão precocemente a relação do indivíduo com o mundo exterior. Assim, poder-se-à ver como características sobrecompensatórias de uma personalidade, particularmente, a histérica, poderão estar presentes no mascarar cosmético.

Já quanto ao resumo do primeiro artigo referido, é essencial perceber que a actividade circense, e a dos palhaços, em particular, é representativo de aspectos humanos individuais e colectivos, ao nível da sociedade. Também interessa saber que nessa actividade há a promoção do desenvolvimento da identidade humana, nas problemáticas que lhe estão relacionadas. Para além disso, a actividade dos palhaços reflectirá problemáticas que, ao longo da vida, cada indivíduo irá eventualmente encontrar e enfrentar, como, por exemplo, a agressividade, no contexto depressivo-histérico, a sexualidade feminina, ou mais geralmente, a psicosexualidade, como ainda características particulares da mulher, como a menstruação.

Temos, por exemplo, o falismo sobrecompensatório, que se poderá ver nos sapatos grandes do palhaço. Refiram-se, neste contexto, os versos do artista musical Prince: “ Act your age, mama, not your shoe size “, indicando que a sobrecompensação fálica da mulher fá-la regredir ou estar fixada a um nível mais precoce, menos maduro. Noutra nota, indique-se a análise feita por Bruno Bettelheim em Psicanálise dos Contos de Fadas, relativamente ao conto de fadas Gata Borralheira, no qual se pode ver a associação entre o sapato e a sobrecompensação fálica, relacionada com o sentimento de perda do pénis. Assim, nessa análise, é referido que não foi tanto o sapato que se ajustava ao pé que decidiu quem seria a noiva certa, mas antes o sangrar do pé no sapato que indicou quais eram as noivas erradas, o que se relaciona com a menstruação, associada em fantasia com o sentimento de perda do pénis, com o elemento sobrecompensatório no tamanho do sapato.

Outro aspecto sobrecompensatório revela-se na relação entre depressividade e personalidade histérica, considerando o histerismo mais característico na mulher.

Assim, nesta relação, atente-se à característica particular do histérico de angústia depressiva. A mesma dirá respeito à certeza da perda do pénis, ou mais geralmente, da perda do amor do objecto, já que este é considerado, pelo sujeito, responsável pela perda do pénis. Neste contexto depressivo-histérico, insere-se a batalha anti-depressiva do sujeito, na luta contra o afundamento na depressão. Particularmente, esta luta é feita, por exemplo, pela promiscuidade sexual e pela verbalização externalizada agressiva, para que a agressividade introjectada anteriormente, que deu ao indivíduo o sentimento de perda do amor do objecto, não se vire mais contra o próprio. Na sua relação com os palhaços, esta externalização verbal agressiva anti-depressivamente sobrecompensatória, está presente nas actuações agressivas habituais dos palhaços, como chapadas e pontapés, inserindo-se aqui uma função social importante do palhaço. Essa função é a de, na infância, promover e satisfazer catarticamente a agressividade, através do riso, fenómeno facilmente identitário na infância, para que em posteriores fases da vida, a mesma esteja modulada, e possa ser utilizada, particularmente, a nível sublimatório.

A sobrecompensação também estará presente na pintura exagerada do palhaço e na utilização de cosméticos faciais, habitualmente associados à mulher. Intuitivamente, neste contexto, e pelo já dito, dir-se-à que há uma agressividade inerente na pintura cosmética habitualmente associada à mulher. Para mais, esta pintura apontará para algo não genuíno, algo de acrescento, de mascarar, associando-se o sobrecompensatório ao mascarar cosmético, como, por exemplo, o pintar sobrecompensatório dos lábios de vermelho, sobrecompensatório por sentir-se diminuída sexualmente, em que a mesma pintura, indicada, por exemplo, por Desmond Morris como representando excitação sexual, nos elucida que essa mulher quer esconder a excitação sexual. Pensando nas características fisionómicas da mulher e na excitação sexual e capacidades multi-orgásmicas da mulher no dia-a-dia, temos que o esconder da excitação sexual estará relacionado com o facto de a mesma ser manifesta para quem esteja a observar. Na excitação sexual, haverá o esconder mascarado, por a mesma ser manifesta, por exemplo, no avermelhamento da face e por os lábios tornarem-se mais vermelhos e carnudos, sendo claramente manifesto, portanto, e será essa falta de privacidade que as raparigas e mulheres quererão esconder. A falta de privacidade referida implicará correlatos diminuidores da auto-estima.

Também a roupa, porventura exuberante e pouco sóbria da histérica, indicará uma sobrecompensação em relação a sentimentos depressivos sentidos pela própria, tendo já nós feito referência às características depressivas do histerismo. Assim, este tipo de roupas serão utilizadas de modo anti-depressivo, e no sentido de combater a entrada em depressão. Isto levar-nos-à a pensar no título de um dos livros de Coimbra de Matos, psicanalista português, “ O Desespero: Aquém da Depressão “ (2007). Ou seja, leva-nos a pensar que estas mulheres estão em desespero, estão desesperadas.

Já para este artigo, refira-se a chamada síndrome da mulher invisível, que indicará a grande carga de afecto da vivência da mulher no dia-a-dia, antes da menopausa, para ela sentir habitualmente essa diferença após a menopausa, no sentido de se sentir observada, sentido esse que estará relacionado com as características sedutoras da mulher. A síndrome apela a algo ao nível da subcompensação do narcisismo relacional, e indica, por contraste, sentimentos sobrecompensatórios nesse mesmo narcisismo, em fases anteriores da vida.

De outro modo, os óculos escuros grandes, mais habitualmente utilizados por mulheres jovens, indicará uma sobrecompensação em relação ao sentir-se observada, o que podemos contextualizar na síndrome da mulher invisível, já referido.

Não deve deixar de ser referido o famoso desejo sobrecompensatório da mulher, derivado da inveja do pénis, em ter filhos, já referido, por exemplo, por Freud.

Refira-se, também, que a sombra, escura, nos olhos da mulher, ou o lápis escuro no contorno dos olhos, em que manifestamente indicará um domínio controlador, já que representará a observação a partir do espaço sideral das actividades humanas, indicará, latentemente, uma sobrecompensação da Sombra, que como se indicará a seguir, será uma sobrecompensação da Sombra anal, e no contexto Junguiano, uma diminuição da Máscara, esta enquanto arquétipo de adaptação externa. Isto, tendo em conta um sistema de equilíbrio Junguiano (Jung, 1988), em que há arquétipos que se opõem, num sistema dialéctico, no qual a Sombra se opõe à Máscara. Considere-se, nesta sobrecompensação da Sombra, associada à sombra cosmética, a carga psicológica, afectiva e cultural relativa à Sombra Junguiana, e a tendência sobrecompensatória que essa mulher revela em relação a eventuais medos vindos do espaço sideral, para além do sentimento sobrecompensatório de domínio controlador universal, associado à observação controladora do espaço, ou seja, sentindo-se observada a partir do espaço por satélites, por exemplo, por entidades extraterrestres e/ou Deus, sentindo-se diminuída com isso, daí a sobrecompensação. Pelo dito, isso é revelador de um forte sentimento de se sentir observada e de uma sobreestimulação de aspectos do dia-a-dia, em que a mulher lidará menos bem com a excessiva carga de estímulos, e dependendo mais deles, o que apontará para deficiências e regressões à fase de constituição do escudo pára-excitações, e que indicará uma maior dependência de campo dessas mulheres. É de reparar que estas deficiências, ao nível do escudo pára-excitações, estão, precisamente, previstas por Anzieu, relativamente à patologia histórica, no contexto do Ego-pele e envelopes psíquicos, e como se pode ver naquele Dicionário de Psicopatologia já referido. Isto, tendo-se em conta a maior prevalência da histeria nas mulheres. Ainda de nota, ao nível destas deficiências, e neste contexto, é de referir a crescente utilização da tatuagem e do piercing nas novas gerações, o que apontará para crescentes dificuldades de lidar com a sobrecarga de estímulos

externos, em relação aos quais a tatuagem e o piercing servirão de fronteira deflectora.

Realce-se, agora, neste contexto, o meu artigo Características sobrecompensatórias das fases psicosexuais da Máscara e Sombra da histeria capitalista (Resende, 2010). Aí, indico que o histérico capitalista, considerando o histerismo mais característico na mulher, caracteriza-se por uma Sombra com sobrecompensação anal, tendo em conta a importância do dinheiro na sociedade capitalista, perspectivando que o dinheiro tem caracterizações anais, e isto pelas suas características transitivas, do que está fora e do que está dentro, funcionando como meio de relação com o exterior. Relacione-se este aspecto sobrecompensatório da Sombra anal, e sua relação com o dinheiro, com o já indicado acerca da diminuição da Máscara, em que haverá uma maior dependência de estímulo externos, maior dependência de campo, o que nos leva a pensar que estas mulheres estarão mais susceptíveis de serem influenciadas por propaganda e publicidade comercial, no sentido de posteriormente fazerem compras. É de dizer ainda que, neste último artigo referido, indico que o histérico capitalista caracteriza-se por uma Máscara com sobrecompensação oral e fálica, pelas organizações psicosexuais típicas do histérico, em particular, capitalista. Tendo em conta o já dito, a utilização da sombra nos olhos da mulher, revelando uma sobrecompensação da Sombra, com diminuição da Máscara, indicará, nestas mulheres, uma diminuição de características orais e fálicas. Pelo agora explanado, a tendência destas mulheres em fazerem compras, como amiúde acontece, não estará tão relacionado com características oro-fálicas, mas estar-se-á mais ao nível do narcisismo anal, em que os produtos comprados serão considerados uma extensão do narcisismo do próprio, em que sobrecompensatoriamente se tentará lidar com um sentimento de inferioridade narcísica. Esta complementação narcísica estará ao nível anal, falando nós, pois, em falhas do narcisismo anal.

Este tipo de complementação narcísica, ao sentimento de inferioridade narcísica, a nível sobrecompensatório, poderá ser encontrado, por exemplo, ao nível dos acessórios, geralmente atribuídos e associados à mulher. Como exemplo, poderemos indicar que uns brincos etnograficamente associados a África, poderá corresponder a um sentimento histórico associado à colonização de África, em que a mulher se sente “ colonizada “, no mesmo sentido em que o famoso artista musical Prince utiliza no título de uma canção sua, “ Colonized Mind “, em que esses brincos representam uma sobrecompensação em relação a uma subcompensação colonizante. Serão utilizados, eventualmente, no contexto do Capitalismo global, no contexto do neo-colonialismo capitalista. Esses mesmos brincos poderão reflectir uma culpabilidade inconsciente dessa mulher em relação ao afastamento, ao distanciamento, relativamente àquilo que é considerado o berço da Humanidade, que é África, em relação, pois, às origens da Humanidade. Outro exemplo, também em relação aos brincos, será no sentido da utilização de brincos de etnia cigana, que, tendo em conta a história do povo cigano,

de migrações constantes, e de estarem dispersos, por exemplo, por toda a Europa, reflectirá um sentimento sobrecompensatório em relação ao sentido pela mulher, que será o sentir-se pouco enraizada, pouco identificada com os valores nacionais, ou ao nível de blocos estratégicos. Em geral, a utilização de acessórios estará correlacionada positivamente com o sentimento de inferioridade narcísica, como se pode ver ainda, por exemplo, na utilização excessiva de acessórios, com o exemplo preferencial do consumo excessivo de sapatos, por parte da mulher.

O uso excessivo de sapatos diferentes por parte da mulher poderá ser considerado noutra perspectiva, como se pode ver em *Catar sexual feminino enquanto fobia social* (Resende, 2012). Indica-se, aí, que na ocorrência variada do surgimento da menstruação nas várias mulheres, em que a mulher não sabe quando a outra está menstruada, há o sentimento de estar a sugar sexualmente o sangue de outra mulher, o catar sexual, o comportamento interrelacional sexualizado típico entre mulheres, surge como uma ameaça de castração, em que a menstruação fará lembrar o sinal depressivo de perda do pénis já efectuada. Ora, esta ameaça de castração remete-nos para algo fóbico, em que a mulher tentará evitar o contacto social, mas em que ocorrerá um deslocamento contra-fóbico, para a mesma, ou outras mulheres, fundamentando isso relacionamentos sociais tipicamente histéricos. Estas características indicam que haverá uma tentativa de controlar externamente a fobia social, já que assim será de mais fácil manejo. Este evitamento e fobia social, com fuga para a frente, ajudará a explicar a sociabilidade típica dos histéricos assim como a superficialidade também típica dos relacionamentos histéricos, em que o movimento contra-fóbico dará conta da sociabilidade, enquanto que o movimento fóbico dará conta da superficialidade. Isto, com a noção de que o histerismo é mais tipicamente feminino. Ora, relativamente ao exemplo do uso excessivo de sapatos, isso apontará manifestamente para uma dominação hierárquica sobre outras mulheres, já que indicará, aparentemente, que não necessita delas para funcionarem como objecto contra-fóbico. Mas dir-se-à que o afecto do objecto contra-fóbico nas outras mulheres é deslocado sobre os sapatos, em que estes continuam a funcionar como objectos contra-fóbicos. Ou seja, a ansiedade social permanece, em que o conteúdo latente indica fobia social, relacional, semelhante às restantes mulheres. Neste exemplo do excesso de sapatos diferentes, temos que o seu uso sobrecompensatório por parte da mulher nos remete para ansiedade e fobia social, e tendo em conta o já dito quanto à complementação narcísica do próprio, nos remete para um sentimento de inferioridade narcísica.

Outra sobrecompensação, envolvendo sapatos, são os sapatos de salto alto, nos quais a mulher parece mais alta, indicando que a mulher se sentirá inferiorizada, particularmente, em relação aos homens, por estes, geralmente, serem maiores e mais altos. Psicanaliticamente, dir-se-à que é a rapariga pequena que, na ponta dos pés, tenta alcançar a figura paterna, revelando-se carente e a necessitar de afecto.

Continuando, já a zona, entre os olhos e as sobrancelhas, ou no contorno dos olhos, pintada de azul, que representará, do mesmo modo, o domínio controlador manifesto, a partir dos céus, em observação, havendo uma indicação manifesta de o azul enquanto estando no Céu, havendo, pois, características divinizantes, indicará, particularmente, no contexto das sociedades cristãs, e sobrecompensatoriamente, a vivência latente dessa mulher num inferno, que se constituirá enquanto pouco ou nenhum controlo, da mulher, dos estímulos do dia-a-dia, que como já vimos acontece amiúde com mulheres deste tipo.

Na mesma linha, a pintura na mesma zona dos olhos da côr verde, em que o verde é geralmente atribuído à característica da esperança, indicará que a mulher estará sobrecompensatoriamente a revelar que, latentemente, a mulher perdeu a esperança, e se encontra em desespero, em desesperança, numa linha depressiva.

O sobrecompensatório também se pode ver nas unhas da mulher, no deixar crescer as unhas, como, em particular, por pintar as unhas. Realce-se aqui o facto “ geopsíquico “ de Portugal ter geologicamente a forma de uma cara, com uma boca na zona de Lisboa, sua capital. Agora, atente-se que o termo herói tem a significância psicolinguística, em que he – ou ele em inglês e rói, em português, indicar que o herói, particularmente masculino, rói, e o que mais se aproxima desse significado é roer as unhas. Para além disso, temos o termo heroína, que em português, e noutras línguas, poderá significar a droga, como aquela mulher que desenvolve actos heroicos, bravos, nobres, etc.. Tendo em conta o deixar crescer as unhas e o pintar das mesmas, das mulheres, parece verificar-se uma sobrecompensação em relação ao termo heroína, enquanto droga, e uma sobrecompensação à diminuição sentida relativamente à prevalência histórica de heróis masculinos, não tanto mitológicos, mas mais historicamente, podendo nós referir, por exemplo, o primeiro termo do hino nacional português, heróis, na expressão heróis do mar, com referência aos intervenientes dos Descobrimentos Portugueses, desconsiderando, dizia, completamente o significado de heroína enquanto actos heróicos. Psicologicamente, há uma condensação do afecto em relação à mesma representação, em que parece que esse afecto não permite à mulher fazer a distinção dos dois significados da mesma representação, o que impedirá a mulher de desenvolver mais acentuadamente actos heróicos, históricos e épicos.

O aspecto sobrecompensatório também se pode verificar naquele que vai sendo um hábito em muitas mulheres, particularmente, pós-menopáusicas, que vão tendo cabelos brancos, que é o de pintarem os cabelos. Tendo em conta a fase da vida em que isto habitualmente acontece, será marcante o facto de se ter cabelos brancos, já que é uma altura em que se poderá avaliar o que essa mulher conseguiu de significativo na vida. O que aqui se transmite é que o mascarar sobrecompensatório do pintar o cabelo, indica o não saber lidar com o envelhecimento, não tão bem, por

exemplo, como os homens, que habitualmente não pintam o cabelo, e revela o esconder do sentir-se diminuída enquanto mulher, historicamente, e enquanto mulher, na sua vida pessoal. Historicamente, por, nas sociedades ocidentais, particularmente, haver ou ter havido um grande domínio por parte dos homens nos vários campos do saber e das artes, em relação às mulheres. A mulher, mascarar-se-à, portanto, pintando o cabelo, geralmente parecendo mais nova, dando indicações manifestas que, mesmo nessa fase da vida, ainda poderá alcançar algo de significativo e de contribuidor para a sociedade, em geral. Repare-se, ainda noutra perspectiva, como este pintar dos cabelos brancos, parecendo mais nova, poderá relacionar-se, sobrecompensatoriamente, enquanto tentativa de lidar com o já referido fenómeno da mulher invisível.

Também é de realçar, voltando à pintura cosmética, a pintura exagerada das mulheres aquando da menstruação, o que revelará, no mesmo sentido, uma tentativa sobrecompensatória de esconder algo com o qual se sentem diminuídas, a menstruação. Esse algo, pelo menos em parte, poderá estar relacionado com aquela falta de privacidade, já referida quanto à excitação sexual, que, neste caso, reportará, para além do cheiro indicativo, às feições faciais, que se alterarão, particularmente, por influências hormonais associadas à menstruação.

A outro nível sobrecompensatório, poder-se-à pensar na mala, que é utilizada sobremaneira pelas mulheres, em que a mesma é relativamente grande, que reflectirá uma utilização sobrecompensatória relativamente ao sentimento de falta de controlo dos estímulos da realidade externa, à qual já se fez referência neste artigo, em que tentará controlar essa falta de controlo pela sobrecompensação utilitária da mala grande. A associação entre a mala grande e os estímulos externos advirá do facto de que todos os humanos nascem de um útero, com passagem pela vagina, com associação estrita entra a mala e o útero e vagina, portanto.

Para mais, a contínua utilização e preferência, das mulheres, de vestidos brancos de casamento, revelando, os mesmos, a pureza e a castidade, das mulheres que os utilizam, representará, no contexto societal capitalista, uma sobrecompensação em relação ao comportamento habitual, nestas sociedades, da promiscuidade sexual, como já se referiu. Haverá uma identificação latente, com eventuais comportamentos manifestos, com o comportamento de promiscuidade sexual.

Ainda, a fantasia habitual de se considerar as raparigas e mulheres, nas sociedades capitalistas, enquanto princesas, revelará o sentimento sobrecompensatório das mulheres enquanto não tendo contribuído para a sociedade, particularmente nas sociedades históricas capitalistas. Repare-se que não é habitual a atribuição da designação de príncipe, a rapazes ou a homens. Isto, tendo em conta o domínio das contribuições dos homens a nível artístico, científico e intelectual, ao nível histórico, revelando um sentimento único de reiniciar a história para as mulheres, considerando

que as mesmas quererão equilibrar o desenvolvimento que as mesmas sentirão em relação aos homens. Isto, tendo em conta que, em muitas sociedades, a monarquia é considerada oficialmente num plano meramente simbólico. Repare-se, contudo, que esta consideração e designação de princesas em relação a raparigas e mulheres, reflectirá sobrecompensatoriamente uma baixa auto-estima dessas raparigas e mulheres, facto esse que será utilizado para vender revistas côm-de-rosa, lidas particularmente por donas-de-casa, revistas essas que fazem referências frequentes à monarquia, e a fenómenos que terão características semelhantes, como outras celebridades.

Atentemos, ainda, à característica organização oro-fálica da histérica, com fortes fixações a este nível, derivado de frustrações, e relacioná-la com o aspecto da língua enquanto falo, representando uma síntese da frustração oro-fálica, o que nos fornece uma base interessante para os lapsos inconscientes de linguagem, com uma associação a uma maior ou menor intensidade verborraica, precisamente mais caracteristicamente histérico. Isto, claro está, considerando a histeria mais característico na mulher. Em quaisquer dos casos, é conhecida a maior fluência verbal na mulher.

Uma vertente sobrecompensatória particularmente importante é o comportamento sexualizado tipicamente feminino, no dia-a-dia da mulher, relacionado com as suas características fisionómicas e capacidades multi-orgásmicas, em que haverão predominantemente orgasmos clitoridiano-fálicos sobrecompensatórios, e não tanto orgasmos vaginais, genitais, mais maduros.

Antes do comentário final, é de fazer uma análise extremamente importante. É respeitante à pintura sobrecompensatória das pestanas, realçando-as, e, porventura, alongando-as. Isto corresponderá a um sentimento latente de que a capacidade visual é diminuta, e no contexto edipiano, corresponderá a um sentimento de que a ameaça presente no mito de Édipo, em que este vaza os olhos, cegando, se cumpriu, sentindo-se a mulher, pois, cega. Isto, corresponde, neste artigo, à angústia já referida, a angústia depressiva, à certeza da perda do pénis, ou mais geralmente, à perda do amor do objecto. Como se pode ver em Angústia depressiva como enquadramento borderline da personalidade histérica (Resende, 2012), essa angústia estará mais ao nível borderline, e não tanto neurótico, de castração, portanto. Isto, porque a ameaça, em fantasia, já se cumpriu. Isto implica aspectos regressivos importantes da linha neurótica para a linha borderline, ou uma forte fixação nesta última.

Finalizando, e em resumo, dir-se-à que as características sobrecompensatórias, descritas neste artigo, e respeitantes a várias fases da vida da mulher, nos indicam que a inveja do pénis é o tema e a base central, que leva às tendências sobrecompensatórias, na vida psicológica da mulher, o que nos reporta para as

sociedades falocêntricas em que vivemos, particularmente as sociedades históricas capitalistas matriarcais.

Bibliografia

Coimbra de Matos, A. (2007). O Desespero: Aquém da Depressão (2ª edição). Climepsi Editores

Houzel, D., Emmanuelli, M. & Moggio, F. (Coord.) (2004). Dicionário de Psicopatologia da Criança e do Adolescente (tradução portuguesa). Climepsi Editores

Jung, C. G. (1988). A prática da psicoterapia in Obras Completas de C. G. Jung, Vol. XVI (tradução portuguesa). Petrópolis: Editora Vozes. (Edição original, 1971)

Resende, S. (2010). Características sobrecompensatórias das fases psicosexuais da Máscara e Sombra da histeria capitalista em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 29/11/2010

Resende, S. (2012). Catar sexual feminino enquanto fobia social em www.psicologado.com (proposto a 06/2012)

Resende, S. (2012). Angústia depressiva como enquadramento borderline da personalidade histórica em www.psicologado.com (proposto a 12/2012)

Resende, S. (2012). O palhaço de circo e a depressividade histórica em www.psicologado.com (proposto a 12/2012)

A guerra militar no homem fascista

03/01/2013

Resume-se, inicialmente, os meus artigos Psicologia de massas do fascismo: uma actualização (Resende, 2012) e Caracterização edipiana do homem fascista (Resende, 2012), para depois se complementar essas ideias com a caracterização da guerra militar no homem fascista.

Assim, tem-se em conta que Wilhelm Reich, em seu Psicologia de massas do fascismo (1976), considera que a psicologia de massas do fascismo é caracterizada pela impotência orgástica das massas, em que as frustrações orgásticas alimentam o fascismo na psique colectiva.

Dir-se-à, para mais, que a repressão societal dos ideais fascistas leva a que o material fascista recalçado fique mais ao nível do inconsciente e do subconsciente, não sendo tão agido. Isso leva a que, mais tarde, os indivíduos passem a funcionar a estes níveis mais profundos da psique, e em termos de psicologia de massas, leve a que o indivíduo seja mais controlado inconscientemente pelas ideias e ideais fascistas. Então, a repressão societal destas ideias, numa primeira fase, leva a que, numa fase posterior, as mesmas sejam propagadas pela psique colectiva, pelas massas. Por outras palavras, o aumento repressor dos ideais fascistas leva a que haja um aumento inconsciente desses mesmos ideais.

Assim, temos que, contemporaneamente, e considerando o ódio dos nazis aos judeus e os acontecimentos da segunda guerra mundial, o apoio incondicional a Israel, ou pelo menos às governações sionistas, por parte dos Estados Unidos, enquanto grande superpotência mundial, considerando ainda a influência extrema judaica, ou sionista, nos Estados Unidos, no quadro do Capitalismo global, parecendo libertário, pela associação à derrota do nazismo na segunda guerra mundial, é opressor e fascista. Isto pelas suas consequências. Dir-se-à, ainda, que o apoio incondicional dos Estados Unidos a Israel será a grande base da opressão e disseminação fascista na geopolítica contemporânea, pelo reprimir em grande escala dos ideais fascistas. Em grande escala, devido à hegemonia dos Estados Unidos na geopolítica internacional, no âmbito do capitalismo global. Exemplos dessas consequências são o sistema fascista sionista actual, com sistema de apartheid em relação aos palestinianos, e com ocupação imperialista dos territórios palestinianos, para além do recrudescimento do neo-nazismo na Europa, em países como a Alemanha e a França, ou, por exemplo, em países do leste europeu, considerando a influência dos Estados Unidos nestes países.

Ora, outro dos fenómenos que tem estas bases é o desejo do fruto proibido. Contextualizadamente, o desejo do fruto proibido estará implícito na designação atribuída a Nova Iorque de Big Apple ou a Grande Maçã. Esta designação remete-nos para o pecado original da religião cristã e para o facto de o mesmo ser reprimido nas sociedades cristãs, particularmente capitalistas. No contexto do artigo, temos uma evangelização a nível inconsciente das massas e uma atracção pelo regime ideológico capitalista, de que os Estados Unidos serão o grande bastião. Assim, esta evangelização será uma das bases da hegemonia dos Estados Unidos a nível cultural e ideológico, um pouco por todo o mundo.

Passemos à caracterização edipiana do homem fascista, realçando-se este desejo do fruto proibido.

Edipianamente, o facto de a mãe do homem fascista ser proibida para o mesmo, particularmente por ditames religiosos, moralistas e culturais, levará a que o homem ainda a deseje mais, nunca admitindo que nunca a poderá ter, passando a uma resolução saudável do Complexo de Édipo. Há aqui uma identificação maciça com a

mãe, que no contexto fascista, trata-se de uma identificação com a mãe castrada. Havendo uma identificação maciça, o homem fascista passará a funcionar muito ao nível da inveja do pénis, com suas sobrecompensações. Também baseado no meu artigo A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas (Resende, 2010), é de dizer que devido ao sentimento de castração caracterizando a inveja do pénis, haverá uma sobrecompensação fálica, que no extremo levará ao expansionismo característico do imperialismo capitalista e fascista, enquanto que a raiva narcísica, derivada do sentimento de perda do pénis, sentimento que é reforçado pela menstruação, fundamenta o militarismo capitalista e fascista.

Temos, então, que o pai do homem fascista alimenta as fantasias inconscientes do filho de que este poderá ter a mãe, tendo-se, também, que as proibições sociais relativamente aos aspectos matriarcais fazem com que o homem fascista perdue na sua demanda ideológica.

Continuando, para este artigo, realce-se o aspecto já referido da sobrecompensação fálica levar ao expansionismo, característico na guerra fascista, e o aspecto do pai do homem fascista permitir a ilusão de o filho fascista alcançar e possuir a mãe, isto particularmente por imposições morais.

Quanto a estas imposições morais, considere-se que Wilhelm Reich, particularmente em Character Analysis (1990), indica que as mesmas, vindas de fora, são causadoras de patologia mental, particularmente aquilo que ele chama de praga emocional, que leva ao fascismo. Estas noções também podem ser vistas noutro livro dele, já referido, Psicologia de massas do fascismo. Enquadra-se, aqui, o sistema doentio do militarismo expansionista fascista, em que este baseia-se, particularmente, em raiva narcísica, e em que se está a um nível megalomaniaco.

Considere-se, ainda, que na identificação com a mãe castrada, há uma identificação consequente, relacionada com angústia depressiva, com o sangue menstrual, em que o mesmo representa para o homem fascista a perda do amor do objecto, que no caso será a mãe. Há uma identificação com o sentimento de perda do pénis da mãe, com consequente sentimento de perda do amor do objecto, em que o próprio se sentirá culpabilizado e responsabilizado pela perda do pénis da mãe.

Há uma identificação com o sangue menstrual, resultante desta relação culpabilizante com a mãe, da qual o homem fascista desenvolverá raiva narcísica baseada na culpabilidade. É como se o homem fascista finalmente considerasse que é mesmo culpado pela perda do pénis da mãe, e se identificasse com a agressividade fantasiada envolvida na amputação do pénis da mãe. Nesta identificação, surgirá a inveja do pénis do homem fascista, havendo depois comparações com os pénis de outros homens. Basicamente, há a identificação acentuada com a mãe castrada. Podemos pensar na fusão psicótica, com características projectivas predominantes que caracterizarão

sobremaneira os sistemas xenófobos fascistas. Isto, no contexto das sociedades históricas capitalistas matriarcais, com o seu extremo, fascismo.

Com isto, tendo em conta o militarismo expansionista do homem fascista, e considerando que os comandos militares e políticos, na base de ofensivas de guerra militar, e os próprios soldados, são geralmente homens, teremos que o sangue envolvido na guerra militar, como que baseará o surgimento de mais sangue, no sentido em que o sangue menstrual, como sinal de perda do pénis, fantasiada na mulher como já efectuada, baseará a raiva narcísica que despoletará a agressividade, característica na depressividade histórica, como se pode ver, por exemplo, em O palhaço de circo e a depressividade histórica (Resende, 2012). Estes homens caracterizar-se-ão, então, por esta raiva narcísica, com sentimento de perda do amor do objecto, que será a mãe, já que fantasiam que a mãe sabe que foi ele que amputou o pénis da mãe.

Antes de finalizar, dir-se-à que na guerra militar do homem fascista, há a procura, há a demanda do pénis perdido, particularmente da mãe, com um importante sentimento de culpabilidade, e que pode ser simbolizada na procura da conquista da bandeira hasteada do inimigo. Uma derivação importante é a colocação, por parte dos sistemas fascistas, de governos fantoche em outros países, em que a bandeira deste tipo de aliado representa uma maneira de o homem fascista ultrapassar a censura, que, bem se entende, estará externalizada.

É de notar, importantemente, que este pénis perdido da mãe do homem fascista tratar-se-à do próprio filho que, ao nascer, representará o pénis da mãe, associando-se, assim, ao desejo fálico sobrecompensatório da mulher em ter um filho, e de cujos vestígios apenas restam, nada mais nada menos, que o clitóris. Estamos ao nível do trauma do nascimento, portanto, com uma relação traumática com a mãe, em que o filho é um filho-falo por excelência. Compreende-se, então, melhor, o sentimento de culpabilidade que o homem fascista sente em relação à mãe, no sentido de o mesmo ter amputado o pénis da mãe.

Pelas várias características aduzidas, e particularmente pela presença habitual de sangue menstrual nas sociedades, particularmente históricas capitalistas, com o seu extremo, fascismo militarista expansionista, temos que há um continuar renovado de motivos psicológicos para que o homem fascista queira ir para guerra.

Bibliografia

Reich, W. (1976). Psicologia de massas do fascismo (tradução portuguesa).
Publicações Dom Quixote

Reich, W. (1990). Character Analysis (3rd edition). Farrar, Straus and Giroux

Resende, S. (2010). A inveja do pénis e a inveja do clitóris e suas implicações políticas em www.redepsi.com.br, na secção Artigos/Teorias e Sistemas no Campo Psi em 15/10/2010

Resende, S. (2012). Psicologia de massas do fascismo: um actualização em www.psicologado.com (proposto a 01/2012)

Resende, S. (2012). Caracterização edipiana do homem fascista em www.psicologado.com (proposto a 01/2012)

Resende, S. (2012). O palhaço de circo e a depressividade histórica em www.psicologado.com (proposto a 12/2012)